

MARINA COLASANTI  
A NOVA MULHER



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

MARINA COLASANTI

**A NOVA MULHER**

Para

Gabriella Besanzoni Lage,

minha tia, mulher nova do seu tempo.

## APRESENTAÇÃO

Este é um livro de amor — e tenho medo de parecer pomposa, quando na realidade procuro apenas a palavra mais verdadeira que me liga a ele.

Não é um livro científico, não é um tratado sociológico. Não se quer tese, nem teorema demonstrado. É, e se quer, um diálogo emocionado a respeito dessa coisa doce e dolorosa que vivo em mim e reencontro nas da minha espécie: a identidade feminina.

Comecei a falar para mulheres quase paralelamente ao início da minha atividade jornalística, e na verdade não lembro períodos, nestes fã quase vinte anos, em que não estivesse de forma mais direta ligada ao público feminino. Falar para elas logo transformou-se em falar delas e com elas. Escrevi livros de contos, fiz televisão, fiz publicidade. Mas nunca rompi o fio dessa conversa que se mantinha através de revistas, palestras, cartas, e que nos últimos anos teve na revista Nova seu maior veículo.

Levada por profissão, me vi aos poucos aproximada por afeto. Descobri, no infinito reflexo de tantas e tantas outras mulheres, meu eu mulher. E floresci, comovida, um sentimento de irmandade que me liga indissolúvelmente às do meu sexo.

Por isso meu livro é de amor. Amor por nossa espécie preterida, abafada, caluniada, mas também resistente e aguerrida. Amor pela nova mulher que juntas estamos construindo e que, espero, estes meus textos mais recentes ajudem a retratar.

Marin  
a  
Colas

anti  
Abril  
1980

## INDEPENDÊNCIA, QUE BONITA QUE É

Dom Pedro vinha a cavalo, chegou perto do riachão, parou, ergueu-se nos estribos (alguns dizem que ele apeou, mas eu acho que montado fica mais glorioso), e arrancando do ombro as fitas portuguesas proclamou a Independência. E independência é uma coisa tão bonita, que deu feriado até hoje.

É bonita para um país. É maravilhosa para uma pessoa. Então, por que não sermos nós também rainhas do nosso reinado, cortando, num Grito do Ipiranga, o bendito cordão umbilical?

Não é fácil, como não o foi para Dom Pedro, mas é uma tremenda vitória pela qual os outros acabam sempre nos respeitando. Uma vitória que pode ser o começo de coisas muito importantes.

Eu ainda não estava na faculdade, e já pensava nisso, em como e quando ia sair pela vida carregando meu próprio corpinho. Mas a heroína da classe não era eu. Eram as duas noivas, que desde o início do ano exibiam alianças e certeza no futuro, enquanto as outras, menos afortunadas, batiam as estacas da sua segurança na escolha de um bom rapaz, namorado firme. Não era costume, não ficava bem uma moça de família pensar em independência. Certo era casar cedo e definitivamente, ingressando na única profissão digna de uma mulher, louvável carreira de esposa e mãe.

Pois é. Mas aqui estou eu hoje, esposa e mãe respeitabilíssima, e mais, profissional reconhecida na praça, com algum trabalho realizado e um monte de trabalho pela frente, cheia de curiosidades e alegria, tranqüila dona do meu nariz. E das noivinhas, o que foi feito? Não sei, porque nunca mais ouvi falar delas, mas é fácil imaginar.

Por isso sorrio dos "não fica bem", e me tranqüilizo: os hábitos, esses hábitos, estão mudando rapidamente, e logo não haverá riachos que cheguem para tantas mulheres darem seu grito.

Independência assusta. Assusta todo mundo, antes, e às vezes depois.

Portanto, vamos falar logo nisso.

Por que temos tanto medo de ser independentes? A primeira razão é que costumamos confundir dependência com carinho. Achamos, mesmo sem formular o pensamento, que ser independente é ser só, não ter um regaço ou um ombro onde nos socorrer, chorar as mágoas, pedir proteção. E como todo mundo precisa de carinho, arrepiamos carreira. Mas independência não é sinônimo de solidão, e muito menos de abandono. Uma pessoa independente não é monobloco, auto-suficiente vinte e quatro horas por dia. Pode, e deve, precisar dos outros, recorrer aos outros. O que não deve é confundir necessidade de carinho com necessidade de babá. Porque de babá adulto nenhum precisa realmente.

Independência assusta, antes de tê-la, porque é nova. Por mais que tenhamos ouvido falar nela, é um terreno desconhecido no qual tememos nos aventurar. Estamos acostumadas à tutela dos pais, à sua protetiva vigilância, ao ambiente todo familiar que nos supre as necessidades e nos garante o conforto. E pensar em abrir mão disso tudo para nos lançarmos ao desconhecido de uma nova situação parece qualquer coisa como sair de casa em noite de chuva e vento.

E independência assusta porque significa o fim do bode expiatório. Acaba com aquele sistema infantil — que tantos continuam carregando vida afora — de botar a culpa nos outros. Criança quando dá uma topada vira-se para a mãe e grita "Viu só o que você fez!?" Adolescente quando faz alguma coisa errada bota logo a culpa no irmão, no vizinho, na amiga. Mas quando a gente é independente tem mesmo que arcar com as próprias culpas, e tentar entendê-las, conviver com elas.

Mas se por um lado a independência assusta, por outro é um maravilhoso tranquilizante, porque em qualquer circunstância, haja o que houver, a gente sabe que há sempre alguém tomando conta da gente, alguém nos protegendo: nós mesmas.

Alvará de independência não é coisa que se consiga de uma hora para outra. Como em qualquer burocracia, há etapas a vencer. Primeiro, e isso é o mais importante, é preciso estar suficientemente madura para separar-se do galho. Depois é necessário ter condições materiais ainda que mínimas (e disso falaremos mais adiante). E por fim é indispensável um acordo com a outra parte diretamente interessada, a árvore familiar.



Os pais não costumam gostar da idéia. O filho é sempre um "filhinho". À diferença dos animais, os humanos têm dificuldade em perceber quando sua cria já está emplumada, com asas prontas, garras afiadas, poderoso bico. Teimam em segurá-la no ninho, abafá-la debaixo de suas carícias, sufocá-la com sua proteção. Justifica-se em parte.

Se é difícil abrirem mão de filho homem, mais difícil ainda é abrirem a porta para filha mulher. Aquela mesma independência que num país eles vêem como nobre e num homem consideram afirmação de virilidade, é, no caso da mulher, sinônimo de promiscuidade. Pois em muitos ambientes, ainda hoje, mulher que quer morar sozinha é para ter homens de montão, cair na gandaia, entregar-se à devassidão. E isso não exatamente por vocação, mas porque, mais fraca e mais visada, não consegue, sozinha, escapar ao cerco dos predadores, e acaba fatalmente "se perdendo".

Difícil, num só lance, é convencer os pais de que o que a gente quer é se achar. O jeito é avançar por etapas exatamente como numa burocracia, jogando com pequenas chantagens emocionais e propinas afetivas, preparando o terreno, reeducando, botando um pé diante do outro a caminho da rua, até chegar lá.

Existe, é claro, o gênero independência ou morte. A gente dá o grito, faz a mala e sai batendo a porta, alheia à pressão alta da vovó, ao quase enfarte do pai, aos soluços da mãe. É um sistema. Mas é um pouco radical para o meu gosto, e me parece que só se deve recorrer a ele em casos extremos. Afinal, embora ninguém vá realmente morrer por causa disso, a gente acaba levando na mala um peso a mais, dorzinha na consciência que sempre incomoda.

Sair de casa não significa forçosamente independência. E pode ser independente quem em casa fica. Ou seja, independência é coisa mais profunda, que não basta entregar a uma empresa de mudanças.

Independência é uma forma da gente se colocar em relação à vida, que abrange a totalidade das nossas ações. E que independe do estado civil. Pode-se, portanto (e como é bom!), ser independente e ser casada, ou ser independente e morar com um rapaz, ou até ser independente e morar com os pais. Pois independência é a condição de não depender, de não ser tutelada, de ser dona das próprias decisões, de ser autônoma.

E aí temos que enfrentar uma conversinha argentaria. Não é um

conceito edificante, mas sem independência econômica não existe independência.

A partir do fato elementar de que é necessário comer, e não há comida de graça porque mesmo que a gente plante precisa de um solo para plantar, de uma semente para germinar, de ferramentas para podar, de adubos, de insumos, de inseticidas, de, de, de, a partir da fome então e da necessidade de saciá-la, só somos independentes no momento em que não dependemos de ninguém para pagar nosso alimento. E nossas roupinhas, e nossos cursinhos, e nossas pequenas e grandes necessidades.

Um salário, portanto, ou uma qualquer habilidade que nos permita ganhar dinheiro, são os primeiros requisitos para dar entrada nos papéis da independência. Pois é a partir daí que tudo pode mudar.

Com o dinheiro na mão definimos nossos padrões, o que é possível fazer e o que não, onde se pode morar, até onde se pode ir. Começamos então a estabelecer nosso destino. Pois uma das grandes, embriagadoras vantagens da independência é o poder da escolha. Dependentes, amarradas a decisões e interesses familiares, muitas mulheres casam até hoje sem amor, apenas por conveniência, para garantir um mantenedor de papel passado. E por dependência econômica, por não saber, poder ou querer prover a si mesmas, um número assustadoramente grande de mulheres se mantêm presas a casamentos errados, dolorosos e às vezes até mesmo humilhantes.

Ao contrário, a independência nos garante o prazer infinito de dizer: caso com este sujeito porque gosto dele, e não porque "tem uma carreira promissora", "um futuro brilhante". E dá ao sujeito a tranquilizadora certeza de que está sendo escolhido porque é amado e não pela sua capacidade de autografar cheques. Uma mulher independente não é uma filha já crescida que um marido assume e pela qual se torna absoluto responsável. É uma companheira sexual e intelectual que ele escolhe para compartilhar as decisões da vida. E esta, convenhamos, é uma base bem mais sólida para começar qualquer casamento.

O conhecimento, todo conhecimento é necessário para chegarmos à independência, e para mantê-la. Sim, porque não se trata apenas de afirmar nossa independência, mas também de demonstrá-la. E assim como o Brasil nunca pediu a Portugal para tomá-lo novamente sob sua tutela, o melhor, ao

proclamarmos a nossa, é estarmos prontas para agüentá-la. E é aí que os conhecimentos são fundamentais.

Não basta o conhecimento de uma profissão, embora seja indispensável para o tal capítulo do sustento. Para cuidar de si, e cuidar bem, é preciso mais do que ser simplesmente arquiteta, ou secretária, ou comerciante. É preciso saber em que mundo se vive, quem são as pessoas que nos rodeiam, quais são os grandes questionamentos do ser humano. E é bom ter também o máximo de conhecimentos práticos. Meu Deus, como é reconfortante saber trocar um pneu, consertar uma instalação elétrica, botar uma bucha na parede. A gente pode até não precisar, pode até chamar um mecânico, um bombeiro, um eletricista. Mas é um descanso saber que se for preciso a gente mesma faz, sem ter que ficar apatetada à beira da estrada ou na porta de casa, esperando que um homem salvador caia dos céus para resolver estes problemas "insolúveis". No colégio aprendi a bordar, costurar, pregar botão. Na vida, meu marido aprendeu a consertar uma tomada, ajeitar o ferro de passar, trocar o famoso pneu. Cada qual foi bem enquadrado no respectivo papel, feminino, masculino. Mas hoje, independentes os dois, podemos, de acordo com as circunstâncias, trocar esses papéis estereotipados, consertando eu a tomada enquanto ele prega seu próprio botão. E o fato de saber que cada um independe fundamentalmente do outro representa uma serenidade para ambos.

São os conhecimentos que dão à nossa independência uma arquitetura mais sólida. Porque, como dissemos antes, independência é toda uma postura frente à vida. De uma mulher independente não se espera uma atitude passiva. Ela não está a reboque de ninguém, não é o apêndice matrimonial de um homem. É um indivíduo, com suas opiniões, seus pontos de vista. E espera-se que os externe. E espera-se que sejam abalizados. Convém, portanto, documentar-se, saber do que se fala, ser capaz de enfrentar uma discussão com equilíbrio e chances de vencer.

Conhecimentos são necessários também para fazer de um trabalho uma profissão, e de uma profissão uma carreira. A mulher realmente independente não trabalha apenas para garantir o hoje, sustentar sua vida enquanto não "se arruma" em conta conjunta com um homem. Trabalha para a vida toda, com ou sem homem, com ou sem filhos. Trabalha para si, pois seu trabalho é seu lastro, seu principal "recurso natural", jazida segura para garantir qualquer reversão de expectativa.

Já é clássico o périplo da mulher que trabalha enquanto solteira, larga

tudo para casar e dedicar-se ao lar em horário integral, descasa um belo dia, e se vê tendo que recomeçar a trabalhar, percebendo então que não está onde deveria estar por idade, experiência, maturidade, mas sim onde estava aos dezoito anos, no pé da escada, atrasada em relação a tudo. E nem é preciso descasar, ou, situação mais drástica, ficar viúva. Basta os filhos crescerem, pedirem sua alforria, saírem de casa. Vazio o tempo, a mãe extremosa volta-se para o seu antigo trabalho e... onde é mesmo que ele está? Lá longe, lá bem longe, entre mocinhas.

Dizem, muitos dizem, que mulher independente assusta homem. Eu acredito tanto quanto acredito que alho assusta vampiros. Afinal, por que se assustariam eles?

Alguns dizem que homem se assusta com mulher independente porque teme a concorrência. Mas se um homem teme concorrência, seja ela de quem for, é sinal de que está inseguro em relação a si próprio. É sinal também de que só quer ganhar, só quer ficar em primeiro lugar, o que, em elementar matemática, significa que pretende sempre colocar a mulher em segundo. Temos aí então um belo exemplar de machão dominador, dono da criação, que a mulher nenhuma deve interessar.

Outros dizem que homem não gosta de mulher independente justamente por sua independência, por sua capacidade de ir e vir, por sua liberdade física e moral. Estes prefeririam uma coisinha mais submissa, adquirida na feira nupcial, respeitadora do seu lugar, daquelas que só falam depois que a conversa chega na cozinha. Mas a estes, quem os quer?

Há os que dizem também que o homem não gosta de mulher independente porque é muito liberada sexualmente. Para estes seria aconselhável uma virgem, a sacudir bem de leve antes do uso, e a ser tomada em pequenas, colheradas, com muita cerimônia. De fato, não devem estar muito interessados em desenvolver uma boa parceria sexual, nem muito seguros de sua própria atuação, pois temem, visivelmente, que uma mulher de maiores conhecimentos possa descartá-los rapidamente. E estes, para que servem?

Então, se são esses os homens que a nossa independência assusta, viva a independência! Não só ela é boa, eletrizante, enriquecedora, como é uma fantástica peneira, encarregada de uma triagem que já afasta do nosso caminho grande parte dos homens que não nos serviriam.

Em compensação, os homens que se interessam por mulheres independentes, quantas razões têm para gostar delas. Gostam porque são ótimas na concorrência. Viver com elas é um desafio estimulante, uma razão para melhorar-se constantemente. E nada aprimora tanto a gente quanto conviver com nosso *sparring-partner*. E gostam porque sabem se locomover sozinhas sem precisar de constante apoio logístico. Porque têm claras idéias sobre o que lhes convém e o que não lhes interessa. Porque não vivem penduradas no braço deles. Porque sabem abrir suas próprias portas na vida. E gostam, ah, gostam muito delas, porque sabem o pleno significado do sexo, e podem ser mulheres muito mais amantes.

Nem tudo são rosas, está certo. Tem horas que a gente quase-quase pediria arrego, disposta a deixar os Estados Unidos invadir tudo e ficar logo dono desse nosso pequeníssimo país interior, dono e responsável, dono e provedor, dono e pagador de contas, fazedor de declaração de imposto de renda, atendedor de vizinho que reclama da infiltração, enfrentador de patrão que não quer nos dar aumento. Mas o "quase" está sempre aí para salvar nossos brios pátrios. Até hoje esse bendito "quase" nunca me deixou derrapar. E eu acho até que é um "quase" muito maior do que eu penso, um "quase" *vietcong*, muito mais forte do que qualquer Estados Unidos.

É nessas horas mesmo, quando a gente está de bateria quase descarregada que a independência fica mais bonita. Porque é nessas horas que a gente vai conferir a contabilidade e dá de cara com aquele bruto superávit em caixa. A gente está arriada, está certo, mas no canto da casa da gente, feito de acordo com nosso gosto, à nossa imagem e semelhança. A gente está meio murcha, mas pode pegar no telefone, chamar um amigo, sair, conversar, se amparar um pouco e voltar refeita, à hora que bem entender. A gente está de língua de fora, cansada, mas amanhã é outro dia, e a gente devia botar a língua de fora novamente, não de cansaço, mas de brincadeira auto-suficiente, dando língua para o mundo inteiro e para nossa mágoa passageira já vencida. Há sempre um amanhã promissor à frente de uma mulher independente. Um amanhã movimentado, vital, com trabalho, desafios, contas a pagar e dinheiro a receber, amigos a encontrar, homem a conhecer, ou a amar, ou a despachar. E fraquezas a vencer e forças novas com que se afirmar.

A tristeza eventual, o desânimo não são privilégios das mulheres

independentes. Privilégio nosso é a forma como saímos deles. Porque as minhas conhecidas dependentíssimas também entram em fossa, mas sem escada para sair dela depressinha. Elas não se entristecem porque a conta da luz veio maior do que o dinheiro disponível ou porque não têm com quem sair numa noite de sábado. Mas vivem o peso do tédio, da falta de objetivo, e o amanhã para elas será tão ruim quanto o hoje, porque amanhã também não haverá nada a fazer que realmente valha a pena. Elas se abatem porque percebem a certa altura que o mundo está andando, que todo mundo avançou, enquanto elas ficaram paradas. E temem ter perdido o bonde da vida. Elas sofrem mais, bem mais do que a gente, com a perda da juventude, porque quando uma cara lisinha é só o que se tem, as rugas não são apenas uma chateação, são uma catástrofe. E para isso tudo não vêem quase saída, amedrontadas que estão de perder aquele conforto irresponsável ao qual se acostumaram.

Ser bebê, ter berço quente, mamadeira, fralda trocada na hora certa é bom. Mas a força da vida puxa o bebê para a frente. Já maior, a criança tem medo de crescer, regride às vezes, pede colo. Mas o fascínio do que está adiante é irresistível. Então como é que a gente pode de repente parar esse processo de avanço, tão natural, e empacar definitivamente, exigindo mamadeira e tutela de um pai-marido? Está errado, embora muitos ainda afirmem o contrário. Está errado, e o erro é muito óbvio.

Como um camelô, venho vida afora apregoando esse produto, tentando mostrar que a independência é o único verdadeiro regulador da mulher. Tenho, para convencer, um modesto mostruário dos resultados: eu mesma. E ofereço em garantia minha comprovada satisfação. Mas ao contrário de um camelô, não tenho o produto para vender. Tenho sim a alvissareira notícia de que ele é acessível, nacional e está bem ao alcance de cada uma, escondido na manga à espera de ser solicitado.

## CAUSANDO UMA BOA IMPRESSÃO

Boto a saia, visto a blusa. Diante do espelho percebo: uma não tem nada a ver com a outra. Troco a saia. Mas agora é o sapato que não combina. Talvez quem sabe, uma sandália baixa. Ou uma saia mais rodada. Mudo tudo outra vez, tento uma calça comprida, um salto estonteante. E não satisfeita, me dispo e me visto até a declaração fatídica: "Não posso ir a esse jantar. Não tenho roupa. Estou horrorosa!"

É um jantar tão importante assim esse que me espera? Absolutamente. Jantar pequeno, pequeníssimo até, em casa da minha cunhada. Mas onde ia um casal que eu não conheço. Um casal ao qual, mesmo sem me dar muita conta, quero causar uma boa impressão.

Causar uma boa impressão. Isto é o que sempre queremos num primeiro encontro. Que o novo chefe nos ache eficientíssimas, que o pretendente a namorado nos considere sensacionais, que a futura sogra perceba imediatamente todo o nosso talento para nora. E porque esperamos tanto dele, é justamente no primeiro encontro que ficamos mais inseguras, perdendo às vezes nosso melhor passaporte, a naturalidade.

Não é gratuito o nervosismo. A primeira impressão é realmente importantíssima. Prima irmã do Amor à Primeira Vista, ela determina de imediato se entramos nos agrados de alguém, se somos classificados na área de desconfiança, ou se vamos para a da antipatia declarada.

Leviana? Realmente não é muito sério rotular uma pessoa graças apenas a um encontro, que pode ser até muito breve. Mas é a forma de que dispomos quando, diante de um desconhecido, o instinto de defesa social nos impõe uma primeira triagem. É por isso que nos esforçamos tanto. Porque sabemos que, mesmo sujeita a revisões — e possivelmente haverá várias —, a primeira impressão sempre conta como um *handicap* a nosso favor.

Nem a triagem é tão superficial quanto pode parecer. Se formos analisar com cuidado, veremos que a quantidade de fatores utilizados no

juízo é espantosa, e só mesmo nosso prodigioso processador de dados interno consegue analisá-los com tamanha rapidez.

O que conta na primeira impressão?

Depende de onde sopra o vento, responderia um caçador. E com razão, porque na mata, a favor do vento, eu sei que um felino vem aí, bem antes de vê-lo. Assim também, de longe, tenho do estranho que se aproxima dois pontos de referência: a silhueta e o andar. Se é alto, magro, baixo, gordo, rápido, lento, pendurado, aprumado, elegante, grotesco. A gente logo faz as combinações. Vendo um gordo, de braços pendentes e pés arrastados penso, sem nem pensar, registrando apenas, que lá vem uma pessoa indolente, lenta, de paquidérmicos reflexos. Não posso ter o mesmo registro da pessoa esgalga que chega quase ao trote, rubor nas faces. Nem da moça que se aproxima marulhando as ancas. De cada um, portanto, o todo, a massa no espaço, fornece um primeiro dado.

Depois, a roupa.

Meu Deus, que imprudência minha, afirmar assim de público que a roupa é importantíssima. Que conceito pequeno-burguês, lamentável. Mas de bom grado me exponho ao risco, e volto a afirmar. A roupa, sim.

Como, se todos sabem que "o hábito não faz o monge"? Não faz. Mas se um indivíduo vestido de monge entrar num banco e se dirigir ao caixa todos pensarão que efetivamente se trata de um monge, modificando a primeira impressão somente quando o indivíduo extrair de dentro da monástica manga um revólver calibre 38, e exclamar: é um assalto. O hábito não fez do meliante um monge, mas disse "monge" a quantos o viram ingressando no banco.

Quando meu atual marido me convidou para conhecer a família dele, achei logo que nada do que eu tinha pendurado no armário servia. Queria que gostassem de mim, e uma das maneiras que eu tinha era embrulhando-me para presente. Devo ressaltar que a família do meu marido era bastante tradicional, e eu sabia disso. A maneira "esperta" de causar uma boa impressão seria portanto escolher uma roupa tradicional capaz de transmitir logo um recado do gênero: "olhem como eu sou bem-comportada, vocês podem gostar de mim, e me confiar seu filho, porque cuidarei bem dele". Mas eu não costumo ser "esperta". Rumei para uma boutique, disposta a comprar apenas uma blusa ou uma saia, uma coisa nova para dar uma



refrescada na aparência. Porém, chegando lá, ansiosa como estava de ficar bonita, comprei uma blusa, e também comprei uma saia, e aí percebi que com aquele comprimento seria preciso uma sandália diferente das que eu tinha, e também comprei uma, e por fim não resisti e comprei também um cinto. Enfim, me vesti dos pés à cabeça. Na hora me achei ótima, e fui ao encontro tranqüilíssima (dentro das possibilidades). Só anos depois me dei conta da minha ousadia. Porque na verdade comprei roupas que mal tinham entrado em moda, e que quase ninguém usava ainda, roupas portanto muito extravagantes. A impressão que transmiti era o contrário daquela que, racionalmente, tranqüilizaria os futuros parentes. Eles viram uma jovem mulher ousada, avançada no tempo, individualista, capaz de chamar a atenção, ou seja, o oposto daquilo que pessoas tradicionais esperam para nora.

Um erro? Não, um acerto. Porque eu sou assim mesmo, e foi a mim que eles viram. A esses dados juntaram-se os outros que forneci durante o encontro, e na soma de tudo me aprovaram. Talvez, se tivesse escolhido a roupa "esperta", um discreto chemisier bege, a primeira impressão não teria causado uma primeira impressão tão favorável. Eles veriam em mim, logo ao chegar, uma recatada e discreta aspirante a parente, mas perceberiam na conversa uma personalidade diferente, que nada tinha a ver com aquele chemisier. A impressão então ficaria confusa, perturbadora, algo como abrir uma caixa de bombons e encontrá-la cheia de parafusos. E talvez eu não passasse no exame.

É nesse sentido que considero a roupa muito importante. Ela fala de imediato, transmite mensagens muito claras. Quando os jovens dos anos 60 quiseram romper com a sociedade, contestar seu modo massificado de viver, negaram imediatamente sua indumentária. Nada de ternos e gravatas, nada de *tailleurs* bem-comportados. A moda *hippie* era basicamente o contrário da roupa social, inventiva, artesanal, descontraída, amassada, florida, alegre, de acordo com o gosto e o desgosto de cada um. E com suas flores e seus bordados, transmitia logo o seu recado da contestação (pelo menos, até virar, ela também, uniforme).

Ao ir tratar seu emprego de secretária executiva, portanto, dificilmente você causará boa impressão se se apresentar de saia longa de retalhos, sandália havaiana, e trancinhas floridas nos cabelos. E isso não exatamente por um preconceito contra os hippies, e sim porque não se espera de uma contestatária que queira trabalhar como secretária executiva

de um dos responsáveis pela sociedade de consumo. Seu ingresso assim ataviada num escritório de aços e cristais causaria forçosamente a mesma impressão de bombons e parafusos da qual falamos antes.

Somos, porém, obrigados a reconhecer que a roupa, como causadora da primeira impressão, é uma faca de dois gumes. O livro americano *How to get whatever you want out of life* (Como conseguir tudo o que você quiser da vida), do Dr. Joyce Brothers, nos ensina, por exemplo, a "usar" a roupa, na construção da primeira imagem transmitida. Ele diz, entre outras coisas, que uma mulher que quer chegar ao topo deve se vestir como se já estivesse lá, ou seja, deve ter um guarda-roupa caro e luxuoso, estudado para impressionar (faça economia em tudo, mas considere a roupa como um investimento, que dará dividendos mais tarde).

Ora, isso implica uma falsificação, aparentar o que não somos, na tentativa propositada de enganar os outros. E falsificações nunca são recomendáveis. Fora o perigo de considerações posteriores; descobrindo que nos vestimos como executivos sendo na realidade apenas secretárias de um departamento menor, o chefe pensará naturalmente que somos vaidosas em excesso, levianas e incoseqüentes (gastar o grosso do salário em roupas não é considerado atitude equilibrada), deduzindo daí que será mais prudente nos manter em nosso pequeno cargo, sem nos atribuir responsabilidades maiores. Uma eventual boa impressão inicial redundará assim num belo atraso de carreira.

Com a roupa, portanto, devemos dar o recado daquilo que realmente somos, mensagem imediata de sinceridade, pois a sinceridade é sempre a melhor maneira de causar uma boa impressão.

Roupa, evidentemente, não é tudo. Você está vestida e penteada, sentindo-se linda. Mas quer tanto causar uma boa impressão no rapaz com quem vai sair pela primeira vez, enquanto espera, aperta as mãos nervosamente, e sente que elas estão suadas, e aí é que elas ficam suadas mesmo, e você pensa que bom seria se pudesse sair de luvas, e morde os lábios, e tira o batom, e mancha os cílios de cima, e meu Deus, que tremenda aflição, que medo de errar, que medo de ele não gostar de você.

As mãos suadas, o batom tirado, um ligeiro tremor nos gestos, tudo isso vai entrar na composição da impressão que ele vai ter de você. E sabendo disso você se desespera. Mas, além disso, e junto com isso, vão entrar também suas palavras, o jeito de você cruzar as pernas, a maneira de se dirigir a ele, de afastar os cabelos com a mão, de ouvir o que ele diz. O

nervosismo aparente dirá a ele que você está nervosa, e isso não é mau. Ele sabe que você está querendo impressioná-lo de maneira favorável. Ele também está querendo impressionar você. Faz parte do jogo. O que conta é o que ele vai ler nos outros sinais.

E, embora sem falsificar sua personalidade, você sempre pode facilitar uma boa leitura.

Quando eu era menina ouvi muitas vezes meu pai dizer para meu irmão que quando ele fosse cumprimentar alguém tinha que apertar a mão com força e olhar direto nos olhos. Um homem, dizia meu pai, olha nos olhos de outro homem de frente, e tem força na mão. Aí estendia a mãozarrona dele e apertava a mãozinha do meu irmão, para ele treinar sua força de homem.

Eu não era homem, a conversa não me era dirigida. Mas desde pequena achei que o que servia para os homens podia muito bem servir para mim, e em silêncio treinei meu aperto de mão, meu olhar direto. Hoje, a cena toda me parece um equívoco, na tentativa de forjar mais um estereótipo do forte macho latino. Mas a verdade é que durante muitos anos dei a mão com força inesperada numa mocinha, e nunca mais abdiquei do prazer de olhar os outros nos olhos.

Não estou sugerindo a você que aperte a mão com força e encare as pessoas, se não o deseja. Mas estou sugerindo, sim, que o faça, se apenas não ousa. Quando a mão que nos é estendida vem mole, e logo se retrai ao primeiro contato, a impressão que nos transmite é a de que o dono da mão nos teme, não quer se "encontrar" conosco, não quer encostar na nossa pele nem de leve, não quer, enfim, saber de nós. O dono daquela mão disse olá, como vai, mas não saiu da sua casca. Se você quer sair da casca, se você quer chegar perto do outro e a idéia de encostar na sua pele, mesmo de leve, lhe sorri, pense nisso ao estender-lhe a mão. Quem sabe, apesar da timidez, ela conseguirá deixar-se prender por um instante, num aval de confiança.

Dize-me como andas e te direi quem és. A gente bem pode alterar o ditado clássico para falar de um outro item importante na primeira impressão: a postura.

O que teria acontecido se Charlie Chaplin, ao compor seu personagem Carlitos, tivesse escolhido um outro modo de andar? Certamente a perda da perfeição. O pobrezinho, o eterno criança, o maravilhoso Carlitos teria

perdido metade de seu encanto se andasse a passos normais, com as pontas dos pés para dentro, calçado de normalíssimos sapatos marrons. O andar de Carlitos nos transmite sua doce alma de palhaço, seu modo de ser desengonçado na vida, seu eterno desligamento. O andar nos conta a essência da personagem, antes mesmo que a primeira palavra seja dita. Assim também nosso andar é importante, porque antes de qualquer contato somos para o outro apenas uma personagem a decifrar.

Roupa e andar decifrados, falam por você os pequenos detalhes. As unhas roídas denotam nervosismo interior. Dedos manchados de nicotina revelam a quantidade de cigarros que você fuma por dia. Fumar o cigarro até o limite extremo do filtro transmite uma certa sofreguidão. Tiques e cacoetes são sinais de agitação, e assim por diante. Quanto mais atento o leitor, mais ampla a leitura, pois mente e corpo formam um conjunto tão profundamente entrelaçado que toda nuance tem um significado.

É sabendo disso, querendo causar uma boa impressão que devemos sempre facilitar o trabalho do leitor (ou seja, deixar que ele me leia com facilidade), e confiar nos resultados.

Ser pontual é importante. Se a gente se atrasa, chega nervosa pelo atraso, já carregando um sentimento de culpa. E encontra o outro, irritado pela espera, já duvidando do encontro, já cheio de desconfiança quanto ao nosso desejo de amizade e bom relacionamento. E não é esta, convenhamos, a melhor maneira de começar o que quer que seja.

O nervosismo é outro item importante. Já que ele existe, e existe para todos, o melhor é reconhecê-lo e tentar conviver com ele da melhor maneira possível. Afinal, é mais simpático, no primeiro dia de um novo trabalho, dizer ao chefe que a gente está nervosa, do que errar seguidamente e deixar que ele nos considere incompetentes. Assim como é melhor dizer à futura sogra algo verdadeiro, como, por exemplo: "Ah, Dona Fulana, a senhora não imagina como estou nervosa de conhecê-la, o Joãozinho fala da senhora com tanto carinho", do que derramar a xícara de café em cima da tapeçaria que ela está bordando e ainda dizer que foi sem querer. Mesmo porque, quando a gente se declara nervosa, está passando a bola para o outro, que a partir daí se sente responsável e faz o possível para nos colocar à vontade.

Por nervosismo também, podemos desandar a falar desesperadamente, querendo mostrar o quanto somos maravilhosos. Não é um bom sistema. Uma noite, jantava em minha casa o filósofo e historiador francês Michel Foucault, e um dos convidados presentes desandou a contar-

lhe detalhes íntimos do Primeiro Reinado, com tal fartura de minúcias que o pobre Foucault se viu literalmente impedido de abrir a boca. E à sobremesa, segredava-me sorrindo meu amigo: "Eu sei que estou falando demais, minha mãe sempre me disse que isso é falta de educação, mas não consigo parar". Por sorte, tratava-se de homem inteligentíssimo, de farta cultura, capaz de alimentar sua fala incontida com histórias deveras interessantes, e tenho certeza de que Foucault não se aborreceu. Mas quantos podem fazer o mesmo?

Eu própria já me flagrei algumas vezes falando bem mais acelerada do que minhas rotações normais. Das primeiras vezes simplesmente tentei frear o impulso, constrangida. Mas, como ao pisar subitamente no freio de um automóvel, quase dei um cavalo-de-pau. Do muito que falava passei para a quase mudez, e as pessoas não entenderam o porquê de uma mudança tão radical. Depois aprendi que mais simples era dizer "gente, tou falando demais, que horror!" e desacelerar aos poucos, com o reconhecimento dos outros, e a sua sucessiva entrada na conversa. Ficava assim patente que aquele não era meu ritmo costumeiro, que eu não sou uma falastrona contumaz, e que o impulso vaidoso e natural de querer impressionar estava, pelo menos temporariamente, vencido.

Mas pecar, a gente peca tanto por excesso quanto por escassez. Querer causar uma boa impressão através da mudez adorante em que toda frase do interlocutor é recebida com um sorriso também não é um bom sistema. Se por um lado é muito gratificante ser ouvido com tamanha devoção, por outro lado, ninguém gosta de ser o único responsável pela conversa, sem uma única reação alheia em que se apoiar. Passaremos assim a impressão de pessoa atenta, sim, mas pouco participante, não muito inteligente, e nada imaginativa. Impressão que, convenhamos, não é das mais alentadoras.

A primeira impressão, já dissemos, é muito importante. Porém se tornará muito mais importante ainda à medida que for confirmada por um conhecimento mais profundo. Isso equivale a dizer que não adianta falsificar, e que uma falsa boa impressão é pior do que uma verdadeira impressão média. Digo isso porque estou farta de ver pessoas se esforçando para causar boa impressão à custa de mentiras.

São, por exemplo, os "íntimos profissionais", aqueles que falam de fulano, que é grande amigo deles, beltrano, que é íntimo, sicrano, que, puxa, é amicíssimo, e assim por diante. Quando porém, a gente vai verificar, fica

sabendo que fulano nem lhe conhece o nome. Beltrano esteve com ele só uma vez, e sicrano simplesmente o detesta. Diga-se o mesmo para viagens maravilhosas (nunca feitas), programas invejáveis (jamais realizados), vida opulentíssima (inexistente). A primeira impressão, que poderá ter sido até das melhores, se transforma assim rapidamente em antipatia.

E fique por último, para sua reflexão, um dado importantíssimo. Uma boa impressão não é causada somente por aquilo que você transmite, mas também pela sua maneira de receber a transmissão do outro. Às vezes, muitas vezes, estamos tão preocupadas em ser benquistas, que nos esquecemos de bem querer o outro. E o outro se ressent, e não nos ama.

Uma boa impressão precisa daquele elemento imponderável que atua para o interlocutor como um sinal verde, uma mensagem de aceitação. Pouco adianta sermos maravilhosos se, num encontro, não demonstramos interesse por aquele que estamos encontrando (e não apenas um interesse social, mas uma calorosa e real curiosidade). Pouco adianta fornecermos farto material de leitura, se estivermos cegas a todo o material que a pessoa à nossa frente nos entrega. Por melhor impressão que possamos dar, ela estará sempre misturada com uma sensação de recusa, impedindo o estabelecimento de uma relação positiva.

Uma boa impressão, portanto, se obtém como o concerto de um interruptor. Desencapando o fio da nossa sensibilidade, o fio condutor de toda a nossa força e nosso potencial, e colocando-o em contato com o outro fio. Agindo direito, sem trocar a fiação, poderemos então ter a certeza de conseguir a luz.

## HOMENS QUE VOCÊ NEM CONSIDEROU

Ele tinha qualquer coisa que me atraía muito, uma doçura no olhar, ou uma força, não sabia bem. Era meu colega de trabalho. Colega exatamente não, trabalhávamos no mesmo jornal, mas em departamentos diferentes. Pouco nos víamos. Houve uns esboços de conversa em que ele muito discretamente arrastou a asa para mim. E uns olhares. Nada mais. Curiosa, perguntei por ele a amigos comuns. Me disseram que era um cara inteligente, poeta, que tivera um certo destaque em política estudantil. Foi quanto bastou. Minha vozinha interna bradou logo um Deus me livre!, imagine eu me meter com um cara meio fanático (primeiro rótulo), metido a intelectual (segundo rótulo), poeta frustrado (terceiro rótulo), jornalista menor (quarto rótulo), que ia querer me declamar poemas chochos em volta de mesa de chope, tudo com melodias de proselitismo ao fundo. Deus me livre! Podia ter o olhar que tivesse, aquilo não era homem para mim.

E depois de tê-lo coberto de rótulos, depois de ter visualizado qual seria nosso provável tipo de romance, joguei o cara no esquecimento e evitei qualquer papo.

Mas o olhar dele era mais forte. E houve um papo breve em que, com um ar superior absolutamente insuportável, ele me entregou seu livro de poemas. Entregou e foi-se, partindo dias depois para uma longa estadia nos Estados Unidos.

Na hora nem me toquei com o livro. Uma noite enchi a banheira de água, me meti nela e levei o livro comigo para dar uma olhada. A água acabou ficando fria, e eu lá dentro, encantada com os poemas do homem. Não é que ele era mesmo poeta?

Hoje é o poeta mais importante do Brasil. Pelo menos para mim, que me casei com ele e o amo tanto.

Aí está como um homem que não só não considerei, mas descartei propositadamente, era justamente aquele mais perfeito, que me faria muito feliz.

Quantos homens assim já passaram na sua vida sem que você tenha se dado conta? Você não pode saber, é claro, porque, não tendo sequer se aproximado, não deu chance a ele e a você de descobrir seu potencial. Mas talvez mais de um tenha cruzado seu caminho e sumido.

O processo de "descarte" não é só seu, como não foi só meu. A maioria das pessoas age assim. E age assim inconscientemente, trabalhada por preconceitos.

Existe, por exemplo, alguma razão concreta para que uma mulher alta deva evitar homens baixinhos? Os baixinhos são impossibilitados de fazê-la feliz? Não são bons companheiros de sexo? Não são divertidos, interessantes, boas companhias e mesmo bonitos? Os baixinhos têm algum defeito grave fora a falta de alguns centímetros de altura? E isso por acaso é defeito grave?

No entanto, muitas mulheres têm tendência a não considerar um baixinho, logo inventando que ele vai criar problemas, que vai ficar com complexo, que vai banir da vida delas os saltos altos. Isto tudo antes mesmo de saber como ele se sente, como ele viveria com ela e, sobretudo, como ele é.

Você simplesmente descarta o baixinho porque a dupla homem baixo/mulher alta já tem uma conotação clássica puxada a ridículo.

Mas e aquele colega de escritório, que tenta convidá-la para almoçar um dia e você se esquiva pensando cruz-credo!, um jeca!, um suburbano, nem pensar em sair com um sujeito desses, basta olhar a roupa que ele usa, gosto mais chinfrim!

Pois é, o coitado usa roupa chinfrim e tem jeito de jeca. O que você não sabe talvez é que ele estudou música durante anos, é um excelente violinista e está ali no escritório só enquanto se firma em sua carreira artística. Você não sabe que a roupa é chinfrim simplesmente porque ele não liga para roupa e tem seu interesse voltado para coisas bem mais importantes. Você não sabe que aquele é um homem ótimo, que enriqueceria seu lado mais delicado, que daria um maravilhoso companheiro.

Ou então você não sabe que ele usa roupa chinfrim porque viveu sempre na enorme fazenda de café que seus pais possuem, e que ele está no escritório sustentando seus estudos de agronomia, depois dos quais voltará à fazenda e reconstruirá o império familiar. Império que poderia ser seu, princesa levada no dorso do cavalo branco, se você tivesse aceito aquele



convite tímido para almoçar na lanchonete da esquina.

Você, enfim, não sabe nada dele, porque nem quis saber. E não quis saber porque a calça dele não era bem cortada, a camisa não correspondia aos últimos ditames da moda, e a cor das meias, ah, horror!, não combinava com nada. Você não gostou do figurino, e com ele jogou fora o excelente homem que embrulhava.

Um dos problemas que levam a isso é a idealização. Como clara em neve, a espuma da idealização vai crescendo ao seu redor desde a infância. Começam vagas conversas de casamento cercando você menina. Pai e mãe sonham com um bom marido para a filha tão amada. A mãe começa a desenhar no futuro marido da filha aquele com quem gostaria de ter casado. Se o marido é pobre, ela sonha com um genro rico, se o marido é casmurento, ela sonha com um genro romântico, se o marido não sai da rotina, ela sonha com um genro aventureiro. Sonha em voz alta, bordando e rebordando no ouvido da filha o manto esplêndido daquele que a levará para uma vida de venturas. E que através da filha preencherá todas as lacunas deixadas por seu próprio marido, pobre, casmurento, rotineiro e sobretudo real.

Ou pode a mãe, bem casada, enaltecer o pai, caso em que, ajudada pelos problemas freudianos tão nossos conhecidos, levará a filha a procurar aquele homem mais-que-perfeito, igualzinho ao pai, que tem um único defeito: não existe. E não existe simplesmente porque a perfeição suprema é fruto da idealização da mãe, somada à idealização da filha, somada a todos os anseios reprimidos de uma e de outra, e geralmente subtraída à figura real do pobre pai.

Mesmo fora da área doméstica, tenta-se aumentar as expectativas já tão exacerbadas. Temos, por exemplo, os galãs de cinema. Quem não gostaria de casar com Robert Redford (esquecendo que seu rosto foi escolhido pelos caçadores de talentos entre milhares, que é ajudado por visagistas, esteticistas, eventuais cirurgias plásticas, pela iluminação especial, pela câmara que nunca se detém sobre o seu perfil pior e que esconde um ligeiro ricto do lábio quando ele fuma)? Mas a mesma mulher que suspira no cinema escuro, enquanto Robert Redford diz coisas absolutamente sedutoras para a heroína do filme, não concederia nem um olhar para o homem meio calvo, meio barrigudinho, meio marcado de rugas

que escreveu aquelas palavras todas, que criou aquela situação irresistível, que inventou o herói romântico ao qual Redford empresta seu rosto. Porque, assim como é, com sua meia calva, sua meia barriga, suas rugas, e apesar de toda a sua sensibilidade, o autor do script não corresponde ao ideal romântico que Redford personifica.

Será então que suspiramos apenas por um rosto? Suspiramos por fantasmas, por truques? Não, suspiramos por um ideal. Num momento de desvario, que os pais certamente não aprovariam, podemos até ter sonhado em casar com um artista, um gênio pobre com o qual partilharíamos enlevos da alma e gemidos do estômago. Mas este era assim mesmo um gênio idealizado, um pálido pintor que nos amaria sob os tetos de Paris, ou um poderoso maestro que nos acompanharia em tournées pelo mundo carregando partituras e batuta. Nunca um gênio real, sovina como Charles Chaplin (e o pai da Oona bem que não queria que ela se casasse com ele), ou irascível como Picasso. Nunca um ser humano verdadeiro, com seu farto carregamento de defeitos.

E, suspirando pelo ideal, você pode estar deixando passar homens ótimos, bem ao seu lado.

Tenho uma amiga que dizia não existir, na faculdade onde estudava, rapaz nenhum para ela. Não pensava em dar bola para aqueles garotinhos universitários ainda cheirando a leite, que iam precisar de uma vida inteira antes de virarem gente. Estava interessada em homens, homens de verdade. E encontrou alguns. Casados, ao que me lembro, casos que não duraram muito, que foram mais para o tumultuado do que para o prazeroso. Depois o tempo de estudar acabou, fui tratar da minha vida, minha amiga seguiu para a dela, deixamos de nos ver. Sabia dela de vez em quando, sempre agitada, viajando muito, talvez procurando o famoso homem que serviria. Recentemente soube que o encontrou. Casou-se com um sujeito, me disseram que excelente, ex-colega de faculdade, um daqueles garotos cheirando a leite com quem não se dignava, na época, a tomar nem uma Coca-Cola.

Ela ganhou experiência, é verdade, e foi melhor as coisas terem corrido assim do que se ela tivesse namorado o tal colega ainda no tempo da faculdade, tivesse noivado e casado com ele sem conhecer coisa alguma da vida. Ou mesmo e provável que, se tivessem namorado naquela época, a

coisa não desse certo, porque nenhum dos dois tinha a maturidade que têm hoje. O que eu quero não é dizer que se deve pular em cima do vizinho só porque ele é vizinho e "mais vale um pássaro na mão do que dois voando". Nada disso. O que eu pretendo é simplesmente mostrar que às vezes, muitas vezes, o homem que a gente nem considera pode ser exatamente o melhor.

Assim como temos ideais formados, temos também, no fundo, protótipos negativos bastante definidos. Eu própria, por exemplo, parti de protótipos negativos. Temi um sujeito "metido a intelectual" porque minhas experiências com intelectuais haviam sido negativas. Temi um indivíduo conscientizado porque estava farta da ladainha pseudodoutrinatória dos conscientes de Ipanema. Temi o poeta porque, ah, meu Deus, a idéia errada que a gente faz dos poetas!, desligados, aéreos, mortos de fome, incapazes para a vida prática, loucos românticos. Temi o jornalista porque jornalista eu sou e sei bem dos horários impossíveis, da escravidão permanente, das noitadas na redação.

Eu peguei todos os meus protótipos negativos, amarrei em feixe e com eles tentei varrer o homem. Eu só temi, sem parar um instante para olhar mais a fundo e procurar ver a pessoa que havia por trás de tudo o que me parecia tão ruim.

Foi preciso ler os seus poemas, esperar quase dez meses para que ele voltasse dos Estados Unidos, reencontrá-lo quase por acaso, para, aos poucos, recuperar o que em princípio não queria. Não, ele não era um louco romântico, incompetente, desligado. Era um poeta sério, com um projeto maior, queria também ser professor de literatura. Não, ele não tentou me doutrinar, não era um fanático. Era um homem tranquilo e maduro, que há muito estava na dele. Não, ele não era nada do que eu pensava. E era tudo o que eu queria.

Por que não vi nenhuma dessas realidades nos primeiros encontros? Porque eu só fui capaz de ver as aparências e, presa àquilo que aparecia, não fui além.

O abacaxi tem folhas espinhentas e cortantes, sua própria casca é áspera, grossa. Nada, por fora, leva a suspeitar a branca doçura da carne, o sumo farto. O abacaxi parece mais uma pedra do que uma fruta. No entanto, para o primeiro que dele se acercou armado de faca e fome, soube revelar seu rico tesouro. Esse primeiro não estava desatento, não pensou "Deus me

livre comer essa coisa espinhenta", não virou logo a cara procurando pêssegos. Estava atento, e com fome, estava receptivo para tudo o que o mundo lhe oferecia. E regalou-se.

Bem diz minha amiga Danuza Leão. A vista mais bonita do mundo é a do Maracanã: homens para um lado, homens para o outro, homens para cima, homens para baixo, homens a perder de vista.

Ela, que gosta do produto, vê homens e se alegra. Ela não vê um magrinho de bigodinhos à esquerda, um balofo do lado direito, um insignificante mulatinho acima e um com cara de bicheiro abaixo. Essas são considerações que não importam.

É por isso que eu acho que toda mulher que se queixa muito de não encontrar namorado, de não ter homem para sair, não está olhando bem no Maracanã da vida.

Convém, antes de mais nada, olhar os homens por prismas outros que não o do enlace definitivo. Os homens evidentemente são fundamentais para o amor, para o sexo, para o casamento. Mas são maravilhosos também para todas as outras coisas mais mezinhas da vida, aquelas que não se escrevem com letras maiúsculas, como ir ao cinema, trocar confidências, comer camarões assados num boteco, dar uma volta na rua ou fuçar numa livraria. Os homens são ótimos sempre.

Portanto, quando aquele famoso colega a convidar para almoçar, no dia em que Robert Redford ainda não telefonou de Los Angeles, você pode muito bem aceitar o convite. Parta do princípio de que é apenas aquilo que é: um convite para almoço. O rapaz não a está pedindo em casamento quando indaga se você prefere comida árabe ou cachorro-quente. Nem vai agarrar sua mão freneticamente quando você a esticar para apanhar o saleiro. Ele vai simplesmente conversar, assuntar, ver se é possível estabelecer um entendimento maior. Vocês podem descobrir afinidades insuspeitadas. Ou chegar à conclusão de que a parceria só serve mesmo para comer esfihas. Ou, na pior das hipóteses, você pode confirmar a suspeita de que ele é um chato. Hipótese que afinal não é tão dramática, porque nenhum chato é tão insuportável que não possa ser aturado pelo tempo de um almoço.

Feito isso, você poderá então, com alguma justeza, eliminá-lo.

O problema, às vezes, é que a gente não se anima, realmente não quer.

Não quer, mas se queixa da solidão. Não se anima, mas diz para os outros que está procurando. Na verdade a gente tem medo. Medo de se expor. Acha que sair com alguém menos bem-vestido provocará comentários.

No fundo, às vezes, deixamos de nos interessar por alguém, não por ele, mas pela gente — por você.

Você não quer experimentar, com medo de chamuscar as asas. Quer se preservar para aquele perfeito, que vier já com o anúncio luminoso grande amor brilhando na testa, feito e preparado para realizar seus sonhos de felicidade. Você não cogita ter um pequeno romance casual com um, uma trombadinha amorosa com outro, até descobrir aquele mais importante e definitivo com quem casar. Você quer se preservar, o amor bem vigiado no peito, guardado para aquela experiência arrasadora criada em sua mente fantasiosa.

E se arrisca a deixá-lo ali para sempre, sem uso, pobre amor tão quente, alimentado de fantasmas.

Um amor guardado é um amor trancado, um amor preso, que não lhe permite olhar para os lados livremente. Solte esse amor, ninguém vai roubá-lo. Ele vai e, se for preciso, volta. Volta às vezes meio amassado, machucado de guerra, mas enriquecido de conhecimentos e experiências. Embora doa, o amor se aprende nas feridas.

Dê uns requebros na cintura desse amor. Deixe ele brincar um pouco. Não é isso que faz aquele anjinho Cupido esvoaçando com seu arco e flechas? Brinque de amar mais levemente. Ame de repente o primo criado com você desde pequeno, de quem você sabe tudo e com quem tem certeza de que casar não dá certo. Ame o baixinho ou o altão, ame o vizinho ou aquele turista que só vai ficar aqui mais uma semana. Se não forem grandes amores serão amores pequenos, escaramuças de amor, treinos de amor nos quais você se prepara para aquele amor maior com que sonha.

O primo, o vizinho, o gigantão nem entrariam em suas cogitações. Mas, quem sabe, depois de sair com eles uma vez, de conversar, você descobrirá em cada um pelo menos uma qualidade capaz de torná-lo um bom parceiro de brincadeiras amorosas?

Não esqueça que o boxeador também luta com seu *sparring* para treinar. Não são socos tão violentos, não é luta de verdade. Mas é com o *sparring* que ele aprende e se prepara para o momento de entrar no ringue em disputa maior.

E há sempre, atrás de cada homem descartável, a possibilidade de

uma surpresa. Como o abacaxi, também as pessoas tem uma casca e uma polpa. E assim como a natureza fez a casca áspera para proteger o conteúdo semente assim também os que se sabem excessivamente macios por dentro, delicados, engrossam a casca, afiam os espinhos para proteger seu núcleo de mãos desastradas Quem sabe, uma surpresa dessas está reservada para você?

Meu conselho, portanto, se conselho posso dar é o de andar pela vida assuntando ao redor. E, sobretudo, de não se aventurar além da casca.

## DIALOGANDO COM O SEU AMOR

Diálogo. Aí está uma palavra da moda. Falta diálogo entre pais e filhos, é preciso estabelecer um diálogo entre as nações, o que enriquece uma relação é o diálogo, maravilhoso o filme de Bergman sobre a ausência de diálogo no casamento, o povo quer diálogo democrático, procure dialogar consigo mesma.

Quantas vezes você ouviu frases iguais ou muito parecidas a essas? Infinitas vezes, certamente. Mas, ainda assim, será que você sabe realmente o que significa dialogar? Porque, na verdade, o diálogo é bem mais difícil de realizar do que de propor. Recomenda-se a abertura, a entrega, o discurso aberto, a conversa franca com o homem que amamos. Mas nem sempre conseguimos. Às vezes, apenas nos transformamos em loquazes papagaios, derramando nos ouvidos do nosso interlocutor todo o conteúdo de nossas cabeças, na esperança de que essa enorme enxurrada verbal venha resolver definitivamente os problemas e consolidar os afetos. Se, porém, a pessoa que nos ouve ficar estonteada, e parece mais perto de sucumbir do que de socorrer, e mais foge do que se aproxima, às vezes nos sentimos sem saída. E então apelamos para a falta de entendimento, encerrando a conversa com as frases-chaves: "Você não me entende. Não se pode dialogar com você".

Mas vamos pensar um pouco: o que foi dito, na realidade, que o outro deveria ter entendido? Será que falamos de fato coisas essenciais? Ou será que, coando numa peneira mais racional toda a balbúrdia de frases, de queixas, de constatações, não chegaríamos à conclusão de que nada dissemos de importante, de indispensável? Porque falar nem sempre é dizer: no derrame quase descontrolado, no interminável jogo de palavra-puxa-palavra, quase sempre fala-se muito, mas pouco se diz.

Se eu começo falando, para o homem que está ao meu lado, do meu dia de trabalho, queixando-me de um colega, reclamando da condução, falando de um filme que todos estão comentando, contando uma piada e emendando com a declaração de que estou com vontade de tomar um

chope, o máximo que vou ouvir como resposta é que a idéia de tomar um chope é ótima, que o dia de trabalho dele também foi exaustivo, que mandou consertar o carro porque estava "morrendo" no engarrafamento... Fazendo as contas: estaremos os dois com a garganta seca — apesar do chope —, não teremos dado um único passo em direção a um verdadeiro entendimento. Nós simplesmente não dialogamos.

E, afinal, o que é exatamente o diálogo? O dicionário nos diz que é a troca ou discussão de idéias, de opiniões, de conceitos, com vista à solução de problemas, ao entendimento ou à harmonia. Aqui, no nosso caso, não se trata evidentemente de problemas de ordem prática, mas de problemas emocionais, afetivos, de relacionamento com o mundo, com o homem que amamos. Mas lembre-se de que é comum, afinal, que problemas práticos e materiais estejam na origem de problemas mais profundos, ou que sejam o elemento catalisador destes, pelo que não devem ser desprezados, mas utilizados até mesmo como fio condutor. Em outras palavras, se de repente o seu namorado, ou seu marido, atribui um período de mau humor a dificuldades financeiras que vem enfrentando, não vá você partir armada de seus novos conhecimentos de diálogo, dizendo logo: "Nada disso, meu filho, não tentemos nos enganar com esses biombos econômicos, o que conta é lá dentro, o que interessa é saber porque a falta de dinheiro o deixa tão inseguro". Isso, claro, não seria diálogo, seria agressão, ainda que seja importante falar sobre o problema econômico, tentar equacioná-lo racionalmente, procurando ver, ao mesmo tempo, se não haveria implicações emocionais mais sérias ligadas a ele.

O que se tenta, através do diálogo, é saber como e onde o mundo à nossa volta, o nosso mundo próprio, aperta e dói, e, por outro lado, como e onde ele nos parece quente e acolhedor. A relação de alguém conosco, por mais que a queiramos única e inimitável, é o reflexo direto de sua relação com o mundo. E embora o desejo do amante seja o da integração total, para formar em dois uma única pessoa, a verdade é que somos sempre o outro, e que a grande harmonia do amor é o entendimento das pulsações do amado — e nosso — em relação ao universo, entendimento que pode nos aproximar do uníssono.

A esta altura, você já deve estar percebendo que dialogar é uma arte, e das mais delicadas. Para sua tranqüilidade, podemos acrescentar que é uma arte para a qual todos nascem dotados, e cujo aprimoramento exige, sobretudo, disposição e vontade de acertar.



Uma condição essencial para se determinar a técnica dessa arte: ser absolutamente sincera. E se você perguntar às mulheres que você conhece se elas são sinceras, é muito provável que todas respondam com um sonoro "sim". E pode até acontecer, aliás, que, quanto menos sinceras, mais veementes serão na afirmativa. Não se trata de falta de caráter ou de necessidade intrínseca de mentir — o que acontece é que, ao falsificar o diálogo, a grande maioria das pessoas não se dá conta da falsificação. Muitas vezes, não dialogamos, mas estamos convencidas de que somos muito hábeis conversadoras. E eu diria mesmo que o normal, diante de um problema sério, que nos preocupa de fato, é tentar negá-lo, porque, quanto mais sério ele for, mais doloroso resultará e quanto mais doloroso, mais protegido.

De uma certa maneira, existem níveis de profundidade. Tudo funciona em esquemas, em camadas, digamos, como uma cebola. Ela é feita em camadas — as mais externas são mais resistentes, capazes de agüentar melhor um contato e até mesmo uma pancada, enquanto as internas vão ficando macias, delicadas, até chegar a um núcleo quase mole. Com a sinceridade acontece a mesma coisa. À medida que vamos nos conhecendo, "descascamos" uma camada e chegamos à outra. A sinceridade a respeito dessa camada só é possível depois que é desvendada, depois que ficamos íntimas de seu conteúdo. E muito dificilmente damos "pulos", alcançando uma camada mais profunda sem que a anterior tenha sido trabalhada. Assim, quando eu pergunto se você está sendo sincera, se eu proponho a questão, estou na verdade perguntando se você se conhece. Sem um autoconhecimento pelo menos inicial, sem saber alguma coisa de si mesma, ou sem um desejo verdadeiro desse conhecimento, o diálogo fica praticamente impossível.

É claro que existe um outro tipo de sinceridade, aquela básica. E ela é imprescindível. Não haverá diálogo verdadeiro se você não tiver em si esse ponto de partida. As pequenas tapeações, as táticas de se dizer apenas o que convém dizer, as escaramuças mascaradas de diálogo, a sinceridade mais ou menos fingida em que uma aparente conversa franca é usada para atingir o outro e para ganhar palmos de terreno, são simplesmente desastrosas. O resultado imediato de tais encontros pode até parecer satisfatório. Mas, a longo prazo, só podem, como qualquer mentira, prejudicar a relação.

Dialogar, já disse, não é fácil. Apóia-se no fenômeno da fala, que tem lá seus problemas. Exige a presença e o envolvimento de duas ou mais

peças, que trazem consigo toda a sua carga de problemas. Envolve recepção e entendimento. E mais todos os problemas das interferências externas.

O estudo desses problemas, realizado nas últimas décadas, levou à elaboração de uma teoria da informação, que Umberto Eco, teórico italiano de comunicação e estética, explica em seu livro *Obra aberta*. Ele compara o fenômeno da comunicação entre duas pessoas ao da comunicação eletrônica, como se, numa central elétrica instalada num vale, fosse necessário saber quando uma represa, localizada no recôncavo entre duas montanhas (e, portanto, invisível a olho nu), alcança um nível de saturação determinado, ou o nível de alarme. Para isso, haveria na represa um aparelho transmissor, capaz de emitir um sinal. Este sinal viajaria através de um canal (um fio elétrico, ondas de rádio) e seria captado na central do vale por um aparelho receptor. Este reconverteria o sinal, transformado afinal em mensagem, dirigida ao destinatário.

Mas existe, por outro lado, um fenômeno conhecido como ruído, ou distúrbio, que se insere no canal e pode alterar a estrutura do sinal. Então, para evitar que o ruído torne incompreensível a mensagem, é necessário aumentar os sinais, ou repeti-los, ou arrumar outros sinais, que sirvam de confirmação ao primeiro. Ou seja, é necessário complicar o código. E diz Umberto Eco: "Quando falo com outra pessoa, meu cérebro é a fonte de informação, o do outro é o destinatário; meu sistema vocal é o transmissor, e o ouvido do outro, o receptor. Mas, como veremos, no momento em que inserimos na relação dois seres humanos, cada um num extremo da cadeia, a própria relação se complica".

Ou seja: você quer dizer uma coisa ao outro, esta coisa não é simples, diz respeito a sentimentos seus bastante complexos, você pensa bem na coisa antes de dizê-la, procura as palavras. E começa a falar. As palavras, você percebe logo, não são tão completas a ponto de expressarem exatamente aquilo que você sente. Você mesma percebe uma distância, uma espécie de vão entre o que quer expressar e o que realmente acaba dizendo. Então você tenta repetir com outras palavras, faz interrupções, volta atrás, recomeça. A essa altura, o pensamento primeiro já se complicou terrivelmente, esse é o lado emissor.

Do outro lado, o receptor recebe. Ele precisa converter o seu sinal — as palavras — na mensagem — aquilo que você quer dizer —, mas nessa conversão entram a sua própria sensibilidade, o seu entendimento, a sua

maneira estritamente pessoal de perceber as coisas. Então, ele forçosamente percebe um pouco diferente do que você queria. E vai tentar responder, repetindo todo o mecanismo que você já acionou, e com idêntico esforço.

Entre aquilo que você sentia, aquilo que você disse, aquilo que ele entendeu e a demonstração que deu de ter entendido, vários vãos foram se abrindo sucessivamente. O primeiro elemento, o seu sentimento, parece distante e distorcido. Você tem a impressão de não ter sido entendida. E ainda não entraram os ruídos.

Os ruídos, no caso, são as interferências, que podem ser de toda ordem. Interferência externa é, por exemplo, alguém que se intromete na conversa. Interferência interna é um sentimento de um dos dois — carência, depressão, momento de agressividade — que distorce a realidade. Há também a interferência da própria situação — quando há uma briga por trás de tudo. E assim por diante. As interferências sempre pioram a comunicação, porque levam à complicação do diálogo. E nem sempre podem ser eliminadas. Não se aflija, portanto, com a sensação de não estar sendo entendida. Ela é comum a todo mundo. E é comum, certamente, ao outro que, junto com você, está tentando realizar o milagre da comunicação.

Mas vamos supor que, afinal, você disse tudo o que queria, e ele começa a responder. Já nas primeiras palavras, entretanto, você acha que ele não está certo, e o interrompe. Ou então, é ele quem fala primeiro, e no meio da primeira frase você acha que já entendeu tudo, que já sabe onde ele quer chegar e o interrompe. Ou ainda, você não o interrompe, deixa-o falar até o fim, simplesmente não está prestando atenção. Ou também, ele fala, você presta atenção, mas está defendida, procurando ver segundas intenções atrás de cada palavra, pronta para contra-atacar assim que ele se calar. Em todas essas situações, ou em suas variantes, você não está sabendo ouvir — conseqüentemente, não está sabendo dialogar.

Ouvir é fundamental. E você bem sabe disso, quando está falando e quer ser ouvida. Ouvir é receber, e de nada adianta emitir (falar) se não há receptor ligado. É ouvindo que você vai poder se aproximar de um homem, e fazer com que ele se aproxime de você. Ouvindo, você o estimula a falar mais, você pode ajudá-lo a se orientar no labirinto dos sentimentos. Um bom ouvinte, um ouvinte afinado, funciona como ponto de referência fundamental: o outro fala quase como se estivesse falando consigo mesmo, e usa você para manter vivo o contato com a realidade.

Usei a palavra "afinado" e ela me sugere uma boa imagem. Devemos,

no diálogo, agir como os afinadores de piano. Eles tocam uma tecla, ouvem o som atentamente, tocam outra vez, ouvem, apertam, esticam milimetricamente a corda, tornando a tocar para encontrar o som perfeito. Assim a gente. O outro fala, e a gente ouve à procura de um som mais próximo da nossa verdade. A visão que ele tem de nós (e a relação) pode nos ajudar enormemente a nos autoconhecermos. Às vezes, será uma palavra dele que nos levará a "descascar" mais uma camada, ou a chegar mais perto do núcleo. Ou mesmo será uma palavra nossa que o ajudará na mesma direção.

E é importante também ouvir a si própria. Parece uma redundância, mas não é. É claro que você ouve o que está dizendo. Mas eu me refiro a um ouvir mais completo, a um prestar atenção. Porque, muitas vezes, no esforço de transmitir aquilo que você sente, na procura das palavras certas, você formula seu sentimento claramente, mais claramente do que ele vivia em você. E essa formulação pode ser importante no mecanismo de absorção do sentimento — muitas vezes, um sentimento só passa a existir quando tem nome.

E não pense que é preciso você ter quarenta anos para dialogar. O diálogo exige maturidade, sim, mas não maturidade física. É preciso maturidade mental, e esta não tem idade. A maturidade é necessária, basicamente, para não se querer ter razão a qualquer custo. Nada prejudica tanto uma relação como essa disputa infantil pela razão. Basta a mãe perguntar quem foi que quebrou o vaso de flores para que o coro unânime dos filhos responda: "Não fui eu!" Basta haver uma briga entre duas crianças para que ambas digam: Foi ele quem começou primeiro!" E toda criança é dona absoluta da razão.

Da mesma forma, os casais imaturos não dialogam, disputam. Mesmo se a aparência é de diálogo, mesmo se ninguém grita com ninguém, mesmo se parecem muito sensatos, estão na verdade de tocaia, um querendo puxar o pé do outro, um querendo demonstrar que o outro quebrou o vaso de flores, começou primeiro, está errado, enfim, não tem razão.

O casal imaturo não quer chegar às causas, quer consertar os efeitos, não está preocupado com o futuro, está ligado somente no presente. É típica do casal imaturo a preocupação centrada em livrar a própria cara, em vez de cuidar do sucesso da relação. A própria "relação", palavra muito usada também pelo casal imaturo por estar na moda, é para esse mesmo casal uma entidade fantasma, uma coisa abstrata que não entra em

cogitação.

É por isso que o diálogo exige maturidade. A finalidade do diálogo verdadeiro é a busca da harmonia, uma harmonia que não se constitui apenas da satisfação individual. E quem realmente dialoga sabe que os problemas são complexos e que as suas soluções serão a longo prazo. Não pode haver pressa no diálogo. Não se trata de decidir a compra de uma geladeira ou de aproveitar as liquidações do verão, não é um toma-lá-dá-cá. Se, ao término de longas horas de diálogo, se tiver descoberto apenas um detalhe a mais, se tiver acrescentado um mínimo conhecimento, ainda assim terá valido a pena. E mesmo que em nada se avance, mesmo que nada se descubra após falar e falar, também assim terá valido a pena, porque o exercício de falar e abrir-se, o exercício de entregar-se ao outro, apesar dos medos e vencendo as restrições, é sobretudo um exercício de vida.

Falei em medos. E é importante que se diga que a dificuldade maior do diálogo reside justamente aí; no medo. Temos, todos, muito medo do diálogo. Por quê? O que eu faço quando dialogo? Tiro a roupa, na verdade. Lentamente solto o primeiro botão, deixo entrever a carne, e olho eu mesma a minha carne. Não é bonita. Não é aquela carne tostada de sol que exponho fora das mangas, não é a carne lisa e jovem que me orgulho em exhibir. Não. É a carne pálida que o sol não acalenta. Solto o primeiro botão e digo: "Olha, eu sou assim, eu sou cheia de defeitos, eu sou pobre e pequena, porque até hoje não consegui aceitar a carne e os defeitos, embora tentasse; até hoje não consegui tirar a roupa toda e me ver inteira no espelho; até hoje não consegui amar o que de mim mesma escondo". Abro, e olho, e me ofereço ao outro, e tremo de medo de que ele não me queira como sou, de que ele, como eu própria, não aceite os meus defeitos. E é somente o primeiro botão.

Se você fala com o outro, e realmente se abre, você está oferecendo ao outro a sua parte mais sensível, você está chamando atenção para essa parte imensamente delicada e escondida. E você sabe que o outro pode tudo. O medo é natural. Mas lembre sempre: se você se entrega, se entrega sua carne tão desarmada, o outro sabe o quanto de confiança e amor isso contém, sabe-se próximo como ninguém esteve. E também treme. E um medo dividido a dois é um medo que se suporta melhor.

No diálogo de amor, o amor cresce junto com o medo, e no amor busca-se o amparo. A meta proposta é tão mais fascinante do que tudo, que tange e empurra e leva adiante. Propõe-se o encontro. O encontro de cada

um consigo mesmo. E o encontro total entre duas pessoas, que só o conhecimento individual permite. A proposta desse encontro é tão grande, tão luminosa, que assusta. Mas, ainda que trêmula, ainda que assustada, é preciso colocar a mão sobre o primeiro botão e soltá-lo — é preciso procurar as palavras para começar o diálogo. Porque é falando da vida que espantamos a morte.

## SEXO: POUCA GENTE É TÃO LIBERADA QUANTO PENSA

Você anda na rua e vê a moça seminua no enorme cartaz, vendendo amortecedores. Você entra no cinema e acompanha o incansável trabalho da jovem ativista sexual, seminua. Você compra uma revista e lá está Papai Noel descendo pela chaminé, trazendo, com laço para presente, a mocinha seminua. Você vai à festinha, e as conversas giram ao redor de sexo, de como uns e outros, nus e seminus, desenvolvem sua mestria no atletismo sexual. Você ouve falar em sexo, sexo, sexo.

E no fim do dia volta para casa. Sua mãe, que você provavelmente nunca viu seminua, nem mesmo nos retratos familiares de banho de mar, lhe dá sérios conselhos sobre recato e sobriedade. Sua irmã noiva namora no portão, concessão máxima após o pedido. Seu pai, tão bonzinho no dia-a-dia, vira fera somente de pensar que a filha dele, algum dia...

E você no meio. A liberação de um lado, a restrição do outro. O estímulo ao sexo martelando, a restrição ao sexo segurando. Você no meio, dividida, cheia de dúvidas, sofrendo, e se perguntando onde a verdade, onde a razão, onde o bem do espírito, onde a alegria do corpo.

Antes de mais nada, é preciso definir, ou tentar definir, essa palavra que você ouve com tanta frequência e que as pessoas empregam sem nem saber direito o que estão dizendo.

*Liberado*, segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, é o indivíduo: 1. Tornando livre. 2. Desobrigado, dispensado. 3. Que se tornou ou está livre de ônus ou restrições. 4. *Jur.* Que é beneficiário da liberação. 5. *Bras. Jur.* O sentenciado que se acha em livramento condicional.

Seria até supérfluo transcrevermos o verbete por inteiro, mas até as definições jurídicas podem nos ser úteis na tentativa de ampliarmos o leque do nosso entendimento.

Então vejamos: tornado livre. Ou seja, alguém que antes estava preso. Ou ainda, que se tornou ou está livre de ônus ou restrições. Que está desobrigado. Que tinha uma obrigação e não tem mais. Que foi beneficiado com a libertação.

A mulher liberada seria então aquela que tinha preconceitos, tinha restrições, e não tem mais. Está desobrigada em relação aos preconceitos ainda vigentes. Ela está livre.

Mas como é essa liberdade? É restrita ou total? É parcial? E como vive um ser tão liberto em meio às obrigações até de ordem prática que a vida nos impõe?

Ela não é restrita, como tantas pessoas querem fazer crer. Ela não é total, como muitos apregoam. Ela está na medida de cada um, contida pelas limitações individuais, de meio, de nível social, de país, de cidade e até mesmo de bairro. Ela é na verdade tão flutuante e variada, tão sem fronteiras e sem contornos, que é difícil até mesmo dizer é essa, ali está.

A moça cujos pontos de vista em relação a sexo causariam escândalo em algumas cidades grandes brasileiras, seria provavelmente considerada puritana em qualquer aldeia da Suécia. Da mesma forma a jovem puritana nova-iorquina seria tida como avançadíssima em muitos lares de muitas cidades brasileiras.

A toda hora vemos que a moral vigente em bairros tidos como mais avançados, como Ipanema, no Rio de Janeiro, por exemplo, difere bastante da de outros bairros da mesma cidade. O que equivale a dizer que o próprio nível de liberação tende a ser diferente.

A educação familiar e a formação religiosa são outros dois fatores determinantes. A moça de formação religiosa rígida pode considerar-se liberada, embora atendo-se aos preceitos da sua igreja, porque dentro deles age livremente, sem culpas, enquanto fora deles o mundo lhe parece inconcebível. Já outra moça, com a mesma formação, ao entrar em conflito com sua fé, pode necessitar de horizontes maiores, de rupturas mais radicais com tudo aquilo que lhe foi ensinado.

A liberação na verdade tem tantas e tais nuances, que ao ouvirmos alguém dizer: fulana é uma mulher liberada, devemos, antes de mais nada, desconfiar. Não da pessoa em questão, da "mulher liberada", mas de quem lhe está pondo esse rótulo. Porque os rótulos são fáceis de pôr, mas correm



freqüentemente o risco de ser levianos.

"Fulana é boa de cama." Quem já se grilou com essa frase? E, afinal, o que seria de tão especial essa mulher "boa de cama"?

Todas nós quisemos, ardentemente, ser boas de cama. O difícil era saber exatamente de que se tratava. Seria aquela generosa, que fornecia com alguma facilidade e que, a cada nova experiência, adquiria mais sabedoria, mais elasticidade? Seria a boa profissional, a toda peitos e nádegas, de andar rebolante? Ninguém nunca soube exatamente nos explicar os motivos.

E eis que quando começávamos a ter alguns vislumbres, a "boa de cama" confundiu-se com a "liberada". O que seria realmente uma liberada? Aquela que não tem preconceitos? E não ter preconceitos significa amar a melhor amiga? Significa sexo grupal? Significa troca de casais?

Dito, tudo parece muito normal. Qualquer conversa um pouco mais íntima — e às vezes nem tão íntima — se transforma logo em relato de maratonas sexuais. Todos parecem aceitar tudo. E qualquer expressão de espanto é logo acompanhada por expressões do tipo "você é muito careta", ou "sem essa".

E você se sente "careta" diante do grupo, se sente fora da roda, fora do brinquedo, fora do seu tempo.

Tudo leva você a crer na liberação alheia. Mas as dúvidas, as ansiedades que você sente a respeito de tantas coisas, de tantos comportamentos sexuais garantem a você que não, você ainda não é tão liberada quanto os outros.

No entanto, você talvez seja bem mais liberada do que pensa. Seu erro maior é tentar medir sua própria liberação em relação aos outros, ou, pior ainda, em relação àquilo que, dos outros, lhe é apresentado.

Se você acreditar que todas as outras mulheres da sua idade estão tão adiantadas quanto mostra o cinema, ou que todas as mocinhas de família posam nuas para as revistas; se você acreditar nas conversas em que cada uma se gaba de orgasmos e relações mais surpreendentes do que a outra; se você acreditar nas mirabolantes histórias de sedução e desvario contadas pelos homens; se você acreditar no que lhe é servido, sem procurar ver a autenticidade da receita, então sim, você corre sério risco de se considerar atrasada, preconceituosa.

Mas, se você tentar tomar a si mesma como medida, é capaz de descobrir que tem dado bons passos ultimamente em direção à sua própria liberação.

Você pode descobrir que, embora não esteja praticando o sexo passageiro, o sexo-carona-só-por-uma-noite, você já consegue enfrentar aproximações sexuais sem aquele mal-estar antigo, sem aquela sensação de culpa. Isso é uma liberação, e das mais importantes.

E mesmo que o seu grau de liberação ainda não inclua o ato sexual, mesmo que você seja virgem, o simples fato de pensar que um dia deixará de sê-lo, sem que para isso seja indispensável o casamento, pode representar uma liberação.

O importante é que ela seja real, que seja de dentro para fora. Isso, e só isso, permite que cada novo passo para a frente seja dado com segurança, sem dor e sem retrocesso.

Se um trabalho interno longo e profundo liberta você de um preconceito ao qual estava presa desde a infância, não haverá necessidade de rupturas dolorosas, você não precisará se impor o gesto, ele será espontâneo, será mesmo um resultado, não uma imposição. E o que é espontâneo não dói.

Se você acha que está "para trás", que está quase marginalizada num mundo onde a liberação sexual faz a alegria das multidões, console-se, não está tão sozinha. O clima quase orgiástico que parece dominar alegremente a civilização ocidental tem muito de encenação, e deve seu aparente sucesso sobretudo aos veículos de comunicação de massa, ao mercado de consumo e à insegurança quase generalizada de espectadores, leitores, consumidores.

Atualmente desgastada, a violência como tema de venda, e até mesmo proibida por certos anunciantes que se recusam a vincular a publicidade de seus produtos com tiros e sangue, a televisão americana decidiu apelar para o sexo.

A cadeia de TV americana ABC espera este mês obter os maiores índices de audiência com seu novo seriado *Soap*. *Soap*, como Mary Hartman, por exemplo, pretende focalizar, em tom de farsa, a vida típica média americana. Conta-se o dia-a-dia de duas irmãs de meia-idade. Mary,

cujo marido é impotente, e cujo filho preferia ser sua filha (no decorrer dos capítulos, o rapaz deveria se submeter, ou sonha em se submeter a uma operação para poder casar com um jogador de futebol). E a irmã Jéssica, que padece de marido indiferente (embora bonita, ele não a olha ou toca desde que ela tinha trinta anos) e se consola aprendendo tênis horizontal com seu professor. A filha Corinna não volta mais para casa à noite. O vovô pensa que é o General Patton.

A ABC a considera "uma sofisticada farsa para adultos". A outra grande cadeia, NBC, disse através de um de seus executivos: "É pornografia infantil". E um programador da CBS afirmou: "Se der certo, vamos ter todos um *Soap* dentro de cinco meses".

Tudo muito liberadinho. Liberados os que produzem e os que consomem, os que representam e os que, quietinhos nas suas casas, acompanharão as peripécias sexuais de *Soap*.

No entanto, o quadro traçado pelo Relatório Hite parece quase oposto a esse. Shere Hite, de trinta e três anos, aluna de um curso de doutoramento em história da Universidade de Columbia, entrevistou três mil mulheres através de um questionário por ela elaborado. A maioria declarou atingir o orgasmo somente através de masturbação. A maioria declarou-se inibida para pedir ao parceiro estimulação clitoral. A maioria declarou-se vítima de sensações de culpa. E quase sem exceção as entrevistas elegeram o sexo oral como a prática sexual mais embaraçosa.

Muitas das respostas fornecidas ao questionário de Shere Hite demonstram que as conquistas resultantes da chamada "revolução sexual dos anos 60" não foram suficientes ainda para acabar com as inibições sexuais. E, o que é mais grave, várias das mulheres interrogadas disseram que essas novas permissividades apenas exercem pressão sobre elas, obrigando-as a procurar mais sexo, de forma compulsória.

A pesquisa, que abrangeu mulheres de catorze a setenta e três anos de idade, incluiu secretárias, professoras, donas-de-casa e estudantes, numa amostragem que, se não representa todas as mulheres norte-americanas, é muito significativa. Como é significativo o comentário de Mary Calderone, presidente do Conselho de Informação e Educação Sexual dos Estados Unidos: "As mulheres que lêem o livro se gratificam, porque percebem que muitas outras têm seus mesmos problemas".

Problemas de "medo, ignorância e vergonha diante do sexo", como mostra o relatório. Problemas bem diferentes da apregoada liberação.

Apesar da grande discrepância entre o que se apregoa e o que se realiza, não podemos negar o avanço destas últimas em direção à liberação sexual.

As modificações foram realmente profundas. Aqueles que no passado eram eventualmente comportamentos secretos passaram à luz do dia. Se, na verdade, pouca coisa foi "inventada", muita coisa passou a ser permitida, levando a pequenos e grandes progressos.

Em 1975, o sociólogo americano Robert Levin publicou uma pesquisa sobre a jovem mulher americana, branca, casada e de classe média, resultante das opiniões de cem mil mulheres. Delas, noventa por cento declararam ter experimentado o sexo antes do casamento. Quase um terço havia tido relações extramaritais, e outro terço confessou que tinha esperanças de fazê-lo um dia. E, sobretudo, noventa por cento declararam-se aptas ao orgasmo.

Se considerarmos que de acordo com o famoso e comentadíssimo Relatório Kinsey, divulgado em 1953, apenas vinte por cento das mulheres desfrutavam do privilégio do orgasmo, veremos que um avanço houve, e grande.

Ainda em 1975, a sexóloga americana Helen Singer Kaplan declarava em entrevista à revista *Veja*: "No campo da sexualidade, a revolução sexual não é outra senão a separação dos conceitos de sexo e pecado, antes indissoluvelmente ligados. E, na medida em que a idéia de sexualidade tem sido divorciada da idéia de culpa, o efeito tem sido fazer as pessoas mais felizes, mais, abertas, mais capazes de amar livremente. Nossos filhos serão ainda muito mais felizes do que nós".

As pessoas eram então mais felizes do que vinte anos antes, havia uma realidade além da grande fachada da liberalização. Mas a revolução tinha dois lados, e Helen Kaplan viu-lhe o outro gume.

"Por outro lado", dizia ela, "há também os efeitos negativos. O principal é, talvez, que muita gente está virando obsessiva com a questão sexual. Se leram em algum lugar que deveriam ter três orgasmos por semana e só têm um, logo passam a acreditar que há algo errado. A sexualidade está se convertendo até em símbolo de status — ter uma vida

sexual superativa é como ter um Cadillac. Como em todas as coisas boas, a nova liberdade pode ser mal usada. De um extremo chega-se a outro; depois de se manter o sexo na escuridão, passou-se a dar-lhe ênfase exagerada."

Não há pressa, nem pode haver, para a liberação. De nada adianta a ansiedade de quem vai perder o bonde. Se você perder um orgasmo múltiplo hoje, terá vários amanhã, ou depois, ou quando for chegado o momento. Mas se você perseguir o orgasmo múltiplo antes da hora, você não terá nem aquele único que antes lhe parecia tão satisfatório.

O que você precisa é conhecer e aceitar os seus limites. Se a sua família é muito puritana e o seu grupo de amigos lhe parece muito devasso, não adianta ter raiva de uns e vergonha de outros. Melhor é tentar entender por que você escolheu amigos tão diferentes das pessoas a que estava acostumada. E ver, ao mesmo tempo, quanto há de verdade na permissividade que eles apregoam, quanto há de felicidade e satisfação por trás do seu comportamento.

Estar livre, romper com os preconceitos, acabar com o complexo de culpa e apresentar-se aberta para o amor e para o sexo. Isto é sinônimo de plenitude, de felicidade.

No entanto, se você prestar atenção, verá que a maioria das pessoas que se diz liberada e que alardeia um comportamento absolutamente livre não é tão feliz quanto deveria. Não é, sobretudo, serena.

Por que esse contra-senso? Lá no início, quando transcrevi o verbete de Aurélio Buarque, disse que até as definições jurídicas poderiam nos ser úteis. E está escrito que liberado é também "o sentenciado que se acha em livramento condicional". É exatamente essa sensação que tenho diante de certas pessoas "liberadas". A sua liberação é condicional, passageira, e elas podem a qualquer momento voltar à antiga prisão. São os liberados de fora para dentro.

Quando a pressão social é muito forte, quando o desejo de integrar-se ao grupo domina todos os outros, o mimetismo ocorre de forma quase inconsciente. E nesse momento em que a palavra de ordem é liberação, muitos se liberam apenas para não serem deixados para trás.

Não é difícil aceitar qualquer tipo de comportamento quando o grupo o está aceitando. Se o grupo diz que é certo e bom ser sexualmente mais livre, a liberdade imediata parece até mais fácil do que se esperava. Se o

grupo cultua certo tipo de aberração sexual, a aberração deixa de sê-lo e torna-se a prática, o normal. A curto prazo tudo pode funcionar maravilhosamente.

A curto prazo, antes que se estabeleçam os conflitos internos, conflitos muitas vezes inconscientes e, como tais, mais difíceis de dominar. Você pode vencer um preconceito e atuar em oposição a ele. O gesto é possível. Mas se o preconceito continua existindo lá no fundo, se não foi lentamente diluído, mais cedo ou mais tarde ele entrará em choque com seu comportamento. E você sofrerá.

Qualquer um pode dar-se a liberdade. Mas, se não há liberdade interna, chegará a hora da volta à prisão.

Desconfie, portanto, dos liberados sem felicidade. Dos liberados agitados, tensos, nervosos, sempre em busca de novas afirmações libertatórias. A liberação verdadeira é equilíbrio, é serenidade, e transmite sua paz facilmente.

A sociedade de consumo está se hipererotizando. A moça seminua que vende amortecedores liga a imagem de molejo mecânico ao do molejo sexual; está erotizando a máquina. A jovem seminua trazida com laço e tudo por Papai Noel liga a idéia de presente à idéia de dar-se; está erotizando a compra natalina. E assim por diante. Sexo, dinheiro, carros, poder, potência, posse, tudo se confunde. E você é martelada, junto com cada mensagem destinada a fazê-la comprar mais e mais, com precisas mensagens eróticas.

Do outro lado, porém, fica a realidade do seu dia-a-dia, a sua família muitas vezes conservadora, as pessoas do seu bairro, da sua vizinhança.

O normal é que você se sinta dividida. Uma divisão cuja tendência é em direção ao avanço, à renovação.

Avance então, vá em frente. Ser livre é voar, mas lembre-se de que também os pássaros demoram para fortalecer as asas.

## AMIGA

Estou ótima. Me olho no espelho, experimento um novo penteado, me acho até bonita, abro um sorriso e vou em frente. Mas à noite minha amiga telefona, diz que andou se olhando no espelho, que pequenas rugas se formam junto aos olhos, que está pensando talvez no ano que vem seja hora de esticar tais rugas, meu Deus, ela não está nada a fim de envelhecer, ela não vai deixar a cara dela virar um caco, ela está muito preocupada.

Desligado o telefone, lá vou eu correndo para o espelho, olhar meus olhos. Então é verdade, vai ver que esse encrespado de expressão não é expressão coisa nenhuma, é começo de velhice mesmo, vai ver que eu também, meu Deus. E não estou nada a fim.

Eu que estava tão ótima já não estou tanto. O que foi que aconteceu? Envelheci cinco anos em meia hora? Criei rugas que não tinha? Nada disso. Simplesmente, mais uma vez me vi através da minha melhor amiga, me olhei com seus olhos. E nessa identificação que nos tornou inseparáveis ao longo de tantos anos, eu fui ela por alguns momentos, e foi meu o seu problema.

Quantas vezes isso já aconteceu? Impossível lembrar. Mas as alegrias todas que vivemos juntas, as emoções, as descobertas, são tão enraizadas no meu passado que não sei mais onde a influência dela começa ou acaba. Nem poderia apontar agora, à distância, um momento em que ela e outra maravilhosa amiga que tenho me foram indispensáveis. Isso porque elas são sempre indispensáveis, mesmo quando distantes, espelhos do meu eu, fragmentadas partes com quem elaboro a dinâmica do todo, e que me ajudam na procura de um todo melhor.

*Espelho, espelho meu,  
diga-me por favor: quem sou eu?*

A criança não se sabe. A adolescente não se sabe. Durante muito

tempo a gente não se sabe, e acredito mesmo que alguns não se saibam nunca. A procura de nós mesmos é na verdade uma das vigas mestras da angústia existencial, a mola que nos impulsiona em grande parte dos nossos atos.

É nessa procura que a amiga tem um papel fundamental.

Está agora passando uma temporada na minha casa uma sobrinha, da mesma idade da minha filha mais velha, criada com ela ou perto dela desde o nascimento. Têm apenas doze anos, mas eu as observo. Roupas iguais, penteados iguais, mesmas gírias, idênticos interesses. Se uma vai sair de calça branca, a outra tira os jeans que vestia, vai desencavar uma calça branca no secador, se atrasa, mas sai gloriosamente gêmea. Impensável que uma vá à discoteca de saia e a outra de calças. E cochicham pelos cantos, cheias de segredos. E falam ao telefone de parceria, uma de cada extensão. Eu olho para elas. São duas? São uma? Propositadamente se confundem, trocam roupas entre si. E a meio caminho entre infância e adolescência, sem saberem ainda onde se situar, uma se procura na outra, uma olha para a outra, tentando ver sua própria imagem.

Eu tinha alguns anos mais do que elas quando conheci minha amiga, a tal que chamou a atenção para as rugas dos cantos dos olhos. Ela namorava com meu irmão, namoro que durou cinco anos, e por isso nunca trocamos namorados. Mas acho que nessa primeira fase a permuta de identidades é tão intensa que freqüentemente o ex-namorado de uma passa a ser namorado da outra, sem que isso envolva qualquer animosidade. Assim como se intercambiaram blusas e livros, se intercambia também o namorado, para vê-lo melhor à distância e de braço com o desdobramento de si mesma, para ter mais um vínculo com a amiga, para ter juntas um conhecimento comum que ajude a desvendar os primeiros mistérios do amor.

Nem sempre a amiga fiel da adolescência continua sendo a melhor amiga da juventude. Às vezes, por problemas externos — troca de colégio ou de bairro —, às vezes por progressivos desentendimentos, a amizade se dilui, se desfaz, e outra amiga vem tomar o lugar da primeira. Mas as amizades que duram e se mantêm apesar das modificações da vida e da personalidade de cada um costumam ter uma força que supera qualquer desentendimento.

Todos os dias, quando levanto o telefone entre dez e onze horas da manhã, ingresso no universo falsamente exclusivo de uma linha cruzada.



São duas amigas que conversam, pontuais e cronométricas como um relógio suíço, e, embora não me interesse, sou forçada às vezes a ouvir trechos da conversa. É o relato minucioso e completo de dias que não oferecem quase nada para relatar. Uma conta à outra, nas mínimas nuances, o que o marido disse quando chegou do trabalho, e como roncou no sofá depois do jantar, e a outra conta à uma a conversa que teve com a vizinha sobre o preço do peixe na feira, e como a vizinha reagiu.

Não são, aparentemente, fatos importantes. Mas são o universo diário dessas duas pessoas. E a sofreguidão com que elas conversam durante uma hora, bordando e tecendo sobre o quase nada, me faz crer que é através do relato ao telefone que essas coisas ganham consistência, ampliando-se até ocupar o espaço de suas vidas.

Ou seja, é falando da coisa, transformando a coisa em palavras, procurando dentro de si a palavra mais adequada para descrever a coisa, que a coisa se materializa. A amiga-confidente é o receptor que torna essa dinâmica possível.

A amiga ouve. Não importa se a gente está voltando ao assunto pela quarta vez, se ela já sabe o que aconteceu. Ela ouve com a mesma ansiedade com que a gente está contando, porque seu conhecimento da vida da gente é tão profundo que ela participa emocionalmente.

A grande mecânica das confidências começa cedo, logo ao se sair da primeira infância. A amizade então funciona como cabeça-de-ponte para o contato com o mundo.

Eu, que durante essa fase tive como melhor amigo e confidente meu irmão, aprendi assim meus primeiros conceitos sobre sexo, gravidez, menstruação. Ele trazia o que tinha sabido na escola, entre os meninos, segredos viris. Eu trazia o que as meninas da escola tinham-me entregue, segredos feminis. E juntos, costurando esses retalhos de conhecimento, fomos tentando chegar até a verdade.

A amiga funciona também como o ouvido não-repressor. A gente poderia, na adolescência, contar o segredo à mãe. Mas a mãe é a lei, mãe se assusta, se escandaliza, esperneia, dá castigo, conta para o pai. A mãe é na verdade o pior terreno para plantar confidências.

A amiga não. Ela ouve e entende. Por ser igual, por ter segredos semelhantes a contar, ela não julga, acompanha. Então podemos contar tudo serenamente para a amiga, e ter certeza de que, se ela disser "não faça isso", não estará agindo em defesa de um ponto de vista de antiga moral, mas

estará vendo um perigo que escapa a nossos próprios olhos.

Essa é outra coisa que torna a amiga tão útil. Ela, ao contrário de nós mesmas, consegue estar dentro e fora do problema. Dentro, por identificação conosco, e fora, porque, em definitivo, o problema não é dela. Isso lhe permite uma visão mais distanciada, mais objetiva, capaz de distinguir aquilo que para nós é invisível. Um fato, então, é "trabalhado" da seguinte maneira: a gente o elabora verbalmente para poder entregá-lo à amiga; a amiga o elabora novamente para entendê-lo e o devolve acrescido de comentários; a gente o elabora através dos comentários da amiga e tenta montá-lo por outro prisma. O fato, "mastigado" três vezes, tem, sem dúvida, maiores possibilidades de assimilação.

É nesse intercambiar de confidências que a vergonha se desfaz. Não há vergonha da amiga. Os segredos íntimos que ela nos entrega a fazem tão frágil e vulnerável quanto nós, em nossos íntimos segredos. E quanto mais fundo penetramos na amizade, tanto mais ampliamos a abertura da relação.

Nem a amiga entende mal. Se eu, num momento de irritação, fizer a ela queixas do meu marido, não corro o risco de ela entender que meu marido é mau e que eu não o amo, mas ao contrário, ela entenderá perfeitamente que eu o amo muito, que o ódio faz parte do amor, e que só com ela (e ele) posso externar esse ódio conservando o amor.

Nas amizades mais longas, o entendimento é tanto que chega-se por meias palavras lá onde os outros não chegariam nem com muitas palavras inteiras.

Ninguém melhor do que a amiga fiel para sentar-se no outro canto do ringue e cruzar luvas conosco. Ninguém melhor para competir.

O jogo da competição entre amigas funciona mais ou menos assim: eu admiro; eu quero ser como ela; eu quero ser melhor que ela.

O mercado de consumo já descobriu esse jogo e, sobretudo nos Estados Unidos, ele é amplamente explorado pela publicidade. Por que não ser tão loura quanto a sua amiga? Você não pode deixar de ter o carro que sua amiga já está pensando em comprar. Enfim, seja melhor que sua amiga, gastando mais.

Mas uma parte muito grande, talvez a maior da competição, se coloca no plano das vitórias pessoais, na conquista dos outros. As amigas disputam a liderança dentro do grupo. Embora idênticas (ou se sentindo como tais), cada uma quer ser mais amada que a outra. E é na disputa de amigos periféricos que podem surgir os famosos mal-entendidos.

Pode, e acontece freqüentemente, surgir uma terceira mulher, candidata a melhor amiga de uma das duas do "par". Estabelece-se então um jogo de intrigas em que a nova chegada tenta derrubar a outra para tomar-lhe a amiga. É o momento dos disse-me-disse, dos recados malévolos, das frasezinhas venenosas. Um momento com o qual convém tomar cuidado.

Lá pelos meus vinte e dois anos, minha amiga subitamente me "trocou" por outra. Passaram a andar sempre juntas, comprar roupa igual, juntas inclusive nos cochichos às minhas costas e à minha custa. Eu me senti um total trapo, jogada fora, rejeitada. Mas quando a vida deu um torniquete nela e precisou de uma amizade mais sólida para se apoiar, esquecemos os cochichos e a ordem antiga foi restabelecida. Passamos da fase do disse-me-disse, e aprendemos, ambas, que uma amizade não precisa ser exclusiva para ser a mais forte.

A competição, portanto, é necessária e normal numa relação de amizade. Mas é preciso, evidentemente, prestar atenção na sua intensidade. Se são freqüentes as agressões, ainda que veladas e sorridentes, se são intensos demais os ciúmes, se as amizades laterais são prejudicadas, então é bom rever, porque uma boa amizade não implica uma relação sadomasoquista, num dar e apanhar constante, numa eterna luta de esgrima.

E convém também desconfiar do contrário. Se não há competição entre você e sua amiga, cuidado. Uma das duas está no ritmo errado. Ou uma delas se acha tranqüilamente superior e não compete porque já ganhou, ou se acha tão inferior que nem se esforça por lutar. Nos dois casos a amizade tem que ser revista, para que não fique uma amiga a reboque da outra.

Rival, a amiga é, porém, acima de tudo, a maior aliada. Na adolescência, é ela nossa parceira em oposição aos adultos. É ela o álibi para as primeiras pequenas fugas. "Mãe, vou à casa de fulana", e "fulana" é avisada com antecedência de que, se mamãe perguntar, a gente esteve em casa dela a tarde toda.

Aliada também, escudeiro indispensável nos enredos amorosos. Ela leva recados, ela traz mensagens, ela entabula as conversações de paz, ela se encarrega de aproximações. Depois da briga, quem é que o namorado da gente procura imediatamente? Ela. E a quem ela vai logo contar tudo, tudo

o que ele contou de modo tão confidencial?

Parceira, podemos entregar a ela, tranqüilamente, as nossas inseguranças.

Se a gente quer ir a uma festa e não sabe como se vestir, se a gente quer dar uma festa e não sabe quem convidar, se a gente quer dar um fora num sujeito e não sabe como fazer, a quem recorrer? A ela, que nos conhecendo perfeitamente, é capaz de nos aconselhar exatamente aquilo que a gente faria depois de muitas hesitações, se não tivesse uma melhor amiga com quem se aconselhar.

Vida afora, tenho recorrido muito às minhas amigas. Sou uma mulher bastante segura, sei o que quero. Mas, embora chegando sempre onde queria, me faz bem enfraquecer-me um pouco, deixar-me "precisar" delas. Na verdade, sei de sobra que roupa usar, e em que lugares. Mas gosto de vez em quando de telefonar e dizer: "Me socorre. Tenho um jantar assim-assim para ir, você acha que aquela minha roupa assim-assada está bem ou devo ir com aquela outra?" No fundo, o que eu quero com esse tipo de telefonema quase bobo não é exatamente perguntar o tipo da roupa, e sim reforçar um vínculo, provar para mim mesma que ela está ali, ao alcance da minha voz e da minha saudade, que ela me sabe tão bem a ponto de conhecer todo o meu guarda-roupa e de dizer, mesmo sem vê-la, qual roupa me vai melhor. E quero dizer a ela, eu que sou ocupada e nunca telefono sem um motivo prático, que também continuo ali, à disposição dela, à disposição de que ela me queira bem.

Posso passar até mais de um mês sem ver a amiga que mora na mesma cidade. E passam-se às vezes semanas sem que a gente se fale sequer pelo telefone. Mas esses pequenos intercâmbios vão mantendo a amizade aquecida e reforçando a certeza de que, na hora do problema maior, haverá sempre uma grande aliada com quem contar.

Falamos até agora de grandes amizades. Não creio que alguém possa ter muitas grandes amigas na sua vida. Duas ou três me parecem o máximo possível, e o mais comum é que nem se chega a tanto.

Uma grande amizade não é fácil, mas é muito bonita. É preciso querê-la, cultivá-la, ter a dedicação necessária para superar os momentos de crise, porque as crises existem como em qualquer relação profunda. "Os outros", as amizades melhores e paralelas, sentem-se às vezes ameaçados pela aliança entre duas pessoas do mesmo sexo, e reagem. Piadas, gracinhas de pouca graça sobre a melhor amiga que rouba maridos são constantes no

humor do mundo inteiro.

Na época em que, ainda solteira, conheci e me aproximei daquela que seria a segunda grande amizade da minha vida, algumas amigas dela, enciumadas por direito de antiguidade, começaram a adverti-la, a mostrar-lhe o quanto ela era louca de andar comigo que, jovem e solteira, certamente lhe roubaria o marido. Foi uma pequena campanha quase generalizada, que nos advertiu muito, a mim, a ela e ao marido, mas que poderia, como aliás era sua finalidade, ter estragado uma bela relação.

Coisas assim são comuns. Dois se ligam, e os que ficam de fora, sentindo-se em segundo plano, reagem.

Mas é forçoso reconhecer que existe um fundo de verdade. Casos de maridos que acabam com a melhor amiga são freqüentes (não mais, porém, do que casos de mulheres amantes do melhor amigo do marido). Freqüentes e explicáveis. A identificação, de que já falamos, e a proximidade são algumas das causas. Por outro lado, é comum a esposa estar insatisfeita com o marido, o casamento estar ruim, e a melhor amiga, evidentemente, participar disso. Se, no desfazer-se do casamento, a amiga ficar com o marido, é certo que todos a verão como uma destruidora de lares, podendo em alguns casos a própria mulher esquecer suas queixas anteriores contra o marido e aderir ao coro geral.

Eu pessoalmente acho que, quando o casamento é bom e está bem, quando duas pessoas se amam e vivem felizes juntas, ninguém tomará ninguém de ninguém. Só se toma o que está em disponibilidade.

Uma grande amizade, porém, é coisa de grande beleza. E se, às vezes, pensamos ter-nos decepcionado, se, às vezes, aquela que considerávamos uma grande amiga se revela bem menor do que nossas expectativas, não culpemos a amizade, e sim o nosso falho discernimento. Fique-nos a certeza de que, com o amadurecimento e com o tempo, a seleção se torna mais fácil, e poderemos saber então, com segurança quem vira conosco até o fim.

## AMAR SEM SER AMADA

No cinema, a paixão de Adèle H., filha do escritor Victor Hugo, deu um filme lindo. Na vida real, levou-a à loucura. Adèle amava um homem que não a amava, e atrás dele viajou durante anos e anos, sempre certa de poder um dia conquistá-lo, e sempre por ele recusada. Adèle nunca desistiu.

O filme de Adèle H. tocou profundamente centenas, milhares de mulheres no mundo inteiro. O caso delas não era tão extremo, elas não pretendiam enlouquecer, nem iam fazê-lo. Mas elas também, como Adèle, viviam uma paixão mal retribuída, e choraram no cinema a dor de amar sem ser amada.

O problema, na verdade, não é romântico. A gente chora, se torce, se desespera. A gente sofre. E não há nada romântico no sofrimento. Mas por razões às quais poderíamos chegar através de complicadas análises sociológicas, o romantismo fez do sofrimento de amor o seu cavalo de batalha. Antigamente os amantes não correspondidos se consumiam de paixão até a morte. Ela acabava vitimada pela tísica, nos braços do amor enfim conquistado. Ele morria em longínquas batalhas sem saber que a amada lhe dedicava enfim seus pensamentos. Vencido o vírus da tuberculose e modernizadas as guerras, os amantes desistiram do fim trágico e tornaram-se personagens de novela. Basta ligar a televisão em qualquer horário novelesco, para encontrá-los. Ele a adora, mas uma carta anônima o faz pensar que ela ama outro. Ela o ama, mas um mal-entendido habilmente engendrado a faz crer que ele prefere outra. E de desencontro em desencontro chegam até o último capítulo, e ao fim, invariavelmente feliz, coroamento de um amor "bem merecido", que "tudo vence".

Isso, na novela, no romance, no filme. Não na vida real. Na vida real o final também chega, mas costuma ser outro. Cansado de tanto sofrer, desgastado, amargurado, o amante desprezado afinal desiste, ou é finalmente desistido, para descobrir adiante, quase surpreso, que a vida não acaba e que uma outra felicidade é possível.

Por que então, se a felicidade pode estar à nossa espera, não abandonamos aquele alguém que não nos quer, que se recusa a nos dar amor, que, em última análise, só nos faz mal?

Se as três mulheres adiante tivessem estado na platéia assistindo ao filme de Adèle H. teriam chorado abundantemente. As três amam muito, e sofrem por serem muito pouco amadas. Mas cada uma tem a sua história, e é através dela que vamos tentar entender, ou pelo menos conhecer mais de perto, o seu problema.

*A história de Maria L.* — Ela ama um homem desquitado. Não ama à distância, anonimamente, não, eles se namoram, têm uma relação. Ele é tudo o que ela sempre sonhou. Pelo menos, é o que ela diz, e provavelmente o que pensa. Não é exatamente bonito, que de beleza ela nunca fez questão, mas é charmoso demais. E é boa companhia. Nunca antes ela se sentiu tão bem com ninguém. Gostam dos mesmos programas, se entendem nas conversas, se entendem na cama, se entendem nas pequenas coisas e nas grandes. Enfim, são "feitos um para o outro". Disso, ela não tem dúvida. Mas há um problema. Em meio a este aparente mar de felicidade e entrosamento total, ele, com regularidade estonteante, aparece um dia de cara mudada, expressão de tristeza, e diz a ela que está tudo errado, que não é nada disso que ele quer, que já teve uma experiência matrimonial antes e que não quer ter outra, que está tudo acabado. De nada adianta ela dizer que não se importa com casamento, que podem continuar assim, juntos apenas, felizes. Ele responde que não está feliz de modo algum, que tem pensado muito nisso, e que prefere acabar, viver a vida mais levemente, sem uma ligação firme. Isso para não falar na ex-mulher, que o tem atormentado demais por causa dessa relação, que telefona e ameaça e chora.

Neste ponto, embora arrastando-se por mais algum tempo, a conversa chega invariavelmente a um nó que ela não consegue desmanchar por mais que se esforce. E termina melancolicamente, com um encerramento "definitivo", deixando-a só, na porta de casa, aos prantos.

E aos prantos fica nossa doce Maria L. por uma, duas, até três semanas. E justamente quando as lágrimas começam quase a secar e ela está dando o primeiro avanço na luta para esquecê-lo, ele telefona. Meu Deus, como sentiu a falta dela, como sofreu, como a ama. Bem que tentou, mas não consegue viver sem ela. E precisa, precisa vê-la, agora, logo, sem

demora. Resiste Maria L.? Nem pensa em resistir. Basta ouvir a voz dele para que o sangue batendo cante na sua cabeça: "Ele voltou! Ele voltou". E lá vai ela começar tudo de novo, certa (mas até onde?) de que desta vez vai dar certo. Isso, há dois anos.

*A história de Maria T.* — Ela ama um homem casado. Ele é bem mais velho do que ela, bem mais experiente, bem mais plantado na vida. A vida dela mudou depois que o conheceu. Antes só tinha namorado rapazes jovens, quase da idade dela, sem "nada na cabeça". Antes só tinha tido namoros sem importância. Até que ele apareceu. E ela descobriu o que é um homem. Ele é seu conselheiro, seu amigo, seu esplêndido amante. E ele a entende, como nenhum antes. Jamais, ela diz, encontraria outro tão perfeitamente talhado para ela.

Mas há um problema. No início ele disse que ia se desquitando, que ela era a aurora da vida dele, que ele estava redescobrando o amor e que não ia abrir mão de coisa tão preciosa. Não se desquitou.

Durante um tempo não se falou no assunto, ela não querendo pressionar, parecer que estava exigindo. Depois ele começou a falar nos filhos, que eram pequenos, que sofreriam, que ele não tinha coragem de os deixar. Passou mais algum tempo. Os filhos cresceram. Aí ele começou a falar da mulher, que não amava, é claro, mas que era uma ótima pessoa, uma ótima mãe, que tinha dado a vida toda para ele e para as crianças, que ele não podia magoar. E continuou não se desquitando.

Porém, diz ele, ama Maria T. acima de tudo. Telefona todo dia, do escritório, até de casa, quando a mulher não está. Aparece quando pode. Para isso tem a chave do apartamento de Maria T., que deixou a casa dos pais e mora sozinha desde que o conheceu. Nos fins de semana não aparece nunca. Nos feriados também não. Nas férias tem mais liberdade, mas nunca dormiu até de manhã na casa de Maria T., para "não dar o que falar". Não vai com Maria T. a lugares onde tenha muita gente, a inaugurações, a estréias de teatro. Se escondem na medida do possível. Ela não conhece os amigos dele.

Não conhece os filhos. Viu a mulher de longe algumas vezes. Isso, há cinco anos.

*A história de Maria F.* — Ela ama um homem solteiro. Lindo. Ele tem dinheiro de família, e mais muito que ganha. Ele tem um sorriso encantador. E tem também um jeito de falar, e um olhar, e um modo de beijar, e um balanço no andar, e um talento para o amor, e coisas para falar.



Ele é absolutamente irresistível. Para ela, que o ama "loucamente".

Mas há um problema. Ele parece ser irresistível para outras também, muitas outras. E esmera-se no exercício da sua sedução. Vive tendo casos, romances, até mesmo rápidos esbarrões sexuais. Sua vida é um harém. Ela não sabe de todas, nem quer saber, mas sabe de muitas e isso já é mais do que suficiente para fazê-la sofrer. A cada nova descoberta, a cada novo caso que alguém lhe conta, ou que ele mesmo deixa escapar, são brigas, cenas, prantos.

Ele jura que não acontecerá mais. E ao mesmo tempo diz que ela tem que entender, que é feito uma doença, que ele quer ser fiel, mas não o consegue. Diz que nada disso tem importância, que as mulheres todas que ele seduz, ou que o seduzem, não têm valor nenhum para ele, servem apenas para afirmar sua virilidade. Diz que gostar mesmo, só gosta dela, que na verdade ela é a única mulher da vida dele, porque ela é a única que conta.

Durante alguns dias depois dessa conversa, já repetida infinitas vezes, ele se mostra mais sedutor do que nunca, trazendo flores, presentinhos, surpresas. E ela se deixa envolver e já quase sorri da "bobagem" que passou. Até o próximo caso.

De casamento ele não quer saber (e bem que ela, coitada, queria, iludindo-se que depois de casado talvez...). Não diz frontalmente, mas dribla, e vai adiando, adiando.

São três histórias diferentes. São três histórias muito iguais. Se, como ao limparmos um peixe, tirarmos o supérfluo, veremos que há uma idêntica espinha dorsal, um mesmo arcabouço ao redor do qual a história se arma. E é no arcabouço que podemos começar a entender o problema.

Aparentemente nossas três Marias são amadas, e, no dizer dos seus respectivos homens, são até amadíssimas. Mas só aparentemente. Na realidade, naquela realidade profunda de cada uma, recebem muito pouco. Vivem em estado de carência, de insegurança, de desânimo. Sentem-se vítimas de uma situação da qual não conseguem sair. Sentem-se feridas no amor. Queixam-se com os amigos. Então, por que não desistem desses homens, e saem em frente na vida?

A essa pergunta, que elas próprias se fazem sem parar, dão várias respostas. Não percebem que suas razões têm dois lados e que, enquanto se satisfazem com a fachada aparente, ignoram o conteúdo, que as poderia levar a algum entendimento.

As respostas-fachada que se dão são essas:

1. *Esperança no futuro*. As três acham, ou querem achar, que a solução virá com o tempo, com o amadurecimento da relação (fingem não perceber que a relação já está mais do que madura). Maria L. tem certeza de que um dia ele vencerá seu "trauma matrimonial" e perceberá que um segundo casamento não tem que ser forçosamente ruim como o primeiro. Maria T. diz para si mesma que um dia ele não agüentará mais essa situação de duplicidade e virá finalmente para ela. Maria F. afirma que com o tempo os ardores dele passarão, e no dia em que isso acontecer ela estará por perto.

2. *Reconhecimento da virtude*. Elas são compreensivas, pacientes, amorosas, gentis. Elas são perfeitas para eles. E se esforçam para alcançar níveis sempre maiores de perfeição. Acreditam que essa perfeição acabará por vencer, e que eles não resistirão mais longe delas. Esperam, ao demonstrarem-se insubstituíveis, que eles as queiram como tais, e as façam únicas. Agarram-se, para alimentar essa crença, nas frases "você é a única que conta", "você é a mulher da minha vida", "nunca amei outra como amo você".

3. *Defesa do patrimônio*. O tempo vivido em comum, o sofrimento atravessado ao longo desse tempo transforma-se para elas num verdadeiro "patrimônio amoroso". E elas se repetem: "já vim até aqui, já sofri isso tudo, já gastei esses anos todos, agora que estou quase conseguindo, não posso abrir mão de tudo". E persistem mais um pouco, e mais um pouco, e mais um pouco, sempre certas de estar a um passo da meta.

4. *Compreensão do problema dele*. Não há, para elas, uma má relação. Não há, confessam, uma falta de amor. Há apenas, para as três, o "problema dele". Um problema que é preciso compreender, e que as outras não compreendem, ou não compreenderam. Um problema que, através da compreensão e da dedicação, pode alcançar a cura. E que, curado, demonstrará ainda mais claramente o quanto elas valem, o quanto elas amam, o quanto elas merecem ser amadas.

5. *Paixão insubstituível*. Elas estão apaixonadas, e estão certas, igualmente certas as três, de que não há, para elas, homem tão perfeito, tão completo quanto este que marca sua vida com tanta dor e tanta emoção. E quando pensam em deixá-lo, se repetem em pânico, "não posso, ele é o homem feito para mim".

Mas atrás da fachada, suas respostas têm um outro conteúdo que elas não percebem. E as próprias razões da sua persistência contêm a causa do

seu sofrimento. Este é o conteúdo:

1. Jogando no futuro eximem-se de ver a realidade presente, e a premência que um presente tão infeliz impõe. Jogando no futuro eximem-se de uma solução e entregam seu destino não à sua própria orientação, mas aos desígnios de uma vaga entidade chamada tempo que, por alguma misteriosa razão, lhes seria favorável. Jogando no futuro permitem-se viver a fantasia de um final feliz, que nada na situação presente faz pressentir.

2. Esperam ser amadas por suas virtudes. E não percebem que amam seus homens tão cheios de defeitos. Fazem-se de perfeitas, reclamam o mínimo possível, estão sempre à espera, disponíveis. Com isso deixam bastante claro para seus homens que elas não se consideram detentoras de maiores direitos, e que podem ser colocadas em segundo plano sem qualquer risco de perda. Mais, por dedução óbvia, eles são levados a pensar que, se tratadas assim elas são tão ótimas, é sinal de que assim mesmo devem ser tratadas. (É comum, em casos semelhantes, o homem partir um belo dia para os braços de uma mulher imperfeitíssima, deixando a perfeita para sempre perplexa, sem entender que perfeição cansa.)

3. Não querendo abrir mão do tempo que já passou elas se dispõem a abrir mão antecipadamente de um tempo preciosíssimo, o tempo por vir. E não percebem que, a cada dia que passa, vão aumentando o "patrimônio", tornando mais e mais difícil uma ruptura. Valorizando dessa forma o sofrimento ("depois de tudo o que já passei") elas estão inconscientemente dizendo que o sofrimento é valioso, ou seja, é bom. Dessa forma negam uma verdade elementar, a de que o sofrimento não é bom, e quanto mais cedo nos livrarmos dele, melhor.

4. Compreender o problema dos outros corre freqüentemente o risco de transformar-se em aceitar o problema dos outros. Nesses casos, por exemplo. As nossas três Marias poderiam muito bem entender que um é instável por vocação, que o outro não pretende jamais descasar, que o terceiro é um dom-juan. E poderiam também perceber que, estando esses defeitos básicos em desacordo com os seus desejos mais elementares (um homem só para si, uma relação estável e completa), a única solução é a ruptura. Mas não. Compreender para elas adquiriu uma conotação de ter que suportar, de ter que partilhar. E convivendo e partilhando elas estão muito claramente se tornando cúmplices desses defeitos, co-autoras dos sofrimentos que esses defeitos lhes causam. Por outro lado, atribuindo toda a culpa ao "problema dele" elas tiram de si qualquer responsabilidade.

Repetem que seriam muito felizes, se não fosse o "problema dele", que seriam muito amadas, se não fosse o "problema dele", que escolheram o homem certo, o homem ideal, azar foi o "problema dele" atrapalhar tudo. Escamoteiam o fato de que, ao escolher o homem, escolheram-no com o seu problema, e talvez fosse o problema elemento importante na escolha.

5. Elas estão apaixonadas. Cabe perguntar, que paixão é essa que as faz tão infelizes? E estão certas de que, "problema" à parte, este homem é o melhor, o mais completo, o único. À luz da razão, é difícil de acreditar. Pela lógica, um homem menos completo, talvez, mas sem "problema" poderia ser de mais fácil convívio, e portanto de mais possível amor. Ou devemos deduzir que o que torna esses homens tão insubstituíveis é justamente o seu específico "problema"? Maria L. talvez precise de um homem fraco, que não sabe o que quer, que se deixa dominar pelas mulheres (ela mesma e a ex). Maria T. pode estar vivendo no amado uma figura paterna, e nada mais completo para isso do que uma mãe no meio (a esposa). E Maria F. pode encontrar satisfação nas aventuras do seu dom-juan, exibindo ao mundo sua virilidade, e afirmando-se como a mais digna dela, a que, entre todas, é sempre a melhor.

Se assim fosse, as três estariam mais do que apaixonadas por seus homens, estariam presas por um jogo secreto de oferta e procura, e, na aparente falta de amor, receberiam algo de que necessitam em profundidade.

Será que não há nada que essas três mulheres possam fazer para sair dessa situação? Elas bem que gostariam, bem que pensam nisso. Apenas, não conseguem.

Poderiam, deveriam tentar se conhecer melhor, saber por que escolheram exatamente esses homens, onde o problema deles se encaixa no seu. Poderiam, deveriam procurar um certo distanciamento para olhar a situação de longe e avaliá-la melhor. Mas do jeito que estão envolvidas é pouco provável que o consigam. Então vamos ver que medidas práticas podem ser tomadas.

Existe o sistema da separação violenta. A gente tem uma tremenda briga, ou uma longa conversa, e encerra a relação. Aí vai para casa e chora. E chora. E chora. Mas não telefona, não procura, não tenta saber. Passa o tempo e a gente sofre. Passam as semanas e a gente só pensa nele. Mas agüenta firme. Esse é um sistema que eu não aconselho a ninguém. Sofre-se demais. E não é muito eficaz. Os resultados costumam ser dois: ou a gente

agüenta um tempão e de repente não agüenta mais e volta ainda mais enfraquecida do que antes, ainda mais sujeita a aceitar todas as condições do que antes, ainda mais certa do que antes de que essa paixão é insubstituível. Ou a gente agüenta, esquece, sara, e parte para outro amor... igualzinho ao primeiro. O fato é que o gesto heróico não atua sobre o problema, que tende a se repetir.

Então, nada de heroísmos. Estando muito envolvidas, o jeito é ir trabalhando aos poucos, solapando lentamente o "grande amor", até torná-lo um amor menor, e verificar por fim que, de amor mesmo, tinha pouco.

Não há receita. Mas acho que, se cada vez que a gente estiver sofrendo, repetir que é co-responsável por esse sofrimento, que é cúmplice, pode acabar percebendo que essa é uma verdade, e uma verdade importantíssima. Saímos assim, gradativamente, da posição de vítima, que nos impede qualquer movimento. E não sendo vítimas do famoso "problema dele", podemos, até passo a passo, nos dar o luxo de não sermos tão compreensivas. E não sendo compreensivas podemos não "compreender", não, aceitar, mostrar que temos direitos e que gostaríamos de vê-los atendidos. Quem reclama, quem não compreende, não é mulher ideal, não é perfeita. E assim teremos nos livrado também do mal da perfeição.

A essa altura, já nos imperfeiçãoando, podemos começar a pensar que afinal não é "ele" o centro do mundo, o centro do nosso mundo somos nós. E sendo nosso próprio eixo cabe-nos procurar novos interesses, coisas que enriqueçam nossa vida, e através das quais poderemos fazer novos amigos. Com atividades, interesses, estaremos diminuindo o tempo da espera, estaremos nos tornando mais disponíveis para nós mesmas do que para ele.

Que tal agora olhar para o espelho e achar que a cara da gente até que é muito boa? E que tal pensar que o que há por trás da cara também é muito bom? Somos, sim, não há dúvida, excelentes pessoas. Portanto, da próxima vez em que ele disser que pensou muito e não nos quer mais, ou que gostaria mas não pode se separar da mulher, ou que dorme com outras mas só pensa na gente, em vez de perguntarmos em pânico onde foi que erramos, por que é que não está dando certo, como é que ele não nos ama, em vez de procurarmos desesperadamente mantê-lo "apesar de tudo", podemos, devemos mesmo, começar a pensar que ele não sabe o que está perdendo (porque está. Aos poucos, felizmente, ele está perdendo a gente), que ele é muito bom mas complicado demais, que ele não vale o nosso

sofrimento e o nosso amor, e que não há nenhum sentido em ficar pendurada em alguém que não nos quer.

Sim, porque ele não nos quer. Pelo menos não como a gente gostaria, não como a gente precisa. E quando ele repetir, com o mais envolvente dos olhares, todas aquelas frases de "amor da minha vida", "único amor verdadeiro", "nada mais conta além de nós", "você é a única que eu amo", lembre-se (e se não tiver coragem de dizer para ele, diga pelo menos para você) que o amor da vida é aquele que a gente escolhe entre tantos e aquele com quem, entre tantos, fica. Lembre-se e diga que para ele aquilo pode ser até um amor transbordante, o máximo de amor que ele consegue dar, mas para você não é suficiente, não é completo. O amor que você quer é mais total, e você está disposta a encontrá-lo.

Nada disso tem sucesso de uma hora para outra. Nem pode. Mas pode aos poucos nos fortalecer, na certeza de que não queremos ser deixadas de lado, e tendo muito amor para dar, queremos dá-lo a alguém que nos ame em troca.

Quando isso for assimilado, quando se tornar uma realidade interna, então será fácil enxugar a última lágrima, jogar fora o lenço e pular de pés juntos na vida.

## UM AMIGO, MEU DIÁRIO

Debaixo de um coração vermelho bem grande, daqueles que a gente faz recortando uma figura em papel e esfumaçando com o dedo as beiras coloridas, a frase incriminadora não deixava dúvidas: Eu Amo Marcelo!

Ali estava, exposta na mesa de jantar, para deleite irônico dos meus familiares, enxovalhada entre cascas de laranja e migalhas de pão, a minha primeira paixão e confissão fundamental entregue ao meu diário, um livro de poucas páginas que meu irmão exibia triunfante.

Vexada, tolhida, jurei em silêncio que aquele seria o fim. Nunca mais confiaria segredos a cadernos indefesos que qualquer irmão podia achar no fundo de uma gaveta ou debaixo de um colchão. Nunca mais permitiria que meus sentimentos mais puros e íntimos fossem ridicularizados daquela maneira.

Entretanto, meses depois (ou teria sido um ano?), vi numa papelaria a solução do meu problema. Ali estava, encapado de pano florido, um diário à prova de família, um diário *com cadeado*! Pedi à minha mãe, ganhei. E assim, aos nove anos de idade, comecei um longo diálogo escrito, que hoje já vai para o décimo grosso volume, fora agendas diversas e pequenos diários de mesa que me acompanham esporadicamente.

Um diário é um amigo? Uma companhia? Também. Mas é sobretudo a duplicação da gente mesma, espelho que não se apaga quando o rosto se retrai ou muda, álbum de retratos que conserva muito mais que um belo sorriso e a paisagem do fundo.

Um diário, bem mais que um espelho, bem mais que um álbum, funciona, para mim, de três modos e em três tempos inteiramente diferentes, como se preenchesse três funções que, embora ligadas, atuam de forma completamente autônoma.

O primeiro é o momento de escrever. Este, no meu caso, foi sempre o mais importante, o mais envolvente e profundo. É o momento da entrega. Você chega quente, com uma emoção, uma vivência, um ódio, um amor, o

sentimento irrompendo exigente e o derrama no diário. Assim, bem derramado mesmo, letra rápida, sem pesar palavras, deixando correr. Você lança a emoção toda, insultando, acariciando, reivindicando para você todo o amor que quer, toda a atenção a que tem direito.

Quieto, compreensivo, calmo, o diário está ali, aberto e limpo. Oferecendo seu espaço, no qual você vai desenhar sua vida e ele apenas... receber. Ele não tem recriminações a fazer, ele não diz que a culpa é sua, ele não encosta dedos na ferida. Como uma cama, como um mar, ele recebe. Você escreve muito se a emoção é forte, vai e volta e repete e repisa o mesmo assunto. Ninguém conta seu tempo, ninguém conta suas páginas. Você pode escrever até a mão cansar, até a alma aliviar. Você pode escrever e escrever e escrever. Ele aceita. E quando não quiser escrever mais, é só fechar o diário, guardá-lo, que ele, dócil, nada mais exigirá.

Depois, um segundo momento, o da leitura. Passou-se um dia. Passaram-se anos. Numa hora qualquer, você abre o seu diário ao puro acaso, ou procura um determinado trecho, e começa a ler.

Nunca, em tantos anos, consegui parar de ler o diário no ponto que me propunha. Todas as vezes, e não têm sido poucas, começo a ler, e embarco, viajante. Sempre me surpreendo. Eu estou ali, e eu tinha esquecido de mim. Tinha esquecido aquele episódio, tinha esquecido, ou minimizado, a intensidade daquele sofrimento, tinha esquecido um período inteiro, apagado pedaços de vida. E os reencontro, não como aquelas folhas que a gente guarda entre páginas de livros, descoradas, múmias da sua própria vitalidade, mas intensos como foram então, sangrentos, intatos momentos preservados.

Revejo, no tempo, meu aprendizado. Eu aprendendo a viver e fazendo, sem perceber, o dever de casa. Minha letra de menina, minha letra de garota, minha letra de mulher. E cada letra com suas palavras, cada palavra com seus amores, cada amor com sua mínima sapiência. Meu Deus, quanta coisa eu pensava que sabia quando não sabia nada!

Gosto muito de ler meus diários. Porque quando a gente está escrevendo é só entrega, como a criança que chega, deita no colo da mãe e conta tudo o que aconteceu. Mas quando a gente lê, a gente é a mãe de si mesma, a mãe amorosa daquela criancinha, e a gente pode pegá-la e embalá-la, e sorrindo dela e por ela, conseguir um profundo momento de encontro. Eu me comovo lendo, não como me comovi ao escrever, mas por ter-me comovido então. E recupero parte do passado.



Por fim, o terceiro momento. Que não pertence ao dono do diário. Mas que pode estar na origem de tudo. É o futuro mais distante, aquele em que, morto o autor do diário, ele passa às mãos dos filhos, dos descendentes, às vezes, mais além, viajando em mãos desconhecidas, documento de uma época, relato de costumes, fragmento histórico transcendendo sua simplicidade inicial.

E digo que talvez esteja na origem de tudo, porque, afinal, não era para combater a morte que Sheherazade contava a cada noite uma nova história? Não era para vencer a peste (e a morte) que as jovens personagens de Boccaccio contavam uma após outra as histórias do Decameron? Contar uma história é manter vivo o tempo, é manter-se vivo. E aquele cuja palavra fica não foi afinal calado pelo último silêncio. Entre milhões de vítimas dos campos de concentração alemães, Anne Frank talvez seja a única viva até hoje.

Muitos diários, porém, não enfrentam o terceiro momento. São destruídos pelo autor no meio do caminho, ou após a morte, por seu desejo ou desejo dos parentes.

Eu já pensei muito nisso com relação aos meus diários. E absolutamente não quero que sejam destruídos. Eles pertencem a minhas filhas e aos filhos de minhas filhas. Não contêm na verdade nada de muitíssimo especial. Contêm a verdade de um ser humano. Mas penso que transitar livremente numa verdade seja sempre uma rara oportunidade.

Amante do diário, tenho tentado transmitir esse amor à minha filha mais velha. Ela me responde com argumentos que já ouvi antes, ditos por outras pessoas: "Não gosto de escrever". "Não tenho tempo." "Imagine, escrever todos os dias!" "Não tenho nada pra contar." "Não quero que ninguém saiba da minha vida."

Se esses também são os seus argumentos, respondo a você como respondi a ela.

Em primeiro lugar, não se trata de "escrever", trata-se apenas de "grafar". Quando você diz escrever, está pensando escrever direito, com belas frases, arrebatadas descrições do pôr-do-sol, em gênero lírico/deslumbrante. Mas não é nada disso. O bom, o mágico do diário é que não se trata de uma escrita literária, mas do registro de um diário. Você conversa com você mesma e o veículo dessa conversa é a escrita. Hoje em dia, eu diria até que um diário pode ser gravado, se você preferir, e guardado em fitas em vez de cadernos.

Assim, não se preocupe em escrever "bem". Quando comecei, no fulgor mental dos meus nove anos, a frase de abertura foi: "Hoje estamos comemorando o namoro da minha prima Giovanna. Estamos fazendo um teatro de bonecos". Não creio que isso me colocasse em qualquer antologia de gênios literários infantis. E durante muito tempo a coisa não foi muito melhor do que isso. Mas o alfabeto trôpego e secretíssimo que inventei com meu irmão, e o cartão-postal enviado por um amiguinho que eu amava, e que tentei reproduzir em desenho, são recordações encantadoras que sem o diário estariam irremediavelmente perdidas.

Estou tentando dizer que, num diário, no nosso diário, é bom escrever o que se pensa. E, se for possível, escrever como se pensa. Desse modo, estaremos mais próximas da nossa realidade emocional.

Você pode dizer, também, que não tem tempo para escrever um diário. Eu diria que tempo, você sabe, é tão elástico quanto nosso desejo — sempre sobram uns minutos, entre uma ocupação e outra, se você quiser. E mesmo que você seja muitíssimo ocupada, que trabalhe, ou estude, ou os dois, ou tenha filhos pequenos, casa, enfim, uma trabalhadeira constante, sempre pode contornar o problema. Se não há condição de sentar à escrivaninha, pegar a pena e, como uma poetisa do século passado, dar vazão a suas emoções, sempre se pode desistir de cadernos grandes e adotar um caderninho, uma agenda que caiba na bolsa. Eu própria fiz isso durante certos períodos da minha vida. Carregava a agenda comigo e, enquanto esperava no dentista, ou quando faltava um professor, na escola, ou quando estava esperando uma amiga para um passeio, ia anotando o meu dia-a-dia.

Nem é preciso, por outro lado, escrever pontualmente, todos os dias que Deus fez. Afinal, embora se chame diário, não se trata de um relógio de ponto. A gente escreve quando dá vontade, quando aconteceu alguma coisa, quando precisa desabafar. Podemos passar dias e dias sem escrever uma linha, às vezes até meses. Depois, de repente, a vida agita, e começamos a derramar nossas histórias, até mais de uma vez por dia, rabiscando apenas uma frase correndo, para voltar depois e escrever mais. E assim vamos enchendo páginas no fluxo da emoção, para rarear aos poucos e novamente sumir, afundada em calmaria.

Não me diga que não tem o que contar. Você é o centro do seu universo, nada é mais importante do que aquilo que lhe diz respeito. Isso é que faz o encanto do diário. Se fosse usado apenas para registrar a queda do governo ou a evolução dos projetos orbitais, seria desnecessário, porque

para isso já existem a imprensa, os arquivos, os registros da memória nacional. O diário serve justamente para conservar o pequeno acidente humano e individual, sua briga com uma prima, o namoro lancinante, a dúvida entre o vestido rosa ou o branco para ir àquele baile. O diário serve para conservar você.

Finalmente, não abra mão de ter um diário pelo medo de que ele caia em mãos alheias. Você tem razão quando diz: "Não quero que ninguém saiba da minha vida". Este é um argumento sério. Meu marido, que hoje é poeta e escritor, desistiu de fazer um diário na adolescência, depois que o pai pegou o diário dele e leu, com resultados nada animadores. E eu própria já relatei no início uma experiência semelhante.

A verdade é que um diário não pode ser lido por ninguém, a não ser pelo autor. E só será válido se escrito despreocupadamente, as coisas ditas às claras, sem metáforas ou jogos verbais criados para encobrir verdades a olhos curiosos.

O recurso do cadeado protegeu minha privacidade durante anos. Quando o primeiro volume acabou e eu não consegui encontrar outro nas papelarias, fabriquei um, tão seguro quanto aquele. Comprei um caderno bem grosso, encapei de pano deixando, duas abas dos lados em que ele fecha. Fiz dois ilhoses com linha, e fechei com um cadeado pequeno, comprado em qualquer mercearia. Sendo o pano colado e estando fechado o cadeado, o diário só poderia ser lido cortando-se o pano, agressão frontal que ninguém na minha família ousaria. Estavam eliminadas as pequenas indiscrições sorrateiras. Restava o problema de esconder a chave, mas era, convenhamos, bem mais simples do que esconder o caderno.

Enquanto morei com minha família utilizei cadernos desse tipo, que ia fabricando à medida que se faziam necessários. De certa forma, tendo ficado estabelecido que meus diários viviam trancados, ninguém mais se interessou por eles, e o assunto deixou de despertar curiosidade em quem quer que fosse. Só mais tarde, indo morar sozinha, desisti dos cadeados. Hoje, segura de que meu marido jamais leria uma coisa pessoal que não lhe é destinada, uso meus cadernos sem qualquer proteção, e os deixo misturados com meus livros ao lado da mesa de trabalho. Na verdade, melhor que o cadeado é uma relação honesta e aberta com as pessoas com quem você mora. Mas sou forçada a reconhecer que às vezes um cadeado é uma boa solução. Para mim, ao menos, foi.

Há pouco tempo, um parente meu precocemente envelhecido,

próximo da aposentadoria, me escreveu: "Durante anos mantive um diário, registro do que me acontecia. Mas este ano, vendo que na minha vida nada mais acontece, desisti das anotações e fechei o diário para sempre". Não pude deixar de pensar: "Ele desistiu de anotar porque desistiu de viver". Porque há, afinal, uma enorme vitalidade no anotar-se uma vida. E é muito bom sentir enquanto se anota e se escreve e se rabisca uma participação crescente no ato de viver.

Confissão, desabafo, catarse, análise. Tudo isso entra no jogo dinâmico do relacionamento com o diário. A gente vai e derrama o sentimento. Briga com o amor. A gente registra. Odeia esse amor. A gente registra. Ama esse amor. A gente registra. Aos poucos, entre frases e sentimentos, entre queixas e suspiros, entre fatos e sonhos um perfil se desenha. É o nosso. Não é grego, clássico, perfeito. É meio torto aqui e acolá, tem defeitos muitos, mais do que a gente gostaria. Mas é um perfil verdadeiro em que a gente pode se reconhecer, um perfil que pede para ser estudado e, na medida do possível, melhorado.

Tem muita mesquinhez no meu diário, montes de sentimentos pequenos, críticas azedas. Eu os reencontro com frequência e os descubro onde antes não os via. Mas tento, com eles, aprender alguma coisa. E, se não pude evitá-los, consegui pelo menos reconhecer que os tenho e com eles conviver humildemente.

Com o diário aprendi também a agradecer a alegria. Mas este foi um aprendizado ao qual só cheguei depois de muito tempo, na maturidade, e que me impus de forma consciente.

Parecia, enquanto jovem, que só tinha ímpeto de escrever quando as coisas não iam bem e eu caía em "baixa" emocional. Então corria para o diário e escrevia furiosamente, entrando às vezes pelas madrugadas. Precisei viver muito para entender que eu procurava no diário o afeto que me faltava, e que esta era a maneira de apoiar-me em mim mesma quando não havia mais ninguém em quem me apoiar.

Durante anos escrevi assim, movida por sofrimentos e por um imenso sentimento de solidão. Eu conversava comigo, tentando me proteger na casca do diário. E, quando a alegria chegava, eu saía da casca, esvoejava livre, leve, anotando pouco ou nada, fugindo quase propositadamente do caderno, como se o fato de escrever configurasse por si só um momento de tristeza. Alegre, feliz, eu não precisava do diário. E não era bem dele que eu fugia — eu fugia de um momento de encontro. Inconscientemente temia

esse encontro, recorrendo a ele só quando a pressão, de dentro para fora, me empurrava. Escrever significa parar, pensar, e muitas vezes repensar. Escrever exige, mesmo de forma não deliberada, uma avaliação dos fatos e dos sentimentos. E quando fatos e sentimentos são importantes, ocupando nossa escrita seguidas vezes, é forçoso aprofundar-se neles, penetrá-los com outro olhar. Era dessa avaliação, desse quase estudo que eu fugia nos momentos de felicidade, assim como tantos "matam" a sessão de análise quando estão bem, para não "estragar" sua alegria.

Foi preciso amadurecer para perceber esse mecanismo e para entendê-lo. Só então passei a dar ao que era bom um peso equivalente, e às vezes até maior, ao que era mau. Passei a escrever, um belo dia, sobre o aparvalhamento beatífico de quem está feliz e bem alimentado, gastei páginas anotando a floração do meu jardim ou os novos planos para a decoração da casa, detive-me para contar que tinha comprado um par de sapatos por preço exorbitante. Ou mesmo ousei mergulhos mais profundos, tentando questionar o porquê do meu bem-estar e os dares e os haveres e as culpas e as carências.

Nada disso estragou minha felicidade. Pelo contrário, enriqueceu-me com uma certa saborosa inseqüência, tão real quanto meus sentimentos mais atormentados, mas que antes eu não me permitia.

Eu sou escritora. Escrever é minha profissão, o pão das crianças e o leite com que se alimenta a alminha da mãe das crianças. E é forçoso que lendo esta divagação, em que tento transmitir meu amor pelo diário, você se diga com uma ligeiríssima ponta de irritação: "Claro, para ela é fácil! Mas eu não sou escritora".

Pois eu respondo: sorte a sua. Porque em termos de diário o melhor é não ser profissional, não ter nenhum compromisso com forma ou conteúdo, e poder escrever solta, livre, naturalmente, ao sabor apenas da mão e dos sentimentos.

Era assim que eu agia, a princípio. Eu tinha um compromisso quase de alma com meu diário. O mundo não me interessava, a não ser quando encostasse em minha carne mais viva. Eu era o centro daquele universo e meu único dever era a sinceridade.

E depois que assumi uma atuação profissional em relação à escrita, minha relação com o diário ameaçou dar uma entortada, exigindo-me pensares e um posicionamento firme.

Seja como for, cheguei a uma pequena coleção de diários. Nove

volumes, mais do que os três livros que já publiquei e os meus incontáveis artigos para jornais e revistas. Uma vida quase inteiramente registrada. De repente meu marido me mostrava a importância que isso poderia vir a ter, um amigo editor me sugeria retalhar o material, para publicação. E o meu confessor ameaçava tornar-se parte da "obra".

Não era isso que eu queria. Mas obrigou-me a refletir. Afinal, amiga de pessoas importantes na nossa literatura e na nossa época, não me caberia por dever registrar conversas, frases, depoimentos que me parecessem importantes? Jornalista, não deveria trabalhar jornalisticamente o meu relato? E o estilo, como ficava?

Ficava como sempre tinha sido. Assim decidi. Afinal, mantendo em vigor o acordo primeiro estabelecido entre mim e meus cadernos. Só valia eu, com minha sinceridade mais absoluta, uma sinceridade em que não há lugar para preocupações de estilo, para registro de frases imortais, para jornalismos. E o meu diário continuou sendo, na medida do possível, o diário de uma pessoa qualquer.

## CONTRA O "DIREITO" MASCULINO DE TRAIR

Adolescente ainda, gravei para sempre a frase da minha avó ao me dar um relógio de presente: "Este, teu avô me deu quando, voltando de uma viagem à Suíça, foi ver a amante antes de vir para casa".

Menina, acompanhei as evoluções sexuais de meu pai com amigas de família, secretárias, vagas senhoras.

E desde sempre soube que o destino da mulher era ser traída, e suportar com elegância.

Como minha mãe, como minha avó, como todas as mulheres da longa linha que me antecedia, também fui traída e também suportei com elegância, certa de estar cumprindo corretamente o meu papel feminino. Só muito mais adiante na vida, mulher feita, parei para pensar. E então me dei conta do erro, do tremendo engodo social que a mitologia da mulher traída e do homem conquistador representavam.

Os homens tinham o direito de trair. Um homem cheio de mulheres era de bom-tom. Os outros homens o invejavam, as mulheres o desejavam em segredo. E até mesmo nas veladas queixas da esposa traída, havia uma ponta de orgulho. Orgulho que ela tornaria mais patente ao falar depois nas proezas sexuais do filho, digno descendente de digno pai.

Enquanto isso, para fins de salão, as esposas sempre castas teciam e bordavam.

Na verdade, entre um bordado e um tricô, muitas santas esposas escapuliram regularmente na manutenção da velha instituição chamada adultério. Fugiam pelas ruelas, escondiam-se nos portões e, suspirosas, entregavam-se ao amor "mais forte do que tudo". O marido as mataria se soubesse, a sociedade as repudiaria se soubesse. Mas elas tudo enfrentavam, heróicas, defendendo-se apenas com o segredo, com a discrição, com a mentira. A elas não era permitido trair.

Basta fazermos uma ligeira análise das piadinhas de adultério para vermos a diferença. O homem que trai o faz muito no escritório, pondo a secretária no colo, ou no bar, seduzindo a loura, ou nas festinhas. O homem que trai, trai em lugares públicos ou quase. Já a mulher adúltera é quase sempre apresentada na cama, e freqüentemente na cama da sua própria casa. A situação mais freqüente no humor é a do marido que entra surpreendendo o casal pecaminoso em pleno ato. Ou a do amante no armário. A mulher não trai em público, e, podendo, nem se afasta do lar para isso. Ou seja: a traição do homem é aceita socialmente, e a da mulher não é.

Por quê?

Uma das razões é a verdadeira "opressão lingüística" exercida pelo homem sobre a mulher. No momento em que o homem assumiu o domínio sobre a mulher, ele também assumiu o domínio da sua fala e estabeleceu o que ela deveria ou não falar.

Proibir o adultério era impossível e bastante inconveniente para o homem. Sem mulheres que traíssem os maridos, e apresentando as donzelas perigos de toda sorte (gravidez, vingança da família, escândalos, etc), ficariam eles próprios muito limitados no exercício da sua sexualidade extraconjugal.

Mas proibi-las de falar sobre isso era bem mais cômodo. No silêncio, salvava-se a honra do marido cornudo, salvava-se a instituição familiar, livrava-se o amante de incorrer em duelos ou cobranças, salvava-se toda a estrutura social.

E o silêncio virou lei.

"A representação do mundo, assim como o próprio mundo, é tarefa dos homens", disse Simone de Beauvoir. "Eles o descrevem segundo seu ponto de vista particular, que confundem com a verdade absoluta."

E nunca mais nossas santas mães traíram nossos honrados pais. Essa é a verdade.

"Os homens traem porque, pela própria natureza, precisam de mais de uma mulher. O homem é polígamo. Basta ver os povos primitivos; todos têm mais de uma mulher, e o chefe, então, tem uma porção."

Não sei quantas vezes ouvi essa argumentação. O homem é polígamo. Mas nunca ouço falar da mulher a não ser como monógama.

Entretanto a poliandria existe, dando à mulher o direito de ter vários



maridos. No Ceilão, em algumas partes da Índia e do Tibete, a mulher casa-se com vários homens, geralmente irmãos ou parentes, e os filhos que ela gera consideram todos eles pais, indiferentemente. No Nayar, no sul da Índia, as moças casavam antes da puberdade, com um noivo escolhido através da astrologia. Três dias depois o casamento era dissolvido e o marido voltava para a casa dos pais. A mulher então começava a receber visitantes masculinos, que tinham um status determinado, embora não fossem considerados os pais de seus filhos. Havendo vários "visitantes" ao mesmo tempo, eles coabitavam serenamente. Exemplos de poliandria existem também na Nigéria e na Austrália.

Atribui-se a poliandria a motivos semelhantes aos que geram a poligamia. Maior número de homens do que de mulheres ou necessidade de controlar o aumento de população. Mas na verdade ela parece ter-se originado mais provavelmente da necessidade de proteger bens materiais. Ou seja, as mulheres têm mais de um marido por questões econômicas, por questões de poder.

A poligamia masculina também parece mergulhar suas raízes em questões de posse, em questões de poder. Então o homem pode ter direito a várias mulheres, assim como a mulher também pode, e nenhum deles é, por questões de natureza, mais polígamo do que o outro.

"Os homens têm que ter várias mulheres, porque as mulheres estão sempre grávidas, estão sempre menstruadas. E, além do mais, os homens gostam mais de sexo do que as mulheres." Esse é outro dos argumentos clássicos de salão, cuja repetição vem me entediando através da vida.

Respostinhas breves para argumentinho infantil: as mulheres não estão sempre grávidas desde que se inventou a pílula; as mulheres só estão menstruadas uma vez por mês; a menstruação não impede o ato sexual; nenhuma pesquisa psicológica ou fisiológica apóia a tese de que as mulheres gostam menos de sexo do que os homens.

Em compensação, poderíamos argumentar que nem todos os homens são potentes; ainda não foi inventada a pílula para a impotência; nem todos os homens são sexualmente satisfatórios para uma mulher. O que poderia perfeitamente justificar o fato de uma mulher ter vários homens sem ser condenada à execração pública.

Houve um momento na história em que a mulher teve direito público a um número 2.

Na Idade Média, nos séculos XI, XII, XIII, XIV, no sul da França, na

Galiza e nos territórios das hoje Alemanha e Itália, a senhora casada tinha direito público a outro amor. Na verdade, ela podia ter vários amantes, mas "um só de categoria superior". Havia certa rigidez na regulamentação de tantas paixões, sendo as regras codificadas no que então se chamou "A teoria do amor cortês".

Para se alcançar o favor supremo da dama, era necessário percorrer quatro estágios: o do aspirante que se consome em suspiros (*fenhedor*), o do suplicante que ousa pedir (*pecador*), o do namorado (*entendedor*) e o do amante (*drut*). Este último estágio correspondia às homenagens de trovador, a dama o constituía vassalo, recebia seu juramento de fidelidade e, como graça, concedia-lhe um beijo, um anel, ou outro qualquer objeto, como penhor de aliança.

E diziam ainda as regras do amor, em número de trinta e uma: "Nada impede uma mulher de ser amada por dois homens; nada impede um homem de ser amado por duas mulheres".

Onde estavam as famosas "diferenças fisiológicas"? Esquecidas, abafadas pelas leis do poder.

As mulheres haviam alcançado enorme poder econômico, podendo dispor de seus bens. Além do mais, os casamentos não eram feitos por amor, mas por interesse de feudos. E as mulheres, graças aos conventos, haviam alcançado uma cultura superior à masculina.

As mulheres dominavam, e impunham suas leis. Do mesmo modo que os homens o fariam mais tarde.

Esquecida a Idade Média, o homem retomou o comando e estabeleceu que haveria mulheres para o lar e mulheres para o amor.

A santa esposa, que só fazia sexo para a procriação, garantia a honradez do lar. A amante, a outra, esta permitia-se delírios entre saias vermelhas, babados e plumas. O estranho é que, enquanto uma dava à luz, quem se chamava "mulher da vida" era a outra.

Nenhum homem decente sonharia em fazer "certas coisas" com a mãe de seus filhos. Nenhuma senhora decente pensaria sequer nessas coisas, pelo menos não com o pai de seus próprios filhos.

O sexo doméstico sendo um tédio, nada parecia mais justo do que espaiar na rua. E tudo redundava num bom método anticoncepcional.

Parecia justo, mas não era. As santas esposas faziam cara de mártir mas não gostavam. Minha avó não gostava. A mãe dela também não gostava. E até hoje, dos poucos depoimentos que tenho daquele tempo,

nenhum é de delirante entusiasmo pelos chifres.

Mas é verdade que as mulheres tinham medo de engravidar e por isso freqüentemente se negavam. E é verdade que isso fornecia aos homens uma excelente desculpa.

Até a chegada dos anticoncepcionais.

A pílula está aí. Você não precisa ter medo de engravidar. Se não pode tomar pílula existe o DIU. Se não se dá bem com o DIU existem outros meios. A verdade é que não há mais impedimentos técnicos.

A mulher da vida agora é você mesma. Da vida no seu sentido mais bonito, a que dá a vida gerando, e a que dá a vida na plenitude do prazer. Não há por que ele procurar essa vida em outro lugar.

É claro, não é só pelo fato de não temer a gravidez que as mulheres todas viraram mestras na arte do amor de uma hora para outra, e nem mesmo de um século para o outro. Mas há todo um esforço nesse sentido.

Hoje existem publicações, livros, revistas, todos explicando, ensinando, aprimorando corpo e mente para o sexo. Nos Estados Unidos milhares de donas-de-casa ingressaram em academias especializadas em dança do ventre e strip-tease. E as clínicas de sexologia se multiplicaram no mundo inteiro.

Você quer ser uma magnífica amante, e se ainda não chegou lá sabe que pode, que é apenas uma questão de aprimoramento. Sabe até que, se a coisa for um pouco mais grave, existem meios de resolvê-la.

Não é então por causa de sexo que seu marido, ou mesmo seu amante, "precisa" procurar outra mulher.

É com esse refrão que a Santa Esposa Traída tenta se confortar à espera de dias melhores. Ele pode correr livre e solto, ele pode amar quantas quiser, ele pode divertir-se a valer lá fora, mas o dia chegará em que cairá em si e voltará para o aconchego do lar, para os suaves braços da sua esposa amantíssima.

A literatura e a música estão cheias dessas Amélias. Nelson Gonçalves cantava: "...me resta o calor da alegria de saber que depois da boêmia é de mim que você gosta mais". E Carlos Drummond de Andrade tem o poema "O caso do vestido" em que a mulher abandonada conta aos

filhos a paixão e fuga do pai com a outra, e eis que ouvem os passos do pai na escada, e eis que o pai chega, e eis que o pai, como se nada tivesse havido diz para a esposa fiel: "Mulher, põe mais um prato na mesa". Penélope tecia seu interminável tapete. E Ulisses navegava em outros mares, mas o navio afundou e Ulisses, cabelos brancos, fez retorno às tessituras de Penélope.

Sim, eles voltam ao lar. Mas quando e como? Voltam cansados de guerra, voltam quando não estão mais a fim de grandes galopes, quando a juventude se foi. Voltam depois do primeiro enfarte assustador, ou do desastre, ou do aviso físico que lhes pareceu um prenúncio de velhice ou morte.

E voltam para que mulher? Não é para aquela com quem casaram, que eventualmente amaram. Aquela não existe mais. Existe uma mulher humilhada, sofrida, uma mulher que após esperar por tanto tempo não consegue sequer o prazer da revanche. Eles voltam para a mulher como voltariam para a mãe. Depois de tantos anos de "compreensão", voltam para a certeza de serem aceitos, voltam para casa. Como dizia um amigo meu: "Depois de tantos anos de casado, ela não é mais minha mulher, é parente".

Perdeu-se nisso tudo a vida que pretendia ser a dois. Perdeu-se a alegria dos anos mais alegres, perdeu-se o casamento.

Aos olhos da sociedade, não, aos olhos da instituição tudo está bem. O contrato assinado não foi desfeito. Os filhos admiram a resistência da mãe, a sua abnegação. Ela será para sempre citada como exemplo de caráter e santidade. E ninguém, ninguém parece preocupar-se com a mágoa que ela leva na alma.

Você não corre risco de engravidar, é uma boa companheira na cama, está disposta a ser uma mulher para a vida.

Mas será que isso é suficiente para que seu marido não traia você?

Talvez não seja. Porque ele não trai apenas pelo que você é, ou deixa de ser, mas sobretudo pelo que ele próprio é.

Um homem pode trair por insegurança, afirmando-se a cada nova conquista. Pode até precisar dessas conquistas para garantir sua masculinidade, aquela mesma masculinidade necessária para manter um casamento. Seria, em casos extremos, um pequeno dom-juan.

Um homem pode trair até mesmo por falta de abertura. Não

conseguindo abertura, e portanto entrega, com a mulher com quem é casado, passa de uma aventura a outra procurando essa entrega à qual se recusa, e que é a síntese do amor.

Ou pode trair em busca de uma imagem. Criada a imagem inconsciente da mulher ideal, e não conseguindo encaixar sua própria mulher nessa imagem (e como fazer com que a fantasia caiba na realidade?), ele passa a procurá-la inutilmente em várias mulheres.

Pode trair também por "solicitação". Já ouvi inúmeros homens dizerem: "Ela pediu, eu não podia dizer que não". Sobrevive ainda hoje a regra social pela qual um homem não se furta à solicitação de uma dama. Convidado, um cavalheiro tem que comparecer à liça, mesmo que sem maior entusiasmo. Mais do que a possível falta de cavalheirismo, o que preocupa um homem é a acusação de impotência. O mínimo que ele teme, se recusar o pedido, é ser chamado de homossexual, e não só entre dentes, mas em altos brados. Agora, talvez, quando as mulheres estão mais freqüentemente tomando a iniciativa, os homens se dêem conta de que ao serem "prestativos" estão apenas sendo usados.

Os homens traem por frustração. Frustrados em alguma coisa fundamental, eles descarregam no sexo seu impulso reprimido. Como dizia Freud, ninguém abre mão de nada, troca.

Essas são apenas algumas das razões que podem levar um homem casado com uma excelente mulher, de quem ele até gosta muito, a traí-la com outras menos bonitas, menos inteligentes, menos mulheres. E digo isso não para desculpar, justificando, a traição masculina, mas porque sei que, quando a traição se abate sobre uma mulher, a primeira pergunta que ela se faz é: por quê?

É isso que você se pergunta desesperada quando sabe que ele a traiu. Pergunta, e geralmente não sabe responder. Você fez tudo da melhor forma possível, você é bonitinha, você sempre achou que ele a amava, você achou que seu casamento era bom. E de repente...

Na briga que se segue ele diz que ama você, que você é bonitinha, que o casamento de vocês é ótimo, que você é a melhor do mundo. E diz a frase-chave: é você que eu amo, ela foi apenas uma aventura.

Em noventa e nove por cento dos casos, essa frase encerra o problema, possivelmente entre beijos e juras de fidelidade eterna.

Você dilui aos poucos seu ressentimento, e logo sorri tranqüilizada, segura de ter recuperado a presa. Às vezes, em outra briga ou até mesmo em

conversas você faz uma cobrança, mais em tom de lembrete do que propriamente de queixa.

E a vida vai muito bem, até que ele trai novamente. Dessa vez você talvez nem se pergunte por quê. Você se enfurece consigo mesma e se insulta, "burra que fui" ou "como pude ser tão idiota?" Odeia-se por ter acreditado nas promessas, nas declarações de amor. E é provável que como suprema vingança diga para si mesma: "Ah! é? Então vou passar ele para trás com o primeiro cara que aparecer".

O mais comum é que o primeiro apareça e apareça o segundo e o terceiro sem que você lhe pule em cima. Porque uma coisa é dizer e outra bem mais ameaçadora é fazer. E, afinal, "homem pode e mulher não pode".

Talvez a decisão de trair só por ter sido traída não seja sensata. E é pouco provável que um embate amoroso nessas circunstâncias seja sequer fisicamente satisfatório. Talvez, em lugar de partir para o ataque, você devesse cuidar da defesa.

Cabe a você não permitir que ele lhe seja infiel. E não é com brigas e gritos que você o conseguirá. Nem é botando as roupas na mala e voltando para a casa da mamãe.

O que você pode é tentar fazer da coisa um problema a dois.

Muito bem, ele traiu você. Mas o fato de estar magoada, humilhada, não faz de você uma vítima e dele um agressor. É assim que você se sente, mas não é assim que vai resolver alguma coisa. Se ele a traiu, deve ter suas razões. E o mais provável é que ele não as saiba. São essas razões que vocês devem procurar juntos, tentando evitar os ressentimentos, mesmo que seja tão doloroso.

É claro, assim, falando a frio, parece mais fácil. É claro, eu não estou envolvida. Mas, é claro, algo tem que ser feito mesmo - no tumulto, mesmo no roldão de emoções muito fortes.

Chegando às razões, talvez vocês possam procurar o remédio na causa em vez de continuar, vida afora, tentando remendar desastres já feitos.

O importante é que você não aceite a traição como um fato normal, um direito de masculinidade. Cabe a você não dar esse direito que ele, apoiado pela sociedade, se outorga.

Aceitando a velha máxima do "homem pode", você está se colocando automaticamente em segundo lugar, você está aceitando a existência de um segundo escalão de pessoas, o das mulheres, que "não podem". E se você

própria não se respeita, por que ele haveria de fazê-lo?

Valorize-se, queira-se bem. Haja o que houver, tudo será mais fácil se você puder contar com você mesma como aliada. E lembre-se, como no tempo do amor cortês, hoje também as mulheres podem ter educação igual ou superior à dos homens, e o domínio de suas posses. Hoje também, talvez, elas possam começar a modificar as leis a seu favor.

Mas esteja atenta. Além de todas as causas de que falamos e daquelas que você pode vir a descobrir, existe uma razão determinante para a traição: o desamor. E se de repente você descobrir que ele não mais a ama, a conversa então terá que ser outra.

## A ARTE DE FALAR E SER OUVIDA

Talvez você tenha custado a se dar conta disso plenamente, mas um belo dia teve de aceitar esta realidade aparentemente simples: você tem medo de falar. É claro que não se trata de medo absoluto, medo de dar bom-dia, ou de pedir meia dúzia de ovos na mercearia. Não é medo de abrir a boca e emitir sons. Mas um medo mais profundo — o medo de emitir opiniões.

Em grupos, com amigos e conhecidos, você conversa alegremente, vai indo tranqüila até onde forem as conversas sem compromissos, os bate-papos. Mas, quando se estabelece um clima de seriedade e definições, você se retrai e fica silenciosa, participando quase a distância das conversas alheias.

A coisa piora bastante em reuniões de trabalho ou de estudo, em debates, em qualquer tipo de manifestação mais pública em que você, cercada de desconhecidos, tenha de levantar a voz e expressar-se.

Entretanto, bem que você gostaria de falar. Você tem assunto, tem conhecimentos, gostaria de poder manifestar o que pensa, o que sabe, gostaria de participar e até (por que não?) de exhibir-se um pouco. Mas não consegue. Provavelmente já tentou, e mais de uma vez. E o resultado foi sempre um tremendo mal-estar, um rendimento muito abaixo da sua potencialidade, quando não um verdadeiro fracasso.

*O medo se denuncia fisicamente* — Suas tentativas e seu mal-estar provavelmente obedecem à regra geral, e a regra geral costuma ser assim:

Você está muito bem, participando tranqüilamente de uma reunião, digamos; você está ouvindo o que os outros dizem, envolta numa sensação agradável, atenta; em dado momento, com o evoluir da fala dos outros, você percebe que poderia acrescentar dados importantes ou até mesmo discordar do que está sendo dito. Você deseja fazê-lo; nesse ponto o ritmo de seu



coração muda, ele começa a bater mais rapidamente, você sente calor, transpira, embora suas mãos estejam repentinamente geladas, pensa que vai falar, que deve falar, sente mais calor, talvez até fique vermelha; a sensação agradável que a envolvia ainda há pouco desapareceu; você está tensa, nervosa, tem dificuldade em acompanhar o que está sendo dito, e na sua cabeça as frases dos outros se misturam com uma espécie de ensaio mudo daquilo que você gostaria de dizer; você começa a achar que não há brecha nas falas que permita a você manifestar sua opinião; você tenta abrir uma brecha, sem que os outros percebam, mas não quer interromper para não parecer grosseira, e parece haver sempre alguém mais rápido do que você para emendar na última palavra do outro; nessa altura há duas possibilidades: ou você espera e de repente percebe que o momento passou, que você perdeu o bonde e que já não vale a pena dizer nada, ou você se atira quase de olhos fechados, entra na hora errada, fala baixo demais ou alto demais, destoa do conjunto (ou acha que destoou), encerra sem ter dito nem a metade do que planejava. Nos dois casos fica-lhe uma grande frustração. Nada saiu como você queria. Aos poucos desaparecem o calor e o suor, as mãos recuperam a temperatura normal, o coração se aquieta. E você fica, ouvinte silenciosa, com a tarde definitivamente estragada.

*A maioria das pessoas tem medo de falar* — Você provavelmente não pensou nisso enquanto, no meio da reunião, lutava contra si mesma para abrir a boca, mas se olhasse em volta veria que os falantes eram três ou quatro, enquanto os outros todos se mantinham calados, com ar de quem está prestando atenção. Se você tivesse olhado melhor, veria, seguramente, os movimentos nervosos das mãos de um, a marca de suor da blusa do outro, e saberia com certeza que eles também estavam nervosos, que eles também, como você, tinham medo de falar. E provavelmente essa constatação ajudaria você a se tranquilizar.

Constatação idêntica pode ser feita em âmbito maior; nas escolas, nas agremiações, nas reuniões de âmbito nacional e internacional. São sempre poucos os que falam, e muitos os que apenas ouvem.

Por que esse medo?

Poderíamos falar de timidez. Os que não falam são tímidos, os que falam são ousados. Mas isso nos levaria a crer que o mundo é habitado por tímidos. E você mesma sabe que afinal não é tão tímida assim, que é até

bastante atirada para outras coisas. A timidez, portanto, pode ser uma das razões, pode ser um componente, mas não é a razão fundamental.

A verdade é que poucos falam porque poucos se sentem com direito à palavra.

Embora falar seja a coisa mais imediata e espontânea em qualquer ser humano, a palavra foi sempre usada pela sociedade de maneira muito mais complexa, e fundamentalmente repressiva.

Todos falam, é verdade, mas nem todos dizem o que pensam. Porque a palavra é veículo dos pensamentos e das vontades, e como tal foi desde cedo restringida àqueles cujos pensamentos pudessem ser de valia à comunidade. E quem estabelecia quais eram os donos dos pensamentos mais excelsos? Os que, pela fé, pelo dinheiro, pela força, tinham o poder. A palavra, portanto, tornou-se privilégio dos poderosos, que passaram a administrá-la de acordo com os seus interesses.

Uma série de ditados e frases populares mostra bem o mecanismo de castração da palavra: "Em boca fechada não entra mosca". "Quando um burro fala o outro abaixa as orelhas." E a mais aviltante: "A conversa não chegou na cozinha".

*Vítimas da repressão da fala* — Há muito os donos do poder são os homens. E, como tais, há muito são donos do direito de falar.

Tiraram esse direito às crianças. Criança não fala, não responde aos pais quando admoestada, não fala em lugares públicos, não fala quando os adultos estão falando.

Tiraram esse direito a escravos, empregados, classes inferiores. Quem está abaixo não fala. Pode permitir-se um "sim, senhor", "não, senhor". No mais, deverá responder apenas quando lhe for dirigida a palavra, e assim mesmo em tom baixo.

Mulher não fala porque, supostamente, não tem assunto. E não tem assunto porque vive em casa e não sabe das coisas. E quem não sabe das coisas tem mais é que ficar em casa. E quem vive em casa não tem assunto e não pode participar das conversas. E quem não participa se distancia, vai ficando por fora. E as mulheres estão todas por fora, só pensam em filhos e empregadas. E a conversa das mulheres é uma conversa cricri, que a ninguém interessa, a não ser a outras mulheres.

Assim, brincando de cabra-cega com a realidade, fundamentando uma

inverdade em outra inverdade para chegar a conclusões que se pretendem verdadeiras, os donos do poder estabeleceram que a palavra seria permitida às mulheres quando: dirigida a outras mulheres ou crianças, limitada a recintos já consagrados como femininos e no reduto do leito, onde terá por finalidade básica aumentar o prazer de seu dono e senhor.

Apesar disso tudo, porém, acontece às vezes de ela querer ter suas próprias idéias. E acontece de ela querer ir mais além, de querer expressá-las com suas próprias palavras, com sua própria boca. É uma audaciosa. Mas, por mais audaciosa que seja, traz a reboque a carga que lhe foi imposta desde o início, a carga do silêncio. E é apenas normal que, no início de sua longa escalada verbal, sinta pequenos ou grandes medos, insegurança, súbita vontade de refugiar-se no ventre seguro da mudez, de voltar à área que lhe é unanimemente consentida.

*Como você pode melhorar sua convivência com a palavra* — Você não é uma líder feminista nem pretende vir a ser. Você provavelmente não sonha em subir num palanque e falar para a multidão. Você não quer exatamente ser conferencista. O que você quer é apenas falar quando acha que tem coisas a dizer. E fazê-lo sem excessivo sofrimento.

Isso é possível, embora nem sempre seja fácil.

É claro que, além de toda a colocação social da qual acabamos de falar, há em seu medo de falar uma porcentagem muito alta de fatores pessoais.

A timidez existe, e pode ser um deles. A insegurança existe, e pode ser outro. O medo da rejeição existe, e pode ser um terceiro.

Fundamentalmente, uma pessoa não fala porque tem medo de dizer bobagem, e de ser ridicularizada. Ou seja, tem medo de desagradar, de fazer má figura, de piorar sua imagem, de perder ponto no ranking social.

Desagradando, pode-se provocar um revide. E o medo do revide assusta a muitos, mesmo porque sua violência é imprevisível.

Outros, porém, podem sentir-se receosos de falar por medo de se expor, de expor suas emoções. Você fala, o assunto para você é emocionante, você se ruboriza, todos vêem que você está ruborizada, todos sabem que você está emocionada, você sabe que todos sabem e mais ainda se emociona, perdendo aos poucos o controle sobre suas palavras, que você quereria frias, distanciadas, e que se tornam derramadas, reveladoras. Você

está nua diante de todos, contra a sua vontade, e isso a aterroriza.

Ou então você se assume inteiramente como ser pensante. Você sabe que sabe das coisas, mas na hora de falar há uma espécie de dúvida sobre o seu conhecimento: "Será que estou certa?" Você tende a achar que os outros sabem sempre mais, que estudaram mais, que pesquisaram mais, que vão pegar você pelo pé na virada da maré, que vão contestar suas palavras uma por uma, acabando com seus argumentos. Mais tarde, em casa, passado o perigo, cabeça fria, você acha que não, que estava certa, que os outros eram todos uns paspalhos, e que você seria estraçalhada se apenas tivesse aberto a boca. Você sente até um suave desprezo pelos outros, que não sabiam o que você estava pensando, que deixaram de aproveitar as suas críticas silenciosas. Mas essa é a atitude consciente, porque a inconsciente, na hora, impediu que você os achatasse, impediu você de assumir os seus conhecimentos e falar.

É por isso que você fala tão serenamente quando se trata de trivialidades. Ninguém ridiculariza ninguém por dizer que está louca por entrar em férias, ou que ouviu dizer que Pedro vai ficar noivo de Celeste. Nem você se ruboriza contando à sua amiga o último capítulo da novela que ela perdeu. Nem ninguém pode tachá-la de ignorante só por afirmar que o luar ontem à noite estava maravilhoso. Ou seja, você fala tranqüilamente quando não está "falando", quando as palavras não são utilizadas para revelar seu interior, quando não está se expondo.

Então, para conquistar o tranqüilo domínio da palavra você deve sobretudo se fortalecer como ser humano, fortalecer seu ego.

Você deve adquirir a certeza de que seu conhecimento é importante e pode acrescentar alguma coisa ao conhecimento dos outros. Você deve compor a segurança interna necessária para lidar com o erro, com a bobagem; errar é normal, todos dizem bobagem, e ninguém morre por causa disso. Você deve tornar-se mais íntima da rejeição e aprender a conviver com ela, a suportá-la; se as pessoas vão achar você um pouquinho menos inteligente, menos maravilhosa, menos brilhante uma vez, se as pessoas vão gostar de você um pouquinho menos uma vez, isso não significa que você se tornou realmente uma pessoa pior e que nunca mais será amada na vida.

Sobretudo isso, assimilar o fato de que se você errar, se você tropeçar nas palavras, se você não for tão lúcida quanto gostaria e não conseguir expressar exatamente aquilo que pensa, ainda assim nenhuma tragédia aconteceu, o mundo não vai execrar você por causa disso. Lembre-se,

inclusive, que muitas pessoas têm até mais facilidade para aceitar o erro do que a perfeição, porque o erro do outro minimiza nosso próprio erro e o justifica, enquanto a perfeição nos exige performances muito difíceis de manter.

Mas isso tudo que estou falando são providências internas. E eu sei bem o quanto custa chegar a elas. Porque não adianta apenas dizer dois e dois são quatro, não adianta saber matematicamente a conta. É preciso conhecer o dois e novamente conhecer o outro dois, e ter plena noção do que é o quatro. É preciso sobretudo poder dizer "dois e dois são quatro, e tudo bem", ou seja, é preciso estar de bem com a conta. E uso o exemplo da conta porque me lembro da piadinha que pergunta qual é a diferença entre o psicótico e o neurótico, e responde: o psicótico diz que dois e dois são cinco; e o neurótico diz: dois e dois são quatro, mas eu não agüento!

E por ser tão longo e difícil esse trabalho interno, eu gostaria de poder ajudar você de alguma forma mais prática, mais imediata, enquanto ele vai se desenvolvendo. Por isso esboço alguns conselhos, talvez até elementares, mas que, como aqueles da nossa avó, de como tirar manchas de vinho de uma toalha branca, podem ser úteis na hora do aperto.

Não tente partir para os grandes vôos se você ainda despenca nos pequenos. Ou seja, não queira falar no meio de muita gente se você ainda se atrapalha falando para poucas pessoas. O esforço emocional ao qual estaria se submetendo seguramente acabaria prejudicando não só o resultado da sua fala, como também, o que é pior, a alegria de participar. Vá aos poucos aumentando sua platéia sem se exigir repentinamente um público de Maracanã.

Formule bem seu pensamento antes de falar. Sentindo-se insegura nas palavras você corre mais risco de tropeçar, porque a improvisação só é bem-sucedida se feita com tranqüilidade, de modo a permitir a ginástica do raciocínio. Portanto, é mais conveniente ensaiar antes a frase, em silêncio, até ajustá-la bem ao seu pensamento.

Verifique se você tem suporte para ela. Não adianta lançar uma idéia apenas por lançar. Num grupo, é provável que nem todos concordem com o que você está dizendo, é provável que questionem ou até mesmo que queiram maiores explicações. Você tem que estar preparada para isto, tem que ter as colaterais da idéia, o suporte para suas afirmações. É realmente constrangedor chamar a atenção de um grupo para si, e logo em seguida frustrar essa atenção. Mesmo porque o grupo, ao concentrar-se em alguém,

está esperando receber alguma coisa.

É fundamental portanto que você fale daquilo que sabe. Saber dá segurança. Nem é preciso que todos saibam de tudo. Ainda que apenas um assunto seja o seu preferido, ele já é suficiente. Aprofunde-se nele, leia, documente-se, procure ficar dona de todos os seus detalhes. Nele você terá uma boa arma a qualquer momento. E, a partir dele, da segurança que ele lhe dá, poderá partir para novos campos.

Vá devagar. Se você consegue falar uma vez numa reunião, ainda que com algum esforço, considere-se bem-sucedida e tire seu time de campo. Falará mais de outra vez, e assim sucessivamente. Não vale a pena correr o risco de se embaralhar toda, só pelo entusiasmo de um primeiro sucesso. E não é só porque você falou que a expectativa de todos se mantém cravada em você esperando mais e mais.

Observe os outros. Ao bom observador é visível a pequena mecânica com que cada um se defende do nervosismo, se prepara para entrar na liça. Olhe sobretudo as mãos, que são grandes denunciadoras. Repare se estão crispadas, brincando com lápis, cliques ou objetos, se rodam anel, se alisam tecidos. Olhe os lugares onde o suor é mais abundante, axilas, buço, palmas das mãos. Fique atenta a alterações de cor, de expressão. Poucas coisas são tão tranquilizadoras quanto a percepção de que o interlocutor está com medo, porque isso significa que ele está nos achando fortes, mais fortes do que ele, e com isso já está nos dando um *handicap*, ainda que inconscientemente.

E lembre-se enfim de que falar não é obrigatório. Se depois de tudo o que dissemos, e de tudo o que você fizer para melhorar, ainda assim o seu medo continuar, o seu mal-estar for muito intenso, não force os limites da sua sensibilidade. Cale-se, simplesmente, e ouça. Resta-lhe a palavra escrita e, como diziam os antigos: *scripta manent, verba volant*, que, se não me engana o latim aprendido na infância, significa que as coisas escritas permanecem, e as palavras faladas voam.

## AH! ESSAS BRIGAS DE FAMÍLIA

Cenário: apartamento classe-média. Mesa posta para o café. É sábado de manhã. Em algum ponto da sala um relógio marca dez horas. À mesa, pai, mãe e filho de seus dezoito anos tomam café. Um lugar está vazio. É da filha mais velha, que entra bufando. Filha: (*Dirigindo-se ao irmão.*) Que negócio é esse de levar meu carro ontem à noite? O carro é meu, tá? Meu, e só empresto se quiser.

Filho: (*Arremedando.*) Meu, meu... Mas na hora de usar meu barbeador para raspar as pernas, não tem meu.

Com esse edificante debate sobre usos e propriedades tem início a primeira briga do dia, encerrada com a filha se retirando da sala.

Voltará às onze horas, já arrumada, portando discreta malinha.

Pai: (*Olhando desconfiado.*) Onde é que você vai?

Filha: (*Com ar de ai-meu-santo.*) Para o sítio, passar o fim de semana. Já falei com mamãe.

Pai: Mas comigo não falou. (*Irônico.*)

É claro. Pro sítio com quem? Seu namorado vai? (*Sem esperar resposta.*) Você pensa que vai saindo assim sem...

Filha: (*Cortando.*) Vai um monte de gente... será que vocês não podem me deixar viver em paz?

Está dada a partida para a segunda briga do dia, que acabará com a partida da filha, apesar da cara de eu-deixo-mas-não-gosto do pai.

Antes que a manhã acabe, teremos ainda por ordem de entrada em cena: briga do pai com o filho, que quer ir à praia exatamente na hora do almoço; relato telefônico da mãe à sua irmã, narrando a discussão do dia anterior com a sogra; briga do pai com a mãe devido ao relato pouco elogioso. Tudo isso coroadado, finalmente, com a entrada triunfal da empregada, que traz o feijão para o almoço, e com nosso pano rápido caindo sobre mais uma típica manhã familiar de sábado.

Caricatura? Exagero? Nada disso. Apenas um retrato bem-humorado

da realidade familiar, em que a briga é tão constante que até esquecemos de reparar nela. É justamente em família que mais se briga, no ringue da sala, no tatami do quarto, entre as cordas invisíveis e sempre esticadas da cozinha, do banheiro, dos corredores, e é em família que — aparente paradoxo — mais se ama, pois a família é feita exatamente disso, do fervilhar constante de sentimentos que a toda hora, por sua própria força, explodem.

Você pensa que aquele pai brigou com aquela filha porque queria mesmo que ela não fosse passar o fim de semana fora? Nada disso. Se ele quisesse, se quisesse mesmo, teria imposto sua vontade, gênero pai-patrão, e simplesmente a teria obrigado a ficar em casa. Mas não era o que ele queria. E ela sabia disso.

Ele queria: 1) mostrar que está vigilante, tomando conta dela; 2) dizer que a ama e que não quer abrir mão dela; 3) protegê-la, através do cuidado com a sua virgindade; 4) impedir que amigos, vida, namorados a desviem daquele que ele acha ser o melhor caminho para ela.

Por outro lado, ela também não estava dando uma explicação exata sobre sua caravana turística. Ela dizia, na verdade: 1) que ela não ia sozinha para a floresta, ser devorada pelo lobo mau; 2) que ela não é mais chapeuzinho vermelho; 3) que é adulta, dona de sua própria vida e quer vivê-la como lhe aprouver.

Por aí vemos como uma briga simples, acerca de um assunto sem importância, encobre na verdade recados de importância fundamental e pode, por isso, provocar um grande envolvimento emocional. Na verdade, pai e filha estão brigando pela posse afetiva dele sobre ela, pela afirmação dela como ser adulto, pelo choque cultural entre duas gerações.

Essa é, em síntese, a dinâmica da família. Briga-se constantemente, porque constantemente se exercita o amor, cujo componente e reverso é o ódio. Sem amor, a convivência seria insuportável. Mas o amor puro, só amor, não existe, é uma velha fábula romântica. O que existe, às vezes, é a repressão da raiva sob a máscara do amor. E isso não é amor puro, é amor falso, turvo, encenação.

Para que o amor se mantenha, portanto, é necessário deixar atuar o ódio, e trabalhar os dois, passo a passo. Mantida num nível que poderíamos chamar de normalidade (em que as escaramuças são mais comuns do que as



brigas propriamente ditas), a briga familiar é um fenômeno sadio e indispensável. Já foi até constatado que as famílias que recalcam seu ódio, mascarando tudo sob um falso aspecto amoroso e veiculando até mesmo as reclamações debaixo de uma frase açucarada têm mais possibilidade de conduzir seus filhos a desequilíbrios mentais.

Brigamos em família porque vivemos em família. E poderíamos até quase dizer que a família que briga unida permanece unida. Isso porque a família funciona como um micromundo. Assim como no galho a mãe-pássaro treina o filhote para o vôo, do mesmo modo a convivência familiar prepara para a disputa da vida em sociedade.

Na família, recriam-se os mesmos elementos que governam a sociedade: disputa de lideranças, demarcação de espaços, disputa de afeto, disputa de dinheiro. Mas o exercício dessas pequenas lutas é mais fácil, porque são menores os riscos. Os participantes do ritual da briga se conhecem e sabem que por baixo de tudo está a ligação amorosa mais forte. Brigando, os irmãos sabem, inconscientemente, que logo depois farão as pazes. E as mães permitem-se dizer coisas ferocíssimas aos filhos, resguardadas pela força carnal do seu amor. Já fazem até parte do anedotário internacional as brigas das famílias italianas, mas é internacionalmente aceito o fato de que o amor familiar, dominado pela figura da *mamma*, é tão violento e teatral quanto as brigas.

Em família cada participante conhece os limites do outro, sabe até onde pode ir, e o que vai receber em resposta. Atua portanto mais seguro, desreprimindo a raiva sem tanto medo. Há, por trás da briga familiar, uma espécie de ensaio secreto, pelo qual tudo já está previsto, e as mesmas atuações são constantemente repetidas.

Mas é evidente que, apesar das repetições e dos limites, a força das emoções envolvidas pode tornar as brigas familiares muito violentas e sobretudo muito dolorosas. Há toda uma graduação de intensidade, destinada inclusive à preservação da família. Pois é óbvio que, quando as brigas se tornam excessivas em número e em violência, a família corre sério risco de se desfazer.

Embora basicamente as brigas familiares sejam muito parecidas, elas obedecem a um esquema — que é o esquema da família em si. Os esquemas mais comuns são aproximadamente assim:

1 — *A família aberta*. É sem dúvida a mais movimentada de todas. As portas estão sempre abertas, e a casa vive cheia. Se os filhos são poucos, não há problema; incorporam-se filhos dos outros, amigos, vizinhos, namorados. Pessoas aparecem para comer. Parentes vêm pedir conselhos. Amigos vêm visitar. Há sempre mais alguém morando, hóspede de passagem, conhecido viajante, parente que veio de outra cidade. Sim, é muito animado, sem dúvida, mas é um bom ninho de brigas. Porque é evidente que, aos problemas da família, acrescentam-se os dos outros. Vigoram, nesse esquema, os disse-me-disse, a puxada rápida de tapete debaixo dos pés, o jogo de empurra. Sob o aspecto da bonomia generalizada, disputa-se o afeto do milímetro. E muitas vezes as pessoas da família acabam se unindo contra um dos agregados, para poder restabelecer o equilíbrio ameaçado. O que os de fora esquecem é que, por mais que se disfarce, eles não são realmente da família, e haverá um momento que terão de verificar isso. O engraçado do esquema família aberta é que, ao mesmo tempo que se queixam pela movimentação toda, pelas brigas, pela falta de privacidade, os membros da família estimulam a entrada de novos participantes do grande bolo e, assim, de novas brigas.

2 — *A família patriarcal*. É um esquema que esteve mais em uso, mas que continua fazendo sucesso. Baseia-se numa personalidade dominante (tanto pode ser a mãe, quanto o pai, ou um dos avós), que governa o resto da família. Esse mando pode ser exercido através da força, do dinheiro ou do amor, mas é sempre despótico e sufocante. As brigas, neste caso, atuam de duas maneiras. Uma, contra o tirano, na vã tentativa de fugir à mão esmagadora. Outra, contra outros familiares, disputando o amor e a carícia da mesma tirânica mão.

3 — *A família fechada*. Esta eu observo diariamente, porque é de caros amigos meus. Um pai, uma mãe, uma filha e um filho casado.

Se adoram e não param de brigar. São fechados ao redor de si mesmos, não aceitam intromissões (a nora apenas parcialmente assimilada, mas a família dela ficou de fora). Viajam juntos, fazem férias juntos, "piquenicam" juntos. São o grande ponto de referência um do outro. Mas suas brigas são um tédio. É simplesmente porque, neste universo tão fechado que estabeleceram, não há margem à criatividade nem mesmo na hora da discussão. Tediosas e violentas (tão forte o amor, tão forte o ódio) se seguem com precisão de cronômetro, e quase poderiam pontuar as atividades, tipo: "Vamos ao cinema antes ou depois da briga?"

Esses são três esquemas comuns, que todos nós conhecemos. Mas é claro que o mundo está repleto de gente original e que novas fórmulas de luta doméstica podem ser instituídas a todo instante, dependendo dos litigantes.

Essas são, sem dúvida, as causas principais da grande batalha campal que se desenrola entre cama e mesa.

E faço questão de colocar o amor na frente, porque ele é a grande mola propulsora de todos os nossos atos.

Em família, brigamos sobretudo para satisfazer nossa necessidade de amor. E podemos, com certa tranquilidade, colocar a figura da mãe no centro dessa disputa. A mãe, pelo menos num primeiro estágio. A mãe e o pai, juntos, logo em seguida.

Cada filho quer ser o favorito, mas vive a desconfiança, ou a funda certeza, de ser o preterido. A disputa não tem fim e dá seu bote em qualquer circunstância. Já briguei muito com meu irmão por causa de batatas fritas e Coca-Cola. As batatas eram contadas, mas nem assim a desconfiança afrouxava, e havia sempre o momento em que um acusava o outro de estar escolhendo as batatas maiores. Quanto à Coca-Cola, medida a dedos, como garantir que os dedos de um não fossem mais gordos que os do outro?

Eram fome e sede que nos esporeavam à guerra? Pouco provável. Mas era evidente para nós que quem ganhasse mais batatas fritas seria o mais aquinhado pelas benesses familiares e, portanto, o favorito. Contávamos, do mesmo modo, as carícias, os presentes, as roupas ganhas e, quem sabe, inconscientemente, até os castigos, sempre à caça de uma confirmação, de um dado palpável que estabelecesse nossa cotação na bolsa do afeto.

Enquanto os filhos se exercitam nessa ginástica, a mãe disputa o amor deles em relação ao marido, o amor do marido em relação à sogra, e o amor do marido, pura e simplesmente, em relação ao universo. Idem para o pai em relação à mãe. Isto sem contar tios, avós ou outros parentes que integram o mundo familiar.

O amor então é o eixo.

Mas tem também o amor a si. Briga-se muito em família, por legítima defesa, para estabelecer os próprios direitos, defender os próprios pontos de vista. Quando a irmã briga com o irmão porque ele usou o seu carro, o carro

tem pouco a ver com a coisa. Ela está defendendo é a sua posse, o seu direito de ter coisas que sejam só suas. Ela está se defendendo.

Estabelecer limites em família é tarefa de titãs, agravada sobretudo pelo aperto crescente em que as famílias vivem. O ser humano, já foi provado, precisa de espaço, recolhimento, solidão. Como consegui-lo num sala-dois quartos de setenta metros quadrados (e estou sendo otimista) abrigando o núcleo familiar clássico de cinco pessoas, pai, mãe, dois filhos, empregada? Há um aperto inevitável, um chocar-se incessante. O etólogo americano John Calhoun provou, através de uma série de experiências, que ao diminuir o espaço disponível a uma colônia de ratos, altera-se progressivamente seu comportamento, até alcançar, no máximo de aperto, um tipo de stress que ele batizou de esgoto comportamental, em que a agressividade dos animais domina toda a sua atuação, prevalecendo sobre o comportamento habitual da espécie. Levadas pelo stress, as mães chegavam a comer os próprios filhotes.

Não é de admirar, portanto, que nos tornemos mais agressivos dentro dos limites fisicamente apertados em que se estabelece o lar urbano. Na verdade, cada um sonha em ter um quarto só para si, e todos sonham com um espaço coletivo amplo o suficiente para permitir que um leia enquanto o outro veja TV, que o braço de um estique sem esbarrar no cotovelo, do outro.

Na minha casa, por exemplo, depois de renhidas brigas com a irmã acusada de crime de invasão, a minha filha mais velha decidiu trancar a porta do quarto a chave. Agora não briga mais com a irmã, briga comigo, que cada vez que quero falar com ela sou obrigada a bater, chamar, esperar, como se pedisse audiência a um ministro. Mas, apesar da irritação, eu sei que ela está somente defendendo aquilo que os estudiosos do comportamento animal chamam territorialidade, ou seja, um espaço considerado próprio, a ser defendido até contra os da própria espécie.

E brigamos também muito por dinheiro. Não pelo dinheiro em si, propriamente, mas pelo que o dinheiro representa.

Não conheço briga familiar mais clássica do que aquela em que o pai (geralmente é ele), tentando impor sua posição ao filho, e já à custa de argumentos, dá a discussão por encerrada com a magna frase final: "Muito bem, você pode não concordar, mas aqui é assim. E, enquanto você morar na minha casa, vai ter que me obedecer!" Onde está dito "morar na minha casa" podemos perfeitamente ler: viver do meu dinheiro. Porque, na relação

familiar, o dinheiro representa poder e, logo, direito de mandar. Nas famílias em que o pai é o único provedor, ele costuma ser também o grande mandador. Seu poder é superior ao da mãe, ficando tacitamente estabelecido que a ele se obedece porque é forte (rico), e a ela porque é doce (subalterna). Quanto aos filhos, tentam numa primeira fase tomar dinheiro dos pais (ou seja, tomar poder). Para, numa segunda fase, tentar ganhar seu próprio dinheiro, e opô-lo, como força, à força-dinheiro dos pais. Na minha casa, no momento vive-se contemporaneamente as duas fases: minha filha menor, que ainda não tem mesada, vive me pedindo dinheiro, que depois nem gasta, junta no fundo de uma gaveta. E a mais velha faz infundáveis projetos de ganhar dinheiro, e fazer com ele o que quiser, assim que tiver idade.

O fato é que, por dinheiro ou por afeto, pois o afeto também é vivido através do dinheiro, a frase "Você pensa que dinheiro dá em árvore?" é uma das grandes senhas familiares para a briga.

Seria então a família um verdadeiro ninho de mafagafos? Pode ser, mesmo porque nem sei ao certo o que seja um mafagafo, mas o fato é que, apesar de chuvas e trovoadas, é sempre um ninho, o nosso, e convém tirar dele o melhor proveito possível. Já descobrimos que não brigar é impossível, e evitar a briga a todo preço é pouco sadio. Isso não significa, porém, que a gente deva se atirar a ela de ponta-cabeça. Significa, talvez, que se deve entrar na briga levando a cabeça junto, ou seja, não indo só atrás da emoção. Não é fácil, porque tem horas, muitas, em que família literalmente nos faz perder a paciência. E tem horas em que a gente faz a família perder a paciência — e ela então nos pula em cima.

Mas é possível não perder a paciência. E, quando não der para manter a cabeça limpa antes ou durante, que seja depois. É sempre melhor do que nada.

Batidas as portas, gritado aquele impropério mais ofensivo que a decência permite, esvaziado o grosso da irritação é sempre possível fazer um *flash-back* e tentar descobrir por que se brigou (e muitas vezes se descobre que a tempestade começou mesmo com um ridículo grão de areia). Achado o motivo, pode-se então começar a procurar o motivo verdadeiro, aquele atrás do motivo aparente.

Pode acontecer, e acontece fatalmente, que, depois de realizado

algumas vezes esse pequeno exercício de investigação, a gente chegue à conclusão de que as causas das brigas são sempre as mesmas, e são poucas, apesar de seus múltiplos disfarces. E, restrita a área, fica mais fácil tomar conta dela.

Na minha família, onde somos vários prestando atenção, já estamos cansados de saber por que brigamos. Nem por isso brigamos menos. Mas o que acontece agora é que as brigas deixam pouco ou nenhum resíduo. A gente briga, grita, se enraivece mesmo. E quinze minutos depois está tudo de bem outra vez.

Antes eu tinha medo de brigar. Achava que coisas irreparáveis aconteceriam. Engolia minha raiva, e era muito pior, porque ela "vazava" de mim e contaminava os outros, num sentimento confuso e opressivo. À medida que fui tateando nas brigas, fui ficando mais lépida. E hoje sou uma verdadeira ranzinza briguenta, que minha família, porém, ama do mesmo jeito.

Assim como eu sou ranzinza, cada pessoa na família tem suas características. Respeitá-las é uma das maneiras de diminuir o volume de brigas. Mas, se é exatamente a característica de um de nossos parentes o que mais nos irrita, convém então parar para pensar por que exatamente aquele jeito é tão agressivo para a nossa sensibilidade. E, se esta busca puder ser feita junto com a pessoa "irritante", melhor.

Falamos até aqui de brigas, e vimos que não são nenhum monstro de sete cabeças. Mas falamos de brigas normais. É claro que o conceito de normalidade é elástico, varia muito. Mas com alguma sensibilidade, e observando a família dos outros, é sempre possível saber quando as brigas são, como já dissemos, um exercício de socialidade, ou quando extrapolam para um nível que pode ser considerado neurótico.

A família que sofre e se entredévora destruindo aos poucos seus componentes e afundando num pântano só seu, dificilmente poderia ser considerada normal. E para ela seria preciso outra conversa, além da que tivemos aqui.

Mas, numa família "normal", é normal a briga. E podemos nos entregar a ela, luta justa pelo poder, pelo conforto e direito de ser amado.

## DRIBLANDO OS MAUS MOMENTOS

Se você estivesse agora muito triste, o mais provável é que quisesse fugir dessa tristeza bem depressa, antes do aprofundar-se da ferida. Talvez telefonasse para alguma amiga e tentasse desencavar um programa para a noite, coisa bem alegre, barulhenta, movimentada, que não a deixasse pensar na sua tristeza. Ou talvez telefonasse para um amigo, conhecido, ex-namorado, enfim, alguém do sexo oposto, garantindo logo uma companhia masculina, ainda que não decididamente romântica. Fosse qual fosse a opção, você ia tentar evitar a fossa, a solidão em casa, o remoer da mágoa. Pois não é assim que todo mundo faz?

O outro lado da questão também é verdadeiro: se você hoje estivesse feliz, extravasando o sorriso nos olhos, o mais provável é que não quisesse sair nunca dessa beatitude. Se a sua felicidade vem de um amor, correspondido e bem-sucedido, você evitaria, talvez, os lugares de muita agitação, os grupos numerosos, e ficaria, a sós ou quase, resguardando esse amor de qualquer ameaça, de qualquer possibilidade de dano. Seja qual for, no entanto, o motivo da felicidade, o certo é que você a protegeria tanto quanto pudesse, confessando-a somente a amigos íntimos e procurando custodiá-la dentro de você, conservá-la ao máximo. Pois, afinal, não é assim que todo mundo faz?

É assim, de fato, que todo mundo faz. O que não significa que é assim que deva ser feito, pois, assim como a felicidade, também a tristeza é uma etapa da vida, um momento. E, embora seja reflexo natural querer esquivar-se da tristeza e manter-se na felicidade, a verdade é que dificilmente isso pode ser obtido à custa de artifícios. Na maioria dos casos, os artifícios apenas disfarçam a realidade, recalçando os sentimentos para um segundo plano em que nos seja permitido negá-los, ainda que temporariamente.

Lidar com a felicidade é, em princípio, bem mais fácil do que lidar com o sofrimento. Mas a verdade é que, até mesmo por uma certa falta de costume, quando ela aparece radiosa, acabamos às vezes metendo os pés

pelas mãos.

Basicamente, queremos conservar a felicidade. É o tesouro mais precioso, o que, por trás de tudo, todo mundo procura. Quando nos sentimos felizes, vemos em tudo uma ameaça à nossa felicidade. É a hora de temer o olho grande. O que vem a ser ele, afinal? É um olho grande mesmo, imenso e persecutório, que, tendo vislumbrado ao longe nossa alegria, abate-se sobre ela carregado de inveja, pronto a apagar qualquer sorriso. A todos e a ninguém. Acreditamos que existe, tememos seu efeito, recomendamos aos outros que tenham cuidado, fechamos as gelosias da nossa vida, mas saber de onde vem não sabemos.

Vem, em grande parte, de nós mesmos, configuração simbólica dos nossos medos. Por trás do "olho" está nosso inevitável sentimento de culpa: não somos perfeitos, erramos, então não merecemos essa felicidade e, mais cedo ou mais tarde, ela nos será tomada em pagamento de dívidas não resgatadas. Ansiosos, tentamos protegê-la.

No entanto, protegendo demais a felicidade, estamos decretando sua sentença de morte. Estamos ratificando uma fragilidade que é nossa, pois colocar fora de nós a responsabilidade pela duração da nossa felicidade equivale a dizer que nós somos incapazes de conservá-la e até mesmo de vivê-la plenamente.

Sabemos que, como a tristeza, a felicidade não pode ser eterna. Mas nos recusamos a aceitar essa verdade. Negamos à felicidade seu direito de existir pelo que é, uma etapa da vida. E apegando-nos a ela em ânsia, negando sua essência, perdemos muitas vezes a naturalidade necessária para usufruir de sua alegria e quem sabe prolongar realmente sua duração.

A felicidade não pode ser monobloco trancada em si mesma. A felicidade maior, a que não é feita apenas de entusiasmos passageiros, é exatamente aquela mais aberta para o interior, a que permite o trânsito da dor, a que flui como maré, e como maré se retrai para depois voltar. Aceitar essa fluidez é o primeiro passo, no aprendizado de longas felicidades. Porque, se você se apressa e sai à noite pensando que está "matando" a dor do dia — seja ela dor de amor ou sofrimento que traz uma indecisão, por exemplo —, você se engana. Saindo à noite você está apenas saindo à noite, ou seja, está enchendo o espaço da noite com barulho e movimento, impedindo assim à sua mente ocupar aquele mesmo espaço com



elucubrações tristes. É, aliás, um artifício que nem sempre dá certo, ou que, pelo menos, não dá certo para todo mundo. Basta você prestar atenção à sua volta: por mais animada que seja a festa, haverá sempre alguém num canto, meio apagado, banhando em uísque sua infelicidade. Provavelmente, ao sair de casa, esse alguém também pretendia deixar a tristeza atrás da porta, mas acabou, sem querer, levando-a consigo.

Suponhamos, porém, que você consiga. Uma boa maquilagem, um penteado novo, uma roupa colorida, amigos buzinando lá embaixo, e lá vai você rumo à noite. Ouviu, por acaso, quando a sua infelicidade despediu-se baixinho murmurando até amanhã? Não ouviu, talvez. Ouvirá então na manhã seguinte, quando ela lhe der bom-dia. Ela não foi à festa, mas ficou em casa comportada, esperando. E agora, dia claro, ali está à sua frente.

Você pode querer afogá-la novamente. Basta enfiar uma roupa e sair correndo para o trabalho, ou para a aula, ou para fazer compras, ou para qualquer outra coisa que você inventar, capaz de, novamente, tirar a sua sensibilidade mais profunda da circulação enquanto o corpo e o pensamento superficial se agitam em altas atividades.

Agindo fisicamente você pode, de fato, conseguir um bom afastamento da dor. E agindo com continuidade e dedicação você é até capaz de ir deixando a sua dor cada vez mais para trás, até, aos poucos, esquecer-lhe a cara e o motivo. Talvez você consiga mesmo mantê-la afastada durante o tempo suficiente para aparecer alguma alegria capaz de superpor-se a ela, e de abafá-la de vez. Terá evitado assim um sofrimento em sua vida.

Muita gente age assim. Provavelmente, a maioria. Eu mesma encontro freqüentemente na vida pessoas em fase de "abafamento" intensivo. A amiga desquita; e eis que sai pela noite eufórica, sem perder uma festa, um vernissage, um coquetel. Chega sozinha, sai sozinha, mas não deixa de ir. Está se divertindo? Não propriamente. Mas está mantendo seu sofrimento num canto, quieto, como o domador que domina a fera com uma cadeira. Outra amiga rompe um -amor, e no dia seguinte já está circulando com outro, e logo com outro mais, e outro. Sozinha não fica. Está amando?

Não propriamente. Mas está trancando o sofrimento na gaveta, junto com as cartas do amor verdadeiro. Todos nós conhecemos gente assim. E

em alguns momentos também agimos dessa maneira. Mas é a maneira melhor?

Não creio. Em momentos de crise muito intensa esse procedimento pode ser até necessário para vencer os primeiros e mais dolorosos momentos. Porém não me parece em absoluto que funcione a longo prazo e, muito menos, que possa constituir-se numa regra de vida.

Andar de um lado para outro, correr atrás de cada diversão não anula o sofrimento. Evita apenas que pensemos nele, que fiquemos envolvidas por ele, absorvendo-o aos poucos, através do seu próprio impacto. É o que os psicanalistas chamam de recalcar. Agitar recalca o sofrimento, empurra-o para baixo, para o fundo de nós mesmas, onde nos iludimos de vê-lo desaparecer. Mas aquilo que não foi desgastado não desaparece, por mais bem escondido que esteja. Empurrado para as zonas mais sombrias da nossa personalidade, proibido de atuar abertamente, o sofrimento continua agindo — exatamente como o magma que ferve no escuro miolo da Terra, e que ao longo do tempo nos ameaça com a possibilidade de terremotos, vulcões, erupções de lava. Não é dito que vá haver explosões, depois de tentarmos recalcar o que quer que seja em nossa vida. A explosão não é característica de todos. Porém, é certo que haverá complicações, de intensidade correspondente à intensidade do recalque. Um sofrimento recalcado pode manifestar-se de forma tão sutil que a gente nem o percebe. Mas uma tradição de recalques, vida afora, tem força mais do que suficiente para alterar o nosso comportamento, e conseqüentemente o rumo do nosso destino. Tem força até mesmo para se manifestar fisicamente, chamando a atenção que lhe é negada, através das doenças já reconhecidamente de fundo nervoso, ou mesmo de pequenos ou maiores males. É o que se chama *somatização*. Uma atriz, amiga minha, por exemplo, extravasa seus recalques ficando rouca e outra, que é modelo, somatiza com queda de cabelos. Ou seja, em cada uma, os sofrimentos negados em suas vidas atacam na área do trabalho, como se dissessem: já que é através do trabalho que você foge de mim, é através do trabalho que vou chamar sua atenção.

Não é difícil, portanto, chegar à conclusão de que, dos males, o menor é ainda o de vencer o medo, dominar o reflexo instintivo e, em vez de fugir da dor, enfrentá-la de uma vez. "Driblar" os maus momentos da vida com sabedoria é, na verdade, saber como enfrentá-los. Para vencê-los, finalmente.

E essa vitória não necessita forçosamente ser conquistada em solidão. Se você tem um amor, um companheiro, o normal é que os maus momentos da vida sejam enfrentados pelos dois juntos, mesmo porque a etapa de um acaba se refletindo no ritmo do outro, alterando-o. Vocês poderão conversar juntos sobre o que está acontecendo, poderão discutir, até brigar, se for o caso. O importante é manter a dinâmica do questionamento, sem escamotear verdades, e evitar o jogo de esconde-esconde em que tantos casais se perdem.

Os amigos também ajudam muito nessas horas. Eles podem jogar muita luz no que nos parece uma escuridão sem remédio. O importante é não distorcer a atuação dos amigos transformando-os em elementos de distração. Eles devem, ao contrário, atuar como catalisadores, como elementos que, enriquecendo-a com diferentes pontos de vista, acelerem seu processo de conhecimento e assimilação.

Existe, e você a descobrirá aos poucos, uma dinâmica nesse jogo de "driblar" os maus momentos da vida. Varia de pessoa para pessoa, e cada qual lhe imprime suas características. Há gente que demora mais para vencer os maus momentos, para passar por eles, há gente que precisa de um período mais longo para digerir esses momentos. Há, os que se trancam, os que comem loucamente, os que quase não se alimentam, os que escrevem, os que precisam falar e os que só se encontram no silêncio. Mas, por mais variados que sejam os comportamentos, os resultados são praticamente iguais.

Penso nessas etapas de nossa vida, nos momentos alegres e tristes, e não posso deixar de compará-los com o aprendizado da leitura. Primeiro as letras, signos, depois as sílabas, depois aos poucos as primeiras palavras, e afinal a leitura completa. Depois do aprendizado, de cada uma de suas etapas, elas parecem de alguma maneira perder a força que tiveram, e quase se confundem para ceder lugar ao resultado, à conquista do prazer de leitura. Prazer que, por sua vez, se fará mais intenso e requintado na medida em que, subindo degraus e parando em patamares, se forem galgando etapas de conhecimento.

Sabendo reconhecer as etapas da vida, a intensidade dos bons e maus momentos, sabe-se também distinguir entre uma simples chateação e uma dor séria. Abafar uma chateação, esquecê-la na alegria de uma festa, não é a mesma coisa que tentar superar uma dor séria. Um chateamento é uma

pedra no caminho. Uma dor séria é uma montanha. E é fundamental não confundir pedras com montanhas. Pedras podem ser saltadas sem esforço. Montanhas dividem o espaço, interrompem, estabelecem um antes e um depois. É o ponto em que, mais visivelmente, você, ou algo em você, se modifica.

E o que exigem de nós essas montanhas? Basicamente, atenção. Funcionam, ou deveriam funcionar, como o sinal amarelo no trânsito, significando alerta. Ordenam uma diminuição da marcha, uma boa olhada atenta. Há perigo por perto, convém precaver-se antes do próximo movimento.

Acalmado o primeiro impulso ansioso que nos impele para a fuga, veremos que enfrentar a situação não é tão ruim como a gente temia. Pode-se e deve-se procurar a causa do que estamos vivendo, entender como chegamos até ali. Descobrir as causas das coisas é o primeiro ponto para chegar a alguma conclusão, porque é procurando pelas causas que revemos, nós mesmos, o nosso comportamento, as reações que, em cadeia, nos levaram até onde estamos.

É também estudando as causas dos maus momentos que estamos vivendo que mergulhamos no fato em si, projetando-o infinitas vezes na nossa tela interna, desmembrando partes, analisando detalhes, revendo palavras variadas vezes até absorver todas as suas possibilidades de significação.

E no decorrer desse trabalho (do qual às vezes somente uma parte é plenamente consciente, enquanto a outra se desenvolve sem o nosso total conhecimento) o fato vai sendo aos poucos deglutido e incorporado em nossa vivência, preparando-nos não só para sair dele, mas para traçar também rumos futuros.

Dos maus momentos da vida, esses que parecem eternos, saímos todos mais fortes e um pouquinho mais maduros. Ganhamos um pouco mais de compreensão de nós mesmos e nos abrimos um pouco mais para os outros. Conquistamos também uma infinitésima parte daquela humildade tão necessária para aceitar que ainda atravessaremos outras fases que nos parecerão sofridas, em nossa vida. E entendemos que em cada uma delas tomaremos um novo fôlego para o momento seguinte.

## VALE A PENA TENTAR COM UM HOMEM CASADO?

Em princípio, tudo vale a pena, porque de tudo se extrai o muito e o pouco com que vamos construindo nossa vida. Mas feita essa premissa, e acrescentado que é justamente no risco, no perigoso incógnito, que o ato de viver se faz mais interessante, podemos olhar a pergunta mais de perto.

Vale a pena, em relação a quê? Ao prazer que se pode extrair? Aos resultados práticos? Às possibilidades matrimoniais futuras?

Há duas maneiras básicas e opostas de se enfrentar um eventual caso com um homem casado:

1. Vale a pena colocar afeto, emoção, tempo, nesse homem, na crença ou esperança de que nosso amor seja mais forte do que tudo e ele venha a descasar para casar comigo?

2. Vale a pena arriscar um tombo para ter uma aventura agradável, leve e passageira com esse homem que não quero para mim definitivamente e que também não me quer assim?

A resposta à primeira pergunta é mais difícil. Eu gostaria de dizer não. Eu gostaria de afastar uma mulher desse que é indubitavelmente um sério perigo. Eu diria: não se arrisque, as chances de sofrer são muitas, são tantas, são demais. Mas aconselhar não é impossível, mesmo porque, em meio a incontáveis casos que não deram certo, há aqueles, esplendorosos, em que realmente um amor foi "mais forte que tudo". E afinal, ter a vitória como meta é apenas justo.

Então, covardemente a meio caminho, sem dizer tente e sem dizer fuja, consolo-me sabendo que de pouco adiantaria minha resposta. Porque quando a gente se faz essa pergunta é sinal de que um deslumbrante homem casado já apontou no nosso horizonte, e, embora em aparente relutância, a clássica ordem "adiante a todo vapor!" já foi dada, e nossas forças estão em marcha. Aconselhadas a parar, teríamos somente o trabalho de encontrar razões irrefutáveis para entrar de cabeça no romance. E razões são fáceis de

achar, sobretudo quando a gente está à cata delas.

Vamos então ao segundo tipo de enfoque, o que aceita a parte da premissa de transitoriedade, ou pelo menos de não totalidade (não esquecer que, além do vínculo, o homem casado tem outra mulher, a esposa, o que estabelece, de saída, uma relação dividida). Vale a pena?

Pode valer. Os problemas sociais e morais a esse respeito já diminuíram muito; nem se trata aqui de assumir o antigo papel de teúda e manteúda. A mulher, dona da sua vida, que resolve hoje ter um romance com um homem casado já não é a "outra" abominada pela sociedade, posta à margem. É apenas uma pessoa buscando o seu prazer e tentando a sua felicidade. Direito que lhe é dado inclusive pelas leis do divórcio. E isso facilita muito as coisas em relação aos outros, ao seu encaixe dentro de um conjunto.

Resta ver em relação a ela mesma. Em primeiro lugar acho importante dizer que não acredito em casualidade. Ou seja, na grande maioria dos casos, a mocinha não se apaixona perdidamente pelo herói, para só depois descobrir que havia uma Sra. Herói na jogada. O processo costuma funcionar ao contrário, a mocinha conhecendo o homem casado, às vezes até acompanhado pela própria mulher, e a partir daí, já sabedora da situação, alimentando um interesse crescente. E isso é importante porque significa que ela não se interessou por ele apenas, mas se interessou por ele casado; foi, ainda que só em parte, atraída pelo fato de ele ser um homem basicamente mais difícil que os outros, já ligado a outra mulher, e, o que é mais complexo, a toda uma estrutura familiar.

Ela então foi atraída pela "impossibilidade". E por que isso? Por vontade de sofrer? Absolutamente. Por que, em determinados casos e em certos momentos da vida de uma mulher, o homem "impossível" é o mais conveniente de todos, o único que atende a necessidades imperiosas.

Acabou-se o tempo em que a única meta da mulher era casar. Agora muitas mulheres jovens em vez de caçar marido estão caçando a vida. Querem conhecer mundos e pessoas, querem se divertir e amar, querem levar adiante uma profissão ou um interesse, para só depois, vida bem vivida, casar. Nem a sociedade lhes cobra, pelo menos de imediato, aliança no dedo. Para elas, durante um certo tempo, o homem casado é o ideal, companheiro agradável e parceiro amoroso cuja última intenção é exigir

definições ou estabelecimento doméstico. Com ele o jogo pode transcorrer de igual para igual, baseado sobretudo no "princípio do prazer", sem necessidade ou perigo de amarras.

Não casar é também o que querem muitas mulheres egressas de experiências matrimoniais fracassadas. Para elas, uma vez foi mais do que suficiente, e a idéia de repetir a tentativa se afigura como um desastre. Como me dizia uma amiga recém liberada de um catastrófico casamento de longa duração: "Depois de tantos anos de vida em comum, quero distância. Homem agora, só cada um morando na sua casa. E sem muita intimidade". Brincava exagerando, é verdade, mas já estava de apartamento montado e a decoração não previa marido.

Esquemas como esses, de não-casamento, assimilam mal o solteiro. Porque é inevitável que, sendo boa a relação, e estando ele disponível, se ofereça para, de forma oficial ou oficiosa, coabitar. A recusa da mulher dificilmente é vista como algo mais do que uma plena rejeição, e lá se vai abaixo todo o edifício amoroso.

Acabou um caso importante. Sofrida, esvaziada, a mulher não tem forças nem disposição para imediatamente reconstituir seu afeto e entregá-lo a outro homem. Espera sozinha algum tempo. Mas a solidão parece aumentar ainda mais sua tristeza. Ela sente que precisa sair, ver gente, conversar, retomar aos poucos o elo de vida que foi interrompido. Sozinha, porém, não consegue quebrar a inércia; sai uma vez ou outra, quase por obrigação, sem prazer, junta-se a grupos esporadicamente.

Para ela, o homem casado pode ser o remédio eficaz, especialmente indicado para acelerar a cura. Um homem galante (afinal o galanteio faz parte do approach amoroso) capaz de levantar seu ego meio achatado, disposto a proporcionar-lhe o sexo de que ela necessita para recuperar a vitalidade; determinado a distraí-la, a tirá-la da concha de recordações tristes em que involuntariamente se encerra; e programado desde o início para dar e receber somente aquela parte prazerosa e leve que forma a superfície de uma relação homem-mulher. Um homem, enfim, bom por algum tempo, mas feito para passar, exatamente como o interregno meio difícil que ela atravessa.

Várias vezes, aqui, já falamos sobre as pessoas que não querem se envolver, que têm medo de um relacionamento profundo, e mantêm as suas

portas fechadas a sete chaves. Já vimos que não se trata de não ter relacionamentos, de viver a vida em solitária castidade, mas sim de ter relações parciais, que não ultrapassem nunca um determinado nível, o nível do "indevassável". Nem é necessário que tal processo seja consciente. Pelo contrário, na maioria das vezes a coisa ocorre secretamente dentro de cada um sem que a consciência seja convidada a palpitar.

É onde o homem casado se encaixa com perfeição. E melhor ainda se encaixa o chamado "bem casado", aquele que não tem nem a mais remota intenção de se descasar. É ele, por sua própria condição, quem estabelece limites, quem dita desde o primeiro instante a regra de "não totalidade". Ela, aparentemente, apenas se submete, sem ser obrigada a revelar, ou sequer a enfrentar a sua própria limitação. E vive a relação tranqüila, protegida pela certeza de que não haverá assaltos à sua cidadela interior. Garantia da sua segurança são a família, a mulher e os filhos dele, que atuam como sentinelas permanentes, patrulhando a fronteira dos limites e cuidando da sua inviolabilidade.

Há pessoas que vivem em débito com o mundo. Estão às vezes marcadas por uma culpa profunda, impossível de resgatar, ou esmagadas por um complexo de inferioridade violento. Sejam quais forem as causas, o fato é que essas pessoas sentem-se devedoras da humanidade, e vivem procurando moedas com que pagar.

Que moeda maravilhosa é para elas um homem casado! Não só porque, dividindo-a com outra mulher, ele impõe uma espécie de humilhação constante, ideal para a expiação de quem não se considera digna das benesses da vida, mas porque ele também é um devedor, e portanto um igual. De fato, o não poder casar, o não poder estar sempre com ela, o desviar grande parte do afeto para a família, são faltas graves que o colocam, a ele também, em culpa constante. Ela, que sempre teve déficit na sua balança afetiva, obrigada a pagamentos contínuos para resgatar a dívida, de repente está ao lado de um homem que inverte a situação, e que a coloca em pleno superávit.

Pela primeira vez, ela não é inferior, e permite à relação efetuar-se num mesmo plano, divididos os pesos irmãmente.

Uma leveza impossível de conseguir com homens solteiros e relações completas faz com que se sinta feliz na situação partilhada, e não será difícil



confundir essa felicidade com amor. Apesar de todos os entraves inerentes ao esquema triangular, relações desse tipo podem tornar-se duradouras, tão profundamente ligadas pelos laços neuróticos, quanto o é o casamento pelos laços legais.

"Eu não sei o que há comigo — me dizia recentemente uma moça —, mas sou vidrada em homem casado. Encontro um, e quando menos estou esperando, me surpreendo fazendo charme, jogando meus encantos todos para cima dele. Não quero ele para mim, não. Mas adoro seduzir." A moça, eu já a conheço há algum tempo, é realmente campeã nesse esporte. Basta ter um homem casado numa roda para, dentro de no máximo meia hora, ele estar pendurado nela, embevecido, certo de ter realizado uma conquista que lhe renderá frutos dourados. Nem uma coisa, nem outra. Foi literalmente caçado, e terá direito a muito pouco (fora, é claro, a briga doméstica que o espera chegando a casa).

O que a moça não sabe é claro para a maioria das pessoas. Ela se gratifica cada vez que envolve um homem casado (e melhor ainda se a conquista se realizar diante do nariz da esposa), como se uma voz interior lhe dissesse que, por ter "arrancado o marido da outra" ela provou ser a melhor das duas. Em alguns casos, porém, a conquista apenas não basta. É preciso segurar o homem mais a fundo, para que ele possa, a cada encontro e a cada novo confronto sexual, repetir o quanto tudo é melhor do que em casa, o quanto ela, sublime amante, é mais maravilhosa, desejável, mulher, do que aquela que no lar serve somente para representar o papel de mãe.

Essa espécie de vitória total, só um homem casado pode proporcionar, não só pela comparação constante, comparação que, de certo modo, até um solteiro poderia fornecer, como pelo fato de que, embora testada, ela não é nunca a traída, mas participa ativamente de uma traição.

Enquanto Édipo sonha em casar com a própria mãe, o desejo de Electra se volta para o pai. E o que pode haver de mais próximo a um pai do que um homem mais velho, mais experiente, e devidamente casado?

É o esquema clássico, a mocinha jovem, bastante ignara da vida, apaixonada pelo quarentão delicado, gentil, amoroso, disposto a atuar como amante e guru, revelador das verdades do mundo. A esposa nesse caso ocupa o lugar anteriormente ocupado pela mãe, impedindo o casamento e mantendo, ainda que a distância, o veto primordial.

A vantagem desse tipo de ligação tão comum é que, restaurado o modelo infantil, permite vivenciar a situação, experimentar o sexo, e, no subsequente amadurecimento, livrar-se de Electra, dispensar o pai, e partir para o amor já sem a condição de filha.

Evidentemente, caberia ao homem, mais vivido, a consciência do que está em jogo. Sabedor de que representa um papel dentro da dramatização, poderia desempenhá-lo melhor, conduzindo a moça à libertação, embora para ele signifique perdê-la.

Está aí, parcialmente respondida, a pergunta inicial. Sim, para certas mulheres, em certos momentos, um homem casado não só vale a pena, como chega a ser fundamental, cobrindo uma área que o melhor dos homens solteiros deixaria forçosamente ao desabrigo. Além disso, costuma ser excelente companhia, porque só aparece quando está com vontade de aparecer; ótimo inventor de programas, porque reserva os melhores para a amante; e fogoso companheiro sexual, porque já predisposto e trazido pela própria urgência do desejo.

Entretanto, como em tudo no amor, a contabilidade não pode ser tão rígida, e ao tentar pesar as vantagens é aconselhável dar uma olhada para os riscos.

O mais grave, e o mais comum, é o da mudança de rumo. A gente se aproxima do homem casado com uma intenção bem clara, já tendo avaliado a situação. Entra dona de si, rédeas firmes na mão, disposta a tirar as vantagens disponíveis, sem se machucar. E passado algum tempo percebe que as rédeas já se foram, que a relação galopa fora do nosso controle, levando-nos de cambulhada em rumo que absolutamente não estava em nossos planos.

O desvio mais óbvio é o do envolvimento.

A gente sabia de antemão que ele era casado. Mas não há mal nenhum em ter uma agradável aventura com um agradabilíssimo homem — a gente se disse no início —, desde, é claro, que não haja envolvimento. E não havia no início. Não havia nos primeiros dias, nos primeiros tempos, quando ali estavam somente duas pessoas à procura de prazer e diversão. Mas à medida que as duas pessoas foram se conhecendo e descobrindo camadas mais importantes de si, a inconseqüência inicial passou para o segundo plano, foi sendo gradativamente vencida, e os dois se viram cada

vez mais envolvidos, apaixonados, enfim.

Não era essa a meta. Mas aconteceu, como freqüentemente acontece. Agora um amor sério se estabeleceu, um amor que esbarra com o casamento dele. E a existência da outra mulher, antes aceita com tranqüilidade e espírito esportivo, passa a doer. As ausências dele, que antes faziam parte de um esquema de recíproca independência, tornam-se angustiantes. A necessidade de tê-lo só para si aperta. E mais um doloroso caso de amor com homem comprometido está armado, com todas as suas seqüelas, suas inseguranças, suas lutas.

De uma aventura alegre e sem compromisso passamos para um complicado problema, e acabamos caindo exatamente naquilo que pensávamos evitar, o envolvimento, feito mais sério pelos impedimentos ao redor.

O reverso da medalha, porém, apresenta um risco equivalente. Não há nada demais, a gente se diz, em ter uma aventura alegre e descompromissada com um homem alegre e compromissadíssimo. E vai, e tem, e a aventura não passa daquilo que a gente esperava, não foge ao nosso controle, não dispara amorosa. Simplesmente acontece, e acaba. Muito bem, a gente se diz, tudo deu certo, não me envolvi, não me machuquei, apenas me diverti de leve; posso ter outra. E vai, e tem. E depois outra, e outra. O mundo está cheio de homens casados, não há de ser por falta de matéria-prima que seríamos obrigadas a mudar de ramo.

Mas com o passar do tempo, chega o dia em que a gente se dá conta de que enfileirou uma porção de momentinhos agradáveis, esteve com uma porção de homenzinhos galantes, mas não teve um único momento maior, não parou para deslumbrar-se à frente de um homem mais importante. Fugindo do envolvimento, conseguiu evitar possíveis dores, mas em compensação não se deu as grandes alegrias, não se abriu, não se entregou, não amou. E as aventuras parecem de repente leves demais, sem conteúdo ou resíduo, inúteis.

A partir daí um novo trabalho terá que ser realizado, não só de "treino" para induzir a parte fechada a abrir-se, como de pesquisa interior para descobrir o porquê de um medo tão grande à entrega. Mas um tempo longo e precioso se perdeu.

Vamos supor agora que tudo deu certo. A gente está muito bem, ou quase muito bem, convencida de que não é exatamente preciso casar com o homem já casado que é o nosso homem, entrosada no ritmo da relação

"nunca aos domingos" (que é o dia sagrado das famílias oficiais), certa de que amará esse homem indefinidamente. E de repente bate a vontade, o desejo natural e biológico de ter filhos.

Aí está outro dos riscos, que tenho visto entristecer a vida de não poucas mulheres. Pode-se, é verdade, ter o filho mesmo sem ser casada. Embora ainda complicado, já é possível em termos sociais. Mas ele, haveria de querer? Dificilmente. Um filho, nessas situações, costuma atuar mais como uma coação do que como uma alegria. A amante tendo um filho, deixa de ser o amor sempre disponível, de dedicação exclusiva, para tornar-se mais uma mãe na vida dele, uma espécie de esposa em segunda casa, duplicando todo um sistema ao qual ele tentava escapar. Não, ele não quer que ela tenha filhos. E ela sabe disso. Pergunta, testa o terreno. E quando percebe que seria uma forma de perdê-lo, em geral desiste. Desiste mas sofre. Ou desiste e enterra a idéia bem fundo, para só desenterrá-la anos depois, quando a relação já acabou, e, quem sabe, passou a hora de ter filhos. Ou ainda, desiste mas não enterra a idéia, e deixa que ela mine e contamine a relação, cobrança que ele não se sente em condições de atender.

Aí estão três maneiras pelas quais uma aventura maravilhosamente distraída corre o risco de transformar-se em algo muito mais sério, que nem sempre se pode qualificar de agradável. Riscos, é claro, fazem parte do ato de viver, e evitá-los não é apenas pusilânime, é impossível.

Então eu, que pessoalmente não me sinto tentada a aconselhar homem casado a ninguém, mas que não tenho a menor intenção de barrar o passo a quem está pronto para embarcar, sugiro que se tenha atenção. Não na escolha, mas nas causas da escolha, nas motivações profundas, ou nem tanto, que nos levam a preferir um homem mais difícil do que os outros, a querer o seu problema. Descoberto isso, a viagem será então não só agradável, mas útil, capaz de nos preparar para barcos mais seguros. E terá realmente valido a pena.

## EM BUSCA DA FELICIDADE

Você quer ser feliz. Não só você, como seu vizinho, seu parente, sua amiga, seu chefe, o chofer de táxi, o chicabonzeiro, a manicure, a primeira dama, todas as pessoas que você conhece, desconhece, ou de quem ouve falar, sonham indistintamente em alcançar idêntica meta: a felicidade. Queremos ser felizes, sim, mas como? E o que é afinal, essa felicidade de que todos falam? Onde está ela, tão procurada? Ansiosos por encontrá-la, poucos se fazem essas perguntas, e menos ainda se esforçam por respondê-las.

Nem é fácil a resposta. O conceito de felicidade não é o mesmo para todas as pessoas nem em todos os lugares. Varia de acordo com as civilizações e as crenças, obedecendo à filosofia de vida de cada um. Assim, é pouco provável que a idéia que um parisiense faz de felicidade seja a mesma que dela tem um pescador do Nordeste; ou que um cameleiro do Saara sonhe em ser feliz da mesma forma que um economista de Wall Street. Cada qual imagina a felicidade a seu modo, dentro do seu quadro existencial e, sobretudo, dentro daquilo que a sociedade em que vive lhe diz ser a felicidade.

Assim, quando sonhamos em ser felizes à sombra dos coqueiros numa praia dos mares do sul estamos realmente sonhando, sem qualquer vínculo com a felicidade real, pois nada nos garante que aquela vida aparentemente idílica seria boa para nós, ou, mais importante, nos traria a felicidade.

Na procura da felicidade convém, antes de mais nada, situá-la no nosso meio, ver, junto a nós, onde ela se encontra, para em seguida ir buscá-la.

Procurando pela felicidade no nosso meio, descobriremos de imediato uma contradição surpreendente. Por um lado a sociedade nos diz alto e bom som que o dinheiro não traz felicidade. Pelo outro nos repete

constantemente e em todas as variantes que só tendo dinheiro poderemos ser felizes. Ela não diz isso abertamente, não fala muito na palavra dinheiro, prefere usar a palavra economia, a palavra vantagem, a palavra bens, e todas as variantes da palavra posse.

Alunos aplicados, sabemos que não seremos felizes apenas por sermos ricos, mas sabemos igualmente o quanto um belo carrinho novo nos faria felizes. Temos certeza (temos?) de que uma casa com piscina não traz em si nenhuma garantia de felicidade, mas temos a certeza ainda mais firme de que um bom mergulho no fim do dia só pode acrescentar felicidade à vida de qualquer um. Enfim, enquanto nos é repetido que a felicidade está nos bens do espírito, nos é vendida uma ilusão de felicidade nos bens de consumo.

Assim, somos obrigados a trabalhar cada vez mais, e com isso, muitas vezes, a pensar cada vez menos, a amar cada vez pior, e a nos afastar cada dia um pouco daqueles famosos bens do espírito, nos quais, em última análise, estaria a verdadeira chave da felicidade.

A sociedade então, sem mentir propriamente, mas através de indução, acaba por nos encerrar num círculo vicioso, em que perplexidade e desgaste tornam a felicidade ainda mais improvável.

Tentemos abrir um pouco o círculo. A felicidade está, sim, nos bens do espírito. Mas, como dizia Santo Agostinho (seria ele mesmo?) é preciso um mínimo de bens materiais para exercer os bens do espírito, ou seja, por mais rica de espírito que uma pessoa seja, perderá parte dessa riqueza se for despejada pelo senhorio e tiver que ir morar debaixo de um viaduto, se um filho arder em febre e não se puder chamar o médico, se a comida não der para toda a família. É preciso, então, um mínimo de conforto material. E nesse ponto, sim, o dinheiro é cúmplice direto da felicidade.

Estamos todos à procura da felicidade. Mas como procurar uma coisa abstrata, sem rosto, que apenas intuímos? Mais fácil é dar corpo à intuição, e guiar-se por esse corpo. É aproximadamente obedecendo a esse mecanismo que vemos, ou julgamos ver, a felicidade nos outros, com mais freqüência do que a vemos em nós mesmos. Para "corporificar" a felicidade, para acreditar que ela existe, é mais conveniente que as pessoas nos sejam distantes, a fim de que possamos ignorar suas pequenas mesquinhas, seus defeitos, suas lamúrias. Mas é imprescindível que nos

forneçam dados capazes de sustentar toda a nossa arquitetura imaginativa. Nesse quadro, encaixam-se perfeitamente os astros de cinema e TV, os colunáveis, as celebridades que vivem a correr mundo, sempre na moda, sempre num turbilhão de comemorações. São dourados, ricos, famosos, bafejados pela sorte; conseguiram sucesso e têm dinheiro; são portanto candidatos eleitos ao título de felizes. Se trocam de marido ou de mulher com excessiva constância, se bebem mais do que o normal, é sinal apenas de que sua vida fartíssima os leva sempre em busca de novas e excitantes experiências. E se de vez em quando um deles corta os pulsos ou toma uma dose excessiva de sonífero, nos descobrimos surpresos com a revelação de que, afinal, não era tão feliz o tempo todo.

Mas feliz é também a amiga, até o momento em que nos confessa em prantos que sonha com outra vida. Feliz é a vizinha; até que apreendemos ter sido abandonada pelo marido, que não suportava mais suas cenas de ciúme. Felizes são os outros, até que se prove o contrário.

No fundo, porém, precisamos tanto acreditar na sua felicidade quanto descobrir-lhes a infelicidade. Queremos que sejam felizes para permitir a tal "corporificação". Mas gostamos de descobrir que não o são, para nos sentirmos irmanados, para confirmar que não estamos sozinhos na busca não alcançada.

Nesse jogo constante de duplicidade, os comentários e os mexericos, o falar de vida alheia, desempenham um papel importantíssimo, pois nos ajudam não só a tentar uma aproximação com a realidade, como a elaborar nossas próprias ansiedades.

E, com o tempo, acabamos descobrindo que os outros não são mais felizes do que nós. São apenas reflexo dos sonhos de felicidade que projetamos sobre eles.

A verdade é que a maioria das pessoas não é exatamente feliz. O que não equivale a ser infeliz. E aqui precisamos afinal tentar definir, ainda que de forma aproximada e, talvez, involuntariamente nebulosa, o que é a felicidade.

Felicidade não é alegria, embora possam andar juntas. O ser sempre alegre, esfuziante, brincalhão, pode no fundo não ser feliz. E uma pessoa feliz pode, por profunda consciência do mundo e de seus problemas, não ser alegre.

A felicidade, creio, é a proximidade de um conhecimento maior de si e dos outros, a possibilidade de uma maior integração no universo.

Felicidade e paz interior são irmãs, ou são a mesma coisa, não tenho certeza. E por paz não se entenda o acomodar-se bovino, mas aquela espécie de serenidade que se alcança não ao dominar os próprios conflitos, mas ao conviver plenamente com eles (ou ao aprender a conviver com eles).

Felicidade é, de alguma maneira, sabedoria. Mas há graus de felicidade, assim como há graus de sabedoria, podendo uma pequena felicidade corresponder a uma pequena sabedoria. Por isso a felicidade não é propriamente alegre. Porque o ser feliz é um ser reflexivo, voltado para a compreensão do mundo, que do mundo absorve não só a beleza, como a miséria. O ser feliz é aquele mais generoso, de alma aberta não só para si, como para os outros.

E percebo que se eu continuar esta minha tentativa de explicar o que é felicidade (explicação que eu procuro dentro de mim mesma), terei que ir às últimas conseqüências do meu conceito e dizer que a felicidade é infeliz. Porque puxando o fio da felicidade eu, que não sou mística nem tenho religião, acabo chegando irrefutavelmente a Deus. Ser feliz é ser aceito por Deus, ser incorporado por Deus, é ser Deus. Deus é a felicidade por excelência.

Cheguei, talvez, mais longe do que queria. Comecei procurando apenas uma definição que nos ajudasse a manipular as outras idéias, e acabei, por honestidade comigo mesma, tendo que definir até o fundo aquilo que me ocorria como verdadeiro.

Mas não precisamos voar tão alto. Eu disse antes que há graus de felicidade, e não é necessário buscar a felicidade dos santos. Basta-nos a procura da felicidade terrena, concedida aos comuns mortais que, como bem sabemos, não é pouca coisa.

A maioria das pessoas não é exatamente feliz. O que eu quero dizer é que a maior parte das pessoas que se considera feliz, ou que se diz feliz, está na verdade apenas satisfeita, apascentada. Por exemplo, a senhora há muito casada com o marido cumpridor, que conseguiu casar todas as filhas e formar os filhos, que vê seus netos crescerem saudáveis, que tem cozinha limpa e consciência arrumada, não é necessariamente feliz, no sentido maior que queremos dar à felicidade. Sua vida "deu certo", tudo foi devidamente conseguido e posto nos lugares preestabelecidos, a tarefa foi cumprida. Mas a vida não é uma tarefa, e talvez tenha faltado à vida da



santa senhora o brilho radioso de uma grande paixão, o dilaceramento de um tremendo erro, um crime contra si, uma volúpia pelos outros. A vida passou mansa, correta. Mas até onde foi vivida?

Sobrenadar não é ser feliz. E a maioria sobrenada. Num mundo em que a sobrevivência é privilégio obtido à custa de luta, ser sobreviventes nos coloca quase na posição de felizes. Mas, definitivamente, não é a mesma coisa. Por isso eu disse que a maioria não era feliz. Porque, para ser feliz, é necessário ter a consciência da felicidade, e portanto uma consciência do mundo e da nossa posição nesse mundo. Chegamos então à conclusão de que a felicidade é bem mais um fenômeno de dentro para fora do que de fora para dentro. É evidente que continuam valendo os fatores externos. É difícil ser feliz num terremoto ou numa cidade assolada pela peste, e nem terremoto nem peste dependem de nós. Entretanto é igualmente evidente que de nada adiantam fatores externos favoráveis, se não tivermos condições internas para apreciá-los. O homem mais maravilhoso pode cruzar nossa vida; se não estivermos abertas para o encontro e para o amor, deixaremos que passe sem sequer perceber que passou, e continuaremos nos queixando de nossa infelicidade por não termos amor nenhum.

Uma das nossas tendências naturais está em crer que o amor faz felicidade. Eu disse "naturais", mas não tenho muita certeza de que seja exatamente natural. Talvez sejamos condicionadas a pensar assim. Afinal, os contos de fada colocam a felicidade no dorso do cavalo branco que traz o príncipe encantado, os heróis casam para serem felizes para sempre, a mocinha do romance fica feliz quando encontra o mocinho, e a novela acaba quando todos os pares afinal se emparelham.

Acreditamos então que seremos felizes na medida em que formos amadas, e colocamos todo o nosso potencial a serviço da busca desse amor. Mas, na maioria das vezes, quando o amor finalmente é encontrado, percebemos desoladas que a felicidade não veio com ele. Prantos, sofrimentos, desencontros. Infelizes, chorosas, chegamos à ruptura. O amor se vai. Aprendemos que amor não é forçosamente sinônimo de felicidade? Nem sempre. Em geral elaboramos justificativas, argumentos perfeitos através dos quais provamos a nós mesmas que aquele afinal não era um amor "de verdade", e que o próximo que vier, este sim, autêntico, nos fará

realmente felizes como sempre sonhamos.

Colocamos assim a felicidade fora de nós, e, o que é bem conveniente, fora da nossa responsabilidade. Se ele aparecer, se ele nos amar, se ele for bom, se ele nos entender, se ele afinal casar conosco e mantiver seus dotes para sempre, então seremos felicíssimas. Tudo depende dele. Ele é, em última análise, a própria felicidade. E nós?

Na realidade, se ele aparecer e nós não estivermos vendo, ele passará. Se ele nos amar, e nós não soubermos amá-lo de volta, o amor dele acabará. Se ele for bom e nós não formos capazes de assimilar sua bondade, ele de nada adiantará. Se ele nos entender e nós não o entendermos, a compreensão não se dará. E se ele afinal casar conosco e mantiver seus dotes enquanto nós não aprimoramos os nossos, o casamento não dará certo e nós seremos infelizes para sempre.

Se admitirmos que o amor em si não traz felicidade, estaremos mais próximas de compreender e aceitar que cada qual é o supremo artífice e responsável pela sua felicidade, e que essa responsabilidade é intransferível.

O que é preciso, isso sim, é criar condições internas de felicidade para que os fatores externos possam ser percebidos, aproveitados, incorporados a todo o nosso processo de "felicitação". E para esse processo o amor é indispensável.

Parece complicado, não é? O que eu quero dizer é que o amor não faz a felicidade, mas a felicidade sem amor é impossível.

Para entendermos melhor devemos ampliar o conceito de amor. Não se trata apenas de amor/parceiro, colocado todo na outra pessoa, a que complementa e acompanha. O amor maior começa no amor a si mesma. Amor que se comunica e derrama sobre a natureza, os outros seres, a vida. Quem é feliz ama a vida, através de seu amor pelos outros, de seu bem-querer com o mundo. E é nesse amor amplo que o amor/parceiro encontra ambiente favorável para firmar-se e frutificar.

Sem amor a si, sem amor aos outros, dificilmente o amor/parceiro terá a possibilidade de alcançar sua plenitude e de se constituir naquele grande amor com que sonhamos, capaz de fazer-nos felizes para sempre.

Não conheço ninguém que tenha acordado um belo dia, de repente, descobrindo surpreso que estava inesperadamente feliz. Mas conheço várias pessoas que, tendo trabalhado para isso com alguma dedicação, foram aos poucos conquistando, na alma e no sorriso, a bem-merecida felicidade. Você pode ser uma dessas pessoas. Comece antes de mais nada por você mesma.

É preciso que você se ame, é preciso que você se ouça. Preste atenção aos seus desejos. Eles são determinantes, merecem ser atendidos e devem ser estudados. Atenda, na medida do possível, a sua libido, deixe aflorar sua sensualidade. Não se trata, obviamente, de liberá-la desordenadamente, sem qualquer tipo de controle, mas sim de reconhecê-la. Conviver com a libido e sublimá-la é uma das principais chaves da felicidade.

No processo de atendimento e entendimento dos seus desejos, tente sempre manter-se ligada em você mesma, respeitando aquilo que você pensa, em vez de se preocupar com aquilo que os outros vão pensar.

Somos, socialmente, educados para "dar boa impressão" e nossa primeira reação é olhar para o lado e procurar nos outros o efeito dos nossos atos. O mesmo ocorre com a felicidade. Se somos felizes procuramos não demonstrá-lo muito, para não "despertar olho grande", e se não o somos cuidamos de escondê-lo atrás de sorrisos automáticos e de falsos "tudo bem". A felicidade plena e a plena infelicidade são assim freqüentemente escamoteadas.

Mas não se iluda, esse é um jogo apenas superficial. Felicidade e infelicidade transparecem em toda a aparência, no rosto, na pele, e tocam os outros de imediato. Portanto, à procura da felicidade, não finja tê-la encontrado. Dedique-se, isto sim, a tentar chegar, até ela.

Preste atenção a tudo, mesmo àquilo que parece afastá-la da felicidade. Dizem, por exemplo, que "sofrendo se aprende". Eu acho que sofrendo apenas não se aprende nada, nem mesmo a sofrer menos. Só se aprende se, do sofrimento, tentarmos tirar lições, ou seja, se durante o processo do sofrimento olharmos de frente para ele procurando ver por que e como foi causado, como atua em nós, como nós o recebemos, como vemos o mundo quando sua carga nos esmaga, e, finalmente, como saímos dele. A dor (e nessa dor se inclui a dor de amor) não é boa professora. Mas é agente riquíssimo para que, professoras de nós mesmas, possamos apreender valiosas lições.

É assim, aos poucos, ganhando terreno em pequenos avanços, que você se aproxima e se apossa da felicidade. Não acontece de um dia para o outro, não é uma loteria que se ganha no acerto de um instante. Mas o prêmio é o maior e mais valioso de que se tem notícia. Ele é de quem o merece, não como um presente caído dos céus, mas como um troféu que cabe de direito ao ganhador.

E afinal, olhando ao redor, a quem você mais desejaria essa vitória

senão a você mesma?

## O QUE DIZER E O QUE CALAR NA HORA DA BRIGA

De repente, no meio da briga, você não agüentou mais e disse tudo. E agora, o desastre feito, você se debruça sobre as lembranças e se pergunta em pânico: "Por quê, por que disse isso tudo?"

Ou então aconteceu exatamente o contrário. Vocês brigaram, mas você não disse nada. E agora, passado o momento, você se debruça sobre as lembranças e pergunta desanimada: "Por quê, por que não disse tudo?"

São duas situações-limite entre as quais você, como tantas outras, pode estar se debatendo sem encontrar o ponto certo, o ponto do equilíbrio entre o dizer e o não dizer, entre botar para fora os seus ressentimentos, correndo o risco de magoar o outro, e calar-se para poupar o outro, mas sufocando seus próprios sentimentos.

Não tem jeito — ou, pelo menos, é isso que você pensa —, basta começar a briga, esquentarem um pouco os ânimos, e lá vai você aos berros, dizendo tudo o que pensa. "Cega de raiva." Você avança, cobrando, agredindo, insultando. E dificilmente se dá por vencida. No final, que felizmente sempre chega, você está quase desfeita, esvaziada, não tanto pela fúria do outro, mas pelo seu próprio élan destrutivo.

E então o que fica depois, como resíduo difícil de ser diluído, são frases violentas, julgamentos grosseiros, dos quais você não sente o menor orgulho. Ele talvez até já esteja acostumado com o ritmo desigual que as brigas imprimem à relação. Sabe que a suave amante se transforma numa cobra assim que as coisas apertam, e convive com isso da melhor forma possível. Você, porém, dificilmente se acostumará.

Se, por um lado, "esvaziar o saco" dá uma sensação de alívio, pelo outro transmite uma sensação de culpa. E é justo que você se sinta culpada se, num momento de descontrole, e unicamente devido a esse descontrole,

disse ao homem que ama coisas que não diria nem para aquele que odeia.

Depois da briga, então, você entra invariavelmente em clima de desconforto moral. Você sabe da sua incapacidade de argumentar ponderadamente, de controlar uma situação. E a certeza de que, à primeira ameaça de agressão, ficará cega novamente deixa você muito desamparada.

Por outro lado, dizem seus amigos, você nunca terá úlcera. E talvez tenham razão. Uma coisa é certa, eles conhecem seu temperamento — porque um temperamento assim é difícil de esconder —, comentam suas brigas, e é provável até que brinquem com você a esse respeito. O que você não sabe é que, com essas brincadeiras, estão tentando apagar, ou esconder, o medo real que têm de você. Não medo da sua violência, nem dos seus eventuais insultos, mas medo do seu descontrole. Intuem em você uma centelha momentânea de alucinação, e a temem. Então brincam, disfarçam, um pouco tentando garantir a própria "mansidão", um pouco tentando espantar o fantasma da própria centelha reprimida.

Bem que você gostaria, um dia, de virar a mesa.

Mas a cada briga seu comportamento se repete. Ele grita, ele acusa, ele esbraveja. E você tenta segurar a fúria, argumenta em tom quase paciente, procura mostrar, explicar. Parece fria, bem-comportada. Ou parece oprimida, covarde. E é as duas coisas.

Você se cala, mas bem que teria coisas para dizer. Coisas que repete em silêncio na cabeça, coisas que repetirá talvez murmurando mais tarde, quando estiver sozinha, sem risco de ser ouvida. Se você não acusa, não é por falta de acusações. Se você não insulta, não é por falta de ódio. Você odeia, sim, como todo mundo, e, como todo mundo, odeia mais profundamente o objeto da sua paixão na hora do confronto. A diferença é que você não ousa.

"Não quero magoá-lo." É isso que você diz, que você se diz. Seria então magnânima criatura que tudo suporta calada para não ferir o seu amor. Mas isso não é verdade, você mesma no fundo sabe que não é verdade.

A verdade é que você teme o irreparável. Você teme ultrapassar o limite e dizer mais do que queria, ou deveria. Você teme levá-lo, com seu revide, a ultrapassar o limite, dizendo coisas que você jamais poderá perdoar. Você teme arruinar a relação. Você teme, você teme, você teme.

Não, não é covardia. Você tem medo da rejeição porque não sabe suportá-la, não conseguiu incorporá-la normalmente à sua vida. E você se proíbe ser causa dessa rejeição. Quem destempera, quem "sobe nas tamancas", não mede conseqüências, não pensa nos resultados; na hora da raiva quer que o circo pegue fogo, ainda que com você própria dentro. Mas você não pode se dar a esse luxo. As possíveis conseqüências comandam sempre seus atos, você pensa, e muito, antes de agir. Você não suportaria, por pior que fosse a briga, ferir o seu amado de morte, porque a morte dele significaria a sua. Então se cala, refreia sua raiva, pensa que gostaria de atirar um objeto contra a parede, mas sente o braço paralisado, pensa que gostaria de dar um berro altíssimo, audível em toda a vizinhança, mas sua garganta se nega ao berro. Sua garganta abre-se apenas para palavras persuasivas, temporizantes, contidas palavras que poderiam até ser confundidas com um verdadeiro testemunho de boa educação.

Eu soube de uma moça cujo marido vivia dizendo que ia embora, que ia largá-la. E ela nada. Ele ameaçando, anos a fio, fazendo e desfazendo mala, e ela nada. Até a manhã em que, sem que ele tivesse dito coisa alguma, ela levantou-se e declarou que ia sair de casa, o que fez, sem maiores hesitações.

Você é assim. É capaz de ficar muito calada, muito quieta e gentil, durante um certo tempo. Até a hora do estouro. E na hora do estouro, o outro que se cuide.

Você, por seu lado, não entende por que tanto espanto. Não foi sempre assim? A sua quase preguiça, aquele cansaço que faz com que o gato não revide os pequenos avanços de outro gato — até o momento em que, de um salto, lhe pula em cima, todo unhas e dentes e pêlos eriçados. Você acha que os outros deveriam esperar por isso. Não estão aí, agredindo e agredindo sem que você faça nada? Não sabem que na hora em que o limite for ultrapassado haverá revide? Então, por que o espanto?

Você não fica com coisas graves atravessadas na garganta. Você fica com tantas pequenas coisas. Você absorve, e absorve, e se o momento do estouro não for finalmente provocado, você acabará diluindo essas pequenas coisas aos poucos, como um tóxico, ou as creditará, mais adiante, a outro alguém.

Não, você não vai ter um destempero, perder a razão, dizer o que não quer. Você não vai, de modo algum, enfrentar o outro como fera bravia. Nem vai ficar calada, sofrendo atrás dos dentes cerrados, engolindo seu

ódio. Você não vai tampouco esperar e esperar até não agüentar mais, para então, e só então, estourar inesperadamente. Não, você não é assim, sua arma é outra.

Sua arma é a razão. Você sabe controlar o ódio e afiar com ele o florete do seu raciocínio. Sabe que não são golpes a esmo que matam o adversário, mas aquele golpe único e certo capaz de varar as suas defesas. Então você espera e estuda. Você deixa que ele galope sua fúria, que avance e que grite, que diga o que de mais ofensivo tiver para dizer. É disso que você se fortalece. Porque ele está a descoberto, e você, defendida, espreita. Haverá um momento, o momento perfeito, em que ele abrirá a guarda. E você afundará o aço.

Com o tempo, talvez, descobrirá que as coisas piores não devem ser ditas, nem mesmo na hora da separação. Será a sua primeira sabedoria aprender o quanto as coisas piores fazem mal, sobretudo a você.

Brigar é fundamental. Sempre desconfiei muito da felicidade real dos casais que dizem não brigar nunca. Porque brigar é extremamente sadio, faz parte da dinâmica de uma relação. Briga-se, fazem-se as pazes, passa-se um tempo de tranqüilidade, briga-se novamente, e assim por diante, alternando brigas e escaramuças com momentos da mais santa harmonia.

Então, se a briga é normal, convém não transformá-la em momento de exceção. Ou seja, por que reservar para a hora da briga coisas que podem e devem ser ditas ao longo do convívio?

A briga age como um estimulante da agressividade, é lógico. Debaixo da pressão do outro ficamos mais ferozes, é normal. Mas não é normal nem lógico armazenar ressentimentos, escamoteá-los quase, para, na hora da briga, puxá-los de dentro da manga como um curinga. O melhor e mais prudente seria que não houvesse nada a dizer, nem debaixo da maior pressão, que o outro já não soubesse. Berrar para um marido que ele é insuportável porque ronca dificilmente destruirá seu ego. Mas dizer-lhe aos gritos que ele é um péssimo amante e que os anos de enlevo sexual foram fingimento pode destruir a relação.

Quantas mulheres já arruinaram uma boa relação por terem, na hora da briga, revelado o segredo maior e mais ofensivo — a existência de outro homem?

Não tendo segredos nem ofensas maiores a temer, até as



destemperadas poderão enfrentar a eventualidade de sua cegueira com maior tranqüilidade. Afinal, por mais que percam a cabeça, não terão nada além dela a perder.

Importante é também lembrar que na briga, sobretudo na briga a dois, na briga de dois amantes, ninguém sai vencedor. Nem ninguém, no fundo, quer vencer. O que se quer é esvaziar a ansiedade, soltar a agressividade, cobrar, exigir, lamentar-se. Vencer significaria derrubar realmente o outro e perdê-lo, ou ter a partir de então um companheiro derrotado, cabisbaixo. Vencer seria equivalente à solidão, e mesmo nas brigas mais ferozes não é isso, geralmente, o que se busca.

Então, se a briga é um exercício, sugerimos, como nos exercícios esportivos, usar proteção nas armas, cobrir a ponta do florete a fim de que ele toque marcando um ponto a seu favor, mas não rasgue.

Convém lembrar do outro.

Está ali, e você perde a tramontana, vê tudo vermelho. E avança. Se for do mesmo tipo que você, estourado, perderá também as estribeiras e avançará. O choque então é perigoso, podendo muitas vezes incluir agressão física. Mas esse é o tipo de união menos comum. Em geral, a uma mulher estourada opõe-se um homem razoavelmente tranqüilo, capaz de manter-se calmo — e vivo — enquanto ela esbraveja. São os irônicos, os convincentes, os não-faça-isso-meu-bem, os superiores. Não é difícil, ao homem tranqüilo, antever o momento do estouro. Ele de certa forma o provoca, e na chegada o recebe com os dois pés no chão, pronto para o que der e vier. Geralmente sabe também o que vem. Afinal, a mulher estourada não estoura sem razão, tem seus motivos. E, assim como ela, ele também os vê, também capta o sinal, e geralmente não faz nada para impedir a fúria que se segue. Devemos deduzir que o homem tranqüilo gosta do estouro? Que precisa dele? Que quer, de alguma forma, ser castigado? Que está repetindo um modelo familiar, a mãe gritando com o pai? Que se gratifica por ser o objeto de tanta raiva, e conseqüentemente paixão? Todas as conjecturas de fundo psicanalítico são possíveis e têm seu fundo de verdade. A verdade mais imediata, porém, é que, se numa relação um dos parceiros precisa ser castigado e o outro se esmera em castigar, essa relação não é sadia, embora possa vir a ser até mesmo muito duradoura. E há sempre o risco de que um dos dois, cansado de representar o papel que a

neurose do outro exige — tanto pode ser o homem cansado de ser gentil, quanto a própria mulher exausta de tanto gritar —, parta rumo a outra parceria menos tumultuada.

O outro sofre também se você é do tipo que se cala. Está certo, uma das suas razões é poupá-lo, não atirar lenha na fogueira, mas o resultado, a longo prazo, acaba sendo desastroso. Se ele agride, fala, acusa, e você não responde, ele terá a mesma sensação de quem dá socos no vazio, uma sensação frustrante acrescida de um ligeiro senso de ridículo. Ele precisa de uma reação para executar o exercício da briga, ele precisa de um opositor. E só encontra uma vítima. Talvez ele se torne até mais agressivo do que pretendia, na tentativa de tirá-la da sua apatia. E o efeito então é exatamente o contrário do que ele pretende, porque, quanto mais se inflama, mais você se retrai.

Afinal, a cena aparente é sempre a mesma, ele agressor, você agredida, ele mau, você vítima, ele esbravejante, você calada, suportando tudo, mártir. Seria você tão mártir assim?

Nem é fácil lidar com aquelas que se calam, se calam, e um dia estouram dizendo tudo aquilo que estava há tanto tempo represado. Esse tipo de comportamento se afigura para o outro como uma tremenda traição. Ele não percebe que por trás do silêncio há queixas, coisas a serem cobradas, frases por dizer. Acha que está tudo bem. E quando o estouro chega ele o recebe com surpresa: "Como? Então ela estava fingindo esse tempo todo? Então ela estava cheia de reclamações e não dizia nada? E eu fiz papel de palhaço sem desconfiar de coisa alguma?" Está aí configurada uma aparente traição, e o ressentimento que ela pode gerar está além das palavras que forem ditas.

Você, irônica, é a mais perigosa. Não para os outros apenas, mas para você mesma. Porque é fácil perdoar palavras ditas de borbotão, entre gritos, palavras às vezes inventadas na hora só para empurrar o outro, e é fácil perdoar as vítimas embora elas irrite tanto com seu falso comportamento, mas é impossível perdoar a palavra, aquela só, dita e pensada com tanta atenção para atingir o ponto único de carne viva. Coisas ditas por você serão lembradas pelos outros depois que você há muito as esqueceu, perdendo a trilha do ressentimento. E haverá sempre nódoas no seu relacionamento com os amigos. O temperamento ferino é arma de dois gumes, talvez mais afiada para o seu próprio lado, porque todos a temem e o que você só quer é ser amada.

Quando comecei minha carreira de jornalista me disseram que "o quê", "como", "quando" e "onde" eram o pôquer da notícia, ou seja, ao noticiar qualquer coisa eu deveria sempre obedecer a esses quatro itens, fornecendo ao leitor essas informações fundamentais de qualquer acontecimento. O pôquer nos pode ser útil nessa longa conversa sobre o falar e o não falar, tentativa de organizar um pouco aquilo que, por tão complexo, é na verdade alterado pelas menores nuances.

O que falar, ou o que pode ser falado? Minha vontade é responder: tudo. Mas sei que isso não é possível. Cabe primeiramente à sua sensibilidade discernir o mais óbvio. Mas convém alimentar sua sensibilidade com dados que às vezes, por temor, por conveniência, por delicadeza mesmo, ela tende a escamotear.

Ele deve saber dos seus (dele) defeitos, mesmo os graves, sobretudo os graves, pois só poderá corrigi-los se tiver consciência deles. E essa consciência você pode lhe dar.

Ele deve saber das suas exigências. Não apenas suas exigências sociais (casa, posição, etc.) como suas exigências morais e, o que é mais importante, suas exigências a respeito dele, o que você espera dele como homem, como companheiro.

Ele deve saber das suas frustrações, dos seus problemas pessoais (o que não significa que deva ser bombardeado por eles constantemente).

Ele deve saber tudo aquilo que diz respeito à vida sexual de ambos, de que é que você gosta, ou gostaria, de que é que você não gosta, quais as suas fantasias, as suas curiosidades, tudo enfim.

Isso é básico, sobre o que se poderiam traçar variações infinitas. Isso é o que, de todo modo, você deve lhe dizer. Mas há, evidentemente, coisas que convém não dizer, e, sobretudo, não utilizar como armas. Se a mãe dele é uma megera, por exemplo, e por mais que ele o saiba, convém não transformar esse tópico num cavalo de batalha a ser montado vitoriosamente a cada briga. A família, qualquer uma, costuma oferecer bons tópicos que escapam à possibilidade de correção de cada um — é pouco provável que ele transforme a mãe megera numa santa senhora —, que ferem sem possibilidade de enriquecimento para qualquer das partes. Pode-se agir da mesma forma em relação ao resto, dizendo aquilo que puder ser alterado ou que trazer uma melhoria para a relação.

O que realmente altera muito tudo é o como do nosso pôquer. Já há alguns anos, na onda dos movimentos sociais jovens, da divulgação dos princípios psicanalíticos e da libertação genericamente apregoada estabeleceu-se a moda da abertura. Era, e ainda é para muitos, considerado inteligente, moderno, atualizado, despejar o saco sem maiores preocupações com qualquer pessoa. Nos salões jogou-se muito o jogo da verdade. Dizer tudo o que se pensa tornou-se o novo código. Mas era realmente verdade aquela que se derramava no decorrer dos jogos, ou era somente uma parte da verdade? E era o desejo humano e louvável de conhecer o outro profundamente que inspirava esses jogos, ou a satisfação pela súbita liberdade de fuçar, de desafiar o outro e entregar-se sob a ameaça de ser apontado como covarde? Com que importantes resultados saía-se desses jogos?

Transformar a vida num eterno jogo da verdade pode ser bem mais perigoso do que limitá-lo aos quinze minutos do salão. É onde entra o como. Não como um jogo, não como um desafio. Falar, dizer aquilo tudo que o bom senso nos permite, só pode ser feito com amor e seriedade, para que o outro perceba por trás das palavras que magoam o sentimento que nos leva a dizê-las, e não se sinta duplamente ameaçado. Com delicadeza, assim se fala. Com o máximo de delicadeza de que somos capazes, e tanto maior quanto mais difícil for a verdade a dizer. Com uma delicadeza feita não de belas maneiras sociais, mas de disposição para ouvirmos também nossas verdades, que certamente virão.

E fala-se quando a sensibilidade nos diz ser o momento justo, que não corresponde forçosamente ao quando a verdade nos sobe à boca. Fala-se, portanto, quando é necessário, para o outro ou para nós mesmos. O necessário, em certos casos, pode coincidir com o insopitável, pois se você sente que não pode calar determinada verdade, então chegou o momento de dizê-la. Mas, e aqui está toda a diferença, é quando você sente que deve dizer, e não quando a "verdade" se diz sozinha, que é o momento.

A verdade se diz sozinha para os estourados, e não é geralmente a verdade verdadeira, é a primeira que ocorre, a primeira que se encontra no caminho da raiva. Esta é perigosa e sobretudo inútil. A verdade dos estourados ninguém dá muito crédito, ela ofende pela brutalidade, pelo ímpeto, mas não alcança grandes profundidades. A verdade que você pensa, que você de alguma forma sopesou antes com suas conseqüências, esta desce até o fundo.

Falta o nosso ONDE. A esse respeito, seja sobretudo lógica. Não enquanto ele está dirigindo num engarrafamento, não na ceia de Natal, não quando ele se chega para as preliminares do amor. E não quando a circunstância tende a diluir ou tumultuar aquilo que você tem para dizer. É muito comum em jantares de amigos que, a troco de intimidade e de fazer conversa, se estabeleça um estranho intercâmbio de defeitos e de queixas. As mulheres, sorridentes, queixam-se de que os maridos (ou namorados) não fazem isso ou aquilo, trocando defeitos com as amigas como quem troca figurinhas. Vence, supostamente, quem tiver a figurinha mais difícil, ou seja, aquela cujo parceiro tiver o defeito mais excêntrico, dentro do aceitável num salão. Finda a rodada feminina, começa a masculina, os homens então — mas devo reconhecer que, pelo que me foi dado acompanhar desse divulgadíssimo joguinho de salão, os homens costumam ser mais generosos do que as mulheres, queixando-se bem menos do que elas — lançam sobre o pano verde as falhas de suas companheiras. E tudo acaba entre risadas. Acaba, na festa, porque voltando para casa o revide é muitas vezes feito em outro tom, ainda que apenas de desapontamento ou de surpresa. Este é, por exemplo, um caso de péssimo onde. Eu diria até, nunca, nunca mesmo, diante dos amigos.

Depois disso tudo, quero deixar bem claro que sou a favor de falar. Fiz as preliminares, desenhei o campo, marquei os lugares principais, mas acho que todo mundo deve entrar no gramado. Falar é bom, porque limpa a alma. Falar dói, porque dá medo, porque dá pena, porque é tão mais conveniente deixar correr e dar um jeito depois, sem derramamento de sangue aparente. Falar estremece tudo. Mas não falar é pior. Não falar dá ressentimento, que se infiltra no sangue, que suga a alegria, que estraga e apodrece qualquer relação. Não falar turva o olhar. E não falando somos cúmplices de todos os inimigos do outro.

Eu sou a favor de falar, mas sou medrosa, e então falo devagar, baixinho, um pé diante do outro para não despencar do fio. Eu gosto de falar, mas poderia ser ferina, como já fui, e então afasto bem. a ironia, limpo bem as beiradas da conversa para que ela me saia pura, direita, sem malefícios, sem estrabismos. Eu prefiro falar, mas me calaria por tendência, para só explodir quando mais nada coubesse, e então falo mesmo coisas sem maior importância, como quem treina, para não deixar que a represa se forme e que segure o bom e o mau tudo junto para depois soltá-los, juntos

ainda, num só roldão. Não, estourada, estourada mesmo daquela de botar mãos na cintura, nunca fui. Penso às vezes que gostaria, mas o máximo que consigo é pensar na cara dos outros, se eu um dia me convertesse à religião do berro incondicional.

E falo de mim porque sou afinal a pessoa que melhor conheço — ainda que com tantos desvãos escuros —, assim como poderia estar falando de você, seja qual for o seu tipo. Uma você mais cuidadosa um pouco, e um pouco mais disposta a encontrar o outro em terreno fértil, uma você disposta a falar, mas a falar direito. E sobretudo disposta a ouvir.

## O ALTO PREÇO DE MANTER UMA IMAGEM INVEJÁVEL

Vi uma vez uma piada numa revista, desenho de página inteira. Na parede de um salão algo rococó, acima de um sofá de veludo vermelho, um enorme quadro reproduz bela e assaz curvilínea mulher estendida nua sobre almofadas. Abaixo, sentados no sofá, um velhinho distinto e uma senhora de idade, gordota, cujo rosto lembra as feições jovens do retrato.

Eles conversam:

Ele — Que maravilha de retrato!

Ela — Certamente. (Suspiro.) Mas tem sido difícil viver à sua altura.

Toda vez que penso em imagem lembro da piada. Porque assim vivem os que, acima de si, têm sua imagem, um "retrato" projetado, geralmente melhor que o original, que exige um interminável esforço para não desmerecê-lo, para não deixar transparecer, além das brilhantes cores fictícias, os tons mais sóbrios da realidade. Infelizmente, porém, viver à altura de uma imagem é um dos grandes apelos do nosso século; e, assim, imagens são fabricadas e consumidas em alta escala, num processo constante de renovação.

Tenho observado como algumas pessoas alimentam sua imagem, mas um conhecido meu me fascina em particular. Sua dedicação é absoluta, todos os seus gestos, toda a sua atuação encaixam-se rigorosamente dentro de uma imagem de harmonia e perfeição por ele criada. Acredito mesmo que tenha já há algum tempo perdido as fronteiras entre o que nele próprio é real e o que é "fabricado", porque o vejo mentir com tanta naturalidade que posso até considerá-lo sincero. Ele se esmerou tanto na imagem, está tão convicto de ter iludido a todos com ela, que ele mesmo se iludiu, e passou a acreditar na roupa, esquecido do cabide. Agora, quando distorce os fatos nas suas pequenas mentiras, não está propriamente mentindo, mas apenas adaptando a realidade real àquela outra realidade, personalidade que ele fabricou e que oferece aos outros, e que aos poucos se confundiu dentro

dele.

Nem todos vivem sua imagem dessa forma, que poderíamos chamar de assimilativa. Surpreendeu-me recentemente uma entrevista de Sidney Magal. A imagem que seu agente Roberto Livi criou para ele é tão forte, tão presente em toda a sua vida (Magal queria comprar um carro Landau mas comprou um MP Lafer porque Livi achou que combinava mais com sua imagem), que ele se refere à imagem em terceira pessoa, como se realmente existisse desvinculada dele, como uma outra pessoa. Ou seja, Magal não diz, por exemplo, "a minha roupa de show", mas sim "a roupa do Sidney Magal", e se refere o tempo todo a esse outro Sidney, fabricado centímetro por centímetro, e tão vitorioso, como deveria se referir a ele o agente, seu criador.

Sidney colocou sua imagem fora de si. Mas, paradoxalmente, vive voltado apenas para ela, como se o seu eu anterior não existisse. E de alguma forma justifica essa atitude quando diz que todo o sonho do seu eu era chegar um dia a ter o sucesso que sua imagem tem atualmente.

Seja qual for a forma de convivência com a imagem, a verdade é que ela é bastante perigosa. Porque a imagem pretende, em princípio, aparentar uma pessoa diferente da pessoa real. Para isso, ela deverá funcionar com um outro eu, uma espécie de espelho distorcido que necessita do eu para existir, mas que não lhe é fiel. O eu é para a imagem qualquer coisa assim como um cabide para uma roupa, um cabide indispensável para sustentação de uma nova roupagem, ou seja, uma nova aparência.

Mas, à diferença de uma roupa, a imagem não é passiva. Pelo contrário, a partir do momento em que se instaura, torna-se até mais ativa do que o eu, porque é ela, é só ela, que deve aparecer.

Nesse sentido, ela é perigosa. Pois, embora comandada pelos impulsos mais profundos do eu, a sua tendência é acabar com o eu enquanto individualidade. O eu, sufocado, negado, pode concordar com o jogo, e deixar cada vez mais espaço para a atuação da imagem, até praticamente apagar-se. Ou rebelar-se, como talvez seja o caso de certos atores que no auge da carreira começam a beber, destruindo a imagem e às vezes até mesmo o seu suporte.

Ter uma imagem significa, na verdade, ter sempre um duplo. E, portanto, manter um duplo jogo com a vida. Não é fácil, nem é seguro.



Como um ator, quem vive com uma imagem (ou seria mais certo dizer "por uma imagem?") tem sempre medo de esquecer o diálogo, de errar a entonação, revelando toda a farsa. Obriga-se assim à atenção constante, pronto a remediar rapidamente qualquer deslize.

Observo esse estado de perigo em pessoas conhecidas. Tudo vai bem, o interlocutor dono da imagem está tranqüilo, relaxado, atuando com toda a displicência. E, de repente, alguma coisa que a gente diz, uma dúvida que a gente levanta acende dentro dele o alarma. O olhar tem um instante de fuga, como se, assustado, olhasse para dentro em busca de socorro. A expressão do rosto se turva. Mas é uma fração de tempo infinitesimal, que só o observador atento, predisposto, capta. Imediatamente, naquele sistema interno todo convocado, a resposta é forjada, o conserto é feito habilmente, para que nem se perceba que houve quebra. E o fluir aparentemente natural da conversa é retomado.

Não, não é fácil, embora possa se criar uma espécie de segunda natureza para atuar nessa área, natureza ágil, bem treinada para a guerrilha do faz-de-conta. Nem é exatamente agradável. E não é agradável por razões mais profundas do que o medo de ser desmascarado. Viver em função de uma imagem significa, fundamentalmente, renunciar a si próprio, àquilo que na gente há de mais verdadeiro. E por que alguém renunciaria? Por não gostar de si. O rapaz que conheço, que vive a imagem da perfeição, não é perfeito, como ninguém é. Mas não aceita sua imperfeição. Ele não gosta de suas fraquezas, de seus defeitos. Propunha-se, talvez desde muito cedo, talvez obedecendo a algum exemplo, vir a ser um grande homem, um homem importante, um daqueles homens que não passam despercebidos em lugar nenhum. Fantasizou a mulher perfeita que o acompanharia, os filhos perfeitos que teriam, a casa perfeítíssima em que morariam. Tudo seria lindo e feliz como um filme colorido. Mas a realidade não obedece a script, e ele acabou não se tornando um grande homem. Ficou, com algum mínimo destaque, numa medida média. Uma medida que seria até excelente para quem não tivesse tido planos de tamanha grandeza. Mas que ele não aceitou. E, não se aceitando, teve medo de não ser aceito pelos outros. Começou então a criar o outro, para que fosse aceito em seu lugar, para que fosse amado em seu lugar. E amou o outro mais do que amava a si.

É este o sofrido fio com que se tecem tantas imagens. O desamor pela própria realidade. Norma Jean deixou que Hollywood a transformasse em Marilyn Monroe porque não amava Norma Jean. E, quando a pele de

Marilyn começou a apertá-la demais e não havia mais Norma Jean em quem se refugiar, ela acabou se matando.

Não há dúvida, aliás, de que a fábrica número 1 de imagens sempre foi o cinema, mais precisamente Hollywood. O cinema fabrica imagens como ninguém, não só em quantidade como em qualidade, garantindo à nossa fraca imaginação um plantel sempre perfeito de deuses. Houve, é verdade, momentos ainda melhores do que os atuais, quando ninguém se rebelava naquele Olimpo, e cada qual desempenhava até o fim seu papel principal, representação de si mesmo. No tempo do cinema mudo, os astros faziam questão de refulgir acima de tudo, preferindo sacrificar a vida a danificar sua imagem. Dizem, por exemplo, que uma das causas da morte de Jean Harlow, musa dos anos 20, teria sido uma violentíssima surra aplicada nela pelo marido, surra cujos traumatismos geraram uma insuficiência renal insanável. Dizem, porque naquela época ninguém revelaria publicamente que a chamada Vênus Platinada, dona do olhar mais lânguido e da imagem mais sensual do cinema, se relacionava com o marido na base do tapa. Mas Clark Gable, o supergalã cujo ponto máximo de sedução estava no sorriso irônico ligeiramente enviesado, teve, apesar de tudo, em determinada altura da vida, um belo gesto de rebeldia, com relação à sua imagem. Filmando em local distante, e recolhido ao hotel depois de um dia de trabalho, não conseguia dormir devido ao barulho das fãs que, debaixo de sua janela, imploravam por um sorriso. Irritado, abriu os vidros e, aos gritos de "Vocês querem um sorriso? Pois vão tê-lo", colocou no peitoral sua esplêndida dentadura.

Mas nem só de Hollywood vivem as imagens. O mundo da política e o das altas finanças se encarregam de dar farta contribuição. Sabemos todos, por exemplo, o quanto foi prejudicial para a imagem de bom moço do senador Ted Kennedy o nebuloso episódio de Chappaquidick, em que, após duvidosa festinha, seu carro acidentou-se, causando a morte da jovem secretária que o acompanhava. Segundo alguns, o fato teria virtualmente liquidado com suas possibilidades de vir a tornar-se presidente dos Estados Unidos.

Como uma estrela de cinema, um político depende enormemente da sua imagem. E isso porque a imagem é construída não só de acordo com a realidade da própria pessoa, valorizando o que ela tem de melhor e escamoteando aquilo que não é tão apreciável, como, e sobretudo, de acordo com aquilo que os outros, no caso os eleitores ou de alguma maneira

as pessoas que ele representa, esperam dele.

Podemos mesmo dizer, também, que toda uma faixa da nossa sociedade, correspondendo àquilo que chamamos de classe alta, vive fundamentalmente apoiada na sua imagem. O playboy "precisa" ser visto com mulheres bonitas (mesmo se pagas), o aspirante a magnata "precisa" dar grandes festas (mesmo se pagas na base da dívida), o executivo importante "precisa" circular com a esposa (mesmo se tem amante vitalícia). A imagem, enfim, é que atua como "cara" oficial, ficando a realidade para consumo interno, ou, como veremos adiante, até mesmo desaparecendo por completo.

Evidentemente, o trabalho de criação, lançamento e atuação de imagens mais sofisticadas não pode ficar a cargo de amadores. Existem, para isso, empresas altamente especializadas, ligadas ao ramo da propaganda (fora o talento individual de alguns agentes ou empresários que atuam no *show-business*).

Cabe a essas empresas a análise do "produto" — que é como passa a ser tratada a pessoa em questão —, o levantamento de suas possibilidades, o estudo da faixa de mercado a atingir e, afinal, a campanha propriamente dita. O "produto" então saberá qual o tipo de roupa mais adequada à imagem que pretende lançar, será informado e doutrinado sobre o que dizer e quando, que amigos freqüentar, em que rua morar, etc. Ou seja, como um ator, terá um papel a decorar, o papel de si mesmo. Paralelamente, será realizado todo um trabalho de imprensa e relações públicas, de forma a fornecer aquilo que corresponderia ao teatro e ao cenário indispensáveis para a representação toda. Assim, por exemplo, acompanhei a trajetória ascendente de um artista que, eu sabia, tinha procurado uma agência para esse fim. Começou a receber em sua casa, para pequenos jantares, discretamente, estabelecendo os primeiros contatos; logo seu nome aparecia na lista de pessoas convidadas a jantares mais importantes (os que ele havia inicialmente recebido estavam retribuindo); e em breve constava das colunas sociais. Daí para o sucesso faltava quase nada, sucesso seu e da sua arte, como ele e a agência haviam planejado desde o início.

Agora mesmo, aliás, tivemos exemplo público desse tipo de atuação. Conforme foi amplamente divulgado, a agência publicitária MPM-Casabranca foi encarregada de melhorar a imagem do futuro presidente. E os brasileiros viram em poucas semanas que seu líder indicado trocava os óculos escuros por outros mais claros, abria em amplos sorrisos a boca até

então mais fechada, aparecia em revistas tratando carinhosamente cavalos e cavaleiros, assumia, enfim, um ar de bonomia que até então era totalmente desconhecido no chefe do Serviço Nacional de Informações.

Campanhas como essas naturalmente custam pequenas fortunas, mas o preço pago costuma ser proporcional aos interesses envolvidos, sendo normalmente considerado um investimento como outro qualquer, capaz de render juros e dividendos bastante estimulantes. É preciso, porém, ter capital para investir, o que, de certa forma, limita o número dos candidatos.

Nem todas as imagens, porém, são fabricadas conscientemente. E é justamente contra aquela pequena imagem que vive conosco, que projetamos sem querer, ou quase sem querer, que podemos nos precaver.

Muitas vezes a imagem nos é impingida desde cedo, sem que possamos nos dar conta. O pai, a mãe, começam pequenas campanhas inconscientes do tipo: "Ah! essa menina tem um talento para a música!" E logo vêm os professores de piano, aulas e mais aulas, estímulos constantes. Bastará a menina ter um pouco de talento para se ver envolvida. Acreditará que nasceu para concertista, se comportará de acordo com o papel, e estará, sem perceber, vivendo por trás de uma imagem. Quantas percebem a realidade e se rebelam? Algumas. Mas muitos passam a vida toda perseguindo uma carreira que, afinal, não era a sua.

Meu irmão, Arduíno Colasanti, por exemplo, foi desde o início "destinado" pela família para a engenharia. E precisou cursar dois anos de universidade, com algumas reprovações, para chegar à conclusão de que queria coisas diametralmente opostas. Hoje é ator de cinema e mergulhador profissional, homem do mar e da liberdade. Mas foi um verdadeiro escândalo familiar quando ele decidiu despir a imagem bem arrumada de promissor futuro engenheiro.

Lutamos, além disso, com a imagem que os outros têm de nós, e que, geralmente, é diferente da que temos de nós mesmos.

Até fisicamente nós nos "vemos" de um jeito, enquanto os outros nos vêem de outro. E não entendemos às vezes coisas que dizem de nós, a respeito do nosso físico, e que de tão distantes nos parecem dirigidas a outras pessoas. A maturidade tende a nos conduzir para um maior entendimento entre aquilo que projetamos para os outros e aquilo que somos para nós mesmos. Mas na primeira juventude, quando ainda estamos

muito indecisos a nosso próprio respeito, a confusão pode ser enorme.

Eu mesma, quando era garota, ainda muito distante de assuntos de namorados e sexo, não entendia um certo interesse que despertava, e até me irritava com isso. Só anos mais tarde percebi que meu corpo naquela época estava bem adiante da minha cabeça, e que ele criava a imagem de uma moça muito mais evoluída do que eu realmente era.

A imagem que os outros têm de nós serve para a nossa identificação. Porque, uma vez estabelecida a imagem, os outros a grudam em nós feito um rótulo e, se possível, nunca mais a modificam. Esse sistema, que torna o ato coletivo de viver um pouco mais fácil, não facilita em nada o nosso viverzinho individual. Mesmo porque a sociedade espera que, uma vez rotulados, nos atenhamos ao rótulo, evitando sucessivos trabalhos.

A formação de uma imagem baseia-se na credibilidade. Ou seja, na possibilidade que a imagem criada tem de ser aceita, e no desejo do público de aceitar a imagem. É exatamente nosso desejo de aceitar rótulos que torna a indústria da imagem tão florescente. Queremos acreditar que o casal de atores que se ama loucamente nas novelas é igualmente apaixonado na vida real. Gostamos de ver confirmada a teoria de que, quanto mais loura e gostosa for uma mulher, tanto mais burra. Precisamos confundir ficção com realidade.

E isso porque os tipos da ficção obedecem a estereótipos já mais do que testados, que, se verdadeiros, tornariam nossa vida mais fácil. Ficaria mais fácil saber de saída que a gostosona é burra, sem ter que prestar maior atenção nela, pesquisar sua alminha. Ficaria mais fácil saber que a situação será salva por heróis tipo John Wayne, sem que tenhamos que entrar em ansiedade. Ficaria mais fácil nos guiarmos por rótulos do que ter que, a cada instante e a cada encontro, botar nossa sensibilidade para trabalhar.

Dentro desses estereótipos se organizam as imagens. A estrela sensual deve mesmo pular de cama em cama na vida real. E é bom que o galã seja pelo menos casado (Rock Hudson, que não é exatamente um fanático pelo sexo oposto, foi praticamente obrigado a casar, para manter sua bilheteria). Convém a um político — em certas sociedades mais do que em outras — ter fama de honesto, ou pelo menos de realizador. Convém a um líder a probidade.

Em volta dessas imagens estereotipadas se organiza nossa

credulidade, na tentativa de fabricar um mundo mais aproximado daquele em que realmente gostaríamos de viver.

Aliás, a síntese mais perfeita dessa dualidade do homem moderno foi obtida na figura do Super-Homem. Ele é, ao contrário — e portanto melhorado —, a encarnação do ser com sua imagem. Quer dizer, enquanto a maioria dos homens tem uma realidade modesta, ao mesmo tempo sonha ser ou parecer um super-homem. O Super-Homem é super na realidade, mas oferece ao público sua modesta imagem de Clark Kent.

Cabe a nós portanto o esforço constante de afinamento entre a nossa imagem e aquilo que de alguma forma acreditamos ser a nossa realidade. É basicamente um trabalho de pesquisa, que podemos chamar mais sofisticadamente de questionamento. Isto é, perguntar.

Perguntar, fora de nós, como os outros nos vêem. Pedir aos amigos para dizer o que pensam de nós. Tentar captar, através das conversas, qual o rótulo que estão pretendendo nos dar, ou que já nos deram.

E perguntar, dentro de nós, até onde esse rótulo coincide conosco. Não até onde ele nos agrada, pois às vezes pode nos desagradar exatamente por ser mais verdadeiro, mas até onde ele toca partes nossas emocionáveis.

Para ter resposta às perguntas internas precisamos também (e esse é sempre o ponto básico para qualquer melhoria que queiramos alcançar) saber quem somos, onde estão nossos medos, quais são as nossas inseguranças. Porque é exatamente para minimizar os medos e escamotear as inseguranças que podemos, mesmo sem perceber ou diretamente querer, criar disfarces que acabam se traduzindo em mais uma roupagem sobre a delicada estrutura do cabide.

Conhecedores dos nossos pontos fracos, poderemos então trabalhar para nos fortalecer e para nos aceitar. Até conseguir, corajosamente, oferecer nossa fraqueza aos outros, para que a recebam como parte de um todo, e como um todo, humano e imperfeito, a amem.

## **MÃE QUE TRABALHA NÃO PRECISA TER FILHO PROBLEMA, NÃO!**

Tenho duas filhas, Fabiana de onze anos e Alessandra de quatro. Tenho uma profissão desdobrada em vários trabalhos. E nos últimos onze anos luto para conciliar esses dois pólos tão fundamentais para mim, cuidando para que o fluir de um não prejudique o outro.

Disse luto e sei bem porque usei expressão tão belicosa. Eu sou uma mãe que trabalha, e o mundo, do jeito que está, não foi feito para facilitar minha tarefa, nem como mãe nem como trabalhadora. Cabe a mim, então, cavar o meu lugar e impor a minha determinação.

Como mãe que trabalha sofro a pressão constante da sociedade. Pois embora ela precise de mim como mão-de-obra e desfrute avidamente daquilo que eu produzo, seu dedo rígido está sempre apontando para o meu peito. Sou culpada do pior dos crimes: o abandono dos filhos.

Quantas vezes ouvi, em tom de velada repreensão, sábias senhoras dizerem que o lugar da mulher é no lar, que foi feita para dedicar-se apenas aos filhos e ao marido, que a tarefa mais nobre é a maternidade exercida em horário integral e que só para isso a mulher existe.

São, essas sábias senhoras, seguras como Moisés empunhando as tábuas da lei, e tem-se até a impressão de que aprenderam essas verdades em algum folheto sobre a finalidade da mulher distribuído pelo próprio fabricante. Eu, que não recebi nenhuma explicação do Senhor quanto à razão pela qual ele haveria criado a mulher, me calo e vou em frente, alimentada de desconfianças.

Não foi impunemente que ouvi as vozes acusatórias. Elas ecoam nos meus ouvidos desde o nascimento, e desde sempre fazem parte do meu conhecimento do mundo. Eu, mulher, fui criada por mulheres, às quais não era permitida outra opção que não a maternidade. Minhas avós nem

sonhavam em trabalhar, minha mãe abandonou a faculdade com a primeira gravidez. E embora nem umas nem outra me doutrinassem para a vida do lar, estava subentendido que esse seria o meu destino. Era e foi o da maioria das minhas amigas de infância. Não havia por que pensar em outro rumo.

Mas foi exatamente outro rumo o que eu segui, e, pela escolha, carrego a culpa comigo.

Quantas vezes, na hora de sair para o trabalho, quando minhas filhas se agarravam na beira da minha saia, me abraçavam as pernas pedindo para não ir, ficar com elas, eu me sentia a mais sinistra das mulheres! Quantas vezes, tendo que deixar uma delas doente para ir passar o dia trancada numa redação, me considereei a pior das mães!

Sei eu da luta interior que tive que enfrentar para me permitir aquilo que para os homens é apenas natural, o direito ao trabalho.

Por isso, quando as cômodas senhoras, esposas e mães profissionais, erguem o dedo e desfilam suas catilinárias, eu tenho cá dentro pelo menos uma certeza: a de que eu sei de que estão falando, mas elas não, porque nunca estiveram do outro lado.

Eu sabia do problema que se impunha quando decidi ter minha primeira filha. A idéia de parar de trabalhar nem passou pela minha cabeça. Primeiro porque eu precisava de dinheiro, e mais ainda depois que ela nascesse. E novamente primeiro (porque não seria justo colocar isso em segundo lugar) o trabalho era uma parte tão integrante da minha vida que, ao querer completá-la com o nascimento de um filho, não podia mutilá-la eliminando o trabalho.

Decidi então que filho, trabalho e eu viveríamos juntos, tentando a maior harmonia possível.

Mas estabeleci prioridades, organizei um sistema. Eu sabia que ela precisaria, no início, de toda a minha disponibilidade. Os psicólogos afirmam que um recém-nascido necessita da presença constante da mãe pelo menos durante os três primeiros meses de vida. E coloco aqui o pelo menos para mostrar que eu não estava querendo me tapear. Então, deixei acumular férias e tratei de trabalhar até o último momento permitido pelo médico, que acabou sendo uma semana antes do parto. Ganhei assim quatro meses para ela, embora trabalhar no último mês, no calor, andando de ônibus cheio para cima e para baixo, não tenha sido exatamente agradável.



Pois muito bem, na semana que sobrou, arrumei o quarto — e me vi costurando cortinas um dia antes, com o bebê já baixo, pedindo passagem —, deixei tudo pronto e fiquei só por conta dela.

E foi a partir do momento em que ela nasceu — ou teria sido antes? —, senhoras de dedo erguido, que comecei a educá-la.

Eu não ensinei a um bebezinho de um dia os primeiros elementos da etiqueta, não disse a ela que não devia botar o dedinho no nariz. Mas ensinei que ela era muito amada, que essa era a razão fundamental de sua presença no mundo. Disse a ela na sala de parto mesmo, enquanto de dentro de mim avançava para a luz, que eu estaria sempre perto dela quando ela precisasse, como naquele momento, porque estar perto não é estar colado fisicamente, mas é estar em unísono. Disse a ela que a consciência é fundamental, e o disse com meu próprio corpo, que para poder recebê-la acordado se recusou a tomar anestesia. E disse a ela que é mais importante assumir, assim como eu assumira a decisão de tê-la, mesmo em condições difíceis, planejando a sua vinda.

Passei quatro meses cuidando do meu bebê. Só eu lhe dava comida, só eu lhe dava banho, só eu lhe transmitia os primeiros conhecimentos do mundo. Não contratei enfermeira, como fazem tantas jovens elegantes, senhoras que não trabalham e nunca trabalharão. Não entreguei meu bebê para mãe, prima solteirona ou mucama, como se usava nas famílias tradicionais quando a parturiente passava trinta dias de resguardo, regado a caldo de galinha.

Enquanto isso, cuidei de contratar uma boa babá, à qual minha filha foi se acostumando aos poucos. E me preparei para voltar ao trabalho.

O preparo incluía uma redução de horário. Não passei para meio expediente, pois não seria possível, mas obtive condições — obtive, ou criei — para entrar mais tarde, e sair um pouco mais cedo. Com isso poderia estar com ela nas primeiras horas do dia e antes do sono.

Logo que ela cresceu um pouco, a rotina da nossa vida estabeleceu-se, de forma que brincávamos juntas ou, então, eu me ocupava dela de alguma maneira, até a hora de ela ir com a babá para a pracinha. Eu saía, então, para o trabalho. Voltava lá pelas cinco horas, ficava com ela, dava-lhe o jantar, punha-a na cama.

E daí por diante, mesmo com a segunda filha, sabendo que a presença

total não seria possível, sempre fiz questão de estar presente em pelo menos uma das duas refeições diárias, de botá-las na cama, de estar com elas no encerrar do dia.

Sobravam, além disso, os fins de semana, que passava integrais com elas, inventando programas, indo a parques, passeios, teatrinhos, cinemas, praias, enfim, fazendo o possível, o que mais queriam. Não me lembro de ter jamais largado minhas filhas para passar fim de semana em algum lugar, a não ser nos raríssimos casos de viagens inevitáveis.

E as viagens são outro assunto importante. Nunca viajei quando as meninas eram muito pequenas, pequenas a ponto de não entenderem que eu ia mas voltaria. E, quando deixei minha menor, de três anos e meio, fiquei preocupada, achando que talvez fosse cedo demais. Embora ela tivesse entendido muito bem, embora estivesse respaldada pela tranqüilidade da irmã maior, ainda assim meu marido e eu telefonávamos seguidamente, e voltamos dentro de vinte dias para sermos devidamente repreendidos quando ela, de carinha amarrada, nos disse: "Eu fiquei muito triste".

Que mãe seria eu se tivesse largado o trabalho em favor das crianças? Tenho me feito essa pergunta, de vez em quando, ao longo dos anos, quando o peso da sociedade acusadora se faz mais forte, ou quando eu própria, enfraquecida por algum motivo, me questiono sobre o valor real de tanto sacrifício.

Eu teria desistido da minha profissão aos vinte e sete anos, quando nasceu minha primeira filha, e até agora não a teria retomado porque ao crescimento de uma sobrepôs-se o nascimento da outra. Tenho hoje trinta e nove anos. Reiniciar agora uma carreira jornalística abandonada quando começava a se esboçar, seria, no mínimo, infrutífero. Não me vejo repórter iniciante aos quase quarenta anos, nem poderia atuar como redatora, estando a redação enterrada entre fraldas. Então o mais provável é que continuasse até hoje sem trabalhar.

Eu sem trabalho. Nem posso me imaginar. Mas com um esforço procuro o que seria. Tento me pôr na pele das mulheres que me escrevem, que nos escrevem aqui na Nova, que nos dão depoimentos. E me vejo como elas, encarcerada numa vida doméstica pouco enriquecedora, frustrada por tudo aquilo que poderia ter sido e que foi abandonado. Me vejo irritada com as meninas, após um dia de desgaste contínuo.

Me vejo estranhamente muda. Porque o longo diálogo que comecei há anos comigo e com meus eventuais leitores, a conversa que vou tecendo com meus artigos em Nova, as crônicas que escrevi e que em algum momento, de alguma maneira, disseram algo a alguém, nunca teriam existido.

Me vejo então empobrecida. Sem trabalho, tenho certeza, eu seria um ser humano mais pobre. Não apenas pelo estado de dependência econômica em que isso me colocaria — e a dependência é sempre empobrecedora —, como pela ausência de tantos dados que acumulei movida por uma necessidade profissional, pela falta de uma visão que me foi dada no contato diário com um trabalho de informação. Eu teria adquirido outros dados, é evidente, mesmo ficando em casa com as meninas. Mas seria apenas justo que grande parte desses dados, senão a maioria, fosse relativo a elas, à casa, ao pequeno mundo doméstico em que eu estivesse contida.

E sendo eu tão mais pobre, que educação poderia transmitir às minhas filhas?

Educação é uma palavra traiçoeira. Quando dizemos que um rapaz é bem-educado, estamos geralmente nos referindo à delicadeza cavalheiresca com que abre portas e puxa cadeiras para maior conforto das damas. Isso é reconhecidamente boa educação. Se porém o rapaz comete pequeno ato de traição em relação ao seu melhor amigo, isso não é debitado na conta da sua educação, mas vai para a do caráter. Qualquer pessoa pode ser socialmente bem-educada, embora sendo anímicamente desprezível.

Então, talvez seja o caso de repensarmos a palavra educação. Dar educação, para mim, como mãe, significa transmitir todo um modo de vida, e não digo com isso que eu deva ensinar às minhas filhas a beleza do amarelo, e sim a importância das cores. Não sei se estou sendo clara. Por modo de vida eu quero dizer, essencialmente, o mundo dos sentimentos. O que eu gostaria, ao dizer um dia "Eu soube educar minhas filhas", era que isso significasse: "Eu soube ensinar minhas filhas a transitar de olhos abertos no complicado mundo dos sentimentos".

Parece pomposo, mas não é. Eu quero que elas saibam se comportar à mesa, é natural, mas acho mais importante que a mesa, em vez de um local de repreensões, seja um ponto de encontro fraterno da família. E se amanhã elas estiverem num grande jantar, prefiro que prestem atenção em quem

lhes está ao lado — e atenção não àquela conversinha vaga de salão — a que se detenham sobre a melhor maneira de esquartejar uma ave envolta em molho.

Dar educação às minhas filhas significaria transmitir-lhes certos amores, certos prazeres pela leitura, pelos trabalhos artesanais, pelas plantas — não esse já detestável ecologismo de cartilha, mas amor de verdade, convivência com as centenas de plantas que tenho em casa — pelo desenho, pela palavra.

E no meu conceito elas serão bem-educadas se se tornarem mulheres capazes, atuantes em qualquer atividade, dinâmicas. Se conseguirem se tornar mães sem para isso terem que abandonar trabalho e participação. Se, por sua vez, conseguirem transmitir às suas filhas e filhos aquilo que eu considero boa educação.

A esta altura parece que eu sou uma mãe maravilhosa. Não sou. Nem minhas filhas são modelos de boa educação. Não são. A guerra aqui em casa é renhida. Disputamos o poder de dentes fechados, os delas mais do que os meus, pois nessa demarcação de poder e exercício da autoridade deixo que os outros demarquem e exerçam à vontade. Talvez, por isso, sou uma mãe meio cambeta. E o seria de qualquer maneira.

Não sei e não gosto de me impor. Questiono a tradição e o bom senso. Questiono minhas próprias ordens, o que as enfraquece de saída. Se, por exemplo, uma me pede para comer um chocolate antes do almoço, a resposta imediata é não, antes do almoço não pode. Mas ela insiste, e eu me pergunto: por que não pode? Porque tira o apetite. Mas tira o apetite exatamente porque alimenta. O chocolate é alimento tão rico como um bife. Estou neste questionamento quando ela volta à carga, já choramingando, e eu, forte por dentro dos meus argumentos cuja evolução ela desconhece, dou licença para comer o chocolate. Vai daí, ela pensa que me venceu, que avançou um passo na conquista da sua liberdade.

Não, não sou uma mãe ideal, e minhas filhas, que já descobriram o manancial de meus defeitos, se servem à farta.

Mas onde o não trabalhar me faria melhor educadora? Minhas falhas não advêm da falta de tempo, mas talvez da falta de vocação. Não tenho rigor, não tenho mão firme, não imponho a minha autoridade. E o mesmo aconteceria se ficasse em casa o dia inteiro. O mesmo não, pior. Porque,

juntas durante o dia inteiro, fermentaríamos meus defeitos, num desgaste fatal para a nossa relação. Eu não ficaria mais autoritária apenas pela quilometragem. Nem pelo simples fato de ficar em casa, passaria a acreditar que chocolate antes das refeições arruína a saúde de uma criança.

Dizem que mãe que trabalha adota o sistema compensatório, ou seja: deixa eu ser boazinha com ela enquanto estou em casa, já que ela pouco me vê. Eu não sigo essa linha. Na verdade, sou mais puxada a megera do que a doce mãe. Chego da rua, e como um piloto checando o avião antes da decolagem, vou fazendo meu controle: escovou os dentes? fez o dever? foi buscar o casaco que esqueceu na casa da amiga? desembaraçou o cabelo? E a dar as broncas e as ordens correspondentes.

Não, creio que se eu ficasse em casa o dia inteiro não nos agüentariamos com facilidade. A não ser que o fato de não trabalhar significasse tempo preenchido com cabeleireiros, demoradas sessões de compras, visitas às amigas, atividades beneficentes. Ou seja, que eu compensasse o tempo economizado do trabalho com tempo gasto em futilidades, ficando, afinal, em casa pouco mais do que fico. Não é assim que acontece com grande parte das mulheres que, não trabalhando, se dedicam "inteiramente" aos filhos?

Antes de escrever a matéria, achei que o melhor seria perguntar a elas e ver o que pensam de uma mãe como eu. É claro que, sendo eu a mãe, elas têm forçosamente preconceito a favor, mas também poderia acontecer o contrário. Enfim, por desengano de consciência, perguntei.

Não foi um hino de louvores, não. Mas deu para tranquilizar. Alessandra, com seus quatro anos, disse logo que preferia que mamãe ficasse o dia inteiro contando histórias e brincando de boneca com ela, e já disse me abraçando, abraço rapidamente desfeito ao ser convocada pelo som do desenho animado da televisão. Fabiana foi mais objetiva. Disse que gosta de ter mãe que trabalha, porque mãe grudada o dia inteiro é muito chata. E disse que gosta de mãe trabalhando para ir visitar no trabalho (ela vai a jornal, vai a televisão e acha sensacional). E disse que gosta de mãe trabalhando porque a mãe está fazendo coisas, e "não é feito essas mães que não trabalham e viram chofer dos filhos, para cima e para baixo".

Nenhuma das duas disse que "é ruim ter mãe que trabalha porque isso prejudica a nossa educação". Mas talvez elas não se importem com isso.

Talvez a educação, o universo dos bons modos, seja um problema que  
inferniza apenas a mente dos adultos.

## AGRESSIVIDADE, UM MAL QUE FAZ BEM

Aula de ginástica. Vira-se a moça gordinha, de malha preta, e diz para a vizinha, com tom doutoral: "Você não está fazendo direito. Se não levantar bem a perna, não perde peso nenhum".

Responde a outra marcando bem a inflexão: "Mas eu já sou magra. Não estou precisando perder nada".

E a moça de preto, com um sorriso melífluo: "É... você está precisando achar".

Trânsito lento, bem lento, em rua estreita do centro da cidade. Carros parados no sinal. O sinal abre. Mas o primeiro carro da fila morre, e o motorista demora alguns segundos a fazê-lo pegar. O motorista de trás buzina insistentemente. Por fim, o da frente salta, aproxima-se do de trás e, sem dizer palavra, desfere um violento pontapé na lataria, voltando em seguida ao próprio carro e arrancando acelerado.

Restaurante cheio, noite de sábado. Um casal espera vagar uma mesa. Outros dois casais, que haviam chegado depois, sentam-se sucessivamente. O rapaz chama o *maître*, protesta. Responde o *maître*, com ar emproado: "O cavalheiro me perdoe, mas sei o que estou fazendo. Tenho discernimento".

E o rapaz suave: "Não sabia que pessoas de discernimento chegam a *maître*".

Isso é agressividade. Pode ser velada, como uma piadinha. Ou direta, como um safanão. Mas é sempre contundente, dolorosa, ou, no mínimo, irritante. E por mais que a idéia nos desagrade, somos obrigados a reconhecer: vivemos com ela.

Nem a vida dita civilizada melhora as coisas. Pelo contrário. Quanto maior e mais cosmopolita a cidade, maior a agressividade que nela prolifera. O trânsito tumultuado, a vida apertada, os horários apertados, os orçamentos apertadíssimos, só fazem aumentar nossa vontade de pular no pescoço do vizinho à primeira provocação, ou mesmo sem provocação nenhuma. E quando afinal sentamos para descansar, a televisão, os jornais e o cinema se encarregam de recarregar nossas baterias e nos colocar novamente em posição de ataque.

Bonita, convenhamos, não é não. Tem os dentes um pouco aguçados demais, as unhas mais afiadas do que gostaríamos, e um cheiro que nos lembra nosso parentesco com animais reconhecidamente mais ferozes. Por isso, talvez, fingimos não tê-la, e quando alguém nos chama de agressivos, rebatemos imediatamente. Agressivos são os outros, nós não. Nós somos gentis cordeiros que, ameaçados, se defendem. E se na defesa tiram-nos algum lenho a mais, culpa do agressor, que exagerou nas medidas.

Mas seria tão terrível essa agressividade apontada como o mal do século?

Ao que tudo indica, ela é antes de mais nada natural, instinto de combate voltado contra o semelhante. E sendo natural, há de ser, como todas as coisas naturais, necessária.

Vejamos o que diz dela Konrad Lorenz, prêmio Nobel, e autor, entre outros, do livro *Agressão*, uma história natural do mal: "A agressividade,, cujos efeitos são freqüentemente identificados com os da pulsão de morte, é um instinto como todos os outros, e, em condições naturais, contribui, como todos os outros, para a conservação da vida e da espécie. No homem, que por sua própria ação modificou rapidamente demais suas condições de vida, o instinto de agressão produz freqüentemente efeitos nocivos. Mas os outros instintos têm resultados análogos, embora menos dramáticos".

É evidente que por "condições naturais" não se entendem ônibus superlotados, apartamentos quarto-e-sala, filhas exasperantes. Entretanto, mesmo nessas condições "inaturais" em que vivemos a agressividade pode ser considerada um mal necessário, e pode se tornar muito útil, desde que sejamos capazes de manejá-la sem causar dano a nós mesmos e aos outros.



Existe uma agressividade maior, social, que originada nos instintos de combate e defesa territorial, e misturada à política e à economia, gera as guerras, as grandes mortandades, as destruições. Essa, por hoje, a gente deixa de lado. Vamos tratar daquela outra agressividade, menor talvez, mas nossa e vizinha, companheira do dia-a-dia, cujos mecanismos nos são mais diretamente próximos.

Fique claro, de saída, que ela não é correta. Ou seja, raramente investe de frente sobre a pessoa ou causa que a motivou. Prefere despistar, agir indiretamente, por ato reflexo. Como a infiltração que pingando sobre a laje não encontra saída e vai escorrendo, escorrendo, até achar uma frincha e por ela aparecer, bem longe da origem, assim a agressividade se manifesta muitas vezes depois de ter estado abafada em nós durante horas ou dias, e contra alguém que basicamente não tinha nada a ver com ela.

Se me aborreço no trabalho e não descarrego a irritação, se mais me aborreço na volta para casa com a fechada de um motorista, e se ao chegar o porteiro me avisa que vai faltar água, é certo que alguém da minha família vá levar um coice antes que a noite se acabe. Mas também é possível que eu resolva na rua minhas pequenas irritações e chegue em casa alegre e tranqüila, tendo feito tudo o que meu papel de dona-de-casa exige, pronta para receber elogios e agrados, e em vez disso leve um bom tranco, sem nem saber como e porquê.

É por isso que, acontecendo a agressividade aparentemente sem motivo, empunho minha lupa e saio farejando-lhe as pegadas até encontrar-lhe a causa e poder exclamar "Elementar, meu caro Watson!". O mais importante dessa atividade detetivesca, é realizá-la não apenas em relação à agressão alheia (quando a busca pode ser bem mais problemática) como a respeito da nossa própria agressão, aquela que explode às vezes à nossa revelia, deixando o outro magoado e nós mesmos perplexos.

E já que estamos falando mal dela, vamos logo desmascarar mais um de seus defeitos. Ela é mais chegada à covardia. Prefere, sempre que possível, atacar os mais fracos.

Para amenizar, podemos dizer que se trata de uma forma de sabedoria em favor da autodefesa. De fato, se faço um comentário pouco airoso acerca do comportamento do brutamontes do chofer do táxi, ele pode muito bem confirmar minha opinião dando-me um tapa na cara. E é claro que se digo

ao meu patrão que é um pequeno Hitler autoritário, ele fará imediatamente uso da sua autoridade, despedindo-me. Agredir os mais fortes é, em última análise, uma forma amena de suicídio, à qual o ser humano recorre apenas em casos-limite, em que não há mais como controlar a própria raiva.

De preferência, porém, partimos para cima dos mais fracos. É o esquema clássico de reação em cadeia: o chefe briga com o pai no escritório, o pai chega a casa e descarrega sua agressividade na mãe, a mãe vira-se e dá um tapa no filho, o filho aproveita e dá um chute no cachorro. Não é à toa que os irmãos mais velhos tripudiam sobre os mais moços, os patrões investem contra os empregados, e as autoridades "autorizam" em geral. É uma maneira corrente e razoavelmente segura de descarregar a agressividade reprimida pelas leis sociais.

Há momentos, porém, em que, como um escorpião, a agressividade se volta contra nós mesmos. É quando entramos em períodos de auto-flagelação, dizendo coisas que nos ferem, expondo-nos a situações perigosas, assumindo culpas que não temos e até, fisicamente, dando encontrões nos móveis, pisando em falso, causando, sem perceber, mil pequenos acidentes. É talvez a forma de agressividade mais perigosa, porque não contamos com a força do outro para nos conter, nem com as suas respostas para nos alertar. Podemos contar apenas com a nossa saúde mental, para que reassuma o controle da situação, e engrossando a voz mostre afinal quem é o mais forte.

O mais sério, porém, em relação à agressividade é que ela é absolutamente indispensável. Sem ela não teríamos aquele elementar instinto de defesa que nos mantém vivos, e perderíamos também grande parte do entusiasmo com que nos atiramos a uma tarefa ou buscamos o melhor numa realização. Sem ela não haveria competição. Estaríamos todos igualados num mesmo nível, sem lideranças, sem saltos de criação. E sem sucesso de que nos orgulhar, perderíamos para sempre nosso amor próprio, reduzindo a vida a uma longa rotina sem significação.

A César, então, o que é de César. E à agressividade o que lhe é de direito. Ela incomoda, magoa, perturba, vive da nossa ferocidade, e nos reaproxima dos animais. Mas apesar disso tudo, e por causa disso tudo, faz de nós, de alguma maneira, seres melhores.

Seríamos então muito felizes ferozes, soltando a agressividade na

medida das suas exigências, abocanhando aqui e unhando acolá, se não fosse o problema do semelhante. O semelhante não gosta. Muito bom é eu puxar o tapete debaixo dos pés da minha inimiga íntima, mas quando ela o puxa debaixo dos meus (e eu me torno o seu semelhante) o mínimo que faço é espalhar na praça que ela é traiçoeira, vil, e de uma agressividade insuportável, pela qual não deveria conviver com os humanos.

Para permitir a convivência, portanto, a sociedade estabeleceu que a agressão é proibida. Mas sendo os limites muito tênues, entre o que é e o que não é realmente agressão, ateu-se à agressão física, bem mais fácil de constatar. Não podemos dar soco, puxão de cabelos, rasteira. Mas podemos derrubar o inimigo com o tiro certo de uma palavra, ou envenená-lo lentamente com pequenas azucrinações. Não podemos ser violentos, mas podemos, ah, como podemos, ser perversos.

E delicadamente perversos somos todos. A criança, sobre quem as leis sociais incidem apenas parcialmente, e à qual muita coisa ainda é permitida, se relaciona com suas amigas na base do tapa. Se tem alguma diferença com alguém, avança logo com um bom pontapé na canela e resolve o problema. Mas a criança é um "pequeno selvagem". Nós, adultos, somos muito mais civilizados. Se estamos com raiva de uma amiga, esperamos apenas o momento melhor para lhe contar, muito fraternas e compreensivas, e somente para o seu bem, que o namorado dela estava na discoteca com uma loura. Serviço pelo qual ela nos compensará na primeira oportunidade, reparando naqueles quilinhos a mais que adquirimos e que nos esforçamos tanto por disfarçar.

A criança "selvagem" deixa somente uma marca na canela, que em algumas horas desaparece. Nós, "civilizados", não deixamos marcas visíveis, mas abrimos pequenas e grandes feridas na alma, que custam muito mais para sarar.

Deve ser por isso que a agressividade assusta tanto. Pelo mal que pode causar, pelo seu potencial profundo, mais profundo do que geralmente medimos, e pelo imprevisto da reação que desencadeia.

Não sei quem tem mais medo, se quem avança ou quem é avançado. Quem avança embaralha o medo com a raiva, e vai quente.

Quem é avançado mistura o medo com a surpresa, e às vezes se retrai. Milhares de vezes a gente se cala ao levar um tranco, para ficar depois, em casa, remoendo, ensaiando as respostas que deveria ter dado, imaginando a cara que o outro faria, e rezando para que nova oportunidade apareça

dando-nos o sagrado direito da desforra. Mas sempre, com ou sem resposta, há uma tensão no ar, tão forte às vezes que nos dói fisicamente, mal-estar que fecha o estômago, suor que alaga as mãos.

Como num círculo vicioso, a tensão aumenta a agressividade, que aumenta a tensão, que aumenta... E entrando no seu jogo nos tornamos mais cortantes do que pretendíamos, dizemos coisas que realmente não pensamos, vamos além, muito além, da intenção inicial. É o esquema da briga de quase todos os casais, que começa por uma bobagem, vai num crescendo cada vez mais violento até chegar à explosão. E é redimida no dia seguinte com a célebre frase: "Desculpa, eu não queria dizer aquilo".

Eu não queria, mas estava de mau humor, eu não queria, mas tive um dia terrível no trabalho, eu não queria, mas estou cheia de contas para pagar. E sobretudo, eu não queria, mas você me obrigou, você disse assim e fez assado, você (e isso a gente não diz, embora saiba) despertou minha agressividade, açulou a fera.

E a fera, quando é açulada, pula, esquece os modos gentis, esquece o discernimento, esquece sobretudo seus propósitos de bom comportamento.

O que se faz geralmente com a fera é prendê-la em jaula, meter-lhe uma sólida focinheira, passar-lhe uma coleira no pescoço, e amansar-lhe o temperamento com muito chicote no lombo. Assim instruída, ela poderá até subir num banquinho e levantar-se sobre as patas traseiras, pulando em seguida através de um círculo em chamas. Palmas para ela. Pelo menos até o momento em que, distraído o domador, ela lhe salta em cima, dentes à mostra.

É assim que a sociedade, num modo geral, e a família, num modo particular, pretendem conviver com a agressividade. Proibindo-a de manifestar-se, trancando-a na sólida jaula dos preceitos morais, metendo-lhe a focinheira de vetos e inibições. Agredir fisicamente é proibido por lei. Agredir verbalmente é falta de caridade cristã. Revidar é pecado. O certo é oferecer a outra face, e receber o insulto em dobro. Menino que bate em irmão menor é covarde. Irmão menor que provoca o maior é fraco, abusado e vai de castigo. Bater em mulher é uma ignomínia. Mulher que bate em outra, meu Deus, que vulgar que é! Bonito, enfim, é o manso, o doce, o sempre compreensivo. E, embora sendo lobos, pretendemos a santidade de São Francisco.

Mas o lobo, cadê? Desistiu? Amansou-se? Nada disso. O lobo, coitado, o nosso pobre lobo interior, não podendo ser lobo, disfarça-se em cordeiro, como o tigre do circo se disfarça em animal doméstico. Recolhe as unhas, esconde os dentes, abaixa as orelhas. E espera. Junta um ódio hoje, uma raivazinha amanhã, uma irritação e um mau humor, uma agressão e um empurrão. Junta tudo sem reagir, segurando seu instinto, socando a fúria para baixo. Até a hora em que não dá mais, e às vezes até por uma coisinha à-toa, uma bobagem de nada, joga longe a pele de cordeiro e, pêlo eriçado, surge assustador.

Adiantou reprimir durante tanto tempo? Talvez, se na hora da raivazinha tivesse reagido com outra raivazinha, na hora do empurrão tivesse dado um tranco, na hora do mau humor tivesse batido portas, a raiva maior, aquela feia que acabou recaindo sobre quem não merecia, jamais tivesse chegado a existir. Como numa panela onde a água ferve, é melhor deixar a tampa levantada para que o vapor escape aos poucos, do que tampar e armazenar pressão, com riscos de explosão.

Então, já que feras e fêrvuras são parte de nós e convém não negá-las, vamos ver como poderemos conviver com elas sem queimaduras generalizadas.

Nosso potencial agressivo é forte, muito forte mesmo, porque contém um ímpeto vital de sobrevivência. Jogado sobre um alvo delicado, pode causar enormes estragos. E de qualquer maneira, atirá-lo a esmo é visivelmente uma prática perigosa. Podemos, porém, com um pouco de dedicação, habituar-nos a deslocar nossa agressividade para coisas e fatos que, capazes de absorvê-la, não se ressintam com isso. Não existem receitas, embora já seja antiga (e afinal de contas não muito bem-sucedida) a prática de socar travesseiros.

Acho que, de uma forma instintiva, cada um acaba descobrindo seu modo pessoal. Quando eu era pequena, e meu irmão — mais velho, é claro — me batia ou me irritava sem que eu tivesse grandes chances de defesa, sentia a raiva crescer em mim a um ponto tão doloroso, que era quase insuportável. Eu não sabia nada de deslocamentos, mas me metia embaixo da cama, deitada de costas, e pequena como era ficava empurrando o estrado com os pés, até levantá-lo, e, aos poucos, ir aliviando minha raiva. Podia ter obtido uma bela hérnia, mas tal não aconteceu, e pelo menos enquanto morei naquela casa, com aquela camona, me safei incólume de muita agressividade. Hoje, existem até sistemas considerados científicos,

como os utilizados no Japão, em que os empregados de grandes indústrias, para não acabar socando o patrão, socam, com o beneplácito da diretoria, um boneco com a cara igualzinha à do patrão.

De qualquer maneira, deslocar a raiva é possível, e, prestando atenção, podemos fazê-lo quase sempre.

Outra boa maneira de conviver com a agressividade é deixando que se evapore aos poucos, como falávamos antes. Eu reajo sempre violentamente quando dou uma topada, ou deixo cair um prato, ou me queimo na panela. Digo palavrões, esbravejo. Não é muito elegante, não é nada educado. Mas de alguma maneira me permite ser menos agressiva com as pessoas com quem convivo. Ou seja, não deixo que pequenas irritações se juntem às grandes, aumentando o volume. Já uma amiga minha se desfaz delas todas juntas trancando-se no carro, num lugar solitário (até na garagem de casa), gritando, gritando até cansar.

E podemos também diluí-la na base. Quando a discussão começa, e uma frase vai e outra resposta vem, e a emoção nos põe tensas, podemos tentar quebrá-la ali mesmo, antes que cresça. Às vezes basta tomar conhecimento dela. Outras vezes é preciso frear mesmo, com frases do tipo "espera aí, desculpe, eu acho que estou ficando meio agressiva", ou, sem desculpas, porque nem sempre somos os culpados, "está um clima meio tenso, talvez seja melhor a gente desmanchar isso". Enfim, romper com o clima de agressividade crescente que vinha se estabelecendo.

Está na sublimação a maneira mais bonita de utilizar todo o poder da nossa agressividade. Os antigos gregos já a conheciam sob o nome de *catharsis*. É a possibilidade de canalizar essa força para atos e tarefas úteis, necessários. O esporte, por exemplo, se abastece e foi criado por ela. Ao disputar um troféu de tênis ou de natação, embora nenhuma agressividade esteja explicitamente manifesta, estamos na verdade jogando com o espírito de competição, e colocando a agressividade na dinâmica das braçadas, na força de cada raquetada. Nem precisamos falar de esportes mais contundentes, como o futebol, ou o hóquei.

Mas não só no esporte se opera a sublimação da nossa violência. ^ Nas letras, na música, na dança e na pintura, no gesto mais puro da criação ela está presente, e é um dos elementos indispensáveis à sua plenitude. Porque a obra de arte é uma mensagem de vida, e só se realiza quando a vida está

presente, na totalidade de seus impulsos.

Diz Konrad Lorenz: "A compreensão das causas de nossos atos pode fornecer à nossa responsabilidade moral o poder de mantê-los sob controle, lá onde apenas o imperativo categórico não seria suficiente".

De fato, se eu sei que estou agredindo meu marido porque me aborreci no trabalho, é mais fácil evitar essa agressão do que se eu pensar que o agrido porque não buscou o carro no conserto. Esse é um velho adágio que não me canso de repetir aos outros, porque não paro de repeti-lo a mim mesma: saber quem somos, e porque agimos desta ou daquela maneira, é a única possibilidade de nos aproximarmos realmente de nós mesmos e dos nossos semelhantes. E me parece essencial para exercer todos os outros meios de controle da agressividade, pois só podemos deslocá-la, diluí-la ou sublimá-la se soubermos o que é, porque apareceu, e o que pretende. Se soubermos, sobretudo, que ela é parte de nós, e que apenas a nós cabe transformá-la numa coisa melhor.

## SOZINHA MESMO COM UM HOMEM DO LADO

"Mãe, não quero dormir sozinha." Sozinha, no escuro tudo pode acontecer a uma criança, tudo a ameaça. Mas a criança cresce, perde o medo de escuro. Fica, no fundo, o medo da solidão.

*"Ninguém me ama  
ninguém me quer  
ninguém me chama  
de meu amor...  
A vida passa  
e eu sem ninguém  
e quem me abraça  
não me quer bem."*

(Ninguém me ama, de Antônio Maria)

Centenas, milhares de pessoas vivem sozinhas numa grande cidade. Solteiras, viúvas, pessoas em busca de fortuna, pessoas em início de carreira, pessoas que deixaram sua família em outra cidade e que, num apartamento, numa casa, num quarto alugado, voltam à noite e não têm com quem partilhar o repouso. Silêncio ao redor.

São as pessoas oficialmente sozinhas: "João?, continua sozinho, ainda não casou", "Coitada da Dona Eulália, o marido morreu, ficou sozinha", ou "Convida Helena, ela anda tão sozinha". Entretanto, representam apenas uma parte mínima dos que, aparentemente acompanhados de mando, mulher, filhos, família, amigos, vivem secretamente em estado de profunda solidão.

É a solidão a dois, da qual diz Aurélio Buarque em seu novo dicionário: "Estado de casados ou amantes que, embora vivam juntos, dir-se-ia viverem sós, por não haver entre eles nenhum entendimento".



Nenhum entendimento. Entendem-se, é claro, sobre a compra do novo fogão, sobre a transferência dos meninos para outro colégio. Mas é isso que faz o entendimento?

No resto, não se entendem. Naquilo que são os desejos mais profundos, os anseios, pequenos e grandes, os castelos no ar. Então cada um passa a construir seu castelo em silêncio, só para si. E logo já nem diz que está construindo. E mais adiante não diz coisa alguma, fora aquelas frases de rotina que nada significam e que não ameaçam nem se transformam em atrito. E eis que a pessoa está só, trancada no castelo, sem que nenhum príncipe ou princesa apareça e venha abrir o portão e baixar a ponte levadiça.

*"E o mato cresceu ao redor  
ao redor, ao redor,  
E o mato cresceu ao redor,  
ao redor."*

(Quadrinha popular infantil)

Os consultórios sentimentais das revistas estão cheios de apelos de pessoas solitárias. A Flor do Sul procura um companheiro bem-intencionado, alto e moreno, que goste de poesia. O rapaz alto e moreno, mas sem instrução, quer uma jovem professora primária, para fins matrimoniais. Carioquinha Fogosa quer travar novos conhecimentos. E Romântico do Irajá está à procura de uma namorada que encha de afeto seus fins de semana vazios.

Estão sozinhos, numa cidade apinhada de gente, apinhada de outras pessoas sozinhas. Mas procuram. A rua, os cinemas, os bares, os ensaios de escola de samba, os lugares todos estão povoados de caçadores, seres solitários à procura de outro ser solitário para, juntos, acabarem com a solidão.

Estão sozinhos, mas todos têm esperança.

Quem abre a porta do seu apartamento à noite e encontra tudo exatamente como deixou de manhã, e sabe que nada foi tocado na geladeira, e que nenhum som receberá sua chegada. Quem põe um disco na vitrola para se fazer companhia ou vai ao cinema apenas para não enfrentar mais uma noite só. Quem não precisa trancar-se no banheiro para chorar. Este, está sozinho fisicamente. Não há outro corpo ao lado do seu. Sua solidão

deve-se geralmente a fatores externos. Ele ainda não encontrou o parceiro que procura, ou encontrou o parceiro errado.

É a moça que ama o homem casado, a que desquitou e ainda não conseguiu estabelecer outra ligação, a solteira que por enquanto não quer se ligar definitivamente a ninguém.

A solidão dói, a solidão pesa. Mas é um período passageiro, uma dor a suportar algum tempo, antes de encontrar a saída. É uma dor em movimento. Haverá, adiante, uma jovem suave para o Romântico do Irajá, e é quase certo que Carioquinha Fogosa encontrará quem queira se queimar em suas chamas.

Mais dura é a solidão de quem não está sozinho.

*"Estou cercado de olhos,  
de mãos, afetos, procuras.  
Mas se tento comunicar-me  
o que há é apenas a noite  
e uma espantosa solidão."*

(A bruxa — Carlos Drummond de Andrade)

Se você fala sobre a novela, na sala cheia, muitas vozes te respondem. Mas se você disser, na sala cheia, "estou só", todos os olhos te olham com incompreensão. Se você disser "quero um vestido novo", é possível que o tenha. Mas se disser "preciso de ajuda porque desaprendi a falar", ninguém saberá te dar a mão certa.

Você está só. Só e tem mãe. Só e tem marido. Só e tem amante.

Você anda na casa esquadrihada por móveis, pernas cruzadas, televisão, marido no corredor, e uma capa pesa nos seus ombros, um capuz cobre sua cabeça, você se sente invisível. Aquelas pessoas não a vêem quando lhe perguntam se quer ir ao cinema, nem vêem suas lágrimas que correm no cinema sem qualquer razão. Você é invisível porque ninguém a conhece. E a capa pesa e tolhe seus movimentos. E o capuz cega e tolhe o ar. Você sufoca em segredo diante da janela aberta. Então vai ao banheiro, tranca a porta, e soluça.

A solidão a dois é talvez mais terrível, porque inconfessada. Dizer que se está só equivale a dizer ao outro que ele não existe. É a rejeição total do outro. A rejeição e a perda. E quem está só, mesmo a dois, não tem condição de perder mais nada, nem mesmo aquilo que, na verdade, não tem.

O casal não se entende, o casal vive apartado embora a grande cama de casal, o casal se encontra apenas fortuitamente em campo neutro, terreno das futilidades. Os amigos do casal comentam: por que não se separam? E eles mesmos, em seus compartimentos estanques, centenas de vezes, milhares de vezes, vezes sem conta se perguntam: por que não me separo? E nem vem a resposta, nem vem a separação.

É o sofrimento parado, ou quando muito circular, dor que gira ao redor de si mesma procurando a posição em que as feridas menos ardem, dor que não uiva frente à porta.

Desapareceu a esperança. "Ele não me entende" não significa "Preciso encontrar outro que me entenda", mas sim "Ninguém me entende, não há entendimento para mim". E nesse momento começa o círculo depressivo.

*"Moro no ventre da noite:*

*sou a jamais nascida.*

*E a cada instante aguardo vida."*

(Mulher adormecida — Cecília Meireles)

A solidão, sobretudo a solidão a dois, é definida pela psicologia como intenso estado de depressão caracterizado por autopiedade e isolamento emocional.

Coube à mulher, Myra Weissmann, diretora da Divisão de Pesquisa sobre Depressão da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, um estudo mais completo sobre esse tipo de depressão. Segundo os resultados da sua pesquisa, as mulheres são mais sujeitas do que os homens a depressões sérias e prolongadas, capazes de destruir tanto sua vida familiar quanto sua vida individual.

Ainda segundo a pesquisa, as mulheres deprimidas têm mais problemas conjugais, têm menos amigos e participam pouco das atividades comunitárias. Mostram-se apáticas, pouco enérgicas, e são efetivamente carentes.

Estabelece-se assim o quadro depressivo típico da solidão a dois. E tal estado pode chegar a proporções realmente perigosas. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em nível nacional, demonstrou que, num mesmo período, a proporção de mulheres que haviam dado entrada em hospitais psiquiátricos para tratar de depressão era de cento e setenta e oito

para cem homens, enquanto nos tratamentos fora de hospital a proporção era de duzentos e trinta e oito mulheres para cada cem homens.

Fica patente que as mulheres são, mais do que os homens, sujeitas a depressão ou a estados graves de solidão a dois.

Qual a razão?

Não se trata provavelmente de uma razão, mas de várias razões.

Estudos demonstraram que a solidão é mais freqüente nos indivíduos que têm um repertório de comportamento limitado. Sendo "repertório de comportamento" tudo aquilo que a pessoa aprendeu e que é capaz de dominar, de realizar bem, veremos que têm mais tendência à solidão aqueles que têm pouco com que se ocupar, física e mentalmente.

É onde as mulheres entram mais do que os homens. Treinada desde cedo para executar aquela quantidade restrita e monótona de tarefas domésticas, educada para a preservação física (a menina sai menos que o menino, vive menos o clima de aventura da infância e é virtualmente segregada em casa na adolescência), esbarrando no eterno obstáculo de "isso não é coisa para menina", a mulher vê restrito seu repertório de comportamento.

À mulher que permanece em casa poucas modificações são propostas. Ela não atua de forma dinâmica, mas é conduzida pela seqüência das tarefas: dar o café, arrumar a casa, espanar, varrer, fazer as compras, cuidar do almoço, etc. Quando muito, poderá alterar essa ordem, dentro de limites tão estritos que não lhe permitem sequer fazer a cama à noite e servir o jantar às quatro da tarde. Mesmo a mulher de maiores posses, a que tem empregados domésticos, se vê envolvida na tarefa de organizá-los num cargo de chefia que não lhe oferece a emoção do mando, nem lhe exige maior criatividade.

A relação sexual é também fundamental para a sensação de plenitude do ser humano. É onde, novamente, as mulheres são mais prejudicadas que os homens. Atuando ferozmente sobre elas, a repressão sexual estabelece às vezes raízes profundas. Insatisfeita sexualmente com o marido, a mulher cala-se, aceitando a situação como parte do seu "sacrifício de esposa". Ou cala-se simplesmente por vergonha de conversar sobre o assunto. Ou cala-se ainda para não constranger o marido com sua insatisfação. Ou cala-se por não saber que a ela cabe lutar por sua plenitude, que esse é seu direito.

Enfim, cala-se.

Mas há uma ânsia funda a fazer exigências. Uma ânsia cujo nome ela

não sabe.

"As mulheres são sonhadoras", dizem os homens.

As mulheres são sonhadoras, sim. Sonham em ser amadas, em ter uma vida mais palpitante, em participar, em ser alguém. Se alguma recorta o retrato de Alain Delon é para dar um rosto a esse sonho. Ela sonha em ser amada por Alain Delon porque não é amada por Pedro, e porque Pedro não pode ter ciúme de Alain Delon. Recortar retrato de artista não é crime de adultério. Mas um rosto de papel pode às vezes fazer mais companhia do que uma presença falsamente próxima.

*"A noite toda não pude dormir  
Pelo claro de lua na minha cama;  
Ouvia sempre uma voz chamar,  
Do Nada o Nada respondia: 'Sim'."*

(Poeta anônimo chinês do séc. VI)

Por que tanto medo da solidão?

Porque ela é vivida como perda irreparável, e como tal se identifica com a morte.

A morte é a solidão eterna, o nada, o escuro. Viver sem o outro é uma solidão tão grande, que tantos, por solidão, querem morrer.

O casal nos é apresentado desde logo como a única solução válida. Já no início, pai e mãe. O binômio perfeito, a fórmula da felicidade. "Casaram e foram felizes para sempre", assim terminam os contos de fadas, assim coroamos na imaginação os sonhos de encontro.

Nem mesmo Deus agüentou a solidão do homem: depois de ter feito Adão, percebe que estava só; então tirou-lhe a costela e fez Eva para acompanhá-lo. Mesmo expulsos do paraíso, Adão e Eva continuaram juntos; o castigo não previa o despedaçamento do par.

E o binômio externo, projeção da nossa profunda dualidade interior, é tão necessário, que a tudo transformamos em par. O Sol, a Lua, o Dia, a Noite. A Terra, o Ar. O Fogo, a Água. E os animais subindo acasalados na Arca de Noé.

A literatura encarregou-se de reforçar a imagem do amor perfeito. Romeu e Julieta, Dante e Beatriz, Marília e Dirceu representam o ideal de tantos solitários suspirosos. Na realidade, Dante casou-se com outra, sendo razoavelmente feliz; Romeu e Julieta morreram adolescentes sem ter nunca

experimentado as dificuldades de uma realidade doméstica prolongada, e no amor de Marília e Dirceu a distância mais que a convivência servia para ativar as chamas.

*"Como tenho pensado em ti na  
solidão das noites úmidas  
De névoa úmida."*

(Na solidão das noites úmidas — Manuel Bandeira)

Quem está só, pensa no outro. Mesmo que o outro ainda não exista, é na sua vinda que se concentra toda a esperança do ser solitário. Quem volta sozinho para casa depois de um dia de trabalho, olha ao redor no ônibus à procura de um rosto que possa vir a ser o rosto amado. O rapaz que no domingo vai à praça por não ter aonde ir, procura entre as moças que passam aquela que o tirará da praça domingueira. E as moças que passam olham de soslaio para ver se ele, aquele ele tão sonhado, está entre os eles anônimos.

Mas nem sempre o encontro desfaz a solidão.

Desde pequena sentia-se sozinha. Tinha crises de melancolia em que se afastava das amigas e, sozinha, mergulhava em funda tristeza sem explicação. Adolescente, apartava-se freqüentemente do seu grupo. E levou consigo a solidão durante a juventude. Esta, que desde cedo se sentia marcada, carregará a solidão consigo através do casamento. E terá muita dificuldade para se livrar do fardo.

E o encontro se lhe apresentará então como um erro, armadilha na qual foi pega e da qual lhe parece impossível — ou inútil? — sair. Colocando a solidão fora de si, transformando-se em vítima incompreendida, ela não procurou em si as causas da solidão. Apenas esperou o outro, como um salvador. É a bela adormecida que será despertada por um beijo. Mas o beijo encontrou lábios frios, e ela não despertou. A culpa então é jogada no príncipe, que imediatamente se transforma em sapo, perdendo sua aura de salvador. "O casamento não deu certo porque ele não era decididamente a pessoa que eu esperava. Ele não me entende."

Encerrada entre as quatro paredes da sua solidão, ela não faz a pergunta fundamental: e eu, me entendo? Nem equaciona uma verdade tão aparente: se ninguém nunca a entendeu, talvez seja exatamente por ela não

se dar a entender, por ela não ser uma pessoa aberta, por ela não se dar, por ela não ser ela.

O círculo depressivo geralmente impede esse raciocínio lógico. Rodando no apertado espaço do isolamento, a única pergunta que chega a ser formulada é: por que eu? Por que eu tão sozinha? Por que justo eu sem ninguém?

Difícil ver, nessas condições, quantos outros estão também sozinhos. E quantos, do mergulho na solidão, trazem um enriquecimento precioso, conhecimento do seu eu pescado no fundo mais escuro e lodoso. Se tantos nunca descem, mantendo à superfície uma vida mais fácil, aqueles que são sugados pelo rodadoiro da solidão têm, mais do que os outros, a possibilidade do encontro maior, o encontro consigo mesmos.

*"Nesta cidade do Rio,  
de dois milhões de habitantes,  
estou sozinho no quarto,  
estou sozinho na América."*

(A bruxa — Carlos Drummond de Andrade)

## APRENDENDO A AMAR DE NOVO

Ele foi embora. Acabou. A grande paixão saiu da sua vida. Ditas as últimas palavras, esgotadas todas as possibilidades de reconciliação, aí está você, sozinha.

E sozinha se debruça sobre o vazio dos dias em que ele não vai telefonar, não vai aparecer. Perdido o ponto principal de referência, você se sente desorientada, sem saber com quem viver, conviver, retomar fatos e palavras, contar coisas, ouvir coisas. Sem essa paixão ao redor da qual tudo tinha estruturado. Você acorda de manhã e pensa: meu Deus, pra que eu fui acordar? E toda ferida, toda magoada, se enovela mais um pouco na cama, querendo ficar ali para sempre.

Sim, nesses dias de sofrimento maior, muitas vezes se pensa que talvez morrer seja a melhor solução, a menos dolorosa. E nos momentos em que a dor se faz mais aguda, chega-se a desejar que uma desgraça rápida qualquer venha acabar com lágrimas e recordações.

E agora, quando você lê, esperando no fundo uma solução mágica, mas procurando sobretudo afeto, eu vou lhe dizer a coisa mais agressiva, aquela que você não quer ouvir: sofra muito, chore, uive por dentro, soluçe, gaste as mágoas. É preciso lamentar e odiar o que aconteceu, porque o que aconteceu é terrível, e a perda de um amor é sempre um pouco a perda de si mesma, daquela identificação toda em que nós somos o outro. É por isso que se pensa em morrer. É, talvez, uma forma de encurtar caminhos. Morrendo nessa morte fantasiosa que eu também tantas vezes desejei, pula-se por cima do sofrimento. Passa um carro, a gente não vê, e pronto, não é preciso acordar amanhã sabendo que "ele" não está mais por perto. A gente pensa em morrer para tornar esse amor definitivo, para provar a si e ao mundo que essa era realmente a grande paixão da sua vida. Se o carro passa e se você não vê, quem pode garantir que você não viu porque não quis ver? E você mesma, andando pela rua, com quanta atenção olha o trânsito? Morta, certamente, nunca mais você poderá amar alguém.



Mas há um amor na frente, esperando. Dizer isso agora soa como um insulto. Falar em outro amor quando esse amor passado ainda dói tanto parece a negação de tudo, parece que nada do que foi vivido foi, afinal, muito importante. Você, nesse momento, não quer outro amor. Você quer, ainda, que o outro amor tivesse dado certo, que tudo estivesse como naquele momento mágico de perfeição em que a felicidade parecia alcançada para sempre.

Eu sei, é difícil. Eu também já tive certeza de que como aquele amor jamais haveria outro. Tive certeza a primeira vez. Tive certeza a segunda vez. E só na terceira compreendi.

Eu estava certa, nunca mais haveria outro amor igual àquele. Mas não da forma que eu pensava. Não por ser o maior, e sim por ser o único, como único é todo amor. Eu própria nunca mais fui aquela jovem de então, apaixonada pelo estudante de engenharia, que amava cheia de ardências e sofrimentos, tateando vida e sexo com a mesma sofreguidão e o mesmo medo, e que sofreu no fim intensamente, desconhecendo ser intensidade de primavera.

Quando amei pela segunda vez, eu já havia mudado, e outro era o homem a meu lado. E outro foi o sofrimento quando a meu lado não ficou ninguém. Mas havia um amor na frente. E eu cheguei lá.

Eu sei, é difícil falar de amor quando o amor não está em nós. Você agora não se sente capaz de amar novamente. Você se sente gasta por dentro. Pensa que talvez possa ter amigos, sair, distrair-se um pouco. Mas amar, entregar-se outra vez, arriscar tudo, começar novamente para, quem sabe, chegar onde está agora, isso não. E, quando o sofrimento deixa margem a um pouco de cinismo, você se promete que daqui para a frente não amará mais ninguém, usará os homens, namorará bem superficialmente uma porção deles. Inconscientemente, você está repetindo a mesma negação de vida que alimenta sonhos de atropelamento. Você não quer amar porque não quer sofrer. Mas amor e sofrimento são vida, e negando-se a eles você se nega a si mesma.

Que vantagens teria namorando muitos sem amar nenhum? Iria ao cinema, à discoteca, às festinhas, teria sempre um acompanhante para exibir, um chofer à porta, um pagador de jantares. Mas essas são realmente vantagens? Você estaria tão sozinha quanto está agora, porque aquilo que você chora agora não é a ausência do chofer, a falta das discotecas. Você chora a falta daquela pessoa tão especial, com a qual podia até mesmo

confundir-se, que sabia dos seus desejos e entendia suas palavras, aquela pessoa tão próxima em que todo o seu carinho podia se derramar. Você chora a falta de um amor.

Você não quer amar agora. Nem pode. Mas pode começar a aceitar a idéia e a preparar-se para ela.

Foi por isso que eu disse: chore, soluze, esvazie o poço. Reprimindo o sofrimento, fazendo-se de forte para si e para os outros, você não estaria aceitando a gravidade da perda, estaria até mesmo fingindo que não houve perda nenhuma. É preciso limpar a casa para receber novos ocupantes, varrer as mágoas e os ressentimentos. Chorando, repensando em tudo o que aconteceu, em como aconteceu, você estará aos poucos revendo seus próprios erros e desencontros, desgastando o ódio/amor que o fim de uma relação deixa sempre atrás de si. Dizem que é sofrendo que se aprende. Não acredito. Sofrer apenas, cegamente, não ensina nada. Aprende-se, sim, elaborando o sofrimento, enfrentando-o ora com os sentimentos à solta, ora com a razão alerta, procurando ver-lhe o rosto e as causas, convivendo dinamicamente com ele.

Nem sempre você pode fazer isso sozinha. Às vezes precisa de ajuda. Não se envergonhe, não tenha medo de mostrar o seu sofrimento. Ele é igual ao sofrimento de todos, e com o sofrimento todos se identificam. Peça a ajuda dos amigos. Converse com eles sem receio de estar aborrecendo, sem medo de se expor. Peça a opinião deles, confronte-a com a sua. Quando um amor não dá certo, há sempre motivos, há sempre erros. E é por eles que você deve procurar, para entender melhor e para não repeti-los da próxima vez. Por mais que doa, e embora pareça masoquismo, debruce-se sobre esse rompimento e esgravateie. É uma forma de "estudar" o seu amor. E o estudo de um amor passado é sempre o caminho mais curto para um novo amor. Mas como encontrar esse amor?

Se você olhasse agora ao redor, assim triste como está, provavelmente não veria ninguém, e o mundo lhe pareceria despovoado. Nenhum homem é "o homem", porque aquele que lhe interessava acabou de partir. Mas, às vezes, ainda mal refeitas de uma relação, querendo tapear o sofrimento por medo de enfrentá-lo, saímos ansiosas à procura de outra. Queremos amar logo, depressa, para apagar com uma nova e intensa alegria o resto de tristeza que ainda dói e insiste em chamar nossa atenção. Queremos rápido que um êxtase nos arrebate. Então é sair uma noite com um, prestar bem atenção para ver se "serve", descartá-lo quando se verifica que os sinos não

tocam. Marcar encontro com outro. Fazendo até força para achá-lo encantador, descartar logo esse também. Procuramos no escritório, na rua, na condução, estudamos dois ou três numa só festa, para, ao cabo de algumas semanas, declarar desarvorada que "não há homens que prestem". O mercado nos parece esgotado, e enquanto à nossa frente cresce o fantasma da solteirice eterna, fazemos fantasias de cidades distantes cheias de homens maravilhosos.

A verdade é que, procurando dessa maneira, fica realmente muito difícil encontrar um amor. Não é uma procura, é um pedido de socorro. E na sofreguidão de resolver um problema perde-se o equilíbrio da visão. Impossível descobrir as qualidades de uma pessoa num encontro apressado, em que apenas se tentou impingir-lhe dotes e rótulos preestabelecidos. Impossível, numa festa, fazer uma "prévia" entre três homens. Impossível saber quem realmente está na nossa frente, enquanto tentamos a marteladas encaixá-lo nos apertados moldes das nossas necessidades.

Então, à medida que alardeamos nossa procura, não estamos realmente procurando. Estamos exigindo. E essa exigência calada, porém flagrante, transpira muito facilmente. O outro, o suposto candidato que num momento de imprudência nos convidou para jantar e que agora à nossa frente se submete ao escrutínio, acaba por sentir que está sendo testado para eventual aproveitamento. E o mais provável é que não goste. O assalto sôfrego não se confunde com a abertura com que, eventualmente, uma mulher assumida procura um homem que lhe interessa. Um assalto sôfrego, por mais envaidecedor que seja, é sempre um assalto. E as pessoas não gostam de ser assaltadas. Um homem não gosta de ser assaltado por uma mulher que procura, sem direção, um novo amor. Instintivamente, portanto, ele se trancará, assim como está trancada sua parceira, e o jantar será apenas mais um jantar, acabando no máximo numa boate.

O amor se encontra quando se está aberta para ele. E nem é preciso procurar. Ele esbarra na gente.

Quantos casos você já ouviu contar de pessoas que se conheciam há anos e que um dia, de repente, descobriram que se amavam? Conheciam-se, freqüentavam-se, conversavam. Mas não estavam abertos um para o outro, não se prestavam verdadeiramente atenção. E de repente, um dia, quando o tempo e o amadurecimento da vida criaram condições para que pudessem se olhar, se viram.

É preciso, portanto, para amar novamente, estar pronta para amar. Às

vezes, mesmo tendo convivido com sua dor e elaborado o que aconteceu, você não consegue evitar o erguimento de algumas barreiras. E chega ao novo amor defendida. A pancada anterior foi muito forte e você tem medo de apanhar de novo. Gato escaldado, olha com desconfiança a mão que se aproxima para a carícia, e não se entrega. Será preciso, sem dúvida, um esforço. Lembre-se de que ele também pode ter tido uma experiência que não deu certo, e ele também, então, teria o direito de desconfiar e de temer a água fria. E no entanto está vindo para você. Apóie-se nele, na sua confiança. Converse, conte o que aconteceu, retome com ele aqueles caminhos por onde já andou tanto, sozinha. Talvez juntos seja mais fácil achar a saída e libertar-se de vez do medo de um novo fracasso.

Cuidado, porém, para não culpá-lo indiretamente pelo que aconteceu. Ele não é "todos os homens", nem "todos os homens são iguais". Essa é uma faca de muitos gumes, que poderia levá-lo a encarar você como "todas as mulheres" e acabaria por encerrar os dois num círculo fechado de cobranças despropositadas. Você não pode exigir, ainda, que ele preencha o vão deixado pelo outro. O vão terá que ser preenchido por você mesma, lentamente, como se preenchem todos os vãos das perdas. Ao novo amor cabe um novo lugar, uma região de você onde ninguém esteve antes, uma região que nem sequer existia e que cabe ao próprio amor construir e demarcar. O lugar do velho amor, por mais que doa, ficará vazio ainda por algum tempo, deixando de doer à medida que você deixa de ser sensível à dor.

Haverá momentos, sobretudo no início, em que você estará convivendo com dois amores ao mesmo tempo. O novo e o velho. E porque comparar é inevitável, e é uma forma normal de avaliação, você se verá freqüentemente comparando um com o outro. Não se perturbe com isso. Embora na nossa sociedade essa duplicidade tenha sido sempre apresentada como desonesta e traiçoeira, não há nenhuma traição. Pensar num amor que passou não é sobrepô-lo ao amor que vive, assim como lembrar da infância não apaga o momento presente. Pensar na infância e pensar nos amores passados é uma forma natural e necessária de se repensar, de rever à própria vida, refazer traçados, e ir construindo a totalidade do nosso existir.

Evidentemente, há medidas para tudo. E se você se surpreender em comparações constantes e em devaneios nostálgicos é sinal claro de que algo não vai bem. Refugiar-se no passado toda vez que o presente não está dando certo é uma forma de fuga comum. Todavia, pode levar você à

conclusão, muitas vezes errada, de que o antigo amor era ótimo. Quando isso acontece, convém olhar mais atentamente para as suas reações e ver se não estaria por acaso jogando um amor contra o outro, defendendo-se habilmente de envolvimento maiores.

A melhor maneira de evitar isso seria uma relação aberta, em que o trânsito, livre para ambos, permitisse falar serenamente nas relações anteriores, exorcizando fantasmas e impedindo a criação de zonas de sombras. Infelizmente, sei o quanto isso é difícil. A maioria dos homens brasileiros, imbuídos, por formação, de um espírito machista e exclusivista, não suporta a simples menção, pela sua amada, de um nome masculino, ainda que empoeirado pelos anos. Embora cientes de que houve outros amores na vida de suas mulheres, preferem negar essa realidade, outorgando-se o direito a uma posse total e retroativa. Eu não sugeriria a ninguém nadar contra essa maré, porque lhe conheço a força. Mas venho há anos defendendo a idéia de que é necessário, para nossa sobrevivência como pessoas, tentar, sempre que possível, enfraquecer a maré. E não se irrite, você também, quando ele se referir a uma mulher que já passou.

Sim, você ainda está muito ferida, magoada. A idéia de um novo amor parece tão difícil! No entanto, se leu este artigo até aqui, se conseguiu manter comigo este diálogo sobre o esforço em busca de um novo amor, é sinal de que o desejo de um novo amor está presente em você. Neste momento a idéia parece até mais próxima. Amanhã talvez ela esteja novamente distante. Mas é assim, indo e vindo, aproximando-se dela aos poucos, que você conseguirá assimilá-la como uma nova e preponderante realidade.

Um amor morreu e você chora por ele. Foi forte esse amor, senão você não choraria. Foi bonito, envolvente, você desejou que durasse para sempre. E é justamente em reconhecimento à beleza desse amor que você deve voltar-se para outro. Bom nos seus melhores momentos, profundo nos seus momentos mais dolorosos e até mesmo nesse de que você está apenas saindo, o amor que passou fez de você certamente uma pessoa melhor. Uma pessoa mais rica, pronta para amar de novo.

## O QUE ESPERAR DO CASAMENTO

"Aí casaram. E foram felizes para sempre." Acho que se eu escrever cem artigos sobre casamento, começo os cem com esta frase, que de tão alucinada e reveladora não me sai (ou entra) da cabeça.

É uma chave, uma senha. É como dizer "borboleta amarela" e começar uma revolução. A gente repete "...e foram felizes para sempre" e percebe imediatamente que ali está a chave principal para a resposta sobre expectativas de casamento.

É isso que muita gente espera quando casa. Ser eternamente feliz. Não casa para estar com o outro, ter filhos, batalhar, viver, crescer dentro daquele conjunto heterogêneo caótico e amalgamado que chamamos família. Casa para ingressar no castelo onde se chega a dois no dorso de um único cavalo, possivelmente branco, e a partir do qual não existem mais bruxas, lobos, maçãs envenenadas, dragões chamejantes, passando a vida a transcorrer tão beatífica e perfeita que nem vale a pena ser contada.

Mas o que significa, na realidade, ser feliz?

Quando eu digo que sou feliz no casamento, que adoro ser casada, que acho casamento uma maravilha, as pessoas me olham com um misto de desconfiança e incredulidade. Quem é essa louca que diz que adora casamento quando todo mundo sabe que casamento é uma instituição falida? A quem ela está querendo enganar com essa conversinha de felicidade? E que marido é esse, tão especial, que ela arrumou?

Tem inveja também nesse olhar, inveja até sem maldade, aquela humana e natural sensação de "também quero", que logo se transforma em perguntas, questionário ansioso, como se eu tivesse — e pudesse dar — a receita mágica.

Receita não tenho, nem ninguém tem. Tenho essa tal felicidade minha, e posso contá-la, quem sabe, até para tirar-lhe parte do glamour.

Começam a aparecer no meu rosto rugas de expressão, mas garanto que não são de tanto rir, pelo contrário, marcam-se no meio da testa, entre

as sobrancelhas, de tanto franzi-las. Das sobrancelhas a gente fala depois. Por enquanto digamos que minha felicidade conjugal não é feita de eternos risos e que não abro os olhos de manhã exibindo os dentes para o novo dia. Posso até afirmar que sorrio com comedimento, não mais, talvez, do que a maioria das pessoas.

O que estou tentando explicar com isso é que casamento não é exatamente um anúncio de pasta dentifrícia. No castelo para onde se vai a dois, a vida continua. A diferença é que não se é mais sozinho para caçar o lobo.

E agora, quando quero pegar a minha tal felicidade para mostrá-la concretamente a vocês e dizer "está aí, existe", ela parece que fica se escondendo nas dobras do cotidiano. Mostra a ponta do rabo atrás da porta que pinteí antes de começar a escrever, me acena na estante entre os livros do nosso trabalho, se eclipsa nos gritos da briga com a filha, reaparece no carrinho do supermercado, e ri de mim que neste instante preciso de uma borracha, procuro onde a deixei, não encontro, e com uma pequena exclamação irritada vou achá-la na mesa de trabalho do meu marido.

Esta é, basicamente, nossa vida no castelo. A minha felicidade e eu vivemos mansamente, sem grandes embalos, sem recepções eternas, sem muitos convidados. Uma vida de trabalho, filhos, pequenas tarefas domésticas, fins de semana na montanha. Só isso.

Só isso? Mas então não é castelo coisa nenhuma, isso é um reles apartamento, a louca mentiu como todos suspeitavam.

Ah, mas falta falar no príncipe. O meu príncipe. Não tem capa esvoaçante, não tem cabelos louros nem olhos azuis, não voa de asa delta, não tem carro esporte, não anda de jatinho, não faz esqui aquático, não dá fundas tragadas olhando para o sucesso. Mas é ele que faz o castelo.

Com meu príncipe brigo freqüentemente, e ele diz que eu sou uma peste e eu digo que ele é insuportável. Com meu príncipe namoro freqüentemente, e ele diz que eu sou maravilhosa e eu digo que não há ninguém tão maravilhoso quanto ele. Com meu príncipe faço contas freqüentemente, vendo o que temos de pagar e o que temos que ganhar. Com meu príncipe crio amorosa e tempestuosamente as filhas. E com meu príncipe, ah, com meu príncipe eu equaciono o mundo.

É aí, eu creio, que o apartamento vira castelo, castelinho encantado

nosso, a que um dia chegamos de Volkswagen. A toda hora, de tudo a gente conversa. Uma idéia aqui, uma interpretação ali, um monte de dúvidas acolá, aquelas perguntas todas sem resposta, algumas respostas para variar, e fala, fala, tece, tece, uma hora ele faz a trama e eu a urdidura, outra hora a trama é minha e dele o arremate, e vamos assim nos dias e no tempo vivendo tão juntos e tão indispensáveis que separar-nos agora seria mutilação.

O casamento, dizem, é uma instituição falida. Os índices de divórcio estão aí para prová-lo, altíssimos no mundo inteiro.

Eu não sou uma analista matrimonial, mas gosto de refletir. Então, vamos refletir juntos.

Se os índices de divórcio são altos, podemos concluir em primeiro lugar que os índices de casamento são igualmente altos, e que as pessoas — embora já sabendo das dificuldades — continuam dispostas a morar juntas, com vínculo legal estabelecido.

E as pessoas desejam tanto casar, que a maioria dos que falham na primeira experiência, tendo portanto vivido o matrimônio diretamente, tentam uma segunda, e às vezes uma terceira e quarta vez.

Por que os seres humanos querem tanto se casar?

Aí o solo é minado e é preciso andar com cuidado. Assim de ouvido, me parece que deve haver razões sociais, econômicas, práticas, e sexo-espirituais.

As razões sociais são óbvias. A sociedade quer que as pessoas constituam família, para terem filhos, para manterem a perpetuidade dela, sociedade. A sociedade também quer ordem, porque com ordem é mais fácil governar. E família é ordem; indivíduos casados costumam ter um domicílio regular, um ou mais empregos tão regulares quanto possível, e, sobretudo tendo filhos, adquirem múltiplas responsabilidades que se esforçam por manter.

As razões econômicas, infelizmente, são também bastante claras. Os indivíduos casados, precisando sustentar a família, trabalham ao máximo, produzindo ao máximo para a nação, seja ela qual for. E ao mesmo tempo, também por serem casados, são maiores consumidores do que os solteiros,



ajudando a consumir o que a nação produz, e mantendo portanto o giro neurotizante do capital.

A sociedade então, diretamente interessada, estimula o casamento e a reprodução de toda forma possível. O solteiro, dizia José de Alencar, é um "aleijão social". E como tal, não é bem visto. Para alugar um apartamento, para entrar num clube, para alguns tipos de emprego, os solteiros encontram mais dificuldades que os casados. Na hora de pagar imposto, o solteiro paga um imposto de solteirice, enquanto o casado desconta os filhos. E até mesmo nos clubes de nudismo e, pasmem, nos ambientes de sexo grupal, os solteiros são muito mal recebidos, quando não barrados.

Já teríamos aí razões de sobra para as pessoas quererem casar. Mas tem mais. Tem todo um lado prático inegavelmente vinculado ao casamento e altamente responsável por sua manutenção: a divisão das tarefas.

Qual a cena cinematográfica clássica do homem divorciado? Uma pia abarrotada de pratos, uma geladeira vazia, latas espalhadas por todo canto, e ele, de avental, lavando roupa. E qual o visual dela? Uma mulher saindo sozinha à noite para ir ao cinema e homens inoportunos paquerando-a no caminho. São visões estereotipadas e cheias de preconceitos, é claro, porque uma esposa não serve só para lavar roupa e arrumar cozinha, assim como a finalidade principal de um marido não é levar a mulher ao cinema e protegê-la dos outros homens. Mas contém uma boa parte de realidade.

Casamento é muito prático. Eu acho. Meu marido não é obrigado a consertar as tomadas nem eu sou obrigada a ir à feira. Mas é muito tranquilizador saber que há alguém para consertar as tomadas ou ir à feira em meu lugar ou no dele, se for preciso. É bom sair à noite em companhia, um parqueando o carro, o outro comprando as entradas do cinema. É confortante saber que alguém pode levar as crianças ao médico se a gente não puder. É, enfim, muito prático mesmo, muito funcional, dividir as tarefas e as responsabilidades da vida, porque as tarefas são muitas e as responsabilidades são esmagadoras.

Eu, que não saí da casa do meu pai para a casa do meu marido, mas morei muitos anos sozinha antes de casar, sei bem do que estou falando. Morar sozinha é bom, é indispensável para a formação e para o amadurecimento, mas, a longo prazo, é muito chato.

Razões sexo-espirituais. É aí que a coisa complica. Porque é aí, nessa área vital, que estão os motivos do sucesso do casamento, e os do seu fracasso.

Queremos casar porque queremos ter sexo, regular e livremente. Muitos casam até mesmo sem nunca terem experimentado sexo antes (o que, convenhamos, é no mínimo uma temeridade). E queremos casar para completar nosso eu incompleto, queremos o duplo e o oposto, queremos a totalidade do corpo e do espírito.

Mas afirma um vasto coro que o sexo morre no casamento, assassinado pela rotina, pela consuetude, pelos horários sempre repetidos, pelo cansaço, pelo "já tudo tão conhecido". E morto o sexo, vai com ele para a cova o casamento. É o velho esquema dele "com a coleguinha do escritório", e dela num motel "de três às quatro enquanto as crianças estão no colégio". Até a náusea. Até a separação.

Mas será isso mesmo? Será inevitavelmente isso mesmo? Os americanos, certos de que era isso mesmo, tentaram, na década dos anos 60, introduzir algum balanço no sexo nupcial. Estiveram naquela época muito em voga os casamentos abertos, em que cada um dormia com quem queria; as férias conjugais, em que cada elemento do casal saía em férias por sua conta, e por sua conta se deleitava sexualmente, e os grupos de *swingers*, praticantes da troca matrimonial. O sexo, puro e simples, ficou mais agitado, como era de se esperar. Mas a situação do casamento não melhorou. Os casamentos abertos, quanto mais se abriam mais fracassavam. As férias conjugais eram apenas a oficialização do motel. E as atividades *swingers* acabaram ficando tão monótonas e restritivas quanto o tipo de casamento que as havia originado.

O problema então não está na propalada monotonia sexual do matrimônio (desde, é claro, que a relação seja inicialmente satisfatória para ambos).

Está no espírito?

O espírito entra na questão matrimônio cheio de expectativa, conforme já vimos. Não quer uma coisinha ou outra. Quer a plenitude. Quer que o outro lhe seja igual, para com ele se identificar. Mas quer que lhe seja oposto, para nele se completar. Quer se integrar, sem perder a individualidade. Quer mergulhar de cabeça, e ficar de fôlego suspenso pela eternidade. O espírito é ambicioso.

Mas estamos nós à altura do nosso espírito?

Nem sempre. Frequentemente reclamamos do outro se nos é igual, porque vemos nele nossos defeitos. Brigamos com o outro se nos é diferente, porque suas opiniões não combinam com as nossas. Tentamos

absorver o outro no processo de integração e, lutando pela nossa individualidade, fazemos tudo para abafar a dele. E quantas, quantas vezes relutamos em jogar a cabeça antes do corpo, achando que a eternidade é uma utopia.

É então aí que está o problema? Entre as nossas expectativas grandiosas e as nossas capacidades limitadas?

Sim, em parte pelo menos, temos aí um problema. Queremos aquilo que imaginamos dever querer. Queremos, sem vincular esse querer à realidade de que dispomos. E quando confrontados com a realidade do dia-a-dia não podemos mais negá-la, nos sentimos logrados, frustrados, privados de um maravilhoso sonho matrimonial.

Quando casei (e volto a mim porque sou o exemplo mais próximo e mais abrangente que, obviamente, possuo), não casei com um sonho, mas com a realidade. Eu e meu marido já morávamos juntos há um ano, sabíamos de nossas possibilidades físicas e mentais, conhecíamos os encaixes um do outro. E, o que é mais importante, gostávamos muito do que conhecíamos. A vida em comum tinha sido uma experiência boa para ambos, vindos de uma vida bem vivida, em solidão e esporádicas companhias. Havia todo um amadurecimento e um momento propício. E nos amávamos. Assoviar para o cavalo branco e partir ao trote foi o desdobramento natural dos fatos. A permanência, que mais pomposamente chamamos eternidade, estava em nossos planos, e assinamos embaixo, porém estávamos cientes de que se fosse necessário, tudo seria revisto, inclusive as assinaturas.

Eu disse antes que não sou especialista em casamento, e faço questão de repetir, porque fico meio sem jeito de meter a mão numa cumbuca que está mantendo tanta gente séria atarefada. Mas o meu sentimento é de que não há nada errado com a base do casamento em si. Nada errado com o fato de duas pessoas que se gostam resolverem morar juntas e ter filhos e criá-los.

O que está errado é encarar o casamento como um fato mágico, desvinculado da vida. O erro, se erro se pode chamar, deste momento da nossa sociedade não está no casamento, está na vida.

As pessoas não estão satisfeitas com o casamento, e os índices de divórcio são altos. Sim, mas no casamento as pessoas podem divorciar-se.

As pessoas, com frequência até maior, também não estão satisfeitas com o seu esquema de trabalho. Mas quantos podem divorciar-se dele? As pessoas, numerosas pessoas, não estão satisfeitas com a vida nas grandes cidades. Mas quantos podem abandoná-las? As pessoas não estão satisfeitas com o clima de perigo e ameaça que a vida adensa a cada dia mais sobre nossas cabeças. Mas como livrar-se dele? As pessoas não estão satisfeitas com os engarrafamentos, o consumismo, a poluição, o custo da vida, a batalha constante e sem vitórias, a falta de perspectiva. Mas para isso não há divórcio.

Irritadas, cansadas, desgastadas, desiludidas, as pessoas descarregam seu mal-estar onde e como podem. Podem gritar com o patrão? Podem botar de castigo o chofer do carro da frente que pára sem fazer sinal? Podem desancar com a caixa do supermercado? Não. Reprimem, para não perder o emprego, para não dar escândalo, para livrar a cara. Contêm a tensão durante o dia todo, até chegarem a casa. E em casa as pressões se relaxam e a tensão explode de um para outro.

O que queremos, o que querem todos aqueles que se divorciam, não é sempre e exatamente livrar-se de um homem ou de uma mulher, não é recuperar a solteirice. Querem livrar-se da acidez da vida, da sufocação, querem recuperar a alegria, o prazer das coisas. E tentam fazê-lo através de outra pessoa, outra casa, outros filhos.

Divórcios continuariam existindo, mesmo que a vida fosse melhor. Porque as pessoas mudam, paixões surgem inesperadas, e o fluxo da vida nem sempre nos leva para onde desejamos. Mas me parece cristalina e evidente que os índices seriam menores na medida em que tivéssemos mais tempo para dedicar a nós mesmos e à nossa família, para fazer aquilo de que realmente gostamos, para ver o mundo ao redor com mais benevolência.

Então, o que esperar desse casamento para o qual todos vão e do qual tanta gente fala mal?

Eu me sinto suspeita para responder, porque disse de saída que adoro ser casada, que acho a vida a dois muito melhor que a vida a um, e a vida a quatro (como somos nós hoje com as filhas) ainda melhor do que a vida a dois. Eu fico logo tentada a dizer que a gente deve esperar o máximo, porque é ao máximo que a gente tem direito. E que é bom contar com essa

felicidade morna e fértil como massa de pão, todo dia à nossa mesa. Mas não quero ser mal entendida.

É então hora de falar das sobranceiras. Formam-se no meu rosto rugas de expressão, dizia eu lá atrás. E explicava, são no alto do nariz, lá onde as sobranceiras se franzem. E por que se franzem tanto minhas sobranceiras? Porque é a maneira do meu "de dentro" acompanhar o meu "de fora", o jeito que a cara tem de ajudar uma concentração interna. Minhas sobranceiras se franzem, portanto, quando presto atenção. E eu tenho prestado mais atenção do que papagaio de piada.

Presto atenção, porque do casamento a gente deve esperar tudo. Não o tudo abundante e exclusivo das benesses, mas o tudo da vida, com benesses e tristezas, com colheitas fartas e colheitas perdidas, com secas, inundações, e maravilhosos sóis.

Presto atenção porque o casamento é uma esponja que traz para dentro de casa o mundo inteiro de fora, e puxa de dentro de nós mesmos aquilo que nós nem conhecemos, e despeja, tudo isso embolado, misturado no dia-a-dia. E é preciso separar as coisas para tentar entendê-las, ver o que é de quem, e o que cada coisa significa para cada qual, e em que medida a gente interage com isso tudo.

É o que se pode esperar do casamento. Sem grandes projetos para futuros distantes. Mas com projetos de devoção e esforço para esse tempo imediato que logo chega, e que queremos feliz. Sem pretensões de modificar o outro, de botá-lo em rígidas formas. Mas com a certeza de que nós próprios nos modificaremos com o tempo e com a convivência, e seremos outros, diferentes talvez de todas as formas que pensávamos conter.

Esperei, e recebi, e continuo esperando no casamento o desdobramento de mim mesma, aquele desdobramento sempre surpreendente que descobrimos nos olhos dos filhos, no seu modo de ser, edição nossa revista e melhorada, reescrita com palavras outras de um mesmo dicionário. E que descobrimos também nas coisas menores, na decoração da casa, no viver com os empregados, no ritmo respirante da família toda. Desdobramento de mim que sobretudo me chega através do meu marido, e que com o desdobramento dele aos poucos se funde.

Rugas de expressão se formam no meu rosto, e entre elas pequenas linhas riscam o canto dos olhos. São as marcas de um sorriso interior, que querendo-se quase secreto não abre os lábios. Sorriso feito da certeza de que o casamento pode ser bom, e justificar nossas melhores expectativas.

## **POR QUE VOCÊ ESTÁ TÃO MAL SE TUDO ESTÁ TÃO BEM...**

E de repente você está chorando à toa. De repente, sim. Você estava bem, estava até ótima há umas semanas atrás, ou pelo menos um tempo atrás bem recente, tão recente que você se lembra dele com facilidade.

Agora há um peso que você não sabe definir, uma espécie de mal-estar interno, de mal-estar com a vida. Você não está triste, exatamente, não tem um fato doloroso a apontar. Mas a superfície do choro está encrespada, e ao mais leve sopro lá vai você, em lágrimas.

O que é isso que está acontecendo com você? O que é isso que acontece com nós todos em determinados momentos sobre os quais a gente geralmente não se detém, talvez por sabê-los passageiros?

Depressão, é o que todo mundo diz. E diz porque a palavra é fácil, comum, uma palavra da moda que resume muitas coisas e que, embora nebulosa, serve como rótulo. Deprimida está a adolescente que brigou com o namorado, a estudante que tirou nota baixa, a mãe que não ganhou presente no Dia das Mães. Deprimidos estão todos os que não estão alegres. Mas se a gente em vez de querer uma palavra procurar uma definição, então, o que tem você?

Nada de muito especial aconteceu. Ou, pelo menos, a impressão é de que nada de muito especial aconteceu. Apenas, você ficou mais feia. Ficou? Os outros não parecem reparar, ninguém disse "meu Deus, como você está feia!", ninguém sugeriu sequer que pintasse os cabelos de outra cor. Você é que sabe. Já há vários dias que nenhuma cor lhe vai bem, que os vestidos de sempre se revelaram subitamente velhíssimos, as saias justas demais, as blusas apertadas, ou ao contrário. Você, simplesmente, não tem o que vestir. Também, não é de estranhar, porque com essa cara que você está vendo no espelho, não há vestido que funcione. O que tem com sua cara? Tudo. Feia, feia. Você examina a pele, e ela está manchada.

Mudar de penteado decididamente não, do jeito que o cabelo está

hoje, tão sem caimento, tão sem graça. Um lenço, talvez. Mas com o lenço na cabeça você se sente ainda mais feia, e usa o lenço como desculpa para não entrar naquela loja onde poderia comprar a roupa, mas onde acha que as vendedoras olhariam você de lado por causa do lenço, ou nem lhe atenderiam, ou onde lhe ofereceriam o vestido mais caro da loja, aquele que você ficaria constrangida em recusar. Não, de lenço não vale a pena mesmo entrar em loja alguma. Nem vale a pena comprar roupa, não há uma única que lhe agrada, e afinal de contas, com tantos vestidos no armário, você não precisa mesmo de mais um, pendurado, tão sem elegância, no cabide.

Você volta para a sua insatisfação, desejo talvez de ser outra pessoa, de ter a leveza de antes. Volta para a dolorosa pesquisa no espelho, para a sensação de mal-estar.

Queria mesmo outra roupa? Queria, provavelmente, mas não conseguiu se dar. O lenço, você que tantas vezes saiu serenamente de lenço, serviu para justificar esse sentimento inusitado, esse medo de entrar numa loja e pedir alguma coisa e ser atendida, esse medo de assumir o seu desejo de um objeto e de pagar por ele e sair com ele em triunfo de posse adquirida. Serviu para disfarçar aquela criança tão pequena que de repente parece ter assumido o comando das operações e que impede você de entrar, como adulta, numa loja.

É isso então que você tem. Sem colocar rótulos, sem escolher uma palavra só, a gente pode dizer que o seu eu adulto parece ter encolhido nesses últimos dias, transformando-se num eu criança, indefeso, amedrontado, inseguro, e, por estar tão fora do seu contexto, infeliz.

Nada aconteceu. É o que parece na maioria dos casos. Você faz um retrospecto rápido e dá a pesquisa por encerrada: tudo está como estava. Mas como, visivelmente, você não está como estava, convém procurar pelas causas mais detalhadamente. Porque uma coisa é certa: existe sempre uma causa, mesmo que você tenha que procurá-la mais longe ou mais perto do que pensava.

Minha amiga Marly ficou grávida. Foi aquela felicidade. Há mais de ano que ela queria engravidar. Marly trabalha, sempre trabalhou, e trabalha muito. É chefe, é líder, está acostumada a ir e vir no seu carro, a viajar de avião para resolver problemas da empresa, a tomar decisões. E tudo continuou como sempre nos primeiros meses, ela trabalhando numa alegria

quase contagiosa. Até que começou a chorar.

Chorava à toa. Se alguma coisa não ia bem, ela se trancava na sua sala com uma caixa de lenços de papel e soluçava, soluçava. Na hora de tomar decisões era um inferno. E simplesmente recusou-se a viajar.

Não havia, do ponto de vista médico, nenhuma razão para isso. A gravidez ia bem, ela estava nos primeiros meses, não havia nenhum constrangimento físico maior. A maioria das mulheres, sobretudo nas classes menos favorecidas, atravessa a gravidez trabalhando, e sem esse tipo de problemas. Mas não Marly.

— O que eu quero — ela procurava explicar para nós duas — é que me deixem em paz. Quero ficar em paz, sem ter que pensar em trabalho, em coisa nenhuma. Não quero decidir nada para ninguém. Estou querendo, ao contrário, que decidam por mim. Fico pensando que terei a licença de maternidade e que depois vou ter que voltar ao trabalho. E fico com ódio de ter que voltar, de ter que continuar com essa vida de correria, de agitação. Estou na maior insegurança, na maior fragilidade.

A causa de Marly parece muito óbvia: ela estava grávida. Mas estar grávida não significa forçosamente esse tipo de reação. As causas de Marly talvez estivessem bem mais distantes, sendo a gravidez apenas o catalisador dessas causas.

Marly nunca tinha se permitido viver uma fragilidade semelhante. Desde adolescente, numa família numerosa e de pouco dinheiro, havia sido a forte da família. Era com ela que todos contavam. E ela sobretudo contava consigo mesma para subir na vida, para fazer sucesso, brilhar, ganhar dinheiro, sair do "bolo pobre" familiar. Contava com sua força. A fragilidade juvenil foi sufocada, e a Marly forte começou sua carreira. Subindo mesmo, escorregando às vezes, era sempre essa Marly a convocada. Até chegar ao sucesso, ao casamento, ao filho.

Tudo obtido, todos os planos cumpridos, a criança estava agora a caminho. E então, aproximando-se dessa criança, permitindo-se a ternura sufocada durante tantos anos, vivendo o amor sem defesas, Marly abriu a porta para outra criança, aquela esquecida longe, nos tempos da adolescência.

Seria preciso talvez, para viver em profundidade o amor por seu filho, que Marly aceitasse essa menina que se manifesta com tanta força. E é isso que está por trás das suas palavras quando diz que tem ódio da idéia de voltar ao trabalho, porque trabalho significa responsabilidade, idade adulta,



sucesso. Voltar ao trabalho significa, para Marly, reassumir seu papel de forte e sufocar novamente seu lado frágil. Significa sobretudo, inconscientemente, negar uma parte da criança que vai nascer, e que é tão parecida com aquela que nasceu há quase trinta anos.

É mais fácil, porém, debitar tudo apenas na conta da gravidez. Ela está nervosa porque está grávida, dizem os amigos, os colegas de trabalho, defendendo-se, eles também, atrás de uma etiqueta. E Marly aceita a etiqueta, a solução mais fácil. Deixará que a acarinhem e protejam durante a gravidez, por conta da criança que vem. Tirará férias da sua força por nove meses, e reassumirá depois com a ilusão de um descanso. Mas a causa, mesmo que ela não saiba, era bem mais remota e profunda.

Mais honesto seria escrever "como se procura a causa?" com um ponto de interrogação bem grande no final. Porque a procura da causa, das causas, é uma atividade para a qual toda a vida não basta, uma busca que não se esgota com a primeira resposta, mas que, em suas próprias respostas, vai criando mais e mais perguntas.

Não, eu não sei exatamente como se procura a causa, como você pode procurar a sua causa. Mesmo porque não existe fórmula para isso, receita. Sei, mal-e-mal, tatear nos meus próprios labirintos, descobrir pequenos achados arqueológicos nas minhas camadas internas. Mesmo assim, não tendo descoberto a mágica do fio condutor, volta e meia me perco.

Sei que é preciso procurar. De repente lá está você banhada em lágrimas pela segunda vez numa semana, ou pela segunda vez num mesmo dia, e a sua vontade é deixar-se ficar assim mesmo, derramada, infeliz, até que tudo passe. Mas tudo não passa. Passa na hora, passa por uns dias talvez, mas logo estará de volta. Então o jeito é livrar-se da coisa — ou tentar livrar-se —, vendo-lhe a cara.

As causas são como os objetos perdidos, procuram-se de dois modos, exatamente como se faz com o brinco que desapareceu: primeiro tenta-se refazer o caminho percorrido, esquadrinhando tudo, olhando nos cantos para ver se não estaria ali, onde se passou antes; segundo, procura-se a esmo, abrindo gavetas, esvaziando bolsos, bolsas, levantando o pó dos mais variados lugares.

Não estou brincando, é assim mesmo que eu faço. E como naquela brincadeira de criança em que um procura e outro vai dizendo "quente,

frio", à medida que ele se aproxima ou se afasta do objeto a ser encontrado, assim também há dentro de mim quem me grite "quente", quem deboche "gelado". O mal-estar imediato, o desconforto que me toma quando me aproximo da causa, ou a indiferença total quando dela me afasto são meus alarmas.

Foi assim que procurei até descobrir, quando meu ego, em meio à mais total felicidade, encolheu, deixando-me quase de fraldas.

Tínhamos viajado, eu, marido e filhas. Estávamos em outro país, morando por alguns meses numa cidade muito agradável, passando um período que, embora não sendo de férias, tinha o clima de festa e de união que em regime normal só acontece quando a gente pára de trabalhar. Eu, que tenho alma itinerante, estava radiante. Escrevia, trabalhava em casa, cuidava das filhas, vivia a vida diferente de quem, a cada instante, descobre coisas novas.

Aí, um dia, minha filha pequena reclamou de alguma coisa, e eu me senti ferida, ferida demais por uma pequena reclamação de uma pequeníssima criança. E no dia seguinte a comida não ficou tão boa como eu esperava e eu me desesperei. E quando meu marido reclamou porque eu, atuando como co-piloto no carro, não conseguia achar nossa localização no mapa, caí em prantos. Foi o primeiro choro de uma série. Uma série não muito grande na verdade, porque me pareceu tão absurdo estar chorando no meio de um contexto geral de alegria, que parei, pedi tempo à família para pensar.

O que era isso de estar seriamente infeliz se, não só nada de mau tinha acontecido, como só vinham acontecendo, há muitos e muitos dias, coisas ótimas? No entanto eu queria ficar deitada, sozinha, sem ser mãe nem mulher de ninguém.

Mas isso não era possível, era até estúpido, dadas as circunstâncias. E então comecei a procurar.

Fui pelo primeiro caminho. Que aconteceu ontem? Que aconteceu anteontem? Que aconteceu semana passada? E nada, nada. Está certo, a máquina de lavar pratos tinha enguiçado, mas não era isso. Meu alarma interior não acusava nada à medida que eu repassava as pequenas trivialidades do dia-a-dia. Resolvi então o método aleatório, o das gavetas, das especulações, pensar qualquer coisa, dizer qualquer coisa até ouvir o grito interno. E achei.

Sim, eu estava feliz. Sim, eu estava vivendo um momento de paz.

Sim, eu estava gostando da minha vida doméstica, de dona-de-casa quase *full-time*. Mas era, de repente, muita diferença. Eu, acostumada a ir para a redação, não tinha mais redação nenhuma para ir. Eu, treinada para correr toda semana ao estúdio de televisão e a ver o programa dias depois, cheia de críticas, ligava a TV só para ver programa dos outros. Eu, obrigada a dar ordens, a tomar decisões, só dava ordem para as filhas escovarem os dentes e só decidia o menu do jantar. Eu, sempre rodeada de gente, estava agora rodeada de silêncio enquanto as meninas estavam na escola e o marido no trabalho. Eu, acostumada a ser eu, era subitamente um eu diferente. Nem melhor, nem pior, apenas diferente, e tanto que eu própria me estranhava.

Estava aí a causa, bem debaixo da felicidade, bem disfarçada de novidade, tentando me pegar. Mas quem a pegou fui eu.

Os bois ruminam. E, embora não sejam animais especialmente inteligentes, uma certa antiga sabedoria sempre lhes foi creditada, não tanto pela mansidão quanto pelo olhar talvez pensador que adquirem quando entretidos em seu longo mastigar. Diz-se das pessoas que "ruminam os pensamentos". E é sabido que, para obter uma melhor digestão, é necessário mastigar durante muito tempo os alimentos.

A causa sobe do fundo da consciência e chega à boca. É na boca que ela é verbalizada, na boca que adquire várias formas enquanto é discutida com outras pessoas. Ou é na boca que rola, feita sabor de lágrimas, quando a deglutimos sozinhos.

Ruminar, então, é uma das coisas a fazer com a causa. Mas ruminar não é tudo.

Heloísa poderia ter ganho de uma lhama, de tanto que ruminou, mas acho que não chegou a resultado prático nenhum. O ego dela parece elástico, cresce e encolhe até com certa regularidade, e a impressão que tenho é que Heloísa se acostumou finalmente com isso, ou pelo menos se acostumou a suportar os períodos em que seu lado infantil predomina, mudando-lhe o temperamento, aumentando-lhe a timidez. No início ela procurou as causas e parecia determinada a vencê-las, mas no meio do caminho como que desistiu.

O início de Heloísa era sua vida de solteira, sua profissão de advogada, o sucesso com que começava a estruturar seu nome no Fórum. Uma mulher dominadora, Heloísa. Até que se deixou dominar por um

homem mais velho, mais rico, mais importante. Diz a própria Heloísa que, de certa forma, deixou-se dominar novamente por um "pai". Fato é que casou com esse homem, com o dinheiro, com a posição desse homem. Meses de extrema felicidade, anos até. Casa nova, viagens. O marido exibia Heloísa, gostava de mostrar sua juventude, sua inteligência. E ela se deixava exibir. A profissão, é claro, foi abandonada. Não havia por que trabalhar, dizia ele. E evidentemente o dinheiro que Heloísa poderia ganhar não fazia falta no orçamento. Nem ela poderia, trabalhando, acompanhá-lo nas viagens. E Heloísa gostava de viajar.

Tudo lindo, tudo maravilhoso. Até ela começar a chorar. De repente ficava aterrorizada de dar o grande jantar que o marido programara. Não queria ir ao coquetel. E a viagem para a qual tinha se preparado com tanto entusiasmo parecia inútil, aborrecida, assustadora até.

Heloísa procurou as causas. Que eram fáceis de achar. Tinha se transformado na filha do próprio marido, a menininha que ele conduzia, que ele exibia, que ele dominava. Tinha abandonado sua profissão, seu trabalho. A falta de filhos tornava ainda mais-fácil sua submissão ao marido, e quanto a isso ela sabia que não havia nada a fazer. Poderia adotar crianças se quisesse. Poderia voltar à sua profissão, se quisesse. Poderia reassumir sua personalidade, se quisesse. Mas querer era difícil.

Não era difícil querer, nas longas conversas em que me explicava seus problemas. Parecia até muito decidida. Mas era difícil modificar, na realidade, uma vida tão confortável. Acho que Heloísa queria voltar a ser o que tinha sido, recuperar seu élan, sem abrir mão daquilo que era. Ela queria voltar a sentir-se como a jovem advogada do Fórum, sem deixar de ser a bem-tratada senhora do seu rico marido. Queria ter um nome, ser reconhecida, mas não abria mão de passar o verão velejando nos mares da Grécia. E quanto a adotar filhos, hesitava, crianças atrapalhariam definitivamente a sua vida.

Assim, resumido, o retrato de Heloísa ficou talvez entre o fútil e o irreal. Ela não é nem uma coisa nem outra. E se conhece, porque é inteligente, de uma inteligência que já teve melhor aplicação do que as conversas de salão. E por se conhecer, gostaria de sair da gangorra em que se encontra. Mas suas tentativas não são nunca radicais, decididas. À sua profissão, por exemplo, não voltou mais. Inventava, em vez dela, profissões outras, distrações nas quais belisca para fortalecer seu ego, e que abandona tão logo se sente mais sólida. Cai no lugar-comum. Fez curso de decoração,

comprou toneladas de livros de decoração — estimulada pelo marido que sabe perfeitamente que esse tipo de falso entusiasmo não oferece perigo —, decorou o escritório dele, a casa de campo, refez o apartamento, mexeu na casa de alguns conhecidos. Depois cansou. Me disse que era enlouquecedor lidar com estofadores, pintores, pedreiros. E não adiantou minha argumentação de que, sim, é enlouquecedor, mas faz parte da profissão e tem montes de gente agüentando esse tipo de loucura. Ela não agüentou. Nem vale a pena eu ficar enumerando aqui as atividades em que ela se mete. O que interessa é observar o mecanismo que ela engendrou e que aciona sistematicamente, chorando no meu ombro quando o ego encolhe e ela precisa de apoio e compreensão, ou contando-me as maravilhas da sua vida quando o ego está naquilo que chamo de alta.

Não se pode dizer que Heloísa não saiba o que está se passando com ela. Não se pode dizer que não olhe as causas de frente. Não se pode dizer que ela não as rumine. Apenas, como escrevi acima, ruminar não é tudo.

Aquela da viagem não foi a primeira vez que meu ego encolheu. Foi a mais recente, a de que me lembrei. E provavelmente não será a última. Acontece, não com freqüência, mas acontece, como acontece ou acontecerá com você. E é sempre a mesma sensação, nova a cada vez, de tristeza, de insegurança.

Acho que é pelo físico que eu a encontro primeiro. Pelo espelho, onde sempre me vejo e sempre me repito, e onde um dia subitamente me vejo velhíssima, deprimentemente abatida, pálida e sem luz. Exploro o rosto antes de explorar a alma, talvez por ser o espelho do banheiro mais inevitável do que os sombrios espelhos interiores. E eu, que deveria saber o que tanta e tão repentina velhice significa, esqueço de captar o sinal ou evito captar o sinal? — e passo a sentir-me torta também no corpo. Geralmente estabeleço que estou gorda. E digo estabeleço porque a gordura não foi nunca meu forte. Mas é de ser gorda que tenho medo e então é gorda que me vejo.

Quanto tempo levo para deixar de me esconder atrás de falsas modificações físicas e procurar o mal em outro lugar? Impossível dizer. O tempo necessário para que o mal se agrave e me aperte, para que, de dentro para fora, eu seja obrigada a olhar.

Não, não é só você que tem medo de debruçar-se sobre aquela parte

mais escura, o seu lado de dentro. Não é só você que inventa desculpas e como uma criança adia o dever de casa indefinidamente, até a hora da prova. Parece fácil nas revistas, nos artigos, nos conselhos alheios. Parece fácil quando eu conto de Heloísa ou de Marly, porque eu simplifico, encurto a história e chego rapidamente onde quero, onde acho que está o ponto mais importante, aquele em que você pode estar interessada. Mas não é fácil para ninguém. Nem para mim, nem para as pessoas cujos problemas eu conto, modificando os nomes às vezes, mas nunca modificando a realidade. E todos sofrem muito nesse processo.

O que faço quando descubro a pequenez de meu ego, quando me dou conta de que, como uma criança, tenho medo do mundo? Primeiro me espanto como se nunca tivesse acontecido antes. Depois me irrita. Me irrita comigo: como é que eu me deixei ficar assim, como foi que me traí dessa maneira e, burramente, me neguei? Como, em vez de reagir desde o início, fui cedendo e encolhendo, abaixando a cabeça e abaixando os ombros até ficar deste tamanho? Depois me irrita com os outros: como ousaram fazer isso comigo, me empurrar, me encostar na parede, dominando-me aos poucos sem perceber que eu encolhia, que eu ia me fazendo pequena?

Mas a culpa não é dos outros. Eu sei disso, você também sabe. É mais conveniente atribuí-la aos outros, colocá-la fora de nós mesmos, mas não é verdadeiro. Os outros fazem com a gente aquilo que a gente permite que eles façam.

Me espanto, me irrita, e começo a trabalhar. Tenho um trabalho de pedreiro a realizar. O edifício está meio tombado e eu preciso fortalecer as estruturas, reforçar as colunas. Tenho que pegar a mim mesma pelo cangote, como se faz com os gatos, e dar uma boa sacudida. Não, você não vai ficar deitada em posição fetal, paralisada pela inércia e pelo medo. Você não vai se negar à vida, ainda que seja apenas por mais meia hora. Você já sabe, você já viu, a verdade em determinado momento se impôs a você, ainda que você não a buscasse com empenho. Então não vale mais ficar parada e sofrer.

É preciso botar as coisas nos devidos lugares, limpar o espelho. Não, você não está envelhecendo com rapidez mortal. Nem está mais gorda do que estava ontem. Esta é a sua cara, faltando apenas um pouco de brilho nos olhos. Não é uma maravilha, mas é uma boa cara, uma cara, como dizia um amigo meu, "com que se pode trabalhar". Ajeitada, arejada, será a sua cara dos melhores dias. E assim é você, uma boa pessoa, uma pessoa direita,

com momentos de grandeza. Não é isso que os outros estão pensando de você, ou isso que você pensa que os outros estão pensando de você. Você é bacana, e é bom que isso fique estabelecido. Diga isso a quem de direito. Chegue para ele ou para ela, ou até mesmo para eles e diga, claro e sereno: "Olhe, está havendo um mal-entendido, eu sou bacana, e se vocês acham que não, estão enganados, e se em algum momento pareceu que eu não me achava bacana, esse momento acabou, passou, morreu. Eu sou bacana e quero ser tratada como tal".

Os outros, o outro, se espantam: "Que é isso? Eu nunca achei que você não fosse bacana". Se defendem: "Que é isso? Eu nunca tratei você como se você não fosse bacana". Mas você não pode esmorecer. Vá em frente. Diga, mostre, reclame. Não com raiva, mas apontando, como quem encosta o dedo numa mancha do paletó.

Eu sou bacana. Esta é uma frase que, dita honestamente, desce pela garganta como água, e que, nos momentos em que o ego está pequeno, soa como uma revelação, como coisa nunca sabida.

Que mais faço por mim? Deixo de aceitar tudo o que me vem dos outros. Reacendo minha chama crítica, sobretudo a meu respeito, a respeito daquilo que faço. E reacendo meus desejos. Passo novamente a querer, eu que, bebê encolhido, nada queria. Passo a pedir aquilo que quero, e a defendê-lo. Meu voto pesa novamente na hora da contagem. Quero ir ali, e irei, mesmo que hoje ele queira ir acolá. Vou, e mato o sentimento de culpa que ontem teria me impedido sequer de formular esse desejo. Vou ali, e me permito perceber que para ele o fato de atender a um desejo meu pode ser mais prazeroso do que atender a seu próprio desejo. Sou de novo uma pessoa com peso e consistência. Recupero o meu sorriso, à medida que recupero o meu respeito e o respeito do outro.

É claro que se trata de um problema pessoal. Mas não tão exclusivamente pessoal como você pensa. A não ser que você seja a mais solitária das pessoas — e me pergunto se existe pessoa tão solitária, de quem ninguém se aproxima, ainda que seja para tarefas do dia-a-dia, trabalho, estudo —, há sempre alguém ligado a você, alguém que pode estar diretamente envolvido com o seu processo de "encolhimento" ou então que, de qualquer maneira, poderá sofrer as conseqüências.

Quem está próximo pode não entender o que está acontecendo, pode

não acompanhar o processo, mas é certo que sentirá a mudança. Se você é jovem e mora ainda com seus pais, eles aceitarão seu ego pequeno sem grande dificuldade, ou talvez até sem surpresa; afinal, conviveram tantos anos com você criança que provavelmente têm maior dificuldade em tê-la adulta do que regredida. Se você, ao contrário, já tem seus próprios filhos, é espantoso para eles vê-la chorar porque fizeram pirraça na hora do Jantar ou porque não quiseram calçar os sapatos.

Mas quem mais se envolve, seja você jovem ou nem tanto, casada ou solteira, é o homem da sua vida. É ele quem, de repente, e muitas vezes de forma involuntária, se torna a peça-mestra, chave da sua relação com o mundo. É a ele que, com excessiva facilidade, você tende a atribuir a culpa do seu retraimento. E, sobretudo, é ele que, mais do que qualquer outro, se vê obrigado a acompanhar a mudança.

Já vimos que a culpa não é dele, se culpa existe. As causas, porém, podem estar ligadas a ele, e na maioria das vezes estão, muito diretamente. É com ele, portanto, que o diálogo deverá ter início no momento em que, como a um gato, você resolve se sacudir pelo cangote.

Quantas vezes já falamos sobre a importância do diálogo? Infinitas vezes. E no entanto voltamos sempre a ele, por ser tão fundamental, por ser tanto o eixo de qualquer relacionamento que se queira melhor, mais profundo. O que devo dizer que você já não saiba? Que diálogo não é monólogo, que tão difícil como saber falar abertamente é saber ouvir abertamente. Que é preciso estar disposta a aceitar o que o outro diz. E que quando a gente escreve "aceitar" está implícito um toque de desagrado, como um remédio que, com alguma relutância, se engole.

Mas isso tudo você já sabe. E quando, como a um gato, resolver se dar uma sacudidela, lembre-se apenas que o gato não é ele. E que ele, tanto quanto você, está se achando vítima da situação, está achando difícil e muitas vezes cansativo lidar com sua repentina insegurança. O mais provável é que ele ache que está tendo a maior paciência, a maior boa vontade, e sem resultados práticos.

Felizes serão os dois se da sacudidela resultar um momento de encontro. Ele pode, por exemplo, reconhecer que estava "empurrando" você demais, enquanto você reconhece que estava fazendo corpo morto, ou, como seria o caso de Heloísa, um reconhece que está paternalizando demais e a outra se penitencia de estar cedendo à conveniência e se deixando tratar como uma criança. Enfim, as combinações são infinitas, as situações



imponderáveis.

Mas por maiores que sejam as variantes, a constante é a necessidade de reagir, de não entregar-se à inércia do sofrimento. Saia da posição fetal na hora mesma em que ela lhe parece tão confortadora. Porque por melhor que seja, até mesmo para os fetos há um prazo preciso. E vencido esse prazo só uma coisa se impõe: o nascimento, a chegada da luz.

## A VERDADE OCULTA DA MENTIRA

Basta abrir um jornal, ligar uma televisão, conversar com qualquer pessoa na esquina, para perceber que a verdade não é o forte deste nosso mundo. Mentiras nos são oferecidas diariamente, comprovadas com fatos que não são verdadeiros. Se a empresa vai falir arrastando consigo os credores, seu porta-voz afirma até o último momento que tudo está indo de vento em popa, e para prová-lo exhibe relatórios, gráficos, números. Se o ministro está periclitando no posto, seu assessor garante publicamente que a posição ministerial nunca esteve tão firme, e o prova mostrando o dignitário alacrememente ao trabalho. O fato de que as mentiras possam ser desmascaradas dois passos adiante parece não ter muita importância. É certo que, para cada mentira da qual tomamos conhecimento, centenas passam incólumes.

Isso, sem falar nas pequenas inverdades, nossas e dos outros, deslizes de comportamento, recursos de última hora, que constelam os dias e dão uma espécie de acabamento no artesanato de viver.

Seríamos mentirosos por vocação? Nem tanto quanto pode parecer. Somos, sobretudo, mentirosos por estrutura. Pois, maior que a mentira individual é a grande convivência com a mentira, aquela imposta pela organização social, que com medo da verdade a nega e a rechaça.

Você, eu, nós todos fomos educados no culto à verdade. Mentir, nos diziam pais e professores, é uma coisa horrorosa, um pecado que se lê nos olhos. Crescendo, porém, descobrimos que nos olhos se lê muito menos do que no noticiário do jornal, e que a coisa horrorosa prolifera livremente. Perplexos, nos perguntamos se já não eram mentirosos os ensinamentos da infância.

Não exatamente. Eram apenas parte da dinâmica com que verdade e mentira trabalham na evolução social, confundindo freqüentemente seus limites e avançando por etapas.

Qual é a tarefa da verdade? Basicamente, afirmar algo ao qual

corresponde um fato real. Mas, geralmente, questionar uma outra verdade já existente. Exemplo: o Presidente Nixon é um crápula, e mentiu à nação (nova verdade). O Presidente Nixon é um homem de bem, em quem a nação confia (verdade já existente). Neste caso, a aceitação da nova verdade vai obrigar a que se reveja toda a arquitetura secreta da presidência, que se abram portas sempre fechadas, que se vasculhe, que se ponha em dúvida a própria essência da democracia, e até mesmo que se demita o presidente, fato sem precedentes na história daquele país. A nova verdade é portanto muito assustadora. A sociedade estremece, temerosa de não conseguir agüentar o abalo. E sua primeira tendência é a de barrar a verdade.

O mesmo acontece individualmente. Se um conhecido vem e contraria uma das minhas verdades, a minha reação imediata é de medo e de recusa. Tento reafirmar o que eu acho, e negar o que ele diz. Luto para defender aquilo a que já estou acostumada, que já conheço como verdadeiro. Mas se a verdade dele for forte, o mais provável é que aos poucos eu me convença e a aceite, passando então a descobrir que não era tão perigosa quanto eu temia, e que, pelo contrário, é até muito útil.

O mecanismo é tão claro que podemos até traçar um roteiro para ele:

1. a verdade é divulgada;
2. a verdade é negada;
3. a verdade é reprimida;
4. a verdade insiste em se impor;
5. progressiva aceitação e assimilação da verdade.

Cada circuito desses, porém, nos abala muito, exigindo coragem para a revisão e elasticidade para adaptação a novas verdades. É, no fundo, uma pequena maratona emocional. E assim como não conheço nenhum atleta capaz de correr duas maratonas ao mesmo tempo, também não conheço muitas pessoas (ou muitas sociedades) capazes de enfrentar ao mesmo tempo várias novas verdades importantes. Mesmo em processo de análise, o analista sabe que não pode dizer as verdades todas de uma vez, sob risco de criar um curto-circuito na mente do paciente, impossibilitando qualquer assimilação.

É por isso que tentamos trabalhar as verdades subseqüentemente, ou seja, só deixamos entrar uma no circuito depois que a outra já foi resolvida.

Acompanhando esse ciclo, vemos que cada época tem sua verdade — ou sua mentira. Assim, quando nossas bisavós explicavam às filhas que sexo era apenas um doloroso dever do casamento, e que uma mulher de bem não deveria encontrar nele qualquer prazer, estavam dizendo aquela que era a verdade do seu tempo. Tão verdadeira quanto a divulgada hoje

pelos sexólogos, de que o orgasmo é bom, necessário, e um direito básico de toda mulher. Não mudou a mulher, não mudou o sexo, o clitóris está onde sempre esteve. Mudou, fundamentalmente, a verdade.

Em casa, os donos da verdade costumam ser os pais. São eles que "sabem de tudo". Depois deles somos obrigados a suportar a sapiência dos professores. E, crescendo, percebemos que a verdade foi espertamente dividida em capitânicas hereditárias, cada qual destinada a um rico proprietário, sobrando para nós mínimas migalhas.

É que sendo a verdade tão ameaçadora, ela se torna arma inigualável, da qual os poderosos imediatamente se apropriam. A verdade, dizem eles, não é para qualquer um; só os mais dotados (e leia-se aqui os mais ricos, os mais fortes) podem ter acesso a ela, porque só os mais dotados sabem entendê-la. E dito isso se encarregam serenamente de administrá-la como um bem pessoal, transformando-se em seus porta-vozes, e defendendo-a contra todas as outras verdades possíveis.

Deus, qualquer Deus, não chega e grita bem alto suas verdades para o povo reunido numa praça. Prefere chamar baixinho um eleito, atraí-lo ao alto do monte, para que receba de Suas mãos a verdade, e desça com elas já bem codificadas. Pelo menos, é o que diz o eleito. Hoje, com a televisão, há deuses (do rock, da política, da economia) que falam suas verdades em cadeia. Mas tudo leva a crer que o melhor bocado, a verdade mais importante continua sendo reservada, para ser divulgada, aos poucos e oportunamente, via eleito, cognominado assessor de imprensa.

A verdade portanto não é produto entregue diretamente do produtor ao consumidor. Sofre, como as hortaliças, a ação do atravessador, ou intérprete. As verdades sobre o andamento do país são administradas pelos governos, as verdades divinas são transcritas pelas religiões, a publicidade dita as verdades dos bens de consumo. Elegendo a grande sinfonia interpretativa, os órgãos de comunicação de massa interpretam as interpretações, quer dizer, estabelecem a verdade das verdades.

É no meio de todas essas verdades tão pouco convincentes que nós, nunca chamados ao alto do monte, nos perguntamos aflitos: a verdade, onde fica a verdade?

"Encontrei hoje na rua, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me narrou o motivo por que se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Não era que um via uma coisa e outro outra, ou que um via um lado das coisas e o outro um outro lado diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso com essa dupla existência da verdade."

E tinha mesmo que ficar confuso o poeta Fernando Pessoa, porque na sua época ainda se acreditava, ou se espalhava, que a verdade era uma. Havia uma única verdade, correspondente a um único fato, e era indivisível. O resto eram mentiras. Dentro dessa ótica um dos dois amigos do poeta teria forçosamente que estar mentindo, por mais que a lógica dissesse o contrário.

Mas a verdade sempre intrigou o ser humano, e sobretudo o filósofo. E de tanto remexer, chegamos hoje a uma nova verdade da verdade. Segundo os filósofos franceses Michel Foucault e Jacques Derrida a verdade não tem centro, não é imóvel. Não é isto ou aquilo, mas pode perfeitamente ser isto e aquilo. Ela é um jogo de espelhos no qual se multiplicam as várias versões (ou as várias verdades) de um mesmo fato. E é apenas normal, portanto, que os dois amigos de Fernando Pessoa estivessem dizendo a verdade, mesmo que essas verdades não coincidissem.

Ainda menina, me impressionou muito o relato de um filme ao qual, por questão de idade, não podia assistir. Era o filme japonês *Rashomon*. Nele, várias pessoas implicadas num assassinato depõem sucessivamente no tribunal, contando como o crime se passou. A cada depoimento, visualiza-se o fato narrado. E nenhum deles coincide exatamente com o outro. O fato em si, anterior a qualquer das narrativas, não é mostrado. Para o espectador, assim como para o juiz, ficam várias versões diferentes, sem que de nenhuma possa dizer: "É mentira". E instala-se a dúvida: seriam todas verdade?

Eu tinha dez anos quando ouvi essa história, e nunca mais a esqueci. De alguma maneira muito emocional ela antecipava para mim a palavra dos filósofos, e derrubava a ditadura da verdade única.

Se a estrela de cinema declara à imprensa que ela e aquele guitarrista são apenas bons amigos, e se na semana seguinte anuncia que está grávida daquele mesmo guitarrista, devemos dizer que está mentindo? Ela acha que não, e alegará que, como amante, pode ser considerada não só boa, como ótima amiga dele. Apenas omitiu o fato de que a amizade visava à procriação. E omitir uma verdade, ou parte dela, não é oficialmente considerado mentira, mas passa por aquilo que se convencionou chamar de meia verdade.

A linha divisória entre verdade e mentira, que já não era das mais sólidas, torna-se assim ainda mais precária.

Se eu me gabo com alguém de um trabalho que realizei, e "esqueço" de dizer que o fiz de parceria com um colega, não estou mentindo, porque realmente sou autora do trabalho, e em momento algum disse explicitamente que o tinha feito sozinha. Mas estou mentindo na essência, ao ficar sozinha com elogios que deveria repartir.

Embora a minha atuação e a da estrela sejam praticamente iguais, não hesitarei em taxar a dela de mentira, reservando para a minha, quando muito, o rótulo de meia verdade. O meio, então, não serve para caracterizar a verdade, que em ambos os casos inexistente, mas para, mais uma vez, usar a mentira com fins determinados, mascarando-a de verdade, e enganando os outros duplamente.

A meia verdade, portanto, é até mais perigosa que a mentira, porque, embora sendo igualmente enganadora, é sempre mais fácil de defender, mais indefinida, mais escorregadia. E não pesa na consciência.

São essas "virtudes" que a tornam preferida da sociedade. O ministro não mente ao comunicar que o país está realizando um milagre econômico; deixa porém de dizer que a varinha de condão são as dívidas externas. O publicitário não mente ao dizer que o apartamento tem duas vistas, uma para o mar e outra para a floresta verdejante; simplesmente não esclarece que a floresta verdejante corresponde à encosta de um morro que fica a poucos metros da janela do apartamento, tirando-lhe o ar e a luz. O comerciante não mente ao falar em "suaves prestações"; apenas não diz que durarão anos e anos, acrescidas de juros e correções. A sociedade, enfim, não mente. É o cidadão que, mais desavisado, não sabe ver a verdade.

Não vamos, porém, nos deixar intimidar pelo poder de mentira dos poderosos. Afinal, nós também, dentro das nossas modestas possibilidades, contribuímos generosamente para a indústria da não-verdade. Somos todos, no mínimo, adeptos da delicada mentira social.

Nem poderia ser diferente. Aquele que, por teimosia e originalidade, teima em ser absolutamente sincero, em dizer só e sempre a verdade, acaba se tornando um chato insuportável, verdadeira praga da qual todos fugirão. E mais, transforma a verdade, que deveria ser em princípio uma virtude, num sério defeito de pretensão. Pois, apontando constantemente os defeitos dos outros, e reformulando as verdades alheias, ele está no fundo dizendo que não tem defeitos e que sabe tudo sobre verdades. É o que se chama de "dono da verdade".

Afinal, certas verdades não são para serem ditas. Se uma gentil senhora a convida para jantar porque você é uma pessoa de bem, sincera e leal, e se ao término da noite você lhe disser, sincera e lealmente, que a comida estava um horror, ela não só não a convidará uma segunda vez, como espalhará que você é pessoa de péssimo caráter, agressiva e grosseira.

Isso não quer dizer que a gente deva mentir, fazer entusiásticos elogios a pratos que fez sacrifício para engolir. Há sempre alguma coisa que nos deu prazer ou que nos agradou, e a ela podemos tranqüilamente nos apegar na hora de agradecer a noite. Evita-se a mentira e transmite-se uma real sinceridade.

É justamente na transmissão de sinceridade que reside um dos pontos importantes sobre a virtude. Eu sempre ouvi dizer que a mentira se lia no rosto do mentiroso (e não foi à toa que o escritor italiano Collodi inventou Pinóquio, cujo nariz crescia denunciando-o a cada mentira). Mas também sempre pensei que se fosse tão visível não haveria mentirosos no mundo. Hoje acredito que, a não ser no caso de amadores sem futuro, a mentira não se lê no rosto. Ela passa, misteriosamente, e de forma sub-reptícia, através de uma sensação de estranheza, de coisa incompleta, falha. E denuncia, senão o mentiroso eventual, pelo menos o contumaz.

No fundo, recebemos o sentimento que o outro transmite: a sua relação incompleta com a vida, que o leva a mentir para os outros, e sobretudo para si mesmo. O mentiroso contumaz, aquele que transcende a pequena mentira de cortesia ou a falsa desculpa por um atraso, aquele que mente com constância e dedicação, este está negando a realidade, a sua

verdade existencial, forjando uma verdade falsa, que lhe parece mais agradável, e que tenta impingir ao mundo. Para ele, servimos de cobaias e comprovantes. Aceitando a falsa verdade que nos joga, lhe damos aval de credibilidade. A partir daí ele próprio a adotará como real dentro de si, esquecido de que o fato correspondente não existe.

É por isso que não gosto da mentira. Não por ser ela boa ou má, moral ou imoral. Mas porque nos afasta dos outros e de nós mesmos, tornando cada vez mais improvável qualquer contato com aquelas que seriam as verdades universais.

Afinal, se, como diz o teatrólogo Tennessee Williams na peça *De repente no último verão*, "a verdade está no fundo de um poço sem fundo", cabe a nós a tentativa de ir buscá-la.



## O TEMPO APAGA UMA GRANDE DOR?

Trancada no quarto, a moça chora o fim do seu amor. E à guisa de consolo, lhe diz a mãe: "Não chore, minha filha. Com o tempo você vai se esquecer dele".

Na Vara de Família o casal assina a separação. Ao sair, cada qual para o seu lado, seus pensamentos são semelhantes, e mais ou menos assim: "Agora, é vencer os primeiros tempos de fossa. E depois ir em frente".

Seria, então, o tempo o grande remédio para o sofrimento, borracha mágica capaz de apagar qualquer dor?

De alguma forma, sim. Mas vejamos que forma é esta.

Não se trata do tempo como fator externo, alheio, que simplesmente se interpõe entre nós e a nossa dor, como um rio que cresce, e cada vez mais nos afasta do fato crucial. Nem se trata de um afastamento físico, do famoso "longe dos olhos, longe do coração". Se assim fosse, bastaria tomar um trem bem lento para uma meta bem distante, e desembarcaríamos curados de todo sintoma lacrimoso, para sempre convencidos de que o invento da ferrovia coincidia com o desinvento da dor.

O tempo que realmente conta, e, esse sim, acaba atuando como um remédio, é o tempo interno, o tempo do nosso amadurecimento. Não é a dor que diminui ou se desgasta no fio de horas e semanas. Somos nós que, nesse mesmo fio, nos modificamos, e, conseqüentemente, mudamos a nossa relação com a dor. E este é um tempo imprevisível.

Na verdade, o mecanismo da dor é semelhante ao da alegria. Uma felicidade extrema não terá amanhã o mesmo brilho radioso e intenso que tem hoje. Guardaremos a lembrança desse brilho, pólen dourando o passado, mas o brilho em si terá mudado, permitindo-nos apenas sorrir, sem estremecimentos.

Dor e alegria não passam. Porém, à vivência da dor e da alegria, novas vivências se acrescentam, modificando gradativamente nosso modo de ver e de sentir, modificando nosso modo de conviver com aquela que foi

uma grande alegria ou uma grande dor.

Mas o que é uma grande dor?

Difícil definir. O sofrimento só pode ser medido cientificamente em casos extremos. Jesus no Horto das Oliveiras sofreu tão intensamente antevendo a crucificação, que seu organismo entrou em stress, e os vasos capilares se dilataram, fazendo com que suasse sangue. A intensidade do sofrimento tornava-se assim visível. Este, porém, é um caso tão extremo quanto único. No mais, nos nossos sofrimentos humanos e diários, nem sempre avaliamos a real dimensão de uma dor. Às vezes, muitas vezes, aquele que em determinado momento pareceu um sofrimento enorme, mais tarde, mudadas as circunstâncias, pode revelar-se um sofrimento menor, ou seja, não determinante dentro de um conjunto mais amplo de experiências. Ou, pelo contrário, um sofrimento vivido como menor se evidencia depois como modificador, mola capaz de nos levar a entendimentos importantes.

Falar de uma grande dor, porém, é, de um modo quase automático, falar da perda de um grande amor. Sabemos todos que não há dor maior do que a perda de filhos, e que dores imensas são também outras, como a perda dos próprios pais, no desterro, ou a perda da mobilidade, na paralisia. Mas essas não são dores românticas. São dores cruas, sem fascínio para os outros, sem encantamento. E como tais devem ser vencidas estoicamente, sem muitos suspiros, sem grandes ajudas. Não temos, para com as dores cruas, maior complacência. Mas as românticas, ah! como as cultivamos.

Ninguém sofre mais que o amante rejeitado na literatura romântica. Personagem, ele é sempre colocado como o centro do universo, de onde sua dor irradia, maior do que todas. E nós mesmos, românticos leitores e personagens, nos rendemos à sedução do grande sofrimento amoroso, presos mais à sua duração do que ao seu fim.

Sonhamos, todos nós, conhecer o grande amor, aquele absoluto, capaz de dar uma nova dimensão à nossa vida, aquele único capaz de completá-la e dar-lhe um sentido. Sonhamos viver a teoria de Platão, encontrando, entre tantos, aquele que nos era destinado, metade de nós mesmos, que só conosco, junto, recomporia a unidade primeira. E muitas vezes acreditamos ter realizado esse sonho.

É na hora de desfazer o sonho que a coisa se complica. Acabado o romance, afastado o amante, resta-nos o sofrimento. E através dele vamos

avaliar o amor. Quanto mais choramos, mais temos a certeza de que o amor era importante, e de que havíamos alcançado aquelas culminâncias tão desejadas. Sim, nos repetimos entre lágrimas, estivemos lá onde nem todos chegam, vivificamos nosso coração, e se o preço a pagar é o sofrimento, então, bendito seja.

Se, por outro lado, pouco se chora, é sinal mais do que evidente de que aquele que até então considerávamos um grande amor era apenas um encantamento passageiro, nem de longe coincidindo com a outra metade fundamental. Pois como, perdendo-a, poderíamos sobreviver levemente? Sobreviver sem dor equivale a não ter amado. E não amar insere em nós uma outra espécie de sofrimento, a frustração por ter falhado na procura, o medo de não conseguir encontrar o mágico eleito.

É essa dualidade entre o desejo romântico de sofrer, valorizando o amor que nos envolveu, e a tendência natural e sadia de acabar logo com a dor que caracteriza de forma tempestuosa o fim dos romances. E mais evidente se torna nos romances juvenis. A mocinha que chora desesperadamente porque o namorado se foi recusa geralmente todas as tentativas de consolo por parte de amigos e familiares. Ela não quer esquecê-lo, não quer ouvir dizer que é jovem e terá muitos outros namorados vida afora, não quer parar de sofrer; pelo contrário, quer sofrer muito, eternamente, amando só a ele para sempre, como as donzelas antigas que, desiludidas, renunciavam à vida entrando para o convento. Só assim, comprovada em lágrimas, terá ela a certeza de já ter muito amado, de ter bebido o gole mais profundo na taça da vida, e, conseqüentemente, de ser dona das grandes verdades.

Não há como negar, poucos temas dão tanto ibope quanto um sofrimento por amor. Janete Clair que o diga, mestra nos desencontros que mantêm a quase totalidade de telespectadores do país escravizada ao horário das vinte horas. Esquecem seus amores os personagens de Janete? Jamais. Passam-se os meses e os anos, encontram-se eventualmente novos companheiros, mas a chaga aberta pelo grande amor permanece aberta (até o reencontro que Janete, generosa, não deixa de providenciar).

A fórmula não é nova. Até hoje milhares de turistas visitam anualmente em Verona os túmulos de um Romeu e uma Julieta que jamais existiram, mas que através do sofrimento se tornaram mais vivos do que

muita gente real. Shakespeare, mais rigoroso que Janete, não satisfaz seu público com um final feliz. Mas alimentou para sempre sua fantasia, contrapondo à cura pelo tempo o incurável recurso da morte. Seus amantes jamais veriam diminuir a intensidade da paixão. Romeu, morta Julieta, não permitiria que os anos a transformassem apenas numa doce lembrança, nem Julieta, morto Romeu, consentiria em ficar viva rebordando o tapete do passado amor. A morte, voluntária, foi o desafio com que ambos se negaram o esquecimento, e o veículo através do qual ingressaram na imortalidade. Com eles, Shakespeare reafirmava a teoria de Platão, e o mais romântico dos nossos desejos, de que é impossível sobreviver mutilados em metade de nós mesmos.

E embora a vida venha constantemente provando o contrário, demonstrando que a sobrevivência é possível e necessária, e que a força da vida é maior do que a força de qualquer amor, continuamos procurando nos outros a "grande fidelidade". O mundo inteiro comoveu-se vendo Jackie, então Kennedy, o rosto coberto por um véu negro, acompanhando o caixão do marido, com os dois filhos pela mão. Ali estava uma amante idealizada por todos, dando adeus ao seu companheiro. E a simpatia mundial que a rodeava manteve-se intacta até que, para escândalo geral, a viúva renegou sua dor — e seu amor — casando com outro, de laço nos cabelos. Casasse ela sobriamente, com um homem sóbrio e sério, para garantir um pai aos filhos, o mundo ainda suportaria, podendo supor que atrás de tanta seriedade a dor se mantinha latejante. Mas casar tão serelepe, com um homem risonho e esfuziantemente rico, para viver entre iates e discotecas, isso ninguém perdoou.

Qual é o crime das viúvas de Nelson Rodrigues? É chupar picolé na esquina no dia seguinte ao enterro, mostrando publicamente sua gula, a alegria de seus sentidos, a força da sua vida. E tudo isso no dia seguinte, sem ter sequer o recato de usar o remédio do tempo, e deixar que este lhe devolvesse a alegria de encostar a língua num gosto gelado de limão.

Sofrer indefinidamente não é, porém, uma boa solução. Pois, se é muito romântico e comovente nos outros, ao tratar-se de nós mesmos torna-se, no mínimo, inconfortável. Como proceder, então?

Os hindus tinham um bom sistema para evitar dúvidas. Morto o marido, queimavam a viúva, viva, na mesma pira funerária em que se incineravam os restos do seu senhor. Subiam assim aos céus, para sempre unidas, as duas metades feitas fumaça. O sistema, entretanto, tinha dois

inconvenientes. Um: não se queimavam maridos nas piras das mulheres. Dois: não se consultavam as viúvas antes de riscar o fósforo. Pelo que deixou de ser considerado um laço ardentemente romântico, e passou a ser proibido pela polícia.

No Ocidente, somos certamente menos drásticos. Mas ainda assim, para facilitar os trâmites sociais do sofrimento por morte, estabeleceu-se que ele teria o prazo oficial de um ano, sendo que durante seis meses se sofreria ferozmente, recusando qualquer distração ou alegria, enquanto que nos seis meses restantes seria permitido sofrer menos, com direito a quermesses, chás de beneficência, pequenas distrações, enfim, que não configurem exatamente diversão. A esse prazo oficial da dor chamou-se luto. E para que os sofredores não se confundissem com os demais viventes, determinou-se o traje preto total para os seis primeiros meses, e preto misturado com branco para a segunda metade do período.

Assim, ajudado de alguma maneira pelo ritual social, e apoiado em suas regras, o sofredor não corria o risco de sofrer abaixo do esperado, decepcionando amigos e parentes, nem de sofrer além da conta, prejudicando-se a si próprio.

O luto, porém, que ignora a grande legião de sofredores cujo amado não está morto, mas bem vivo com outro alguém, foi sendo aos poucos abandonado, e hoje está praticamente no museu dos comportamentos sociais. Morto, ou desertado o amado, depende apenas do critério de cada um escolher a hora mais propícia para gritar "O rei morreu. Viva o rei!"

A dor não é boa. Nem, a priori, poderia alguém dizer que gosta dela. Mas também não é simples. Com ela, e por causa dela, uma série de outros elementos entram em jogo, alterando a química do nosso viver. E é nessa alteração que o sofrimento pode apresentar atrativos inesperados.

Já vimos como, através da dor, valorizamos o amor que passou e nos tornamos, conseqüentemente, grandes amantes. Sofrendo, vivemos por algum tempo o papel de personagem romântica, e, como tal, ocupamos o centro do universo. A atenção dos outros se volta para nós. E o carinhoso respeito pela nossa dor faz com que o mundo nos envolva num clima morno de compreensão e ajuda. Um clima do qual, em determinado momento, podemos gostar mais do que o devido. Carentes pela situação em si, e às vezes por nossa própria natureza, tentamos então, de forma pré-consciente,

preencher o vazio deixado pelo amante com essa nova atenção que passamos a despertar. Mesmo que, para mantê-la, seja preciso conservar a dor, ou a encenação da dor.

Ou pode ocorrer também que o sofrimento se configure como um sólido escudo contra a vida, e contra novos sofrimentos. Se, por exemplo, sou tímida e delicada, e custei a encontrar um amor, e se este amor me deixou, é possível que, passada a primeira cegueira do sofrimento maior, eu diga a mim mesma que não quero mais amar, não quero mais incorrer em risco tão grande, expor-me ao perigo de idêntico ou pior sofrimento. Eu poderei descobrir, em seguida, que a maneira mais simples de me proteger de novos amores é mantendo viva a dor por esse amor falhado. Viúva eternamente em prantos, não olharei para os lados, e concentrando no sofrimento toda a minha atenção impedirei que ela seja despertada por novas solicitações. Passarei então meus dias relendo cartas, olhando fotografias dos momentos felizes, lembrando, num verdadeiro altarcinho da memória. E vivendo esse sofrimento já conhecido e aos poucos desbotado, evitarei o risco, quem sabe, de novas e mais brilhantes chagas.

É assim que às vezes encontramos pessoas mais apegadas à própria dor do que àquilo que a motivou. E, incautos, confundimos esse apego com a tão falada fidelidade eterna.

Não, o tempo não é a borracha mágica que às vezes gostaríamos que fosse. E isso porque um grande sentimento não é como um traço de lápis que apenas deixa o rastro na superfície do papel, sem atacá-lo em profundidade. Um grande sentimento abre seu sulco em nós, gravando-se para sempre na amálgama com que a vida se estrutura, e podendo ser a qualquer momento reencontrado. E assim como a borracha não apaga os sulcos de uma gravura, assim também o tempo não cancela aquilo que se inscreveu mais fundo.

O tempo não apaga, mas atua. Aos poucos, na constante superposição das camadas vitais, outros sulcos se marcam, correspondendo às experiências, às descobertas, aos pequenos e grandes entendimentos. E é no conjunto de todas essas marcas que cada marca de per si será revivida.

Dessa forma, um grande sofrimento, que em determinado momento ocupou o lugar central da nossa vida, desloca-se aos poucos para outras posições, ditadas pelos acontecimentos subseqüentes. Sem ser o centro,

poderá continuar sendo elemento de grande importância, ou até elemento dominante. Mas poderá, também, deslizar progressivamente para um segundo plano.

Seja como for, o fato de um grande sofrimento ter existido será sempre de grande peso em nossa formação, porque é sobre a vivência desse sofrimento, e sobre o amadurecimento que ele inevitavelmente acarreta, que passarão a repousar as vivências futuras. Como na estrutura de um edifício, os grandes momentos, de dor ou de felicidade, são as vigas sobre as quais todo o resto se apóia. E, para o entendimento do nosso edifício particular, é importante que as vigas não desapareçam.

No aperto da dor é natural que nos voltemos para o tempo, pedindo que venha em nosso socorro. Mas é bonito saber que não cabe a ele a dinâmica do nosso sofrimento. Cabe a nós, à nossa relação com a vida como força regeneradora e fonte de energia.

## A ETERNA PRIMEIRA DA CLASSE

Eu sabia que se aceitasse mais aquele trabalho ia me enrolar toda. Estava com os horários tomados, com mil tarefas para executar, mais casa, filhos. Então, por que aceitei?

Porque não consigo marcar limites para mim mesma. Ou melhor, consigo marcar, digo e repito que assim chega, que agora encerrei, só quando entregar aqueles três serviços. Mas na hora em que o convite é feito, lá vou eu mais uma vez.

E o pior é que cumpro o compromisso. Sim, porque, além do mais, não posso falhar. Se marco uma data para entregar um trabalho, ou uma hora para estar presente, haja o que houver, entrego ou me apresento.

Haja o que houver significa trabalhar à noite, enquanto todos em casa dormem, ou deixar de ir à praia, como hoje, quando estou aqui batendo a máquina enquanto o sol maravilhoso me chama lá fora. Haja o que houver significa que, no meu jogo, não vale empurrar um trabalho com a barriga para dar lugar a outro, mas sim resolver os dois quase simultaneamente. E isso, é claro, não torna minha vida nada fácil.

A minha e a de milhares de pessoas, porque esse, infelizmente, é um mal comum. São os primeiros da classe, os que não podem falhar, os que estão sempre na fileira de fogo, comendo bala e achando ótimo.

E de primeiros da classe está cheio o mundo. Se você também está nessa vasta equipe, posso, quase com certeza, fazer sua biografia.

Você começou em pequena, nem se lembra quando. Era uma menina ótima, ativa, sempre pronta. Medo, você vencida. Se tinha uma árvore a escalar, você estava pronta, mesmo se aterrorizada, ou, caso você seja menina de cidade, nunca se furtou a uma brincadeira mais violenta no *play-ground* ou no colégio. E sempre aceitou qualquer desafio. Sobretudo isso, um desafio equivalia para você a uma ordem. Bastava alguém dizer alguma coisa e você logo perguntava: "Dúvida?", quase precisando da dúvida para mostrar que você era capaz, que você podia, que você tinha força.



Talvez não tivesse. Mas era melhor se rebentar num tombo, esfolar os joelhos, do que confessar-se incapaz. E além disso, aposto, você era prendada. Sabia fazer aquelas pequenas tarefas domésticas que a mãe ou a avó lhe ensinavam, esmerava-se no resultado.

Aliás, o resultado é assunto fundamental. Ele tem que ser perfeito. Você não é perfeita, e sabe disso, mas, dentro do possível, o resultado tem que ser até melhor do que você própria. Se faz tricô, o ponto fica igualzinho a ponto de máquina. Se costura, o avesso da costura é primoroso, tudo bem acabado, tudo limpo, pontos iguaizinhos, ausência de fiapos. Se cozinha, mas certamente você cozinha, o faz com absoluta categoria, com cuidado nos molhos, na apresentação dos pratos, no ponto exato da calda.

Mas suponhamos que, por uma série de coincidências, você não seja chegada às chamadas prendas do lar. Não importa, assim como foi menininha esperta, e adolescente brilhante, é hoje mulher competente. Você é secretária? Meu Deus, que eficiência insuportável, não esquece nada, não rasura cartas, lembra o aniversário de todos os filhos do patrão, seus compromissos, seus remédios. Você, diz ele freqüentemente, é uma secretária magnífica.

O que seu patrão não sabe é que você seria magnífica em qualquer coisa que cismasse fazer, bastando aquela qualquer coisa entrar na sua alça de mira. E, aliás, você já tentou várias coisas. Não é essa sua primeira ocupação, e não será a última. Desde cedo começou a experimentar. E hoje, olhando seu currículo, você se surpreende de ver quantas coisas você já fez, e tão bem feitas. Coisas até desconhecidas, fora da sua área do trabalho atual, denunciando uma época em que, procurando, você testava para ver onde conseguiria dar o pulo maior. E mesmo agora, já com sucesso no seu meio e elogiada pelos colegas, você acha que há muito ainda por fazer, que sobra ainda muito espaço para você crescer.

E crescerá, não tenha dúvidas. Com essa determinação que você tem, com esse perfeccionismo quase asfixiante, não há dúvida de que tem por onde crescer.

Mas, às vezes, na correria entre uma tarefa e outra, no arremate final de um trabalho mais difícil, você mesma se pergunta: isso é bom?

E a pergunta é difícil de responder. Isso tem um lado bom, que é o do resultado. Não é à toa que a gente se esmera tanto. O resultado é em geral excelente. E resultado não é só a bainha bem acabada de um vestido ou o artigo bem-feito. É o resultado global, a segurança que a gente transmite a

quem nos chefia ou a quem nós chefiamos, a certeza estabelecida na praça quanto à nossa competência, ou a tranqüilidade com que a nossa família sabe que pode contar com a gente, em alto nível.

Esse é um resultado social. E é importante. Mas existe outro tipo de resultado, igualmente importante, que é o individual. Está bem, você fica satisfeitíssima cada vez que aceita e resolve competentemente um serviço. Mas não se sente, muitas vezes, sobrecarregada? Não se sente, e esta é a palavra exata, morcegada? Você faz tudo, você toma a costura da mão de sua amiga para mostrar a ela o jeito certo, você acaba o serviço da prima que não sabe fazer direito, você quebra o galho da vizinha que está acamada, você resolve aquele problema no escritório que ninguém conseguia resolver. E acha que está bem, que é melhor que os outros, um tanto superior.

Mas você tem seu próprio trabalho, sua costura, sua casa. E então acumula dois serviços, o seu e o do outro. No princípio, por escolha, aos poucos por imposição. Sim, porque é claro que vendo sua disposição, seu élan por fazer as coisas todas, os vizinhos, os primos, os amigos, os colegas vão deixando para você parte do serviço deles. Basta dizer: "Fulana, você que faz isso melhor do que eu..." e lá vai você, com seu espírito de Florence Nightingale, pronta a resolver o difícilíssimo problema que só a sua capacidade pode levar a bom termo. E eis aí, aberto e livre, o caminho da exploração.

Se você é do nosso time, tenho a certeza de que é o apoio de toda a família. Basta haver alguma dificuldade, para você ser convocada. Você é aquela que empresta dinheiro, tradição firmada desde pequena, quando dava ao irmão ou irmã parte da sua mesada. Você é a que apartava as brigas, que resolve questões familiares, que é o esteio dos irmãos. Você é, enfim, aquela a quem todos recorrem na hora da aflição.

Eis aí aberto e livre o caminho do sofrimento. Porque você acaba virando o pára-choque de todos os traumas emocionais da família, traumas que você absorve em profundidade enquanto os diretamente envolvidos, tendo descarregado em você as ansiedades, vão em frente serenos e tranqüilos. A impressão que você tem, às vezes, é a de que sua família só existe para lhe dar preocupações. E é verdade, porque é na hora das preocupações que eles procuram você, e você se transforma em patriarca da estirpe.

"Por que eu?", você se pergunta às vezes, quando, abafada, resolve

mais uma complicação alheia. Porque você se ofereceu para esse papel, desde sempre. Porque você tem aceito esse encargo ao longo dos anos. Porque agora eles esperam e exigem que você os atenda, que você os entenda. E no fundo você sabe, ou teme, que recusando-se subitamente ao papel atrairia o ressentimento, o ódio até. "Como, se ela faz para todo mundo, não quer fazer por mim?", se perguntaria o outro. "Como, se ela sempre me socorreu, agora se recusa?" "Como, como se atreve a me deixar à míngua de afeto quando eu confio tanto nela?"

E esse tipo de acusação você não aguenta. Então vai e socorre, entre o satisfeito e o infeliz, entre o voluntário e o obrigado. Mas socorre, e por mais que você se queixe, haverá outra vez, e outra e outra.

Por que essa sensibilidade ao ressentimento alheio?

Porque é somente para garantir o amor dos outros, somente para ser aceita que você se transformou na primeira da classe.

Tudo levou você desde cedo para isso. Em casa, na escola, nos livros, na religião, você encontrou a mesma constante: os bons serão premiados, os maus serão castigados. E você queria ser premiada, queria o prêmio maior que é ser amada. Então decidiu ser boa. Se você fosse boa teria seu prêmio, seria amada e querida, apesar de ser magra ou baixinha, de não ser loura de cachos como sua prima, de ser a última filha ou a primeira ou a do meio ou até de ser a única, apesar daquilo tudo que você vivia como sendo terrível defeito, que, na sua imaginação, impediria que você fosse amada.

Mas você seria boa. Então começou o aprendizado das virtudes. Faça aquilo, e você fazia. Aprenda isso, e você aprendia. Acorde, vá dormir, escove os dentes, não responda a seu pai. E você ali, obediente, fazendo tudo o que queriam e nada do que não queriam, escovando os dentes após o comer e lavando as mãos antes de sentar à mesa.

Mas ainda assim não se sentia amada. O defeito, os defeitos não desapareciam, todos continuavam tratando você como morena e não como loura. Então você pensou, sem formular direito o pensamento, porque você era pequena e pensava tão fundo que nem ouvia o silêncio das suas frases, então você pensou: "É que eu não estou sendo boa bastante, eu não estou sabendo ser boa".

E se esmerou mais, e lavou as mãos mesmo depois das refeições e escovou os dentes também depois de levantar da mesa. E fez tudo o que mandavam. E vendo que não adiantava inventou coisas novas para fazer, e aprendeu a fazer vestido de boneca ou a bordar ou a cozinhar, ou a subir em

árvores, e foi ficando tão eficiente que logo competia com as outras meninas que não costuravam tão bem, e até mesmo com os meninos que tinham medo de cair do galho mais alto.

Você foi se aperfeiçoando na bondade. Mas o prêmio que você queria não era como uma estatueta de ouro que se segura entre as mãos e se mostra ao público. O prêmio que você queria era impalpável, invisível aos olhos dos outros. Só você saberia quando ele lhe fosse dado.

Houve momentos, muitos, em que você pensou estar com o prêmio. E outros, tantos, em que pensou que não havia sequer prêmio algum ou que, se havia, ele nunca seria seu. Momentos em que você, tão boa, tão esforçada, sentiu-se quase perseguida, quase injustiçada. Era um amor especial de um homem especial que você não conseguia ou era uma relação de amizade que não dava certo. Suas amigas gostavam de você, gostavam até bastante, mas volta e meia lhe abandonavam, lhe trocavam por outra amiga menos dotada. E você não entendia.

Tem muita coisa que a gente não entende. Até mesmo que nossas virtudes exacerbadas possam incomodar os outros. Possam, para os outros, pesar como censura. Está certo, você achava sua prima, a dos cachos louros, tão mais bonita do que você, mas vivia dando pequenas aulas a ela, e era aquela cujo serviço você acabava, porque ela não sabia fazer direito. Você disse a ela que achava ela tão linda? Provavelmente não. O que ficou para sua prima foi a sensação de estar sempre abaixo, sempre esmagada pela sua capacidade. Quem sabe, você era citada pela mãe como exemplo: olha só como tua prima escova os dentes direitinho! E a pobre ali, cheia de cachos mas sem perfeição. Até o dia em que achou uma amiga menos perfeita e preferiu brincar com ela.

E você sofreu. Desta e das outras vezes, amargamente. Tão amargamente quanto era profunda sua incompreensão. Se se esforçava tanto, por que as coisas não davam certo?

E agora, você, lendo, pergunta espantada: "Quer dizer que as primeiras da classe são umas mal-amadas?"

Não são. Digo e provo com um exemplo bastante característico. A moça do exemplo tem vinte e quatro anos, é bonita, até muito bonita. Excelente cozinheira, ela também sabe pintar e gosta de bordado. Canta, dança. Trabalha muito, até demais. É atriz, vedete. Seu nome é Sandra Bréa.

Sandra Bréa é mal-amada? Nunca. Ela é uma das namoradas do Brasil, tem admirador em qualquer cidade deste país, recebe centenas de

cartas de amor, centenas de propostas de casamento e não casamento. Sandra Bréa flutua na admiração geral. Para alimentar essa admiração ela dorme apenas cinco horas por dia. Acorda, "despacha" ao telefone, dá as ordens domésticas às empregadas para que a casa tenha bom andamento, e sai. No seu dia têm que ser encaixadas: as gravações, as sessões de cabeleireiro e maquilador para essas gravações, os ensaios eventuais, prova de roupas, aulas de dança, aulas de canto, fotos e entrevistas para a imprensa, fotos para algum eventual comercial, e, por que não?, as suas refeições, por mais frugais que elas possam ser.

Por que correr tanto? Diziam que era pelo dinheiro, mas ela afirma que o dinheiro só lhe serve para viver e que sua carreira é mais importante (afirmação possível, evidentemente, de quem já ganha bem mais do que o estritamente necessário "para viver"). A resposta ela mesma dá: "Porque quero me comunicar. Ou seja, porque quero ser entendida, ou seja, ainda, porque quero ser amada".

E para ser amada, Sandra obedece às velhas leis da perfeição, como qualquer primeira da classe: "Tenho sempre que dar o máximo. Pouco não me basta, quero sempre mais".

Sandra casou, e o casamento não deu certo. E verdade que a carreira tomava muito do tempo que ela esperava dedicar ao marido, mas ela tentava compensar com suas qualidades. Não deu certo assim mesmo. Desquitou. Mas ela não pode falhar. E já diz que vai tentar outra vez. E desta vez, pensa ela, tudo vai dar certo.

Ser primeira da classe, como você vê, pode dar ótimos resultados. Não era isso que dizíamos antes? Pode levar uma moça de apenas vinte e quatro anos ao estrelato, pode fazer grandes escritores, grandes chefes de empresa, e todas as *self-made persons* começaram levadas por esse impulso rumo aos primeiros lugares.

Mas pode dificultar muito a relação a dois. E esse é o grande perigo.

A primeira da classe espera sempre vencer pelas suas qualidades. Não foi isso que lhe foi ensinado? E não foi nisso que ela se apoiou a vida toda? Então, quando aquele namorado se revela difícil, temperamental, talvez até nem tão apaixonado, ela se propõe conquistá-lo definitivamente, graças à sua capacidade de ser boa. Ela fará tudo o que for necessário, suportará seu mau humor, agüentará seus coices, perdoará suas traições. Crente de estar assim conquistando seu amor.

Inutilmente crente porque, na maioria das vezes, ele irá embora,

trocando-a por outra não tão boa, mas mais real, e deixando-a desarvorada. Ele irá embora por não agüentar tanta perfeição, que realça ainda mais os seus defeitos. Ele irá embora porque precisava de uma pessoa de igual para igual e não de uma mãe toda misericordiosa. Ele irá embora porque o sempre bom é sempre vítima, e ele não quer viver com uma vítima, não quer ser carrasco de ninguém. Ele irá embora porque ficou o tempo todo esperando uma reação normal, de revolta, e essa reação não veio.

A relação a dois é uma relação dinâmica. Quando um agride e o outro reage, desgasta-se a agressividade sem maiores prejuízos para uma das partes. Mas quando um agride e o outro não reage, é como dar um soco numa almofada, e o soco não satisfaz, pelo contrário, deixa uma culpa funda, que se transforma aos poucos em ódio pelo outro.

Aí está como se pode odiar uma pessoa que é tão perfeita, uma pessoa que todos, fora da relação, elogiam.

E aí está o ponto em que ser primeira da classe se torna doloroso.

Para evitar a dor seria preciso entender o mecanismo que nos leva adiante aceitando todos os trabalhos, vencendo todos os limites, lutando sempre para alcançar mais e mais. Seria preciso perceber que a perfeição é impossível, que é pretensiosa e agressiva. Seria preciso aceitar nossos defeitos.

Isso seria apenas o começo, o mais fácil início. Porque depois seria necessário oferecer aos outros os nossos defeitos, com todos os riscos de ser recusada, com todo o perigo de não ser amada, de ver uma porta, duas, três, fechar-se diante da nossa cara.

Para se ter um bom amor é preciso perder alguns amores menos importantes. Porque quem nos ama a fundo precisa nos amar com os defeitos expostos como as qualidades.

E só quem nos ama realmente ama nossos defeitos. Então é preciso escolher os poucos amores profundos em troca de tantos amores superficiais.

Isso é o que a primeira da classe não sabe fazer: assumir seu lado menos glorioso, menos admirável. E deixar que esse lado seja visto. Dizer bem alto: "Não sou boa", e esperar ser amada assim mesmo. Pensar: "Não sou loura", e ter a certeza de que há alguém que gosta de morenas.

Mas isso pode ser aprendido, num exercício de coragem. E uma coisa é certa: essa é a única tarefa que, embora bem acabada, não lhe dará troféu de primeira da classe.

## **ESTA COMPLICADA HISTÓRIA DE TER DE FAZER CONCESSÕES**

Ceder, conceder, amoldar-se, chegar um pouco para lá. Quem não se curva ao sabor das necessidades? O homem é apenas um caniço, dizia Pascal. Mas como estabelecer o ponto em que ceder deixa de ser um ato de generosidade para transformar-se num gesto de covardia? Como marcar o limite em que a concessão abre caminho à sua submissão? Onde fincar o pé em defesa da própria individualidade, sem que isso seja um grito de egoísmo? O homem é um caniço pensante, reescreveria Machado de Assis.

Há muito a mulher concede. Concede a honra dessa valsa, concede a mão em casamento. No papel passivo em que se viu trancafiada pela sociedade, a concessão foi o que lhe restou. Concedendo, fingia dar aquilo que, de qualquer forma, lhe seria tomado. Submissa, brincava de generosa, de altaneira.

Desde pequena, o aprendizado: "Minha filha, deixe essas brincadeiras para os meninos, você é mais ajuizada". E a longa doutrinação. A mulher devia conceder-se ao marido, embora o desagradável do sexo. Devia tolerar as traições, embora a humilhação. Devia suportar-lhe a arrogância, embora a revolta. Era papel da esposa ceder e amoldar-se para proteger o casamento.

Mas ao longo de tantos anos de concessões unilaterais, o casamento não foi protegido nem melhorado. Foi apenas e simplesmente suportado debaixo de uma pesada carga de ironia, caminhando para a decadência e a desintegração que hoje em dia se tentam evitar.

Troca-se então a palavra casamento pela palavra relação. Evita-se enfocar a união legal de duas pessoas como um contrato que pudesse estar envolvendo interesses econômicos e sociais. E, embora esses interesses estejam em jogo, procura-se salvá-los a partir do relacionamento profundo e não das aparências.

Maria agora sabe que não é só a ela que cabe ceder. Maria sabe que

tem direitos. Talvez não tenha descoberto ainda sua real extensão. Mas já foi informada de que João também deverá abrir mão de pequenas e grandes coisas para que os dois possam continuar juntos.

Ambos, no período que antecedeu o casamento, e mesmo depois, ouviram — e ouvirão muitas vezes — a modesta frase-chave de nossa sabedoria matrimonial: "O casamento é feito de concessões". E só depois das brigas se perguntarão, em silêncio: "Até onde?"

Maria quer ir ao cinema. João não quer. João está cansado do trabalho. Maria também está cansada do trabalho. Mas o trabalho de Maria é doméstico, ela não saiu de casa o dia todo, lavou, passou, cuidou das crianças, cozinhou. Só ouviu voz de rádio e televisão. Falar, não falou com ninguém. João falou, mexeu-se, andou pela rua. Quer sossego, enquanto Maria quer movimento. Quem deve ceder?

O comum é Maria ceder. Por quê? Porque o trabalho de João rende dinheiro no fim do mês e, por isso, é considerado mais importante. Porque estabeleceu-se que o trabalho de João é mais cansativo. Porque a própria Maria, sustentada por João, sente-se culpada e tende a favorecê-lo, a "pagar" de alguma forma por aquele dinheiro que gasta nas compras de todo mês.

Mas Maria gosta de ceder? Ela não escolheu o trabalho doméstico. Apenas soube, desde sempre, que ele lhe caberia. Ela não escolheu ser sustentada. Apenas aceitou, desde sempre, que seu trabalho não fosse remunerado, apesar de ser, ele também, um trabalho indispensável à família e à comunidade. Ela não pediu para ficar em casa, simplesmente foi posta ali. O cinema não é importante. Importante é sair. Importante é fazer uma reivindicação e ser atendida, não por força, mas por afeto. Importante é saber que o marido sente e conhece seu sacrifício, assim como ela conhece e respeita o dele. Então, antes de pedir e aceitar a concessão de Maria, caberia a João ver a importância do pedido de Maria. Não do pedido em si, mas do que se esconde por trás dele, do que realmente significa. E pesar o que vale realmente mais, se descansar como o corpo pede ou sair como o afeto manda.

Estão Maria e João preparados para isso? Ao formular a famosa frase "casamento é conceder", talvez o erro tenha sido apenas de duas letras. Mais certo seria dizer "casamento é conhecer". Conhecer a si mesmo, conhecer o outro. Ou pelo menos tentar conhecer. O pedido, seja qual for, é sempre motivado por uma necessidade, superficial ou profunda, às vezes



aparente, mas geralmente escondida. Para saber a importância real do pedido, é necessário saber a real importância da motivação.

Evidentemente, é necessário um critério mínimo. Se ele, de repente, está com desejo de sorvete de amora, o mais provável é que esteja mesmo com desejo de sorvete de amora, enquanto você quer o de bacuri. Mas, se, ao fim de um jantar esplêndido, requintado, no qual você se esmerou especialmente, ele recusa a sobremesa para pedir uma banana, é mais provável que esteja querendo opor uma simplicidade rústica ao seu requinte, ou "desequilibrar" o equilíbrio do jantar que você se esforçou por conseguir, ou, em suma, agredir você. Mesmo que desejasse realmente uma banana, saberia respeitar a sua pequena cerimônia doméstica, deixando a banana para outra hora e aceitando a sobremesa que você havia escolhido para ele.

O problema não é apenas conceder ou não conceder, é saber o que se está concedendo, e por quê.

No caso da sobremesa, o que conta não é você servir logo uma penca de bananas, embora magoada com a recusa à sua *mousse*. O que interessa é esquecer a banana e a *mousse*, e procurar descobrir, se possível juntos, por que motivo ele quis agredi-la, por que razão você se sentiu agredida, o que aquele jantar esmerado representava para você como dádiva de carinho, como ele "sentiu" o jantar, e assim por diante.

O mais provável é que, ao longo da procura conjunta, coisas bem mais importantes venham à tona, quando então será, ou não, o caso de conceder, mas com um perfeito conhecimento de causa.

"Eu sou a mais cordata, vivo concedendo. E nem por isso a relação melhora. Quanto mais dou, mais ele pede. Ou, pior ainda, finge que não percebe."

Quantas vezes frases como essa foram ditas? Um dos dois considera-se mais generoso do que o outro, é o que diminui o passo, o que abre mão. Mas, em vez de usufruir dessa generosidade, sente-se lesado. Faz tudo para agradar, e não agrada na medida do seu "tudo".

Surpreendente seria se agradasse. A família é uma célula social, miniatura do complexo social que a cerca, e, como tal, regida pelas mesmas leis que regem a sociedade. Como a sociedade, portanto, a família e a relação a dois em que a família está baseada vivem da dinâmica dos opostos. Vivem do equilíbrio entre duas vontades frequentemente em oposição. A oposição não é apenas necessária, é indispensável à evolução

do relacionamento.

Quem sempre cede estará retirando sua oposição, negando o valor de sua própria vontade. Quem sempre abre mão nega a importância de seus desejos e, em última análise, de sua personalidade. Quem não luta para receber, mas se esforça apenas para dar, está constantemente se apagando.

Como pode uma relação entre duas pessoas ser equilibrada e boa, se uma das duas pessoas teima em não existir?

Antônio casou com Wilma. Ela era jovem, esfuziante, bonita. Antônio gostou dela e por isso a escolheu. Mas Wilma havia sido bem doutrinada: postas as alianças, começou a se amoldar a Antônio. Só fazia as comidas de que Antônio gostava, só vestia as roupas que Antônio escolhia, só expressava opiniões gêmeas das de Antônio. Antônio procurava Wilma e só encontrava Antônio. Mas era com Wilma que se havia casado e com Wilma que queria viver. Então, começou a exigir Wilma. Reclamava das comidas, e ela, humilde, providenciava outras; reclamava das roupas, e ela, dócil, trocava; reclamava das opiniões dela, tão iguais às dele, e ela, triste, se calava.

Antônio chamava Wilma, e Wilma teimava em se esconder. E quanto mais Antônio reclamava, tanto mais Wilma se "amoldava". E amoldando-se parecia irritar Antônio ainda mais, e não entendia o que estava acontecendo, e chorava escondida, e se queixava com as amigas, e as amigas — que também haviam sido doutrinadas como Wilma — diziam que Antônio não passava de um canalha, que Wilma era uma santa, que ele não a merecia.

E quando Antônio, cansado de insistir, acabou procurando outra mulher, talvez até parecida com a Wilma de antigamente, as amigas, indignadas, disseram em coro: "Depois de tudo o que ela fez por ele!"

Wilma era uma "santa mulher". Mas o caso era que Antônio não queria uma "santa". Queria apenas uma mulher, de preferência aquela com quem havia se casado.

Quantas "santas mulheres" tomam ao pé da letra o ensinamento que tantas vezes ouviram e recebem o mesmo tratamento de Wilma? E quantas continuam se esforçando na mesma direção, mesmo depois que o casamento seguiu rumo desastroso, sem perceberem (ou negando-se a perceber) que foi exatamente esse procedimento excessivamente submisso a causa do desastre?

"Nosso casamento é perfeito. Nós nunca brigamos."

Essa é uma frase da qual convém desconfiar.

A ausência de brigas, assim colocada, deveria significar a ausência de conflito. Mas o conflito é necessário e inevitável, quando um quer ir para a direita e o outro quer ir para a esquerda. A briga é, muitas vezes, o ponto de partida para que se chegue a um conciliatório caminho do meio, ou mesmo para que um dos dois perceba o erro da sua escolha e adote a preferência do outro.

O ódio — que explode nas brigas — é tão intenso como o amor, e tão próximo dele que com ele se confunde. Quem ama odeia e volta a amar. Quem ama não precisa temer o ódio, porque não teme em nenhum momento destruir o amor. Sabe que, intenso, ele tornará a dominar a relação, até nova explosão, e assim por diante, dinamicamente.

Quem teme o ódio, esta sim, deve temer por seu amor. Porque negado o ódio — evitando a qualquer preço as brigas — estará represando um sentimento intenso e poderoso que, filtrado sorratamente na relação, tende a miná-la cada vez mais de forma irremediável.

Então, é necessário opor-se, é necessário brigar — ou melhor, obedecer ao impulso de briga.

Mas em que limites? E como?

Adélia saiu da casa dos pais para a casa do marido. Adélia deixou de ser filha apenas para passar a ser esposa. Adélia esteve sempre sob o domínio de um homem. Até o dia em que, rompendo o círculo familiar, Adélia foi trabalhar por súbita necessidade econômica, ou foi estudar por súbito interesse em aprender, ou ingressou em qualquer agremiação ou clube. E começou a lidar com outras mulheres, diferentes dela, mulheres mais assumidas, em busca de libertação. E Adélia começou a ouvir um novo tipo de doutrinação. Ela precisava ser ela, precisava tomar seu lugar na sociedade, precisava defender seus direitos. Adélia ouvia as coisas ao mesmo tempo com espanto e prazer. A música era agradável.

Mas Adélia não tinha preparo para ir à origem dos sons nem para estudar a pauta em profundidade. Simplesmente resolveu tocar a música em casa. E então estabeleceu-se entre Adélia e o marido uma relação em que ela sempre queria fazer prevalecer sua vontade — afinal, tinha que lutar por seus direitos —, sempre apresentava exigências novas e recebia tudo o que contrariava seus desejos como um insulto a ser respondido com veemência. Adélia estava em pé de guerra. O marido "não reconhecia mais a mulher". A família de Adélia surpreendia-se. E logo levantaram-se os murmúrios: "Essas feministas põem qualquer casamento a perder".

Adélia não teria posto seu casamento a perder se não tivesse ouvido as outras mulheres. Adélia não teria posto seu casamento a perder se não tivesse saído de casa. Adélia não teria posto seu casamento a perder se não tivesse, de repente, começado a fazer exigências. Essas são as conclusões mais freqüentes e imediatas. Mas talvez devêssemos procurar outra conclusão.

Adélia deixou de ser Adélia por um tempo excessivo. Nunca fez exigências, nunca se colocou em primeiro lugar. Quando a necessidade de fazê-lo apareceu, ela foi ao pote com excessiva sede. Bebeu depressa demais, entornou água, engasgou-se.

Talvez Adélia devesse ter começado bem antes a exigir e a ceder, em igual medida; antes de deixar a casa do pai. Deveria ter ido para o casamento já pronta como ser humano, e não apenas entregando a outro homem o bastão de comando.

Para o marido, que nunca tinha ouvido exigência alguma, que sempre tinha tido na frente um ser submisso, a mudança súbita e radical de Adélia só podia constituir uma ameaça. Ainda mais porque ela o colocava como principal responsável por seu longo adormecimento. Adélia em pé de guerra só podia fazer com que o marido desenterrasse a machadinha, começando a dança mortal.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Mas o que é o mar e o que é a terra?

"Não custa nada ir à festa a que não quero ir, mas da qual ele faz questão." Não custa nada? Então vá. "Vai ser um sacrifício, mas vou àquela festa da qual ele faz questão." Vai ser um sacrifício? Pense duas vezes. "Tenho horror de ir a essa festa, mas, se eu não for, ele vai ficar me infernizando a vida; então, melhor me chatear indo do que ter que enfrentar discussão." Melhor? Tem certeza? Por que tanto medo de enfrentar discussão? Porque a discussão não leva a nada? Se é isso, reformule a discussão, ela pode ser útil. Ou porque discussão leva as pessoas a dizerem verdades que você não quer ouvir? Ou porque ele está certo, a festa vai ser boa, ele tem direito de ir, mas você não está com vontade e prefere fingir que cede, e conservar sua irritação? Ou...

Quantas possibilidades existem para explicar o seu desejo e o dele? Infinitas. E para cada possibilidade haverá uma solução diferente.

Assim como não existem casais típicos, também não existem situações idênticas. Não há como dizer: ceda — resista. Pode-se apenas

sugerir: reflita. Ou, indo um pouco além: ceda, quando isso não trazer danos à sua individualidade, e resista firmemente, quando for necessário à manutenção da sua personalidade e, conseqüentemente, ao bom fluxo da relação. Mas que nem um nem outro gesto seja leviano, irrefletido. Pensar, pensar em voz alta, pensar com o outro pode levar, senão à solução, pelo menos ao diálogo.

É provável porém que o exigir e o ceder se tornem mais fáceis para as gerações futuras. Antes, as duas possibilidades eram vividas, desde a infância, como opostas, inconciliáveis e extremas. A criança não podia contrariar de forma alguma a vontade dos pais ou dos mais velhos. E quando o fazia, era sempre de maneira dramática, entre gritos e prantos, acabando a cena com castigos e repreensões.

Hoje, em muitas famílias — mas seriam mesmo muitas? —, o diálogo entre pais e filhos começa a ser estabelecido desde cedo. Procura-se o porquê das vontades. Tenta-se explicar o porquê das negativas. Tenta-se, na medida do possível, respeitar os desejos das crianças.

Já se sabe que a individualidade é importante e que o respeito é algo bem maior e mais profundo do que a simples delicadeza das palavras. Não é preciso ser "obediente" para ser bem-educado. É preciso ser antes de tudo razoável.

Talvez o estabelecimento do diálogo desde cedo venha a criar o hábito do diálogo. Um hábito a ser mantido o resto da vida, nas relações fundamentais que substituirão a relação pais-filhos. E não somente nas relações com os outros, mas sobretudo naquela relação doce e dolorosa que é a relação consigo mesmo.

## O MEDO DE ENVELHECER

Notícia recentemente publicada na imprensa brasileira dizia do espantoso aumento do número de homens que nos Estados Unidos — e não só nos Estados Unidos — se submetem à cirurgia rejuvenescedora. Planos especiais de fins de semana, de férias ou de "pequenas viagens", estão sendo oferecidos aos executivos que desejarem abater alguns anos debaixo dos olhos, na papada ou no conjunto. Breves ausências permitem colocar os mais maduros de volta nas fileiras dos jovens, supostamente os donos do momento.

Os homens começam, portanto, a viver o doloroso problema imposto às mulheres: terror da velhice, que há séculos atormenta suas vidas.

"Aproveita, querida. Porque agora, depois dos trinta, só faço aniversário de dois em dois anos." Assim a amiga me convida para a festinha de comemoração. Decisão clara, jogo aberto: levaria o dobro de tempo do que eu para envelhecer, pelo menos socialmente. Muitas mantêm-se em silêncio, nem fazem trinta; oscilam indefinidamente na faixa suspeita dos vinte e nove, respondendo com sorrisos às brincadeiras alheias, enquanto envolvem a verdade com disfarces, evitando ultrapassar a fronteira.

Por que trinta? Por que é a partir de onde se sai dos vinte. Ou ainda, porque é a partir de onde se começa a contagem para os quarenta. Os quarenta são a última etapa antes dos cinqüenta, para não dizer do meio século. E, além desses, despenca-se no abismo da velhice total.

Que abismo tão temido é esse?

Quanto mais belo e objeto for a mulher jovem, tanto mais objeto, e usado, será a mulher velha. E objeto que não se valoriza com o tempo, não se faz raro, valioso. A inteligência se valoriza, com o tempo, mas a inteligência não é um dom reconhecido na mulher, nem estimulado. E a vaga "sensibilidade feminina" que lhe foi praticamente imposta, como qualidade máxima, parece perder todo o seu interesse, à medida que

desaparece aquilo que se convencionou como feminino: a pele suave, as curvas macias, os cabelos brilhantes, a boca sensual, a disponibilidade com que ela estimula e erotiza o mundo a seu redor.

Houve um tempo em que, às qualidades inegáveis de um corpo jovem, substituíam-se outras. A mulher não era ainda a *cover-girl* do mundo; era pessoa, mãe, chefe — junto com o marido — de um clã, sua família. Quando ao redor da mulher reuniam-se filhos, noras, genros e netos, na constituição de um núcleo familiar bem maior do que o atual, seus cabelos brancos e suas rugas testemunhavam a sabedoria adquirida com o tempo, indispensável a todos e por todos reconhecida. Respeitavam-se os cabelos brancos. Respeitava-se a mulher. Hoje, os cabelos se pintam, a mulher se disfarça.

"Meu benzinho, não me chame de vovó, chame-me de Marta."

Ser avó significa permitir cálculos aos mais curiosos. Ninguém acredita mais naquela conversa de "me casei aos treze anos" — e mesmo os mais benévolos começam as contas a partir dos vinte anos. Não é difícil chegar-se à verdade. Seria possível escondê-la realmente? Há sempre uma colega de colégio que se lembra bem das datas, uma prima que não mente a idade e que estraga todo o trabalhoso esquema, um contemporâneo pouco cavalheiro. Enfim, a mulher mente, os outros fingem que acreditam na mentira, perdendo-se um pouco a exatidão dos números, ficando porém claro o sentido do embuste. É comum ouvir-se a respeito da idade de uma mulher, a frase-chave: "Ela diz que tem... "

As mentiras têm pernas curtas, mas o mais difícil é dar o primeiro passo. Quando começar a falsificar? O mais lógico seria começar bem cedo, em plena juventude, para estabelecer, enquanto ninguém suspeita dela, uma confusão difícil de desmanchar. Mas quem, aos vinte anos, pensaria sequer em dizer que tem dezenove — ou querer fazê-lo? Só quando a verdade começa a incomodar, pensa-se na mentira. Entretanto, quando ela nos incomoda, outros, numerosos outros, já perceberam.

No espelho, a primeira ruga no canto da boca não é ruga, é marca de expressão; e aquela teia fininha que começa a tecer-se ao redor dos olhos, e que a gente controla franzindo o rosto, é resultado do verão, muito sol, pele seca, problemas que o inverno e um bom creme resolvem. O grave são as rugas internas, as que não aparecem no espelho e que se descobrem de repente, fundas, e entretanto, invisíveis até então.

"Quando vi pela primeira vez minha filha beijando o namorado, senti

aquela facada no peito. Achei bonito, está certo, mas naquele momento me dei conta de que ela tinha passado para o lado de cá da vida, e eu, para o lado de lá."

A filha namorando, a filha amando, a filha feita mulher. Logo poderia ser mãe. E ela, avó. Ela do lado de lá da vida. Enquanto a filha era menina, era fácil iludir-se de estar sempre no mesmo ponto do tempo, ou de estar andando devagar. Baixavam-se as bainhas das roupas da filha, mudava-se o colégio, mas tratava-se sempre de uma criança — ou pouco mais. E ela, mãe de uma criança, continuava jovem. Mas a filha beija o namorado e não é mais menina. A ela, mãe de uma mulher, cabe aceitar a maturidade.

"Minha filha só namora depois dos quinze", diz a outra, "e só casa depois que acabar os estudos. Quero uma boa formação: faculdade, mestrado no exterior. Não vai fazer a bobagem de casar mocinha e ficar logo cheia de filhos." Até onde esse empenho em que a filha só se case bem tarde é realmente uma medida de proteção da garota e até que ponto tenta-se defender a própria mocidade é difícil dizer. Querendo estudar, a filha pode fazê-lo mesmo casada, mesmo com filhos, como fizeram tantas. Basta transmitir-lhe o amor pelo estudo, coisa que não se conseguirá fazendo do estudo um elemento proibitivo.

Elaborar corretamente a rivalidade natural que se estabelece entre mãe e filha é um dos pontos mais delicados e fundamentais na vida de uma mulher. É preciso saber que para assumir seu lugar na vida, ela precisa pisar lá onde agora estão os pés da mãe. O lugar de uma é, pelas próprias leis da natureza, o lugar da outra. Uma deverá avançar para que a outra se chegue. E é muito importante que isso seja feito sem lutas e sem amargura.

Às vezes, entretanto, é a própria filha que estimula a mãe a remoçar: "Vivia tristonha, maltratada. Achei que ela estava precisando de um empurrãozinho. Mandeï pintar o cabelo, mudei a roupa, enfeitei ela toda. Remoçou; acho até que reviveu. Agora, acho que vou mandar ela fazer uma plástica".

"Fiz a primeira plástica porque queria entrar para a faculdade e ia me sentir mal no meio de jovens. A segunda fiz porque, já tendo andado para trás, não podia me conformar em só andar para a frente."

Não é fácil a decisão da plástica. É a primeira quebra mais violenta do tempo. Para chegar a ela são necessários, em geral, meses de dúvidas, de consultas ao espelho, de consultas às amigas, de consultas a si mesma. Teme-se o resultado: "E se não ficar bem?" Teme-se o ridículo: "E se eu



ficar com cara de garotinha demais?" Teme-se aceitar que já se está precisando, que se está envelhecida. Pois para buscar uma cirurgia é preciso ter certeza de que ela é necessária, não só por fora como — e fundamentalmente — por dentro.

"Estou ficando velha. Meu rosto não é mais o que era. Eu gostaria de envelhecer tranqüilamente, mas não consigo. Não consigo me dar esse direito e sentir-me bem. Todas as minhas amigas já se operaram. Quando saímos juntas, pareço mãe delas. E ficam insistindo comigo: 'Faz plástica, você está um caco, você está se prejudicando, velhice não se usa mais...!' Pergunto a meu marido e ele não me ajuda: um dia diz faz, outro dia diz não faz, e na maioria das vezes diz faz o que você quiser. O que eu quiser! E eu lá sei o que quero? Quero mesmo é ter vinte anos e desconhecer esse problema."

Plástica nenhuma lhe trará de volta os vinte anos e o desconhecimento. Da cirurgia ficarão pequenas cicatrizes a serem escondidas pelo cabelo, o inegável bem-estar de quem atrasou os ponteiros e o desnível entre a idade real e a fabricada. O medo de, em breve (afinal, o que são cinco anos?), ter que fazer outra cirurgia ou ter que aceitar a realidade é jogado para diante. Abre-se então um hiato.

O desabafo da minha amiga é bem o testemunho da pressão exercida pela sociedade. Ela gostaria de envelhecer tranqüilamente, mas não consegue. Todas as amigas "remoçaram", ela envelhece mais a cada dia. A publicidade pressiona, o marido não pressiona por hábito, por comodismo, por omissão: "Faz o que você quiser". E ela já não é dona da própria idade. A não ser que se trate de uma mulher excepcional, seu ato de deixar-se envelhecer propositadamente será encarado como um "desleixo", quase uma falta de higiene.

E as mulheres começam a comprar cosméticos, vidrinhos que são a materialização de sua esperança de manter a juventude. No mesmo páreo da indústria dos cosméticos, mas muitas cabeças atrás, galopam as várias ramificações da moda (moda jovem, tecidos jovens, butiques jovens), os aparelhos de ginástica para manter a forma, os de massagem para eliminar a celulite, os térmicos para liquidar com as gordurinhas indiscretas, e toda uma parafernália que vai desde o rústico manual até a total sofisticação eletrônica. Ao redor dos aparelhos, armam-se institutos onde até a lama e o

simples esguicho de água são altamente faturados.

É nesse clima que uma Dra. Aslam surge e é coroada. Que se passa em seu famoso instituto na Romênia? Injeções, controle, pílulas, cuidados médicos. Mas, ao abordar o assunto Dra. Aslam, verificamos que a maioria dos nomes que freqüentam sua clínica com assiduidade são masculinos. Encontramos, mais uma vez, o problema velhice nos homens.

Os clientes da Dra. Aslam são na maioria homens públicos, que dizem necessitar da imagem jovem para manter o poder político. Mas quantos, não tão políticos, gostariam de se submeter às injeções salvadoras?

Sabemos que, em cada doze franceses, apenas um usa cremes anti-rugas. A proporção aumenta nos Estados Unidos, onde, em cada três, um apela para esse recurso. E o mercado de cosméticos masculinos aumenta vinte e cinco por cento ao ano, representando sete por cento do mercado total de beleza. Em ritmo crescente, os homens avançam rumo ao disfarce, aos cosméticos.

Não é difícil identificar a causa dessa marcha masculina ao rejuvenescimento. Recentemente, a imprensa brasileira publicou um anúncio que, debaixo da foto de um homem lendo a seção de empregos classificados, dizia: "Homens com mais de quarenta anos oferecem seus préstimos profissionais a empresas de pequeno, médio ou grande porte. Cartas para a Rua da Amargura, sem número". E, estranhamente, era patrocinado pelo Conselho Nacional de Propaganda, aquela mesma propaganda que transforma a cada instante o jovem em padrão ideal.

Envelhecer é, dentro da nossa sociedade, um problema estritamente ligado à classe social. A faxineira do subúrbio, com filhos a sustentar, marido a cuidar, mal-e-mal equilibrada na corda bamba que se estende entre seu orçamento e as despesas, dificilmente terá condições de preocupar-se com as rugas que marcam seu rosto. E mesmo que chegue a ter essa preocupação, está virtualmente impedida de repará-las, ou sequer de sonhar com uma plástica. Ao mesmo tempo, não está sendo compelida pelo meio, pois todas as mulheres que a rodeiam estão na mesma situação. O envelhecimento torna a adquirir então, por questões econômicas, a característica natural que tinha no início das coisas.

Por outro lado, a mulher de alto status, divinizada como objeto, vagando ao longo de um dia que se resume nos preparativos para a festa da noite, perde por completo o direito a qualquer mínimo estremeamento físico. A ela o envelhecimento não trará nenhum enriquecimento; não ficará

mais sábia, porque nunca se deteve para estudar os problemas da vida; não ficará mais inteligente, porque a inteligência é um pobre músculo atrofiado ao qual nenhum exercício foi proporcionado; não ficará mais interessante, porque nunca foi interessante. Ela foi e é apenas uma mulher bonita.

A dona-de-casa classe média encontra-se numa terceira posição, completamente diferente das outras duas. Não está excessivamente ocupada pela educação dos filhos e pelos cuidados com o marido, o equilíbrio orçamentário doméstico está mais ou menos estabelecido; ao mesmo tempo, não é especialmente bonita, nem sua eventual beleza é considerada atributo máximo em seu meio. Há nela, porém, uma sensação de vida mal vivida, ou não vivida em sua totalidade; uma ansiedade de realizar coisas que se perderam, engolidas pela rotina doméstica, sonhos românticos de um grande amor, esperanças secretas de que algo aconteça e, como um clarão, ilumine todo o resto. Ela não pode se resignar a envelhecer, porque ainda nem sequer amadureceu.

Na verdade, ninguém resigna-se a envelhecer. Envelhecer equivale a aproximar-se da morte, e a morte é o grande adversário. Para escapar à idéia do fim, de encerramento de tudo, que lhe é insuportável, o ser humano defende-se estruturando mitos de recomeço. A todo primeiro de janeiro, a vida inicia-se novamente: são o carnaval das festas de *revéillon*, as panelas "velhas e as louças desbeijadas jogadas pela janela na tradição italiana, as cerimônias primitivas em que se tenta obter o máximo de barulho para espantar os demônios. E a vida recomeça também na primavera, na fecundação da terra que, em novo ciclo, dará novos frutos. A vida recomeça ainda em praticamente todas as religiões, depois da morte. Mas esse é um reinício do qual ninguém quer se aproximar.

Tenta-se afastar ao máximo o encontro com o destino maior. Os avanços da medicina e da ciência permitem fazer do prolongamento da vida um fato concreto. Vive-se mais hoje do que se vivia ontem. Mas esse aumento de vida coincide com um desvirtuamento da essência da vida, e, embora mais longa, esta tende a tornar-se menos satisfatória. Segundo Norman O. Brown, em seu livro *Vida contra morte*: "O instinto da vida exige um tipo de atividade que, em contraste com o modo comum de atividade, só pode ser chamado de lúdico. O instinto da vida também exige uma união com os outros e com o mundo à nossa volta, não na angústia e na agressão, mas no narcisismo e na exuberância erótica... O instinto da morte só se reconcilia com o instinto da vida numa vida que não seja reprimida,

que não deixe quaisquer linhas não vividas no corpo humano, sendo então afirmado o instinto da morte num corpo que está disposto a morrer".

Para estar disposto a morrer é preciso, portanto, ter esgotado todas as possibilidades lúdicas, ter vivido a vida em todas as suas linhas. E para isso é necessária a união com o outro e com o mundo todo ao redor.

Ora, repressão e violência são hoje realidades de todas as civilizações, o outro distancia-se cada vez mais, e o mundo é um excesso de notícias que não conseguimos absorver. Vivemos cada dia mais trancados em nós mesmos, sem alegria e sem prazer. O instinto da vida, desvirtuado, nega o instinto da morte: o corpo, mecanizado, não está "disposto a morrer".

Se essa disposição à vida eterna em terra é igual tanto no homem quanto na mulher, por que só as mulheres mentem a idade?

Primeiro, nem só as mulheres mentem a idade. Apenas, mentem mais e convencionou-se que elas mentem. Ao estabelecer que envelhecer era vergonhoso para a mulher, a sociedade estabeleceu uma série de pequenos rituais aparentemente gentis, que visavam, na realidade, a reforçar este sentimento de vergonha. Não se pergunta a idade de uma senhora. Uma senhora tem direito de dizer a idade que bem lhe aprouver, sem despertar — pelo menos, aparentemente — reações de surpresa ou hilaridade. Graças a estranhos trâmites, é comum as mulheres mentirem a idade até mesmo em documentos, sem que a lei lhes reserve por isso severos castigos. Enfim, respeita-se o mistério que se exigiu.

Já para o homem, envelhecer não é — ou talvez seja mais justo dizer não era — vergonhoso. Era apenas desagradável. A sociedade, porém, baseada no paternalismo e ainda submissa à imagem do patriarca, não permitia ao homem disfarçar esse envelhecimento. Embora fosse desagradável ficar calvo, era ridículo usar chinó; permitiam-se apenas tratamentos mais ou menos sigilosos: líquidos e pomadas esfregados no couro cabeludo entre as sagradas paredes do banheiro. Embora fosse desagradável ficar com o bigode branco, era estabelecido que a tintura dos mesmos se fizesse sem maiores alardes. E o avanço da idade compensava-se com o relato, entre amigos, de suas proezas sexuais.

Mas às mulheres, sobretudo as casadas, estavam proibidas as aventuras sexuais, e os relatos estavam fora de cogitação. No entanto, entravada em seu desenvolvimento pela própria estrutura social, a maioria

das mulheres só alcança a total maturidade sexual a partir, ou depois, dos trinta — idade em que, com a vida familiar já estabelecida, será difícil dar vazão a essa maturidade. Sobrevêm a frustração. Insatisfeita, a mulher recusa-se a permitir que essa mesma sociedade, que a manteve durante tanto tempo afastada da essência da vida, a jogue agora por cima da cerca, descartando-se dela. Ela é apta. Ela quer ficar na arena. Mentirá, se preciso trucidará seu rosto, esticará as rugas. Aceitará o jogo da sociedade, se isso for preciso para viver o jogo mais amplo da vida.

De nada adianta então doutrinar as mulheres para que passem a não mentir a idade. De nada adianta fazer da realidade dos anos uma posição feminina. Porque é um trabalho muito maior, de reconciliação da mulher com a vida. Um trabalho que não envolve apenas as mulheres, mas também os homens. Pois somente quando, juntos, conseguirem viver a vida profundamente, esgotando todas as suas linhas e reconhecendo a sua realidade, poderão caminhar sem medo para o grande adversário. O princípio da vida é irmão do princípio da morte. E negar o segundo exige esvaziar o primeiro de sua riqueza, abrir mão de sua plenitude.

## MULHER, MEU BEM-QUERER

Fim da década dos anos 70. Olho as minhas mãos no teclado da máquina, e percebo restos de massa ao redor das unhas. Massa de ravioli, que acabei de fazer porque hoje tenho convidados para jantar. Mas agora aqui sentada devo, quero, escrever um artigo sobre a posição da mulher ao término destes dez anos de pequenos e grandes avanços feministas.

A resposta, eu sei, está nas minhas mãos, cheirando a pão como as da minha avó e batendo rápidas nas teclas como as das minhas jovens irmãs. Pois não sou eu, ambígua e perplexa, dividida entre a farinha que se estala sobre a mesa limpa e as limpas folhas que esperam reflexões, não sou eu uma entre tantas, uma como todas, mulher?

Mulher, eu te amo tanto, e tanto te olho, com ternura te olho procurando entender. Tenho te procurado sempre, atrás da minha cara no espelho do banheiro, além do meu reflexo nas mulheres que passam. Tenho te procurado nas viagens, loura, preta ou morena. E tenho te encontrado às vezes, quantas vezes, no manso viver do cotidiano. Você me escreve cartas, pede conselhos, conta a sua vida. Eu não tenho as respostas salvadoras, não tenho as grandes soluções. Mas tenho hoje a certeza de que o teu problema é o meu problema, e a resposta devemos procurá-la juntas.

Não ousou dizer em dezembro de 1979 "A mulher está aqui", e com gesto seguro espetar a bandeirinha no gráfico da humanidade. Mas ousou, entre tantas e tão grandes diferenças, ver a semelhança maior, a ausência que nos unifica.

O que tem a ver comigo a prostituta que, em Amsterdam, se exhibe na vitrine? Lá está ela, de calcinha e sutiã ou só de calcinha, sentada numa cadeira que não lhe esconde o corpo, as pernas esticadas sobre a mesinha de modo a serem bem vistas, bem avaliadas, fumando um cigarro, lendo uma revistinha. Está à mostra, atrás de uma janela grande, uma vitrine, para que

o cliente possa refletir sobre a conveniência, ou não, de adquirir a mercadoria. Não está sozinha no seu comércio, há várias outras na mesma rua, e nas ruas adjacentes. Ruas do centro, decentes, onde passam a gorda senhora bem pensante de braço com o marido, a dupla de mocinhas, e onde eu, turista, paro. Há apenas uns poucos homens a mais que o comum. Alguns, mãos no bolso, testam rigidez. Quando um deles se decidir, tocará a campainha. A moça então, largando o cigarro com ar de enfado, fechará discretamente a cortina, até o final da sessão, quando acenderá novo cigarro e retomará o fio interrompido da fotonovela.

Uma mulher, trabalhando. E eu, que também sou mulher, e sempre trabalho, penso que gostaria de entrevistá-la, tocar a campainha, saber da vida, do como e dos porquês. E não consigo. Passarei naquela e em outras ruas semelhantes várias vezes sem encontrar coragem, dividida entre o erro e o acerto do meu pensamento. Um pensamento que funciona mais ou menos assim: "vou lá, toco a campainha, aí ela abre, vê uma mulher, e logo pensa que sou tarada, lésbica, sei lá, aí eu digo, moça, sou jornalista, gostaria de entrevistá-la, saber como se sente assim na vitrine, mas não quero lhe dar prejuízo, não quero tomar seu tempo, quem sabe pago a mesma tarifa dos cavalheiros". Um pensamento que odeio, porque vil e preconceituoso, e que me desnorteia; é dever de jornalista? É curiosidade malsã? É erro de perspectiva? É interesse humano? Mas não seria mais humano, em vez de querer saber como se sente na vitrine, procurar entender quem a botou lá, e lá a mantém?

Em fins de 1979 não me ocorreu entrevistar o homem que olha guloso, ou aquele que, apressado, acaba de sair. Como a moça de Amsterdam, me vejo na vitrine da vida esperando que os homens me digam o que fazer. E como ela, embora já consciente e rebelde, jogo freqüentemente de acordo com as leis que me ditam, passiva tantas vezes sem saber, mercadoria enquadrada em ferozes leis de consumo.

Em compensação, a feminista com quem conversei em Roma sabe tudo. Vou encontrá-la na sua sede, prédio antigo no centro da cidade, que o seu grupo invadiu e ocupou. Pertencia à prefeitura, agora pertence a elas, e para demonstrá-lo pintaram de acintoso amarelo o velho portão renascentista. Sentamos no chão do pátio. Há salas e cadeiras, mas percebo que a falta de formalismos é necessária para reforçar a recente descoberta

de que somos "companheiras". E me sento com prazer enquanto ela fala.

Invadiram o prédio porque queriam uma sede. Antes, quase todas de origem operária, atuavam no subúrbio, em espaços mal arranjados. Mas precisavam de um lugar maior. Pediram, não obtiveram, descobriram que esse prédio estava praticamente abandonado, e então uma noite entraram porta adentro e ficaram com ele. Aqui desenvolvem várias atividades. Subimos para ver. Numa sala há um grupo fazendo teatro, modelando máscaras (ela levanta uma máscara diante do próprio rosto, sorri, diz da sua felicidade em descobrir a arte). Outra é a redação do jornalzinho, do qual me vendem logo os dois últimos exemplares. É violento, dinâmico, razoavelmente bem-feito. Adiante, mais salas, salões, semivazios, quase depredados. Nas paredes, avisos, folhetos, um convite para quem quiser partilhar férias na garupa de uma moto, a convocação para uma reunião no dia seguinte.

Mas afinal, qual é a meta de vocês aqui? — pergunto. Ela me responde firme, encadeando chavões bem decorados, usando sua terminologia de combate. Entendo que reúnem grupos de mulheres, que fazem trabalhos coletivos, manuais, talvez, procurando ao mesmo tempo, e basicamente, criar no bairro uma consciência de mulheridade (e não digo feminilidade para não cair no engodo que a palavra pode representar). Corajosamente, anteciparam-se às leis italianas de legalização do aborto, praticando aborto ali, de forma ilegal, porém bastante aberta, com os modernos métodos de sucção. Essa terá sido, deduzo, sua fase mais atuante. Agora, é o que estou vendo.

Não há muita consistência ideológica por trás do jargão com que envolve esse panfleto vivo de longos cabelos e saia folk. Mas é fácil perceber que através dele ela saiu da fábrica, da monotonia anônima do trabalho em cadeia, do subúrbio ferozmente machista. No momento quer trucidar a sociedade, a começar pelos homens, quer tomar o poder, atear fogo às estruturas. Está cheia de verdades, certa de ter descoberto a resposta da vida. E marchando no exército das revolucionárias dos anos 70 se fortalece.

As donas-de-casa romanas, paulistas ou portuguesas, as esposas e mães não falam esse jargão, não querem atear fogo em nada, pelo contrário, querem preservar o pouco que pensam ter conseguido. Puxam a corda na direção oposta.

Mas sem perceber elas também fortalecem sua essência de mulher,



porque agora há uma corda, e uma força do outro lado. Uma força que a cada puxão obriga a refletir.

E é possível que acabem chegando juntas no fim da década de 80, partilhando não o radicalismo de uma única verdade, mas as muitas verdades de que a verdade se forma.

Quem somos nós, mulheres, depois desses dez anos dos quais apenas um nos foi dedicado, depois de nos reunirmos em congresso e em comissões, de lutarmos em movimentos, de escrevermos livros, de nos batermos em tantas frentes por nossos direitos usurpados?

Somos, sou, a mulher turca emigrada na Alemanha que em pleno verão anda pelas ruas de Colônia, de calças compridas sob o vestido, meias encorpadas sob as calças, um casaco de mangas compridas, bem abotoado, e um lenço na cabeça, preso sob o queixo, de modo a esconder a testa toda e os dois lados do rosto. Veste-se assim, para negar o corpo a olhares que não sejam os do marido, e este mesmo marido, que ao seu lado exhibe braços e peito na camisa aberta. À tarde, estranha pela pele e pelas convicções, se reunirá com outras de sua raça no gramado do grande parque. Levarão as crianças e grandes bolsas, onde caiba o de comer, e panos a costurar, e fios a tricotar. Ali, juntas, não serão mais estrangeiras, serão turcas na Turquia, mulheres entre mulheres, mães com seus filhos e afazeres, falando alto, o buço molhado de suor, o corpo salvo sob a couraça multicolorida das roupas.

As jovens mães da praia de Ipanema despem-se em tangas para dourar o corpo que à noite oferecem a todos os olhares na exibição coletiva das discotecas. Mas na luz mais tenra da manhã, tirando das grandes bolsas biscoitos e brinquedos para os filhos, sentadas em grupos à beira da água, conversando enquanto olham as crianças, o lábio superior lúcido de suor, me parecem por instantes muito semelhantes àqueles que vi florir no verde de um gramado. E, como aquelas, envoltas em invisíveis couraças.

Umás e outras não são donas ainda do seu corpo. Sabem escondê-lo ou enfeitá-lo para uso dos homens, mas só recentemente lhes foi dito que elas também poderiam usá-lo para seu próprio prazer. O orgasmo é livre, lhes disseram. E mais, o orgasmo é obrigatório. Mas o que é orgasmo? — se perguntam tantas, ansiosas. É o êxtase de um desmaio quando o amado finalmente nos faz suas, pensa a virgem adolescente encharcada de

romantismo. É aquilo que aquela vez acho que senti, diz para si a senhora casada que não ousa perguntar, nem tem coragem de admitir que nunca, em tantos anos... É o paraíso ao qual não chegarei nunca, amargam centenas de mulheres perfeitamente válidas às quais péssimos amantes incutiram uma injustificada certeza de frigidez. E debruçadas ao mesmo tempo sobre seu corpo e sobre livros, revistas, filmes, procuram aflitas uma coincidência de sensações, uma superposição de modelos, tentando, mais uma vez, obedecer.

Eu te procurei, mulher, contemporânea minha destes anos 70, na *porno-shop* da Ohe Strasse, na Alemanha. A loja fica na rua principal da cidade, junto à butique mais elegante, à livraria mais sofisticada, nem ninguém se espanta, passando diante da vitrine, de ver os manequins seminus nas roupas pretas dos sadomasoquistas. Manequins de mulher. Mas você, lá dentro, onde estava? Eu, mulher do meu tempo, supostamente liberada, entrei para ver o que encontrava de mim ou das minhas semelhantes. E caí no século dezoito. Nenhuma mulher lá dentro, excitando-se com filminhos, comprando implementos. Apenas vendedoras que me olhavam com evidente desagrado, e a massa monótona daqueles homens silenciosos, evitando encarar-se, procurando entre as caixinhas de rótulos discretos como quem escolhe remédios homeopáticos.

Em plena revolução sexual, aquele era um recinto tacitamente proibido às mulheres. E eu não encontrei ali nenhum eco daquelas palavras de ordem que nestes últimos dez anos nos esforçamos tanto para fazer passar, palavras de igualdade, de abertura, de busca do prazer. Encontrei somente a velha mulher-objeto tão conhecida nossa, de glúteos redondos e empinados, de seios redondos e empinados, empinada toda e exposta, para o uso e o abuso.

Mas te encontrei, semelhante a mim, e com quanta emoção, nas vozes inesperadas de um programa radiofônico. Todos os dias, às doze horas, na Rádio Luxemburgo, uma mulher responde a cartas e telefonemas de outras mulheres, e falando com uma dirige-se a todas. Assim, durante o mês que durou minha estadia, pondo a mesa para o almoço, ou descascando legumes, ouvi o cotidiano, o inesperado, o sofrido viver feminino, passado com amor de uma mulher a outra, e entre mulheres discutido.

Éramos sempre três. A voz quente e inteligente que atendia iniciando

o programa com seu receptivo "*Bonjour madame*"; a voz hesitante às vezes, interrompida de pranto, outras, mas também firme e revoltada, que entregava seu problema; e a minha voz calada, com seu impossível recado de fraternidade. Juntas revivemos a emoção da mulher que havia sido júri no julgamento de um pai estuprador da própria filha, o sofrimento da mulher que apanhava do marido, o drama da mãe de uma criança retardada, o problema de mulheres em apartamentos e orçamentos muito inferiores às necessidades mínimas das suas famílias.

Lavando salada ouvi o chamado da martinicana. Falava rápido, com seu ligeiro sotaque, interrompendo freqüentemente a outra, na pressa de se fazer entender. Não tinha prazer com o marido, começou dizendo. Mas logo foi além. Jovem, havia sido deflorada pelo irmão, possuída por ele várias vezes. Não dissera a ninguém. Acabara saindo da Martinica, emigrando para a França. Por fim, casara. Mas não havia orgasmo, o ato sexual lhe era doloroso, física e moralmente, o seu casamento estava ameaçado. E ela pedia socorro, com voz já menos firme. O socorro, sugeriu a conselheira do programa, poderia estar num ginecologista, num sexólogo, num médico especializado, enfim. "Mas, madame", disse a outra, "eu não posso ir a um médico desses. Na Martinica as mulheres não vão a médicos para essas coisas." Em vão a conselheira disse que estavam na França, que os médicos franceses não acham nada de mais, que as mulheres francesas não acham nada de mais. A outra respondia com a força de suas convicções. Então a conselheira ofereceu-se para conseguir uma ginecologista martinicana, que a trataria até em sua própria língua. E soluçando agora abertamente, a outra respondeu que isso era absolutamente impossível, era pior ainda, porque uma médica martinicana melhor do que ninguém saberia que isso estava errado, que na Martinica não se faz; e ela, martinicana decente, não poderia fazê-lo.

Era martinicana antes de ser simplesmente mulher.

Em fins da década de 70 ainda há inúmeros países, como a Martinica, onde as mulheres de bem não vão ao ginecologista, onde as mulheres de bem não têm acesso sequer à sua saúde. E mesmo em países como o nosso, onde o ginecologista já é um hábito para tantas, tantas outras há que preferem sofrer males, caladas, do que submeter-se a um exame íntimo.

Não, não sei ao certo onde estamos, mulheres de todas as idades, que nos últimos anos ouvimos tanto falar de nós mesmas.

Tenho me empenhado por entender, tenho me empenhado para ter também uma palavra a dizer. Sei que há algumas à frente, entre as quais gostaria de caminhar, vitoriosas às vezes, criticadas sempre, ameaçadas e ameaçando, mas dispostas a viver a nova posição da mulher e a torná-la uma realidade para todas.

Estas me têm e ao meu esforço. Mas às outras, às que me escrevem porque não têm coragem de soltar as amarras, às que não sabem quem são, às humilhadas pela violência de um homem ou de uma sociedade, às turcas embuçadas, às sicilianas obrigadas a casar em reparação, às martinicanas, às violentadas pelos assaltantes, às seqüestradas como botim de guerra, às brutalizadas, ignoradas, desprezadas, às simplesmente relegadas a um eterno segundo plano, a estas se volta meu amor.

E eu gostaria de poder estar sempre na ponta de um imenso fio, sábia e calorosa como a voz de Luxemburgo, para poder dizer a elas, mesmo sem ser procurada, "Bom dia, irmã".

## **ABAIXO A DITADURA**

A década dos anos 70 acaba, e entramos na dos anos 80 com muita, ah, quanta! esperança de democracia. Nestes dez anos vimos o fim do franquismo e do salazarismo, vimos cair Bokassa, rolar Macias, despencar o xá, esborrachar-se Idi Amim, abater-se Somoza. Vimos muitos tiranos comendo pó. E vimos uma ditadura ainda maior estremecer, mudar o rosto, percebendo aos poucos que seu fim começa a se fazer.

É a ditadura machista, falocrática, que durante séculos relegou todas nós, mulheres inteligentes, dotadas, aptas, ao segundo escalão da sociedade.

Por ela fomos proibidas de usar nosso próprio corpo e encarceradas em cintos de castidade. Por ela fomos atreladas à reprodução sem escolha. Por ela fomos transformadas em "rainhas do lar", irônico eufemismo para um trabalho não reconhecido e não remunerado. Por ela fomos proibidas de saber, proibidas de aprender, proibidas de pensar e de dizer. Por ela fomos estupradas, espancadas, prostituídas, carregadas como butim de guerra. E por ela fomos consideradas culpadas de todos os males.

Mas como os sandinistas, os portugueses, os iranianos, os oprimidos todos que entre torturas fortalecem seu braço, assim também nós, as "frágeis" da humanidade, levantamos a voz, levantamos as mãos, e começamos a avançar.

Como diz Umberto Eco, o fenômeno mais importante da próxima década será a mudança de posição das mulheres, dos negros, das minorias em geral. E a próxima década começa agora.

Que fizemos nesses dez anos? Muita coisa. Obtivemos vitórias concretas no campo do aborto, do divórcio, da educação sexual, do planejamento familiar, da segregação no trabalho. Tivemos as conferências, os seminários, os documentos originados pelo Ano Internacional da Mulher. Vimos um número maior de mulheres alcançando o poder. E conseguimos

sobretudo um fenômeno global, capaz de ajudar até mesmo as mulheres daqueles países mais reacionários onde os benefícios concretos ainda não puderam chegar. Conseguimos conscientizar o mundo dos nossos problemas e da urgência das soluções. E esta consciência é irreversível.

Nem são apenas as mulheres que lutam em defesa da nova ordem. Nesses dez anos muitos homens entenderam a necessidade de uma democracia sexual, e trabalharam por ela. Seu número aumenta cada vez mais. E, se é verdade que no Brasil ainda nos parece insignificante, é verdade também que em muitos países mais adiantados no processo de evolução se transforma progressivamente em maioria. Breve, o machão latino, possessivo, ciumento e repressor será uma espécie em extinção.

Na luta para abatê-lo, estas foram as principais batalhas que vencemos e que marcaram essa década de conquistas feministas.

Realizado em 1975, por iniciativa da Assembléia Geral da ONU, o AIM tinha três objetivos:

1. Igualdade — intensificação da ação para promover a igualdade entre homens e mulheres.
2. Desenvolvimento — para assegurar a integração total da mulher no esforço global pelo desenvolvimento.
3. Reconhecimento — reconhecer a importância da crescente contribuição da mulher ao desenvolvimento de relações amigáveis e cooperação entre os países e desenvolvimento da paz.

Na verdade, o trabalho que abriria seu leque com estardalhaço em 75 era decorrente daquele que se iniciara mais discretamente em 1946 através da Comissão de Status da Mulher, cujas conclusões levariam as Nações Unidas a afirmar que um de seus objetivos para a década de 70 era assegurar a integração total da mulher no esforço global de desenvolvimento.

O Ano Internacional da Mulher teve seu momento mais controvertido na conferência realizada de 19 de junho a 2 de julho na Cidade do México, com a participação de cento e trinta e três países, dez organismos intergovernamentais, vinte e três órgãos e agências especializadas das Nações

Unidas, oito movimentos de libertação e cento e treze organizações não-governamentais.

As opiniões divergiram, e a violenta cisão ocorrida basicamente entre as feministas dos países mais evoluídos, que pretendiam centralizar os debates sobre os problemas da mulher, e as representantes dos países mais pobres, que fechavam questão sobre o problema mundial da distribuição das riquezas, transformou a conferência numa batalha campal.

"Foi tudo grotesco, festivo, e lamentável" — afirmou Françoise Giroud, ministra francesa da Condição Feminina. "Discutimos os prós e contras do imperialismo colonialista, do apartheid e de outros importantes tópicos, mas não falamos da mulher como tal" — declarou Elizabeth Reid, chefe da delegação australiana.

Apesar das controvérsias, porém, um plano de ação mundial foi elaborado, devendo ser aplicado por todos os países membros da ONU até 1985. Do plano constam recomendações de maior integração da mulher, combate aos preconceitos que contra ela ainda existem, direito à planificação familiar, instrução sobre o uso de anticoncepcionais, estabelecimento de creches, aumento das instituições pré-primárias e de alto nível, maior participação da mulher nos órgãos centrais de decisão e na distribuição dos benefícios originados pelo grau de desenvolvimento da região onde vivem.

Os mecanismos de aplicação do plano foram deixados a critério de cada país. E é claro que cada país, de acordo com seu grau econômico, cultural e de desenvolvimento, trará, do Ano Internacional da Mulher, e do plano por ele originado, benefícios diferentes. Diferente será também a impressão de validade do AIM. Mas os pontos por ele enfatizados são fundamentais, e é certo que reflexos continuarão a fazer-se sentir.

Para nós, brasileiras, um dos reflexos evidentes foi a CPI da Mulher, idealizada pelo Senador Nelson Carneiro e realizada conjuntamente pela Câmara e o Senado, em 77.

Após ouvir depoimentos de mulheres de destaque na vida do país, de operárias, líderes sindicais, feministas e mulheres do meio rural, os membros da Comissão Parlamentar de Inquérito chegaram à conclusão, nada surpreendente, aliás, de que "é indisfarçável a existência da discriminação contra a mulher em quase todos os setores da atividade

humana que compõem o mecanismo da sociedade brasileira".

A situação foi considerada grave e medidas urgentes foram pedidas em relatório encaminhado ao Presidente Geisel. O documento solicitou a criação de uma assessoria, a nível de ministério ou de secretaria especial — como já existem na França, Japão e países escandinavos — para cuidar dos assuntos relacionados com a mulher e o menor. Pediu-se ainda a adoção de medidas capazes de tornar eficazes as leis que proíbem "por motivo de sexo ou estado civil, discriminação nos salários e acesso aos cargos". Requereu também o direito de aposentadoria para as donas-de-casa e os benefícios da previdência social e das leis trabalhistas para as empregadas domésticas.

Entre os vários pedidos, o único realmente atendido até agora foi o que diz respeito às empregadas domésticas, classe trabalhadora até então completamente ignorada do ponto de vista da legislação.

O divórcio foi sem dúvida a vitória mais importante da década para a mulher brasileira. Após uma luta que teve início em 1900 com um projeto apresentado pelo Senador Martinho Garcez, e que marcou toda a vida política do Senador Nelson Carneiro, finalmente, no dia 28 de dezembro de 77, o Presidente Geisel sancionou, sem vetos, a lei regulamentando o divórcio.

Embora não sendo imediato e fácil como em outros países, o divórcio brasileiro abriu as portas da legalidade para inúmeros casais. Para obtê-lo basta, em síntese, que um casal esteja judicialmente separado há três anos. Pode ser pedido por qualquer dos cônjuges e o outro só pode alegar, para contestá-lo, falta de decurso do prazo ou não cumprimento das obrigações assumidas na separação. Não havendo contestação, a sentença deverá ser proferida pelo juiz num prazo de dez dias.

Contente embora pelo que conseguiu, o próprio Senador Nelson Carneiro, autor do projeto juntamente com o Senador Accioly Filho, aponta as falhas. A mais grave estaria no artigo 38, acrescentado por senadores e deputados antidivorcistas, segundo o qual "o pedido de divórcio, em qualquer dos seus casos, somente poderá ser formulado uma vez". Estabelece-se aí uma inconstitucionalidade, pois impede-se certas pessoas de se divorciar até mesmo uma única vez. Isso ocorreria no caso de uma mulher solteira casar com um homem divorciado. Havendo desentendimento, ele já teria esgotado sua "cota" de divórcio e não poderia



ganhar um "surplus", mas ela, solteira até então, se veria igualmente impedida, embora tendo crédito em caixa.

Outra falha apontada é a que transmite aos herdeiros do devedor a obrigação de prestar alimentos. Apesar de bem-intencionada, pois visa garantir subsistência à ex-esposa, essa medida torna possível que um homem casado em primeiras núpcias com uma mulher à qual paga pensão (embora não havendo filhos), e casando em segundas núpcias com outra, lhe deixe ao morrer, como "herança", a obrigação de sustentar sua "ex".

Na verdade, não parecem defeitos dramáticos para uma população que há tantos anos esperava uma solução realista para seus problemas matrimoniais. E é evidentemente bem mais fácil melhorar uma lei já existente do que impor, contra tantas pressões, uma alteração tão fundamental a toda a estrutura social.

Batalha renhida travou-se em vários fronts para dar à mulher direito sobre seu próprio corpo, restando ao mesmo tempo a verdadeira catástrofe que, em todos os países, representa o aborto clandestino.

Face à estatística de quarenta e cinco milhões de abortos realizados anualmente no mundo inteiro (e as estatísticas são obviamente incompletas devido à falta de registro criada pela proibição) percebemos que, ao contrário do que alegam muitos, não se trata de estimular o aborto, mas sim de permitir que se realize de forma mais humana, com assistência médica capaz de preservar a saúde e a vida da mulher.

Espera-se diminuir o estarrecedor número de cento e cinquenta mil mulheres que a cada ano morrem de abortos ilegais.

Apesar dos impedimentos morais e religiosos que fazem dela a mais difícil reivindicação feminista, a legalização do aborto se apresenta ao fim da década de 70 com um saldo altamente positivo. Mais de sessenta por cento da população mundial vive hoje em países nos quais o aborto deixou de ser crime.

Na China, Estados Unidos, URSS, França, Itália, Dinamarca e Tunísia pode-se obter o aborto se solicitado durante os três primeiros meses de gestação. Na Inglaterra, Japão, Índia, e nações do Leste Europeu fatores sociais, como nível econômico, condições de moradia, número de filhos e situação do casamento são levados em consideração, podendo conduzir à interrupção legal de uma gravidez não desejada.

Em seu livro *Síndrome dos anos 70* o escritor e jornalista John Loraine considera as leis de reforma abortcionista uma necessidade, não só para a autodeterminação da mulher, como para toda a humanidade, que se vê ameaçada pela superpovoação. E afirma "as vitórias conseguidas nesse campo estão aí para ficar".

Ensinar nas escolas, desde cedo, a realidade sexual, evitando que seja aprendida precariamente com ar de segredo pecaminoso e com a velha carga de preconceitos, é outra meta feminista, pela qual nos batemos nesses dez anos.

No Brasil perdemos alguns *rounds*, ganhamos outros. Um projeto para educação sexual chocou-se com a posição contrária da Comissão Nacional de Moral e Civismo e foi arquivado. "A inocência é a melhor defesa para a pureza e a castidade", afirmou o conselheiro Almirante Benjamim Sodré.

Mas no ano passado, com grande discrição, a Secretaria de Educação do Município de São Paulo implantou orientação sexual em três escolas, somente nas quintas séries. E no mesmo ano realizou-se no Anhembi o 1.º Congresso Nacional de Educação Sexual nas escolas. Embora o secretário da Educação do Estado se declarasse contrário à implantação, considerando que a matéria deve constar apenas como "componente curricular do ensino de biologia", o congresso pode ser considerado uma vitória. Fica o apelo do Dr. Sol Gordon, professor da Universidade de Siracusa, em Nova York: "Como limpar o sexo? Esta é uma tarefa que cabe a todos nós, pais, escola e Igreja. O princípio básico reside em permitir que se restabeleça a ligação entre sexo e amor".

Enquanto isso, a França, seguindo o exemplo da Dinamarca, da Suécia e da Grã-Bretanha, adotou as aulas de informação sexual dentro de programas de preparação para a vida social e familiar. A opinião pública, numa proporção de setenta e quatro por cento, havia se mostrado favorável à adoção.

Na Alemanha Ocidental, na Holanda e na Bélgica, embora a educação sexual não seja matéria escolar obrigatória, existem sociedades para a educação sexual que organizam conferências, editam livros, fazem programas de rádio e TV. E nos Estados Unidos, com diferenças nos vários Estados, a educação sexual já era uma realidade no início da década.

Essas foram as batalhas maiores, travadas em âmbito internacional, de cujas vitórias — nem sempre globais — todas nos beneficiamos em escala maior. Entretanto, ao longo desses dez anos em que o feminismo deixou de surpreender e tornou-se uma realidade inegável, muitos fatos testemunharam o começo de uma nova era social para a mulher.

Vimos a França criar a Secretaria da Condição Feminina, a nível ministerial, convocando para a sua chefia a jornalista Françoise Giroud. Embora parca de grandes realizações (a "questão do aborto ficou com a ministra da Saúde, Simone Veil), a secretaria trouxe melhoras para viúvas, mães de família, trabalhadoras. E, sobretudo, abriu um precedente que deverá encontrar resposta em outros países.

Vimos com prazer uma experiência americana: os colégios para jovens estudantes grávidas. Considerando que os Estados Unidos têm anualmente cerca de duzentas mil estudantes entre treze e dezessete anos grávidas, e que setenta e cinco por cento delas abandonam definitivamente os estudos, condenando-se à marginalidade social, a iniciativa vem reintegrar uma inteira população de jovens mulheres.

Vimos no Irã mulheres se unindo para fazerem sua força contra a ditadura do *chador* (véu negro que lhes cobre corpo e rosto e que o Aiatolá Khomeini queria tornar obrigatório).

Vimos uma mulher americana processando o marido por estupro. Acabou fazendo as pazes com ele ao fim do processo, mas mostrou que uma mulher não é obrigada a submeter-se aos desejos sexuais nem mesmo do seu próprio marido, e que ele não tem o direito de obrigá-la.

E vimos e ouvimos mulheres falando, gritando, escrevendo, reclamando, nas ruas e nos congressos, nos gabinetes ministeriais e à frente de nações, não mais na postura humilde de quem pede, mas com a segurança de quem está exigindo o que é certo.

Foi esta, sem dúvida, a grande conquista da década dos anos 70: o estabelecimento de uma consciência mundial que vê a modificação da posição da mulher como necessidade social prioritária.

Ninguém mais ri das feministas. E se algum sorriso subsiste é mais de insegurança do que de deboche. Insegurança que breve desaparecerá no concretizar-se uma vitória que, afinal, é de toda a humanidade.

## DO JEITO QUE ESTÁ NÃO DÁ

Eu não gosto de rupturas. E duvido que alguém goste. Está aí a palavra: *ruptura*, ou seja, quebra, separação, corte. E quem gosta disso? Mas muitas vezes a ruptura de uma situação é necessária, até mesmo para que possa haver depois novas ligações, e mais tarde novas rupturas, na dinâmica de renovação da vida. O melhor, portanto, é encará-la como uma coisa positiva e procurar maneiras de enfrentá-la sem maiores sangramentos.

Eu tenho três. Quer dizer, não tenho três sistemas mágicos de resolver sem sofrimento aquela hora de impasse em que a gente se repete que a situação do jeito que está não pode continuar, mas também não encontra coragem para tirá-la do jeito que está. O que eu tenho são três observações. Pois olhando para trás, e analisando as minhas rupturas e as rupturas alheias que acompanhei, percebo que, generalizando um pouco, as maneiras de sair sem trauma de uma situação que já não nos convém podem ser agrupadas em três categorias.

É claro, existe sempre o sistema radical, aquele mais óbvio, em que, ignorando dilacerações, a gente simplesmente se despede e sai em frente de uma hora para a outra, despedaçado e despedaçando.

Mas é justamente essa chacina que a gente quer evitar. E é aí que podemos recorrer às três categorias.

Um dia, de repente, a gente chega à conclusão de que não suporta mais o próprio emprego. O chefe não é tão simpático quanto era, ou o trabalho é demais, ou o dinheiro é de menos, ou o clima geral é pesado. Ou tudo isso ao mesmo tempo. Não dá para continuar. A gente chega bufando e sai reclamando. Mas não se demite. Pensa nisso o dia inteiro. Aí lembra que os colegas são simpáticos, que a gente já conhece o serviço, e que afinal já são tantos anos de convivência. Pensa em ter que recomeçar tudo de novo

em outro lugar. E vai ficando. Irritada. Mas vai ficando.

Realmente, largar tudo de repente e ficar de mãos abanando é muito duro. Mas quem disse que é preciso ficar de mãos abanando? Ao largar um pássaro voando, a gente já pode ter dois, ou um, bem seguro. É onde entra a *substituição em campo*.

Nada excessivamente original. Trata-se de um mecanismo tipo "ADEG informa: sai Cláudio Adão, entra Zico", em que a troca de jogadores se efetua sem maiores interrupções da partida, estando o substituto já pronto, à espera, no banco dos reservas. Ou seja, prepara-se a ruptura com antecedência, marcando a hora da despedida somente quando já se tem uma destinação certa.

A vantagem desse sistema é que vem diretamente ao encontro de uma teoria básica de Freud, segundo a qual as pessoas não abrem mão das coisas, não jogam nada fora, mas, sim, efetuam substituições, trocam uma coisa pela outra. De fato, um dos fatores que mais nos assusta na iminência de uma ruptura é o interregno que ela abre, o espaço vazio que vemos à nossa frente. Se é de emprego que se trata, imaginamos a busca de outro, as decepções, o medo até de não encontrar nada melhor do que aquilo que deixamos, enfim, o fantasma do desemprego. Se é separação de um homem, prevemos com ansiedade um período de solidão e procura, estado parecido com o do abandono, embora nós mesmas a tenhamos provocado. Em qualquer caso, tememos o "buraco negro" que fica em nós lá onde alguma coisa é retirada. Pelo menos, até a reposição.

Então, por que não repor antes mesmo de tirar?

Temos, é bem verdade, escrúpulos éticos em relação a isso. Não parece muito elegante nem muito sincero dar os primeiros pontos num novo romance enquanto ainda não cortamos a linha que nos prende ao antigo. E, no caso de trabalho, a idéia de que o nosso patrão saiba que estamos tratando outro emprego, sem tê-lo avisado, nos parece no mínimo inquietante. Farejamos no ar a palavra traição. E como traidores nos sentimos culpados.

Mas não se trata de traição. Ou, pelo menos, não necessariamente. A gente pode, ao mesmo tempo em que arruma a própria partida, ir preparando as pessoas envolvidas. Há todo um crescendo, em que podemos passar gradativamente de sugestões veladas, para afirmações mais claras, dando pistas e deixas, de modo a fazer com que o adeus final seja apenas arremate previsível de um longo processo de desprendimento.

O bom da substituição em campo é que se deglute a perda ao mesmo tempo em que se abocanha uma proposta futura, estimulante. Se hesito quanto à validade de continuar um trabalho, e me aparece a proposta de outro cheio de desafios e possibilidades, lá se vai a minha hesitação. Eu sei imediatamente a chatice do primeiro, porque a nova proposta atua como um padrão, uma medida que torna possível a avaliação.

Então, muitas vezes, em vez de esperar que as propostas salvadoras venham a nós (e nem sempre vêm quando a gente precisa), podemos partir à sua procura antes que seja um imperativo premente, e fazer da ruptura de uma situação desagradável, o início de uma nova situação entusiasmante.

Um dia, de repente, a gente chega à conclusão de que a vida da gente não é o que a gente queria. Não é ruim de todo, não, tem até muitas coisas boas. Mas a essência, ah! a essência deixa a gente vazia. Não concretizamos os projetos que nos propúnhamos, não estamos realizando atividades que seriam importantes para nós. Pensamos em romper com tudo, partir em frente. Com tudo? Mas, e aquelas coisas boas? Aquelas pessoas que amamos? Aqueles confortos a que estamos acostumados? Romper com tudo é impossível. Ficar com tudo é impossível. E entre essas duas impossibilidades a gente se debate.

Então, por que não tirar o tudo?

Tenho, tive, e certamente terei, montes de amigas nessa situação. Porque essa é uma situação típica da mulher de hoje, sobretudo da mulher casada. Jovem, propõe-se uma vida dinâmica, ser atriz, ser arquiteta, ser ativa e atraente. Aí casa. Ela também se propõe ser uma boa dona-de-casa, uma boa mãe, uma boa esposa. Mas de alguma maneira a sociedade coloca as coisas de forma a dificultar a convivência da esposa-e-mãe com a profissional-e-atuante. Então, "por algum tempo" a mulher abre mão da carreira digamos "civil", em favor da carreira doméstica. E o "algum tempo" se prolonga, se prolonga, até o dia em que, de repente, a gente chega à conclusão, etcétera, etcétera.

Romper com tudo é realmente muito difícil. Tem muita gente envolvida, tem hábitos muito fortes, tem inclusive pressões, chantagens afetivas, o diabo. Não dá para simplesmente chegar na hora do jantar e participar: "Atenção família, a partir de amanhã saio às oito e volto às sete, e vocês se virem". Não dá mesmo.

É onde entra o sistema do *elástico*.

A palavra já diz tudo. É um jeito de ir esticando as possibilidades da gente, cada dia um pouquinho, até onde dá. E voltar para trás um pouquinho no dia seguinte, até onde for necessário. E tornar a esticar. E assim por diante, amoldando nós mesmas e os outros a novas situações mais convenientes.

Introduzir um trabalho na vida da gente me parece ser o modo melhor de pôr o elástico para funcionar. Falo de trabalho e não de emprego, justamente porque os empregos não permitem essa elasticidade de que, no caso, necessitamos. Um trabalho, ao contrário, só tem vantagens. Cria uma área individual de realização, estabelece um lucro, rompe a monotonia da rotina doméstica, nos põe em contato com outras pessoas, nos traz, enfim, alguma ebulição. E a par disso tudo, não exige rupturas drásticas.

Parece que há outros sistemas, como por exemplo áreas de interesse, fazer cursos, dedicar-se a obras beneficentes. Eu mesma já aconselhei isso mais de uma vez. Mas no momento estou inclinada a crer que um trabalho é o melhor elástico que há. E isso porque estou acompanhando, ou melhor, vivendo esse fenômeno em duas amigas minhas.

Estavam ambas bem chateadas com sua rotina de vida. Marido ótimo, filhos ótimos, casa ótima. Mas, meu Deus, que chateação. E pior, que sensação dolorosa de erro, de desencontro, de falta de ritmo consigo mesma. Uma tinha profissão. A outra nem isso. E as duas viviam numa espécie de limbo doméstico. Eu sou confiante de ambas. Sei bem o quanto, sinceramente, queriam sair da situação em que estavam. E sei, percebi a alturas tantas, que sair, sair mesmo, de todo, não iam sair nunca. Além de incômoda, a situação delas era muito presa. Sair como, largando o esquema, abandonando o marido? Mas elas gostam de parte do esquema e nem pensam em deixar os maridos. O de uma viaja muito, o de outra precisa dela profissionalmente, para receber, acompanhá-lo a recepções. Nenhuma das duas podia abrir mão de uma certa disponibilidade física. Então, como sair?

Através do elástico. Uma está agora aprendendo a fazer produção para publicidade. Trabalha de parceria com uma profissional *free-lancer* já estabelecida. Sai de manhã, vai fazer o que precisa, mas volta à hora do almoço, dá um avanço nas coisas da casa, dá uma atenção aos filhos que já são mais ou menos crescidos, e novamente a caminho do trabalho deixa cada um num canto (cursos, amigos, etc.). Para voltar a casa de noite e atender aos compromissos sociais do marido. A outra passou a assinar

colaboração numa revista. Sai, vai entrevistar pessoas, colher notícias, fuçar o mundo. Mas escreve em casa, estando portanto muito presente para atender aos filhos ainda pequenos. E quando precisa viajar com o marido, deixa o trabalho adiantado já entregue na redação.

De certa forma, nenhuma das duas precisou romper com a situação. Mas a verdade é que ambas saíram do impasse em que se encontravam. Podem, à medida em que sentirem isso possível, aumentar suas atividades fora do palco doméstico. Mas podem também dedicar-se mais a ele na hora que for necessário. E o fato é que essa elasticidade está lhes permitindo, mais do que todos os cursos e atividades vagas realizados anteriormente, ampliar sua participação no mundo sem abrir mão de tudo aquilo que já haviam construído.

Um dia a gente percebe que talvez a felicidade esteja em outro lugar. Não exatamente em outro espaço, mas em outra atividade. Quem sabe a gente não tem nada a ver, no fundo, com a profissão que escolheu, e seria muito mais feliz em outra? Gauguin, por exemplo, não abandonou tudo um dia para tornar-se pintor, transformando-se num dos nomes mais famosos do impressionismo? Mas Gauguin, a gente argumenta, era um louco, largou mulher, família, emprego e partiu para os mares do Sul. A gente não pode fazer uma coisa dessas.

Realmente, não pode. Ou pelo menos, é muito difícil, e magoaria muita gente. Mas nem por isso precisamos ficar trancados numa profissão que já não nos interessa, sonhando em como seríamos felizes fazendo determinada outra coisa.

É onde entra a *porta aberta*.

Hoje estou bastante óbvia, e porta aberta é também apenas aquilo que diz. Ou seja, sair sem fechar a porta atrás da gente, de modo a poder voltar.

Vejam, por exemplo, uma situação gênero Gauguin. Digamos que eu sou uma arquiteta, mas que gostaria mesmo de pintar. Já pinto aos domingos, e vejo que a coisa tem fundamento, que tenho pelo menos um certo talento. Mas como é que posso saber a extensão das minhas possibilidades se não me entrego na totalidade do tempo? Por outro lado, meu emprego é agradável, naquilo que comprovadamente sei fazer, arquitetura. Penso em pedir demissão, penso em largar a bendita prancheta, mas cheia de interrogações, não encontro coragem. E se eu não for tão boa



pintora quanto espero? E se no final das contas não gostar de ficar pintando o dia inteiro, num trabalho individual e solitário? Terei perdido meu bom emprego e estarei com um punhado de moscas na mão. E assim, incerta, fico rodando ao redor da minha própria cauda, sem coragem de tomar uma decisão. É onde entra a porta aberta.

Eu vou, e falo com meu chefe. De preferência, explico a situação, e coloco para ele minha ansiedade. Se achar que não há clima para isso, não entro em detalhes. E, muito simplesmente, peço uma licença sem vencimentos. Estabeleço um prazo razoável, que dê para testar minhas possibilidades, sem, ao mesmo tempo, prejudicar a empresa onde trabalho. E de posse desse prazo, parto para os meus mares do Sul.

Não precisei romper definitivamente nem com o emprego, nem com a profissão que já conheço. E consegui minha alforria. Posso ir para casa e gastar todo o meu prazo diante do cavalete, tranqüilizada pelo fato de que, se a experiência não der certo, ainda é possível recompor as coisas do seu jeito antigo, tendo tirado do caminho uma dúvida fundamental. E essa tranqüilidade talvez seja o elemento de que preciso para, fortalecida, afirmar realmente meu talento, e desistir da arquitetura de uma vez por todas.

Esse estratagema é no fundo uma maneira de ir preparando a ruptura, fã com a mão na massa. Porque na verdade, antes mesmo de abrir a porta, temos que ir criando condições para tornar isso possível, e mesmo preparar o porteiro a fim de que colabore conosco. Ou seja, temos que, delicadamente, começar a romper.

A grande vantagem da porta aberta é que nos ajuda a vencer a dúvida quanto à hora certa de efetuar a ruptura. Acontece que é geralmente muito difícil saber quando estamos realmente prontos para uma ruptura, para uma mudança de situação. A natureza vegetal é sábia: quando um fruto está maduro, ele se desprende do galho e cai. Mas a natureza humana é bem mais hesitante. Quantas e quantas vezes, mais do que maduros, cientes de que uma situação já não nos convém, continuamos agarrados ao galho, achando que talvez, quem sabe, a coisa melhore, a hora não é esta, melhor esperar um pouco mais. E todos nós sabemos que, como as frutas, também as situações maduras demais começam a apodrecer.

Sair sem cortar a ponte atrás de nós torna possível o desprendimento gradual, em que evitamos o medo de nos esborracharmos no chão. E isso porque contornamos a queda, passando na verdade de um galho para o

outro, em suaves prestações.

Deve haver, acredito, vários outros modos de suavizar a rudeza de uma separação, seja ela de pessoas ou de situações. Mas o fato é que, de uma forma ou de outra, procuramos sempre efetuar as passagens de uma forma gradativa, ou utilizando pontos de apoio, de modo a tornar a coisa o menos heróica possível.

O ponto de apoio mais comum é o *namoro*. Como uma relação de amor, começamos a cortejar a idéia da separação assim que ela aparece. A princípio timidamente, depois, com insistência crescente, nos voltamos para ela. E em breve se transforma numa grande paixão, refúgio secreto ao qual recorreremos todas as vezes que alguma coisa não vai bem. O namoro é bom e fácil. Não nos exige nada. Não pretende que digamos adeus à realidade. E nos ajuda a suportá-la. Através dele, vamos aos poucos nos desprendendo da situação, imaginando, vivenciando, qual seria nosso dia-a-dia fora dela.

Mas o namoro tem seus riscos. Atuando como uma válvula de escape, esvazia a tensão de uma realidade insatisfatória, e se não tomarmos cuidado corremos o risco de entrar num mecanismo de fuga. Assim, donos da "certeza" de que um dia sairemos, toda vez que a situação aperta, recorreremos a essa certeza para "castigar" a situação. É qualquer coisa parecida com o que fazem as crianças quando brigam com os pais: sabedoras de que um dia vão crescer, e oprimidas pela repressão paterna, elas se vingam pensando: "Também, quando crescer, saio de casa, e eles vão ver só!". A diferença está em que o crescimento das crianças é biológico, independente delas, podendo ser esperado como realmente certo, enquanto a nossa partida depende de nós, e não pode ser esperada, tem que ser criada.

Namorar a idéia, portanto, é muito bom desde que, como um namoro, não passe de uma fase preparatória para o chamado grande passo. Mesmo porque, a longo prazo, corre o risco de se tornar tão insatisfatório quanto a própria situação que o gerou.

Por outro lado, há pessoas que sofrem de uma espécie de "síndrome da ruptura". O que equivale a viver de malas feitas, sempre a ponto de partir, sempre ameaçando os outros de separação. Não existe, na verdade, intenção de ir embora (tanto assim que, geralmente, não vão). O que existe é-necessidade de afirmar o próprio direito de ir embora a qualquer momento, e, mais do que isso, desejo de provocar o afeto dos outros. Já tive

empregadas assim, funcionárias assim, colegas assim. As cenas são sempre parecidas e se repetem com regularidade suíça. À mínima provocação ou mesmo sem nenhuma, a pessoa em questão vira-se e diz em tom calmamente catastrófico: "Vou-me embora". Aí a gente, que já conhece o script de cor, obedece à deixa e começa: "Não faça isso, que foi que aconteceu? Mas que bobagem, você é tão necessária, espere que as coisas vão se ajeitar", e por aí afora. A outra mantém um ar altaneiro, mas aos poucos "cede".

A cada cena dessas ela sai fortalecida no seu ego, certa de que é querida e indispensável. A cada cena dessas ela se convence de que tem, na ameaça de partida, uma arma poderosa. Mas esquece que a cada cena se enfraquece a paciência dos outros, e que dia chegará em que seu falso pedido de demissão será rapidamente aceito como verdadeiro.

Não se pode jogar impunemente com a separação. Ela é importante demais para todo o nosso equilíbrio emocional. E como tal deve ser enfrentada, atenta e cautelosamente.

Seja qual for o caminho escolhido, é preciso saber que acima da situação que pretendemos largar e acima da situação que pretendemos enfrentar, conta, na hora do pulo, o sentimento de perda. É dele que temos medo. Porque é ele que, acima dos outros, temos dificuldade em elaborar.

Eu própria sou péssima perdedora. Sofro para me separar de um alfinete, para deixar uma paisagem, e até mesmo quando, na mente, perco um pensamento com o qual vinha me distraíndo, entro em ansiedade. Vida afora, venho tentando trabalhar melhor esse meu agarramento, e procuro abrir a mão com mais facilidade. Não sei bem como isso se faz. Sei que pensar ajuda. Pensar na coisa à qual se vai renunciar. Pensar se realmente é uma renúncia, ou se não é apenas uma maneira diferente de possuir a coisa, não na palma da mão, como um objeto, mas incorporada a nós, em nosso passado. Acho que está aí o ponto. Deixar que as coisas se incorporem ao passado, sem nos sentirmos lesados no presente. É assim, eu acho, que se elaboram as perdas e as separações. E é assim, eu acho, que se convive mais harmoniosamente com a vida.

\*\*\*

## O AUTOR E SUA OBRA

*Marina Colasanti nasceu em Asmara, Etiópia, em 1937. Aos dois anos foi para a Itália e aos onze veio para o Brasil. Estudou na Escola Nacional de Belas-Artes (gravura em metal) e ingressou na imprensa em 1962, como redatora, ilustradora e colunista. Publicou suas crônicas no "Jornal do Brasil" e seus contos em diversas revistas e suplementos. Atualmente, trabalha para a revista "Nova", como editora e redatora.*

*Traduziu dezenas de livros e é autora de várias obras, entre as quais destacam-se "Zoilógico", "A morada do ser" e "Uma idéia toda azul". Com esse último livro (publicado pelo Círculo), conquistou o Primeiro Prêmio da Crítica (1979) em São Paulo.*

*Em "A nova mulher", Marina Colasanti discute o novo papel da mulher na sociedade contemporânea. Uma conversa e uma reflexão sobre os vários aspectos do comportamento cotidiano da mulher. Um livro equilibrado e maduro de uma escritora atenta aos problemas e inquietações de seu tempo.*